



Revista

*PERcursos Linguísticos*

Volume 6

Edição N. 12

Ano 2016/01

PPGEL- UFES

# PERcursos Linguísticos

VITÓRIA  
2016 / 01

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)

---

PERcursos linguísticos [recurso eletrônico] / Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Linguística. – v. 6, n. 12 (2016)- . – Dados eletrônicos. – Vitória: UFES, 2011-

Semestral.

ISSN: 2236-2592

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web: < <http://periodicos.ufes.br/percursos>>

1. Linguística – Periódicos. 2. Linguística – Estudo e ensino. I. Programa de Pós-graduação em Linguística. II. Universidade Federal do Espírito Santo.

CDU: 81(05)

---

Ficha catalográfica elaborada por:

Saulo de Jesus Peres

CRB6 – Reg. 676/ES

CCHN/ PPGEL – Programa de Pós-Graduação em Linguística

Universidade Federal do Espírito Santo

Av. Fernando Ferrari, nº 514

Campus Universitário – Goiabeiras

CEP 29075-910

Vitória – ES

Tel: 027 4009-280

***PERcursos Linguísticos***

Esta revista é um periódico semestral.

**Reitoria**

Reitor: Reinaldo Centoducatte

Vice-Reitor: Ethel Leonor Noia Maciel

**Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação**

Pró-Reitor: Neyval Costa Reis Júnior

**Centro de Ciências Humanas e Naturais**

Diretor: Renato Rodrigues Neto

Vice-Diretor: Júlio Bentivoglio

**Departamento de Línguas e Letras**

Chefe: Alessandro Rodrigues Meireles

**Programa de Pós-Graduação em Linguística Mestrado em Estudos Linguísticos**

Coordenadora: Micheline Mattedi Tomazi

Coordenador Adjunto: Lúcia Helena Peyroton da Rocha

**EQUIPE EDITORIAL**

Patrick Rezende (Editor-gerente)

Guilherme Brambila

Ana Regina Seno

Larissa Picoli

**CONSELHO EDITORIAL**

Ana Cristina Carmelino (UNIFESP)

Alexandre Timbane (ACIPOL)

Alessandro Rodrigues Meireles (UFES)

Bernardo Limberger (PUC- RS)

Bruno Deusdará (UERJ)

Davi Borges Albuquerque (UNB)

Daniervelin Renata Marques Pereira (UFTM)

Edenize Ponzó Peres (UFES)

Edna Maria Fernandes dos Santos Nascimento (UNESP)

Fernanda Mussalim (UFU)

Ingedore Grunfeld Vilaça Koch (UNICAMP)

Janice Helena Chaves Marinho (UFMG)

José Olímpio de Magalhães (FALE/UFMG)

Júlia Maria da Costa de Almeida (UFES)  
Júlio Araújo (UFC)  
Junia Mattos Zaidan (UFES)  
Juscelino Pernambuco, (UNESP/UNIFRAN)  
Karylleila Santos Andrade (UFT)  
Kyria Finardi (UFES)  
Lilian Coutinho Yacovenco (UFES)  
Lillian V. F. DePaula (UFES)  
Lúcia Helena Peyroton da Rocha (UFES)  
Luciano Vidon (UFES)  
Luís Fernando Bulhões Figueira (UFES)  
Luiz Antonio Ferreira (PUC/SP)  
Maria Cristina Giorgi (CEFET- RJ)  
Maria da Penha Pereira Lins (UFES)  
Maria Flavia de Figueiredo (UNIFRAN)  
Maria Luiza Braga (UFRJ)  
Maria Silvia Cintra Martins (UFSCAR)  
Marina Célia Mendonça (UNESP)  
Marta Scherre (UNB/UFES)  
Mayara Oliveira Nogueira (PUC-Rio)  
Michele Freire Schiffler (UFES)  
Micheline Mattedi Tomazi (UFES)  
Roberto Perobelli Oliveira (UFES)  
Renata Martins Amaral (PUC-Rio)  
Rita Maria Ribeiro Bessa (UFBA/UEFS)  
Rivaldo Capistrano Souza Júnior (UFES)  
Virgínia Beatriz Baesse Abrahão (UFES)

## SUMÁRIO

Expediente	
<a href="#">Expediente</a> Editor-gerente	3-6
Apresentação	
<a href="#">Apresentação</a> Patrick Rezende, Guilherme Brambila	<a href="#">PDF</a> 7-9
Artigos	
<a href="#">UNIDADES LEXICAIS DE CARÁTER NEOLÓGICO NO CENÁRIO POLÍTICO</a> Leidiani da Silva Reis	<a href="#">PDF</a> 10-26
<a href="#">CONSIDERAÇÕES ACERCA DA VARIÁVEL ESCOLARIDADE E SUA INFLUÊNCIA SOBRE A VARIAÇÃO ENTRE VERBO-SUJEITO NA 3PP NO PORTUGUÊS BRASILEIRO</a> Maria Lidiane de Sousa Pereira, Aluiza Alves de Araújo	<a href="#">PDF</a> 27-43
<a href="#">O GÊNERO DISCURSIVO DENTRO DA ESCOLA: DIALOGIA, AVALIAÇÃO E SUBJETIVIDADE</a> Guilherme Brambila	<a href="#">PDF</a> 44-56
<a href="#">IDEOLOGIA E IMAGINÁRIO EM FUNCIONAMENTO EM DISCURSO VEICULADO POR REVISTA MASCULINA</a> Adilson Carlos Batista, Maria Cleci Venturini	<a href="#">PDF</a> 57-76
<a href="#">ANÁLISE DO DISCURSO PUBLICITÁRIO: CELEBRIDADES EM PROPAGANDAS DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR</a> Jairo da Silva e Silva	<a href="#">PDF</a> 77-93
<a href="#">INTENCIONALIDADE EM PROFERIMENTOS PERFORMATIVOS DE BRASILEIRAS COM CÂNCER DE MAMA NO CONTEXTO DIGITAL: UMA ABORDAGEM PRAGMÁTICA</a> Renata Martins Amaral	<a href="#">PDF</a> 94-113
<a href="#">TEORIA DA POLIDEZ E DISCURSO CINEMATOGRAFICO: A PROPÓSITO DA (IM)POLIDEZ E DA CONSTRUÇÃO DE FACE EM ANTES E DEPOIS</a> Mariana Castro Atallah, Mayara de Oliveira Nogueira	<a href="#">PDF</a> 114-134
<a href="#">AS EMOÇÕES COMO ESTRATÉGIA ARGUMENTATIVA EM UM BEST-SELLER DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS (IURD).</a> Bárbara Amaral da Silva	<a href="#">PDF</a> 135-151
<a href="#">A PROEMINÊNCIA DO TÓPICO E SEUS FENÔMENOS DE CONSTRUÇÃO EM SENTENÇAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO</a> Iara Mikal Holland Olizaroski	<a href="#">PDF</a> 152-169
<a href="#">Os textos de humor sob a égide dos Estudos Linguísticos</a> Lorena Santana Gonçalves	<a href="#">PDF</a> 170-185
Política Editorial	
<a href="#">Política Editorial</a> Editor Gerente	<a href="#">PDF</a> 186-188

# APRESENTAÇÃO

É com grande satisfação que publicamos mais um volume da *Revista PERcursos Linguísticos*. Com ele, acreditamos que continuamos a possibilitar o intercâmbio de pesquisadores e seus respectivos estudos, tanto em nível nacional quanto internacional, bem como contribuindo para maior consolidação do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGEL-UFES), que, a partir do segundo semestre de 2016, contará com sua primeira turma de doutorado.

O presente número apresenta uma compilação de dez artigos de autoria de pesquisadores de diferentes instituições de ensino brasileiras.

O artigo de abertura é de Leidiane da Silva Reis e aborda questões sobre a criação lexical – neologismo – no contexto atual da política brasileira com foco no gênero charge. O título do trabalho da pesquisadora é “Unidades lexicais de caráter neológico no cenário político”.

As pesquisadoras Maria Lidiane de Sousa Pereira e Aluiza Alves de Araújo, no artigo “Considerações acerca da variável escolaridade e sua influência sobre a variação entre verbo-sujeito na 3ª pessoa do plural no português brasileiro”, analisam, utilizando da teoria da variação e mudança linguística, a relação entre escolaridade e o maior domínio das formas padronizadas da língua.

O artigo “O gênero discursivo dentro da escola: dialogia, avaliação e subjetividade”, de Guilherme Brambila, traz uma discussão que considera o processo de produção de textos dentro de gêneros discursivos argumentativos na esfera escolar. Tendo como base teórica as perspectivas de Mikhail Bakhtin e seu Círculo, o autor apresenta uma roda de conversa com estudantes do Ensino Médio que dão seus respectivos pareceres sobre o assunto.

Partindo da análise do discurso de linha francesa, os pesquisadores Adilson Carlos Batista e Maria Cleci Venturini apresentam um trabalho sobre a representação do sujeito-masculino em um *corpus* constituído por capas de revista e cartas do editor. O nome do artigo dos pesquisadores é “Ideologia e imaginário em funcionamento em discurso veiculado por revista masculina”.

No artigo “Análise do discurso publicitário: celebridades em propagandas de instituições de ensino superior”, Jairo da Silva e Silva analisa, com base na análise do discurso de linha francesa, o processo discursivo de transformação da educação em produto de consumo.

Com o título “Intencionalidade em proferimentos performativos de brasileiras com câncer de mama no contexto digital: uma abordagem pragmática”, a pesquisadora Renata Martins Amaral analisa proferimentos veiculados na internet de três brasileiras em tratamento oncológico que buscam apoio no tratamento da doença no *site* do instituto Oncoguia. A pesquisa tem como referencial teórico a pragmática em interface com a intencionalidade.

Mariana de Castro Atallah e Mayara de Oliveira Nogueira apresentam um estudo pragmático sobre as representações e estratégias de polidez utilizando-se do filme *Before and After*. O título do trabalho das pesquisadoras é “Teoria da polidez e discurso cinematográfico: a propósito da (im)polidez e da construção de face em *Antes e Depois*”.

Tendo como base teórica a análise do discurso de linha francesa, Bárbara Amaral da Silva examina o uso das emoções como forma de estratégia argumentativa para conseguir adesão do público alvo em um livro da Igreja Universal do Reino de Deus. O artigo da pesquisadora é intitulado de “As emoções como estratégia argumentativa em um *best-seller* da Igreja Universal do Reino de Deus”.

Em “A proeminência do tópico e seus fenômenos de construção em sentenças do português brasileiro”, Iara Mikal Holland Olizaroski e Jorge Bidarra analisam as formas de organização sintática que se revelam por meio de construção tópica e suas respectivas implicações quanto à sua compreensão. Para realizar tal trabalho, os pesquisadores coletaram sentenças tópicas do *Corpus* do Português/2006 e de obras da literatura brasileira.

O artigo que fecha este número da *Revista PERcursos Linguísticos* é de Lorena Santana Gonçalves que propõe um estudo interdisciplinar para refletir sobre o textos de humor na linguística. Entendendo o humor a partir da perspectiva crítica do teórico Van Dijk, a pesquisadora apresenta seu trabalho sob o título de “Os textos de humor sob a égide dos estudos linguísticos”.

Agradecemos aos pesquisadores que se dispuseram a compartilhar conosco seus trabalhos, ampliando a troca de conhecimento e a constituição de novos saberes. Reiteramos também



nosso agradecimento aos professores de diversas universidades brasileiras que se propuseram a avaliar os diversos artigos submetidos à revista. De tal modo, esperamos que os leitores tenham uma ótima leitura e que aproveitem este número da *PERcursos Linguísticos*.

Vitória (ES), 03 de julho de 2016.

Patrick Rezende & Guilherme Brambila

## UNIDADES LEXICAIS DE CARÁTER NEOLÓGICO NO CENÁRIO POLÍTICO

Leidiani da Silva Reis<sup>1</sup>

**Resumo:** A criação lexical revela a capacidade dinâmica que acompanha constantemente as inovações da sociedade, característica imanente da linguagem. A esse processo de renovação lexical dá-se o nome de neologismo, estudo o qual nos propomos refletir e discutir numa perspectiva da Lexicologia, ramo da Linguística, a qual tem por objetivo o esboço geral do acervo de palavras de um determinado idioma. Para tanto, considerando os níveis de análise linguística relacionados à formação vocabular (ALVES, 2007), analisamos – na Língua Portuguesa – algumas unidades lexicais neológicas coletadas na imprensa escrita, mais especificamente no âmbito cibernético, em contextos da política nacional atual, representada mediante o gênero charge. Assim sendo, o presente trabalho pauta-se numa metodologia de cunho qualitativo, do tipo revisão bibliográfica e documental. Com a conclusão do referido artigo, confirmamos o caráter não estático do léxico, cujo acervo expande-se constante e indefinidamente, inclusive nos contextos midiáticos voltados à política, em função da incessante busca pela expressividade, os quais exploram as mais diversas possibilidades disponíveis pela linguagem para dar maior destaque aos seus textos, gerando nada menos que efeitos de sentido de ironia e/ou humor.

**Palavras-chave:** Lexicologia. Neologismo. Dinamicidade lexical. Cenário político atual.

**Abstract:** The lexical creation reveals the dynamic capacity that follows the constant innovations of the society, an immanent characteristic of the language. To this lexical renewing process is given the name neologism, study that we propose to reflect about and discuss in the perspective of the Lexicology, a Linguistic branch, whose objective is to give a general sketch of words collection from a determined language. Therefore, considering the linguistic analysis levels related to word formation (ALVES, 2007), we analyzed – in Portuguese Language – some lexical units collected from the written press, specifically from the cyber scope, in the current national political context, represented by the genre charge. Thus, this work is guided by a qualitative methodology, using bibliographic and documentary review. With the conclusions of the referred paper, we confirm the non-static characteristic of the lexicon, whose collection enlarge itself constant and indefinitely, including on the media context focused in politics, in function of the uninterrupted search for expressiveness, which explore the various possibilities through language to give more emphasis to its texts, generating nothing less than sense of irony and humor effects.

---

<sup>1</sup> Atualmente é aluna regular, a nível de Doutorado, do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras, na área de concentração Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), na linha de pesquisa dos estudos da linguagem: descrição dos fenômenos linguísticos, culturais, discursivos e de diversidade. É bolsista pela Capes, com pesquisa voltada para a Língua Brasileira de Sinais (Libras). É Mestre em Letras (2012), também pela Unioeste, na linha de pesquisa dos processos lexicais, retóricos e argumentativos, com graduação em Letras pela referida Universidade (2008). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, atuando principalmente em Linguística Textual. Trabalhou como Professora da graduação e da pós-graduação do Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena - AJES, sendo também orientadora de iniciação científica nos cursos de Licenciatura em Letras e Pedagogia. Foi coordenadora adjunta do curso de Letras - AJES e Coordenadora do PIBID/Letras/AJES, fomentado pela Capes.

**Keywords:** Lexicology. Neologism. Lexical dynamics. Current political scene.

## **Introdução**

Viver no mundo contemporâneo requer acompanhar as constantes transformações sociais, políticas e culturais que permeiam o cotidiano das pessoas. Sendo assim, é sempre relevante refletir sobre os reflexos que tais mudanças ocasionam na vida dos seres humanos envolvidos. Diante disso, nesse estudo, delimitar-nos-emos a observar essa questão dinâmica na linguagem.

Não é novidade para ninguém a situação conflitante que o Brasil vem enfrentado como, por exemplo, a manifestação da população brasileira quanto à Copa do Mundo de 2014 sediada, mesmo diante das circunstâncias caóticas do país; a reeleição da presidenta Dilma Rousseff; os atos corruptos no meio político; entre outras questões. Nesse contexto social, político e econômico atual do Brasil, muitos novos itens lexicais tem se destacado e marcado o momento. Por isso, consideramos relevante abrir aqui um espaço para que possamos olhar com mais atenção algumas dessas inovações lexicais, consideradas neológicas.

Diante disso, adotamos como perspectiva teórica a Linguística, num viés da Lexicologia, tendo em vista que “o objeto de estudo da Linguística é a própria linguagem humana, em todas as suas variações e a Lexicologia tem como objetivo básico o estudo e a análise das palavras, sua categorização e a estruturação do léxico” (BIDERMAN, 2001b, p. 128). Por essa razão, na primeira parte do artigo, consideramos relevante elucidar discussão referente ao Léxico, baseando-nos em estudos advindos da área de conhecimento da Lexicologia. Em sequência, apresentamos uma reflexão teórica sobre o neologismo e a formação lexical neológica, fundamentada inclusive nos estudos de Alves (2011, 2007, 2002, 1984), uma das referências nessa área de investigação.

No momento seguinte, expomos o princípio metodológico que nos orientou e passamos para as análises, as quais, considerando o limite e a intenção desse escrito, partiram de um recorte específico de alguns vocábulos novos observados em textos jornalístico-políticos, representados pelo gênero textual charge, disponibilizados na imprensa online. Selecionamos esse campo cibernético porque consideramos sua relevância para uma linguagem dinâmica, resultado da necessidade de sua constante atualização para informar seus leitores, como também para exprimir situações novas ou noticiar novas ideias e objetos criados, conseqüentemente, formando palavras novas (MELLO, 2011).

Nesse contexto, essa investigação objetiva descrever os níveis de análise linguística relacionados à formação vocabular dos elementos escolhidos: nível fonológico, nível morfossintático, nível semântico e nível textual (acrescido por ALVES, 2007). Para tanto, o presente trabalho pauta-se numa pesquisa de *revisão bibliográfica e documental*, orientado pelas técnicas propostas por Alves (2007), como, por exemplo, a adoção do *corpus* de exclusão “que serve de parâmetro para a determinação do cunho neológico dos candidatos a neologismos” (ALVES, 2007, p. 9).

### Uma breve reflexão sobre o léxico e suas ciências

O léxico de uma língua constitui uma forma de registrar e classificar o conhecimento de mundo, de dar nomes aos seres e objetos (BIDERMAN, 2001a). Essa nomeação da realidade é necessária para a estruturação do mundo que cerca o ser humano. Não tem como se desvencilhar dessa questão. Nessa perspectiva, Biderman (2001a), em seus estudos, corrobora que “a criação do léxico tem se processado por meio de atos consecutivos de aquisição da realidade e da categorização das experiências que se cristalizam em signos linguísticos, as palavras” (BIDERMAN, 2001a, p. 13).

Diante disso, podemos dizer que é por meio do léxico que o indivíduo interage com a realidade a sua volta, ou seja, à medida que vai caracterizando/nomeando os objetos, vai também representando sua vida, em seu aspecto social, histórico e até ideológico. Sendo assim, o léxico registra, distintamente, os elementos de cada cultura:

O léxico de uma língua natural pode ser identificado com o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história. Assim, para as línguas de civilização, esse patrimônio constitui *um tesouro cultural abstrato*, ou seja, uma herança de signos lexicais herdados e de uma série de modelos categoriais para gerar novas palavras. (BIDERMAN, 2001a, p. 14, grifo nosso).

Considerando o princípio de que investigar uma língua é conhecer também sua cultura, juntamente com sua evolução, “[...] o estudo de um léxico regional, por exemplo, pode fornecer, ao estudioso, dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo de um determinado grupo” (ISQUERDO, 2001, p. 91). Por essa razão, tanto a *Lexicologia*, quanto a *Lexicografia*<sup>2</sup> e a

---

<sup>2</sup> A *Lexicografia* pode ser considerada como a ciência dos dicionários, envolvendo, obviamente, a produção de dicionários, com um desenvolvimento mais prático do saber, sendo nele registrado, em forma de palavras, todo o conhecimento de mundo (BIDERMAN, 2001).

*Terminologia*<sup>3</sup>, áreas que se dedicam ao estudo do léxico<sup>4</sup>, têm despertado o interesse de estudiosos rotineiramente. Elas enfocam o léxico de modos distintos, no entanto, ambas têm como principal intento a descrição lexical (BIDERMAN, 2001a).

A *Lexicologia*, por exemplo, investiga as diversas relações com o interno e externo do próprio léxico, ou seja, ela “tem como objetos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico” (BIDERMAN, 2001a, p. 16). Em outras palavras, essa ciência, instaurada num caráter mais teórico, abrange diversos domínios como a formação de palavras, a etimologia, a criação e importação de palavras, a estatística lexical, relacionando-se necessariamente com a fonologia, a morfologia, a sintaxe e em particular com a semântica. Nessa perspectiva, Alves (2011) diz que:

A Lexicologia pode ser abordada sob diferentes perspectivas, morfológicas e semânticas. Do ponto de vista morfológico, uma questão crucial se refere ao que é a palavra, a unidade lexical. Outro importante aspecto morfológico diz respeito aos processos de formação das palavras. Do ponto de vista semântico, questões sinonímicas, antonímicas, homonímicas e polissêmicas podem ser abordadas pela Lexicologia (ALVES, 2011, p. 440).

Nesse artigo, propomo-nos a elaborar um trabalho voltado para a Lexicologia, pois é ela a responsável pelos estudos da criação lexical, mais especificamente, pelos neologismos, os quais perpassam pelos processos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e até textuais, conforme veremos adiante.

### **Neologismo: alguns apontamentos necessários**

Já que toda sociedade evolui, conseqüentemente também evolui o seu sistema linguístico, sendo incontestável que a língua se vale fundamentalmente de mecanismos lexicais para cumprir os propósitos comunicativos de interação social entre seus usuários, conforme discutido acima. É nesse contexto que podemos dizer que a língua é neológica por natureza. Assim sendo, com base em Alves (2007), consideramos “neológicas as unidades lexicais (formalmente novas ou que recebem um novo significado) criadas em um determinado momento histórico-social, que, em função de diversas razões (necessidade de

<sup>3</sup> A *Terminologia* se ocupa de “subconjuntos do léxico de uma língua, a saber, cada área específica do conhecimento humano. Esses subconjuntos lexicais que constituem o objeto dessa ciência reportam-se ao universo referencial” (BIDERMAN, 2001, p. 160).

<sup>4</sup> Por considerar o limite e a intenção do trabalho, não nos preocupamos aqui em discutir acerca da *Lexicografia* e da *Terminologia*. Apresentaremos brevemente uma reflexão sobre a *Lexicologia*, tendo em vista seu papel nos estudos neológicos.

nomeação de objetos ou fatos novos, sobretudo) determina essa criação” (ALVES, 2007, p. 78). Esse processo de criação lexical recebe o nome de *neologia*, cujo produto é o *neologismo* (ALVES, 2007).

Sabemos que as línguas vivas não podem ficar na inércia, precisam crescer, precisam acompanhar as transformações políticas, econômicas e sociais pelas quais passa uma nação, para que possam servir de instrumento atualizado de interação social. Por essa razão os indivíduos estão sempre (re) criando novos itens lexicais, os quais podem ser aceitos ou não pela sociedade em que estão imersos. Nessa perspectiva, Alves (1984) menciona Quemada (1971) a qual afirma que

[...] se tornou evidente, para a maioria dos usuários, que uma língua de cultura moderna, necessariamente científica e técnica, *não deve ver na neologia lexical apenas um mal inevitável*. É a primeira condição a partir da qual o idioma pode permanecer um instrumento de comunicação nacional, mesmo internacional, e não ser apenas uma língua viva. Deve até considerar a criatividade lexical como parte responsável pela sua riqueza imediata, como sinal evidente de sua vitalidade. Uma língua que não conhecesse nenhuma forma de neologia seria uma língua morta e, em suma, a história de todas as nossas línguas constitui a de sua neologia (QUEMADA, 1971, p. 137, apud ALVES, 1984, p. 119, grifo nosso).

As palavras de Quemada (1971) conseguem deixar visível essa dinamicidade intrínseca à língua. Não temos como escapar desse processo vivo de construção lexical. Essa dinâmica é uma “característica necessária a todas as línguas e poucos se dão conta dessa evolução, porque é feita de modo inconsciente e coletivo. No entanto, o aparecimento de novos termos e significados é fácil de ser constatado, sobretudo nos meios de comunicação” (MELLO, 2011, p. 97). Afinal, estamos lidando com uma língua viva e, por isso, produtiva e não estática. Nunca podemos dizer que um vocábulo tem mais valor que o outro, ou que seu significado é eterno, porque lidar com o léxico é ter consciência que todos os vocábulos são relevantes e seus sentidos sofrem alterações diversas – acréscimos, decréscimos ou até mesmo mudança de sentido. A esse respeito, Biderman (2001b) afirma que

O léxico se expande, se altera e, às vezes, se contrai. As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares: daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações. Enfim, novos vocábulos, ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o Léxico (BIDERMAN, 2001b, p. 139).

Considerando o estudo da criação lexical, Alves (1984) traz em seu texto a definição de neologismo proposta por Boulanger (1979): “neologismo constitui uma unidade lexical de criação recente, uma acepção nova que se atribui a uma palavra já existente ou, então, um

termo recentemente emprestado a um outro código linguístico” (BOULANGER, 1979, p. 65, apud ALVES, 84, p. 119). Com base nessa definição, o próprio autor estabelece três tipos de neologia:

1. *formal*: neologismos criados por meio de derivação, composição, siglas, redução de palavras ou pela articulação de uma ou diversas sílabas que possuem um valor significante inédito;
2. *semântica*: neologismos criados pela atribuição de um novo significado a um mesmo segmento fonológico;
3. *por empréstimo*: neologismos que resultam da adoção de um lexema estrangeiro.

Alguns autores, ao estabelecerem acepções, consideram o empréstimo um tipo de neologia formal e classificam os neologismos em apenas duas categorias: *formais e semânticos* (ALVES, 1984). Nesse trabalho, apreciaremos, no momento da análise, as três definições propostas por Boulanger (1979), interessando-nos principalmente o fato de que o neologismo, ao ser criado, deve ser integrado ao sistema da língua. Essa integração deve seguir os critérios ortográficos, fonológicos e morfossintáticos do idioma em questão (ALVES, 1984). Em outras palavras, a unidade lexical sob análise é avaliada quanto ao seu caráter neológico, tendo em vista sua adaptação aos princípios linguísticos que orientam a língua a qual se pretende integrar. Assim, para compor o patrimônio léxico de uma língua, não basta o vocábulo ser usado com frequência pelos falantes, ele precisa, também, ser coletado e analisado pelos lexicógrafos, conforme os critérios da língua para então ser “digno” de ser registrado. Nesse contexto, Alves (1984) postula que

A existência de um neologismo é ratificada pela aceitação da sociedade em que ele está inserido, pelo seu *uso efetivo* nessa comunidade. E não podemos, a priori, determinar a possibilidade que tem uma unidade lexical neológica de ser aceita e de ser realmente integrada ao código da língua [...]. Uma vez consagrado pelo uso, o elemento neológico é geralmente inserido num dicionário. Constitui o dicionário o critério final, segundo o qual um neologismo é integrado ao léxico da língua. *Atribui-se assim, ao lexicógrafo, o poder de decidir sobre a aceitabilidade ou não de um novo termo ou expressão e sobre sua incorporação à língua* (ALVES, 1984, p. 125, grifo nosso).

Quando nos propomos a estudar a neologia, é importante considerar que o léxico, o qual tem como objeto de análise a unidade lexical, estabelece relação com os diferentes níveis de análise linguística: os níveis fonológicos, morfossintáticos, semânticos e o textual. Os três primeiros são considerados tradicionais e estudados por diversos pesquisadores, enquanto que o último – o textual – é acrescido por Alves (2007), deixando margem para estudos

porvindouros. Diante disso, Alves (2007) apresenta as palavras de Lorente (2004) a qual diz que

[...] o léxico está situado em uma espécie de intersecção que absorve informações provindas de caminhos diversos: dos sons (fonética e fonologia), dos significados (semântica), dos morfemas (morfologia), das combinações sintagmáticas (sintaxe) ou do uso linguístico e das situações comunicativas (pragmática) (LOURENTE, 2004, p. 20, apud ALVES, 2007, p. 77).

Os fenômenos de uma língua geralmente são interligados, obtendo seu valor nessa relação micro e macro linguística. Assim, por considerar os níveis de análise linguística relevantes na verificação de uma unidade lexical neológica, elencamos todos, enfatizando os mais promissores. A relação entre a neologia e o nível fonológico, por exemplo, diz respeito à criação de um item lexical cujo significante seja totalmente inédito, ou seja, tenha sido criado sem base em nenhuma palavra já existente. Sendo assim, essa relação é extremamente rara em todas as línguas e, por isso, não será apresentada nesse trabalho (ALVES, 2007)<sup>5</sup>.

Toda língua viva tem seus mecanismos de ampliação do léxico. No português, por exemplo, a composição e a derivação são, geralmente, os mais produtivos. Por isso a relação entre a neologia e a morfologia tem sido muito estudada. É possível, por meio dessa associação, perceber quais os processos de formação de palavras mais empregados, quais os sufixos e prefixos mais privilegiados pelos falantes, entre outras questões relevantes para o estudo de uma língua. Para melhor ilustrar, Alves (2007) traz alguns exemplos contextualizados de neologismos derivacionais e composicionais. Como não há espaço para expor todos, selecionamos dois casos em que o primeiro (a) representa a morfologia derivacional, por meio do afixo “*ismo*” e o segundo (b) retrata a morfologia composicional, por meio da composição entre dois termos:

(a) Uma política ecológica para os dias de hoje tem que ir além do simples *ambientalismo* (ALVES, 2007, p. 81).

(b) A *academia-sede* está localizada no bairro morada do sol (ALVES, 2007, p. 82).

Ainda com base em Alves (2007), a relação entre a sintaxe e a neologia também é comum, e divide-se em algumas situações, sendo uma delas, por exemplo, por um tipo de composição, resultante de um segmento frasal que se lexicaliza, como, por exemplo, a expressão cristalizada *aquisição de conhecimentos*, a qual começou a manifestar-se sob a forma *aquisição do conhecimento*, fruto de algumas colocações como *aquisição de novos*

---

<sup>5</sup> Por considerar essa relação extremamente rara e, conseqüentemente não adotarmos em nossas análises, não nos estenderemos nessa discussão.



*conhecimentos e aquisição de conhecimentos necessários*. Ou seja, diante do uso corriqueiro desses sintagmas frasais, surgiu então a lexicalização da referida expressão, que reflete o caminho percorrido por um segmento sintático até sua cristalização.

Quanto à relação entre a neologia e a semântica, segundo colocações de Alves (2007), estabelece-se por meio da atribuição de um novo significado a um significante existente. É o caso, por exemplo, do termo *adrenalina*, um “*tipo de hormônio que atua na elevação da pressão sanguínea*” que adquire também o significado de “*emoção*”, passando a ser empregado também em outros contextos que não são medicinais.

Por último, Alves (2007) propõe uma relação entre a neologia e o texto, que segundo a autora, pode ser claramente evidenciadas, uma vez que toda criação neológica insere-se em um enunciado. A autora exemplifica essa relação com *comentários metalinguísticos*, que reiteram/complementam o sentido de uma unidade lexical neológica já enunciada ou ainda a ser enunciada:

- (c) Chico Alencar é candidato do PT à Prefeitura do Rio de Janeiro. Sua plataforma política inclui o <<*alencarismo*>>, *uma nova teoria da seleção natural das espécies* (ALVES, 2007, p. 87).

Considerando o exemplo acima, percebemos que <<*alencarismo*>> representa uma “*nova teoria*”, comentário que reitera o valor semântico do sufixo *-ismo*. Em outras palavras, o autor, ao lançar um *comentário metalinguístico* o faz porque tem intenções a serem atingidas. Enfim, a análise é feita em um nível linguístico, mas também semântico e pragmático, considerando as relações de produção do enunciado.

Assim, diante das questões elencadas, observamos que analisar o modo como as unidades lexicais de caráter neológico estabelecem relações com os diferentes níveis de análise linguística é um desafio e, ao mesmo tempo, um caminho promissor para os trabalhos científicos.

### **Princípios metodológicos**

Quanto à perspectiva metodológica, para atender ao objetivo elencado, adotamos a *revisão bibliográfica*, que consiste numa relação das bibliografias existentes, sejam livros, artigos de periódicos, dicionários e outros, referente ao tema proposto, buscando saber o que a

literatura especializada diz sobre *Lexicologia* e, principalmente, *neologismo*. Nesse contexto, segundo Gil (2002), a revisão bibliográfica é “desenvolvida com base em material já elaborado, que traz como principal vantagem o fato de permitir uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que se obteria ao se pesquisar diretamente” (GIL, 2002, p. 38).

Recorremos também à perspectiva metodológica *documental*, considerando a elaboração do *corpus*, que foi constituído de textos jornalístico-políticos<sup>6</sup>, disponibilizados na imprensa online, para serem manuseados conforme os objetivos da investigação. Mais especificamente, tomamos como objeto de análise duas charges<sup>7</sup> que representam o contexto de uso de três itens lexicais neológicos: a charge publicada por Kayser (2014), intitulada “Os coxinhas” e a charge “Petrolão e lava-jato” de Sponholz (2015). Essas charges nos chamaram a atenção justamente pela interessante mistura de ingredientes que os chargistas arrolaram em suas obras, as quais apresentam vocábulos novos que estão sendo disseminados no meio político.

Adotamos como técnica e procedimento de análise de dados o *corpus de exclusão*, parâmetro mais reconhecido para a consideração do caráter inovador dos itens lexicais neológicos. Em outras palavras, o princípio adotado para reconhecer uma palavra como nova no acervo lexical da Língua Portuguesa do Brasil é o do não registro das unidades lexicais selecionadas nos seguintes dicionários:

1. Dicionário eletrônico *Aurélio da Língua Portuguesa*, do autor Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2010). Esse dicionário é de acesso facilitado e gratuito, elaborado após o novo acordo ortográfico da língua portuguesa. São mais de 230 mil verbetes disponíveis para leitura, por meio de um buscador.
2. Dicionário eletrônico *Houaiss da Língua Portuguesa*, do autor Antônio Houaiss (2009). Essa obra contém 442 mil entradas, locuções e acepções, construída após o novo acordo ortográfico da língua portuguesa. No CD-ROM está incluído o Dicionário Houaiss de Elementos Mórficos, além de conjugação eletrônica completa dos verbos, navegação por hipertexto e busca por semelhante.

<sup>6</sup> O contexto de coleta jornalístico-político foi escolhido intencionalmente, uma vez que nos últimos tempos aconteceram muitas situações propícias, conforme já citado.

<sup>7</sup> Gênero textual rico em informações, expressas por meio de desenhos e caricaturas, acompanhados ou não por textos escritos, as charges constituem um excelente material jornalístico para busca de novos itens lexicais (BIDARRA; REIS, 2013).

3. Dicionário *Unesp Do Português Contemporâneo*, do autor Francisco da Silva Borba (2005). Adotamos esse material, por considerar sua importância nos estudos lexicográficos, mesmo não contemplando o novo acordo ortográfico. Esse dicionário apresenta 58.223 entradas; 110.895 acepções; 135.668 contextualizações; 6.187 destaques e 283 ilustrações.

A seleção desses três dicionários não foi aleatória, ao contrário, eles são considerados os mais utilizados do português contemporâneo do Brasil, isto é, são apresentados no mercado editorial brasileiro como obras de grande prestígio social, que pretendem espelhar o uso efetivo dos falantes.

É comum ver alguns estudiosos da área proferirem que o critério da não dicionarização se ressentem de maior precisão pelo fato de os dicionários não serem atualizados com mais frequência, além de que um dicionário jamais poderá conter todas as palavras de uma língua. Entretanto, por ser menos subjetivo, esse é o critério mais usual entre aqueles que trabalham com a neologia. Nessa perspectiva, assim como Alves (2007), reconhecemos o critério da não dicionarização como caráter neológico de uma palavra, pois concordamos com a autora quando diz que “o dicionário é a fonte segura do estudo do léxico. A ele recorreremos, quando hesitamos quanto à grafia e o significado de um termo” (ALVES, 2007, p. 84).

### **Análise das unidades lexicais de caráter neológico**

Conforme dito antes, selecionamos três unidades lexicais de caráter neológico, coletadas em duas charges, publicadas na imprensa online, as quais foram submetidas ao *corpus* de exclusão: *coxinha*, *petrolão*, *lava jato*. Julgamos suficiente o uso de três ocorrências para ilustrarmos alguns processos de formação de palavras novas, relacionando-as aos níveis de análise linguística, já que se torna desaconselhável um número maior de exemplificações por sobrecarregar o texto. Vejamos a imagem abaixo:

Figura 01: *Os coxinhas*

Fonte: Kayser (2014)

Quando olhamos para essa charge de Kayser (2014)<sup>8</sup>, rapidamente estabelecemos uma primeira relação com um alimento bastante conhecido e apreciado: o típico salgado brasileiro recheado com frango, crocante por fora e macio por dentro, com um formato de coxa de galinha. Porém, ao observar os detalhes, vemos que essa imagem vai além de um simples quitute: são *coxinhas* com fisionomias específicas, representando pessoas. Mas não é a representação de qualquer pessoa. Cada minúcia que compõe *os coxinhas* da referida figura nos leva a perceber que se trata de indivíduos de um determinado grupo social:

Coxinha, sociologicamente falando, é um grupo social específico, que compartilha determinados valores. Dentre eles está o individualismo exacerbado e dezenas de coisas que derivam disso: a necessidade de diferenciação em relação ao restante da sociedade, a forte priorização da segurança em sua vida cotidiana, como elemento de ‘não-mistura’ com o restante da sociedade, aliadas com uma forte necessidade de parecer engraçado ou bom moço<sup>9</sup>.

<sup>8</sup> Consideramos relevante trabalhar com charge para melhor analisar o novo significado instaurado aos itens lexicais neológicos selecionados.

<sup>9</sup> O sociólogo Leonardo Rossato e o professor de português Michel Montanha elaboraram, em conjunto, uma “análise sociológica” do termo *coxinha*. Disponível em [http://observatorioidaimpresa.com.br/feitos-desfeitas/ed762\\_o\\_surgimento\\_dos\\_coxinhas/](http://observatorioidaimpresa.com.br/feitos-desfeitas/ed762_o_surgimento_dos_coxinhas/). Acesso em 20 de maio de 2016.

A partir dessa citação, é possível afirmar que, nesse contexto, *esses coxinhas*, de fato, não representam o famoso salgado. Há algum tempo, esse termo faz menção também a um grupo de jovens, geralmente da classe social alta ou média, com seu estilo próprio<sup>10</sup>.

Hoje, com todas as questões ocorridas no âmbito político, esse item lexical ganhou um novo significado, inicialmente usado em São Paulo, para representar os manifestantes antigoverno. Nas passeatas que vêm acontecendo desde 2013, com o intuito de buscar mudanças gerais no país, inclusive em relação à política, muitos indivíduos fazem questão de expor seu posicionamento com a frase, por exemplo, “Sou *coxinha*, e daí?”. As redes sociais ficaram minadas com essa expressão. Nesse cenário político, alguns tentam conceituá-la enquanto classe média trabalhadora que não aceita mais a roubalheira, outros consideram a palavra *coxinha* num sentido depreciativo, que indica um indivíduo conservador, de classe alta ou média, com ideias frequentemente reacionárias e com tendências políticas de extrema direita. Enfim, nesse contexto, muitas são as tentativas de conceituação em torno do item lexical *coxinha*, ultimamente muito usado. Basta acessar a internet e lá estarão disponíveis esses tentames, porém, nenhum deles ainda consta em dicionário, inclusive nos que selecionamos enquanto *corpus* de exclusão. Logo, temos um neologismo porque, como vimos no referencial teórico, o item lexical neológico só o deixa de ser quando for dicionarizado (BIDERMAN, 2001).

Ao consideramos, por exemplo, os tipos de neologia propostos por Boulanger (1979) e evidenciados por Alves (1984), percebemos claramente que o item lexical neológico em destaque enquadra-se no *semântico*, uma vez que há a atribuição de um novo significado a um mesmo segmento fonológico. Em outras palavras, o elemento linguístico *coxinha*, que era usado comumente como um alimento específico da culinária brasileira, passa a adquirir outro sentido no âmbito político atual. Se o avaliarmos em relação aos níveis de análise linguística (ALVES, 2007), a primeira analogia é feita, obviamente, com a semântica, tendo em vista que não se opera nenhuma mudança formal à unidade lexical *coxinha*, porém, muda-se a significação, considerando as necessidades sociais e políticas do momento. Podemos dizer que, nesse caso, temos então uma extensão semântica, a qual se caracteriza pelo alargamento do campo semântico do vocábulo *coxinha*.

---

<sup>10</sup>Não se sabe precisamente quando surgiu essa expressão, mas segundo Antônio Carlos Amador Pereira, professor de Psicologia da PUC-SP, em entrevista dada à revista *ISTO É*, existem várias hipóteses. Disponível em [http://www.istoe.com.br/reportagens/422845\\_CHAMAR+DE+COXINHA+NAO+E+PEJORATIVO+DIZ+HA+DDAD](http://www.istoe.com.br/reportagens/422845_CHAMAR+DE+COXINHA+NAO+E+PEJORATIVO+DIZ+HA+DDAD). Acesso em 12 de outubro de 2015.

Além disso, diante da premissa de que o léxico está situado em uma espécie de intersecção que absorve informações provindas de caminhos diversos, temos que considerar também a relação entre o item neológico *coxinha* e o nível morfológico (ALVES, 2007), quando acompanhado de um determinante. Ao analisarmos a charge em evidência, bem no início vemos a sentença “Enquanto isso, na República Democrática *dos Coxinhas*”<sup>11</sup>, em que a expressão “*dos Coxinhas*” marca uma mudança de gênero, quando comparada ao salgado brasileiro *coxinha*, a qual é considerada no nível gramatical como substantivo feminino. No entanto, no âmbito político, é possível dizer que esse item – *coxinha* – define-se como substantivo masculino (marcado pelo determinante: artigo masculino + preposição <<*dos*>>). Diante dessas questões elencadas, ultrapassando o nível da palavra, Alves (2007) traz Sablayrosles (2000), que reconhece em morfemas gramaticais a possibilidade de constituírem formações neológicas. Eles também são bastante produtivos quando se trata inovação lexical.

Por fim, podemos dizer que esse item lexical neológico – *coxinha* – estabelece relação também com o nível sintático, uma vez que ora posiciona-se enquanto “adjetivo” ora “substantivo”. Nas redes sociais é possível vê-lo transitando nessas duas classes gramaticais: “Ah, eu sou um *coxinha*!” e “Os *coxinhas* já estão alcançando seu intento”. No primeiro caso, há um indivíduo que se caracteriza como um *coxinha*, claro, conceituando o termo numa perspectiva talvez positiva. No segundo caso, os *coxinhas* são citados de modo a assumir o papel de substantivo na sentença. Com essa análise, já é possível perceber que, de fato, a neologia estabelece relação com os níveis linguísticos.

Para além dessa questão, também nos chamaram a atenção, no cenário político, os itens lexicais neológicos *petrolão* e *lava jato*. Assim como *coxinha*, esses itens estão disseminados nas redes sociais, e foram alvos das manifestações no país. Diante disso, primeiramente, ao considerar o parâmetro adotado para a constatação do caráter inovador dos itens, submetemo-los ao *corpus* de exclusão, que confirmou o não registro desses elementos no acervo lexical da Língua Portuguesa do Brasil. Vejamos a charge abaixo para prosseguirmos a análise:

---

<sup>11</sup> Não nos atentamos para o significado implícito dessa sentença, uma vez que o intuito maior, nesse momento, é a análise neológica.

**Figura 02:** *Petrolão e lava jato*

Fonte: Sponholz (2015)

Essa charge de Roque Sponholz, publicada em 22 de outubro de 2015, justifica o fato de trazermos os dois itens lexicais neológicos ao mesmo tempo. Na verdade, um elemento está ligado ao outro; ambos são frutos de um esquema bilionário de lavagem e desvio de dinheiro envolvendo políticos, a Petróleo Brasileiro S.A. (Petrobras) – maior empresa estatal do Brasil – entre outros, conforme cita a Folha de São Paulo (2014)<sup>12</sup>. A esse esquema de corrupção e desvio de fundos foi dado o nome de *petrolão*, justamente por abranger a referida empresa. Em março de 2014, quando essa situação veio à tona, a Polícia Federal entrou em ação, com a denominada operação *lava jato* que, segundo matéria do Jornal Folha de São Paulo (2014), recebeu esse nome, *lava jato*, porque em um dos desvios de dinheiro o grupo usava uma rede de lavanderias e postos de combustíveis para movimentar os valores. Curiosamente, o posto que deu origem às investigações fica no Distrito Federal e não tem um lava jato entre suas instalações (FOLHA DE SÃO PAULO, 2014<sup>13</sup>). Essa contextualização ilustra a imagem que compõe a charge de Sponholz (2015): a imensa “bola” preta (petróleo) representa o esquema *Petrolão*, que tem sido investigado pela operação lava jato, desmascarando – quase atropelando – os indivíduos envolvidos<sup>14</sup>.

Quanto ao item lexical neológico *petrolão*, percebemos rapidamente que surge da palavra petróleo, a qual integra a morfologia composicional por aglutinação <<pedra + óleo>>. Nesse caso, quando se tira o *-eo* (da palavra petróleo) e coloca-se o *-ão* (*petrolão*), trabalha-se, então, com a morfologia derivacional, por meio do sufixo *-ão*. Não se modifica essencialmente seu significado em relação à base (petróleo), porém, apresenta alteração

<sup>12</sup> Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/especial/2014/petrolao/>. Acesso em 30 de outubro de 2015.

<sup>13</sup> Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/especial/2014/petrolao/>. Acesso em 30 de outubro de 2015.

<sup>14</sup> Não é objetivo aqui realizar uma discussão dos significados implícitos da referida charge. Somente explicamos o contexto de uso em que os itens lexicais neológicos estão inseridos para facilitar a análise.

quanto à expressividade, buscando dar ênfase ao novo item – *petrolão*. Ou seja, não é qualquer petróleo, mas o *petrolão* – o esquema bilionário de lavagem e desvio de dinheiro. Essa análise nos leva para o campo da enunciação, uma vez que podemos analisar esse elemento no nível da argumentação. Enfim, considerando essas questões, esse item lexical nos permite dizer que temos uma neologia formal, que ocorre diante da analogia com o nível morfológico, obviamente. E também podemos pensar numa relação com o nível textual, uma vez que o sufixo *-ão* não é usado de graça, ao contrário, é intencional, pragmático e avaliativo.

Quanto à última unidade lexical sob análise, *lava jato*, quando a escutamos pensamos logo num local dotado de equipamentos e dispositivos automáticos próprios para lavar carros, muito comum estar acoplado a um posto de gasolina. Apesar de a maioria pronunciar e escrever dessa forma, sabemos que se fosse referir, de fato, a esse ambiente, o certo seria *lava a jato* - lavar algo utilizando um objeto que provoca a saída impetuosa de água (AURÉLIO, 2010). Em relação ao contexto político mencionado, encontramos algumas vezes, na internet, *lava-jato*, e principalmente, *lava jato*, mas não *lava a jato*<sup>15</sup>. Logo, podemos dizer que o item lexical neológico, *lava jato*, surgiu baseado no referido lugar (*lava a jato*), conforme contextualizado acima, porém, com alteração em sua forma (*lava jato*). Assim sendo, apesar dessa mudança formal, temos uma neologia semântica, que ocorre diante da relação entre o tradicional local assim denominado e a atual operação policial, marcada pela maior investigação de corrupção e lavagem de dinheiro que o Brasil já teve<sup>16</sup>. Ou seja, o item lexical *lava a jato* adquiriu um novo significado por meio do atual contexto político – *lava jato* –, permitindo, assim, uma extensão semântica. Nesse contexto, é importante considerar que “a criatividade lexical de caráter semântico produz também um novo *sintagma* neológico (...). Em toda criação *sintagmática*, portanto, está também implícita uma criação semântica” (ALVES, 2002, p. 63).

### Algumas considerações

Ao considerar a língua como um organismo vivo em constante mutação, caracterizado pela criatividade e produtividade (BIDERMAN, 2001), o surgimento de novas palavras

<sup>15</sup> Robério Fernandes, colunista da Revista Central, apresenta informações relevantes quanto à formação desses itens lexicais. Disponível em [http://revistacentral.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=4917:lava-jato-ou-lava-a-jato-&catid=151:eu-direito&Itemid=528](http://revistacentral.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4917:lava-jato-ou-lava-a-jato-&catid=151:eu-direito&Itemid=528). Acesso em 22 de outubro de 2015.

<sup>16</sup> Disponível em <http://lavajato.mpf.mp.br/entenda-o-caso>. Acesso em 20 de maio de 2016.



justifica-se justamente por isto: a língua em uso cria e recria novos itens lexicais constantemente, tendo em vista as necessidades impostas pela própria comunidade. Podemos dizer que depois de criadas num ato de fala, as novas unidades léxicas passam a ser aceitas pelos interlocutores e, a partir de então, reutilizadas em outros atos de comunicação. Assim, por meio desse artigo, vimos que os neologismos se apresentam, inicialmente, como unidades do discurso – no nosso caso, do cenário político –, podendo tornar-se elementos do sistema linguístico se revelarem caráter permanente e estável, conforme o sistema da língua.

Após lidar com o *corpus* de exclusão lexicográfico, percebemos que os itens lexicais neológicos adotados nesse trabalho, *cozinha*, *petrolão* e *lava jato*, estabelecem, de fato, uma relação com os níveis de análise linguística (só não conseguimos estabelecer essa relação com o nível fonológico, pois conforme vimos, essa analogia é extremamente rara em todas as línguas). Não é possível estudar esses itens lexicais neológicos sem considerar essa intersecção com a morfologia, a sintaxe, a semântica e o textual. Além do amplo e efetivo uso desses novos itens no âmbito político, esse hibridismo linguístico também os possibilita a tornarem-se fortes candidatos à dicionarização. Mas isso só o tempo dirá.

## Referências

ALVES, I. M. Lexicologia: uma entrevista com Ieda Maria Alves. *ReVEL*, v. 9, n. 17, 2011. Disponível em [www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br). Acesso em 18 de outubro de 2015.

\_\_\_\_\_. Neologia e níveis de análise Linguística. In: Aparecida Negri Isquerdo; Maria José Bocorny Finatto. (Org.). *As Ciências do Léxico. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. Vol. III. Campo Grande – MS: Editora da UFMS, 2007.

\_\_\_\_\_. *Neologismo: Criação Lexical*. 2.ed. São Paulo: Ática, 2002.

\_\_\_\_\_. *A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português*. Alfa: São Paulo, 1984.

AURÉLIO, B. H. F. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 5<sup>a</sup>. ed. Curitiba: Positivo, versão eletrônica, 2010.

BIDARRA, J. REIS, L. S. *Gênero charge: construção de significados a partir de uma perspectiva interdisciplinar e dinâmica*. Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 64, p. 150- 168, jan./jun. 2013. Disponível em <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo> Acesso em : 01 out 2013.

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do Lexico. In: Aparecida Negri Isquerdo; Maria José Bocorny Finatto. (Org.). *As Ciências do Léxico. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. 2ed.Campo Grande – MS: Editora da UFMS, 2001a.

\_\_\_\_\_. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

BORBA, F. S. (Org.). *Dicionário UNESP de português contemporâneo*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. CD-ROM.

ISQUERDO, A. N. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In:\_\_\_\_\_.; OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001.

KAYSER. *Os coxinhas*. Disponível em <http://domacedo.blogspot.com.br/2014/11/criterios-em-voga.html>. Acesso em 10 de fev. de 2016.

MELO, P. A. G. A dinâmica lexical da linguagem jornalístico-política em textos escritos em língua portuguesa contemporânea na última década do século XX. In: *Revista Carandá*, Corumbá, MS: UFMA, n. 3, p. 93 – 105, 2011.

SPONHOLZ, R. *Petrolão e lava jato*. Disponível em <http://www.humorpolitico.com.br/corrupcao/petrolao-chegando-perto/>. Acesso em 10 de fev. de 2016.

## CONSIDERAÇÕES ACERCA DA VARIÁVEL ESCOLARIDADE E SUA INFLUÊNCIA SOBRE A VARIAÇÃO ENTRE VERBO-SUJEITO NA 3ª PESSOA DO PLURAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Maria Lidiane de Sousa Pereira<sup>1</sup>

Aluiza Alves de Araújo<sup>2</sup>

**Resumo:** Intentamos, neste trabalho, analisar o comportamento da variável escolaridade sobre a variação na concordância verbal (CV) com sujeito na 3ª pessoa do plural (3PP) no Português Brasileiro (PB). Para cumprir tal interesse, realizamos um levantamento bibliográfico acerca dos estudos conduzidos à luz da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]) ou Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]) que observaram a manifestação do fenômeno em tela em diferentes regiões brasileiras e para os quais a variável escolaridade mostrou-se relevante. A partir dos resultados alcançados nos estudos de Anjos (1999), Sgarbi (2006), Monte (2007) e Monguilhott (2009), percebemos que o aumento da escolaridade converge para um uso maior de formas padronizadas. Por outro lado, o emprego de tais marcas tende a cair conforme diminuem os anos de escolarização possuídos pelos falantes. Esse fato pode indicar uma tendência de uso no que se refere à CV com a 3PP em função da variável escolaridade no PB falado em algumas regiões brasileiras.

**Palavras-chave:** Escolaridade. Concordância verbal. Teoria da Variação e Mudança Linguística.

**Abstract:** In this work, we aim to analyze the behavior of the education variable upon the variation on the verbal agreement (VA) with the subject on the 3<sup>rd</sup> person of plural (3PP) on the Brazilian Portuguese (BP). To achieve that, we made a bibliographical review concerning the studies conducted by the Theory of the Variation and Linguistics Change (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]) or Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972]) which observed the manifestation of the phenomenon in question in different Brazilian regions to which whom the education variable showed results. Through the results achieved on the researches of Anjos (1999), Sgarbi (2006), Monte (2007) and Monguilhott (2009), we realize that the increase of education converge with a higher use of standard forms. On the other hand, the use of such marks tend to disappear according to the years of education owned by the speakers. This fact can indicate a tendency on the use of what refers to the VA with the 3PP in function of the education variable of the BP spoken in some Brazilian regions.

**Keywords:** Education; Verbal agreement; Variation Theory and Linguistic Change.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Graduada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Regional do Cariri (2014). Atua na área de Letras com ênfase em Linguística, Sociolinguística Variacionista e Língua Portuguesa. Atualmente, exerce a função de professora substituta no curso de graduação em Letras pelo Departamento de Línguas e Literaturas da Universidade Regional do Cariri (URCA).

<sup>2</sup> Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (1996), mestrado (2000) e doutorado (2007) em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (2007). Atualmente é professora Adjunta K da Universidade Estadual do Ceará. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística e Dialetoлогия.

## Palavras iniciais

Desde que foram iniciados, ainda na década de 1970 com os trabalhos pioneiros de Naro e Lemle (1976), Lemle e Naro (1977), Naro (1981) e Guy (1981), para citar apenas alguns, os estudos sobre os aspectos da variação na concordância verbal (CV) com sujeito na 3ª pessoa do plural (3PP), realizados com dados do português brasileiro (PB), se multiplicaram e mostraram-se significativos para a compreensão dos mecanismos de variação da nossa língua. O fenômeno também se mostrou relevante para a observação dos processos de formação do chamado português popular brasileiro, tal como nos mostram estudos desenvolvidos por Lucchesi (2009), Naro e Scherre (2007), Araújo (2010, 2014), dentre outros.

Marcado por construções do tipo: **Eles não *consegue*** alcançar nosso ritmo, né?<sup>3</sup> *versus* **Aí, eles não *conseguem*** ter um bom rendimento, esse fenômeno, não raro, também é apontado como um dos divisores de duas delicadas dicotomias estabelecidas no PB, o popular e o culto (LUCCHESI, 2012). Neste sentido, basta lembrar que construções em que não se verificam as marcas de concordância padrão são quase que imediatamente associadas à linguagem de sujeitos desfavorecidos socioeconomicamente e quase sempre oriundos dos grandes centros urbanos (BORTONI-RICARDO, 2005). Em contrapartida, construções com marcas padrões de concordância entre verbo-sujeito na 3PP são relacionadas à linguagem de falantes situados em classes sociais mais favorecidas.

Tais pontos certamente aguçam o interesse de diferentes estudiosos, guiados por perspectivas e objetivos distintos, que propõem a observação do fenômeno em evidência. Aqui, interessa-nos discutir os principais resultados obtidos, para a variável escolaridade, nos trabalhos de Anjos (1999), Sgarbi (2006), Monte (2007) e Monguilhott (2009), todos ancorados na Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], LABOV, 2008 [1972]), pois, a partir deles, procuramos observar com base em seus dados e estatísticas, como o fator escolaridade interfere no apagamento ou preservação das marcas de CV com sujeito na 3PP.

Tendo em vista o fato de que “a presença da marca de número na forma verbal não é categórica em nenhuma variedade do português brasileiro” (VIEIRA, 2007, p. 84), alguns sociovariacionistas tomam a variação na CV como foco de seus estudos e partem da hipótese, no que tange à variável escolaridade que, quanto maior for o nível de escolarização do falante, maior é a tendência de haver a preservação das marcas de solidariedade entre verbo-sujeito na

<sup>3</sup> Ilustrações retiradas de Monguilhott (2009, p. 88-89, destaques no original).

3PP, visto que esta é a forma padronizada, portanto, tida como o modelo a ser preservado em nossas salas de aula. Tal conjectura para o fator escolaridade não é formulada aleatoriamente, pois, é sabido que:

[...] a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as frequentam e das comunidades discursivas. Constata-se, por outro lado, que ela **atua como preservadora de formas de prestígio**, face a tendências de mudança em curso nessas comunidades (VOTRE, 2012, p. 51, grifos nossos).

A fim de obter um panorama sobre em que medidas tais conjecturas se sustentam, consideramos diferentes estudos sobre a variação na CV junto à 3PP realizados sobre o PB falado em quatro das cinco regiões do nosso país, conforme já mencionamos, foram eles: Anjos (1999), no falar pessoense; Sgarbi (2006), para variedades do Mato Grosso do Sul; Monguilhott (2009), no falar de Florianópolis e Monte (2007), em uma comunidade periférica de São Carlos. Esses estudos foram selecionados por meio de um apurado levantamento bibliográfico de trabalhos sociovariacionistas, para os quais a variável escolaridade mostrou-se pertinente.

Para a seleção desses estudos, estabelecemos quatro critérios: (i) a pesquisa deveria ter como aporte teórico a Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], LABOV, 2008 [1972]); (ii) o estudo deveria ter sido realizado com base na linguagem oral de falantes devidamente situados em suas respectivas comunidades de fala; (iii) demos preferência aos estudos desenvolvidos nas últimas duas décadas e (iv) optamos por escolher uma pesquisa para cada região brasileira, embora não tenhamos estabelecido critérios para a seleção de trabalhos por estados. Frisamos que, até o término deste artigo, não tomamos conhecimento de pesquisas sobre o fenômeno em tela na região Norte do Brasil, indício de que, apesar de ser um fenômeno amplamente estudado no PB, ainda é possível verificar a carência de estudos sobre ele em algumas regiões do nosso país, bem como a necessidade de redobramos nossos esforços para tentar compreendê-lo em sua amplitude e complexidade.

Importante frisar também que não localizamos trabalhos com amostras totalmente compatíveis que atendessem aos nossos interesses e critérios. Assim, os trabalhos discutidos aqui apresentam estratificações, no que se refere à variável escolaridade, bastante diferenciadas. Por essa razão, nem sempre foi possível estabelecer comparações entre os resultados obtidos para todos os níveis das amostras. Diante disso, procuramos observar, antes de tudo, como diferentes níveis de escolaridade interferem no fenômeno de variação discutido no interior das comunidades de fala observadas.

Além desta introdução, este texto apresenta mais três seções. Na seção um, discutimos alguns pontos acerca da observação da variável escolaridade dentro da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], LABOV, 2008 [1972]) e algumas implicações para a variação na CV no cenário pedagógico. Na seção dois, observamos os resultados para a escolaridade a partir dos trabalhos selecionados, os quais foram devidamente comentados em ordem cronológica. Em seguida, tecemos algumas considerações, às quais se seguem nossas referências.

### **A variável escolaridade e a Teoria da Variação e Mudança Linguística: apontamentos para a concordância verbal e o ensino de língua materna**

Em meados da década de 1960, assistimos ao surgimento de diversas áreas pautadas em posturas externalistas como a Sociolinguística Variacionista, Pragmática, Semântica Enunciativa, Linguística Textual, Análise do Discurso, dentre outras, para o estudo dos fatos da linguagem contra as abordagens imanentistas que impregnaram o cenário da Linguística, pelo menos até a primeira metade do século passado. Entre elas, destacamos a Sociolinguística que também costuma ser denominada de a Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], LABOV, 2008 [1972]). Para essa vertente, analisar como determinados fatores de natureza social influenciam os diversos fenômenos de variação linguística é tarefa trivial. Com isso, essa postura marcou um novo modo de analisar a linguagem verbal, conforme nos indica Camacho (2013, p. 19):

A chamada sociolinguística variacionista representou, nos anos 1960, uma ruptura significativa com o tipo formalista de tratamento teórico mediante a introdução do conceito de variável linguística. Mais especificamente, esse enfoque passa pelos procedimentos heurísticos de análise da variação e, por conseguinte, da relevância dos mecanismos internos, para equacioná-la a uma teoria da linguagem, e a mecanismos externos, para equacioná-la a uma teoria da sociedade.

De fato, a elaboração de um programa de estudos que possibilitasse a análise dos fenômenos de variação verificáveis nas línguas naturais significou uma grande virada no modo de fazer linguística do século passado. As variantes linguísticas, antes relegadas a segundo plano, por não possuírem função no processo comunicativo (CAMACHO, 2012), foram tomadas como objeto de estudo e o interesse por regras variáveis, ou seja, aquelas “que permitem que, em certos contextos linguísticos, sociais e estilísticos, falemos de uma forma e, em outros contextos, de outra forma” (COELHO *et al.*, 2015, p. 60) ao lado das regras

categóricas, abriram um novo leque de possibilidades para a contemplação do fenômeno linguístico.

A partir disso, defendeu-se que nenhum fenômeno variável acontece de forma aleatória e sem regularidade. Muito pelo contrário, a língua é, sobretudo, um sistema heterogêneo e organizado (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]). Todo e qualquer fenômeno variável obedece, portanto, a uma série de regras e sub-regras e, embora o falante tenha à sua disposição duas ou mais variantes linguísticas – dependendo do fenômeno de variação – podendo alternar seus usos nas mais diferentes situações de interação, o uso de uma ou de outra é sempre condicionado por fatores internos e/ou externos ao sistema.

Desse modo, vimos que, desde o início, os sociovariacionistas assumiram que apenas a observação da atuação de elementos internos ao sistema sobre determinados fenômenos variáveis não daria conta da complexidade que os rodeia. Daí, a articulação de fatores internos a fatores externos, o que faz com que a Sociolinguística Variacionista oscile entre as ciências da língua e das sociedades.

Assim, fatores como o sexo, a origem geográfica, a faixa etária, o nível de escolarização, a etnia, classe social entre outros, antes postos em segundo plano – quando não excluídos – começaram a ser vistos como meios para obter-se um quadro significativo acerca da identidade social do falante durante uma situação real de interação verbal, assumindo-se que eles atuam fortemente sobre seus comportamentos linguísticos. Neste trabalho, ênfase é dada ao fator escolaridade, verticalizando-o aos estudos do fenômeno de variação entre verbo-sujeito na 3PP, amplamente reconhecido como uma regra variável no PB, até mesmo nos contextos em que as gramáticas apontam como obrigatório o emprego de marcas plurais tanto no sujeito como no verbo.

A esse respeito, convém mencionar que a tradição normativa – sem levar em consideração possíveis influências estilísticas ou contextuais – recomenda, por exemplo, que, em construções com sujeito simples e plural haja, obrigatoriamente, o emprego de marcas plurais no verbo (cf. BECHARA, 2001; CUNHA; CINTRA, 2013). Ao lado de tais regras, encontramos um número excessivo de recomendações para a CV, o que certamente acaba “dificultando seu ensino e aprendizagem, levando o usuário da língua a um estado de insegurança ao fazer uso desse processo sintático” (ANJOS, 1999, p. 45).

De igual modo, tomam-se como pontos facultativos: (i) construções com sujeito composto; (ii) estruturas em que o SN (sujeito) é marcado por um elemento de estrutura complexa, como expressões partitivas ou núcleo coletivo singular, dentre muitos outros (cf. BECHARA, 2001; CUNHA; CINTRA, 2013). Nestes casos, os falantes podem, sem que

sejam acusados de cometer desvios gramaticais, optar por empregar ou não, marcas de concordância plural.

A exemplo da concordância nominal e outros fenômenos variáveis de nossa língua, a variação na CV junto à 3PP é, como já sinalizamos, um fenômeno socialmente marcado. Isso porque, a ausência de marcas de concordância padrão é mal avaliada pela tradição escolar que insiste em tomar apenas uma das variantes – com marcas de concordância – como correta e, a usa como um dos pontos para dissociar a linguagem padrão da não padrão (ANJOS, 1999).

Assumindo que não há nada, do ponto de vista linguístico, capaz de classificar as variantes não padrão como inferiores às demais, não surpreende que esse tipo de postura seja uma das maiores e mais preocupantes violências simbólicas praticadas contra determinados sujeitos por meio da língua. Afinal, à medida que se excluem algumas formas linguísticas, excluem-se também seus usuários (BAGNO, 2010).

Em estudo similar a este, Silva e Paiva (1996) constataram que a maior proximidade do falante com o ambiente escolar tende a induzi-lo ao uso das variantes prestigiadas. Além disso, as autoras indicam que os falantes, ao manterem contato com o ambiente escolar, tomam gradativamente consciência das atribuições de valores negativos e positivos às formas variantes, não por questões próprias a elas, mas sim, por avaliações sociais. De acordo com Votre (1992, p. 52, grifos nossos):

A forma estigmatizada tende a despertar uma reação negativa na maioria dos usuários da língua, é objeto de crítica aberta por parte dos usuários das formas prestigiadas e é registrada **como problemática nas gramáticas escolares e nos manuais de ensino e estudo da língua, sobretudo nos cursos de primeiro e segundo graus.**

Assim como os referidos estudiosos, não pretendemos sugerir que os materiais didáticos adotados pelas instituições de ensino e que, conseqüentemente, trazem consigo um modelo de língua já eleito, uniformizado, devam ser abolidos. Pretendemos, por outro lado, chamar a atenção para o fato de que a eleição e preservação de determinadas formas linguísticas por parte da escola em detrimento de outras, não deve servir como meio de exclusão ou assegurar rejeições por parte dos falantes acerca de determinadas variedades linguísticas. Neste sentido, os inúmeros achados das pesquisas sociovariacionistas comprovam que por trás do aparente caos da variação, há um sistema pleno e bem regulamentado (TARALLO, 1985) e que, nenhuma forma carrega em si mais potencialidades do que outra, numa perspectiva estritamente linguística.

Frente a tais questões, acreditamos que se nossas escolas redobrassem os esforços para mostrar a validade e, conseqüentemente, a necessidade de adequarmos nossas formas



linguísticas às mais diversas situações de interação, as noções de adequado e inadequado, relevantes para o tratamento da variação, deixariam de ser usadas para encobrir velhas e infundadas noções como certo e errado (SCHERRE, 2013). Neste sentido, nossas escolas estariam, de fato, dando um passo importante rumo a um modelo de ensino de língua mais produtivo e democrático (FARACO, 2007).

Uma vez assumidas as possíveis relações que os níveis de escolarização mantêm com o uso e preservação de determinadas formas linguísticas, procura-se a partir do aporte teórico-metodológico ofertado pela perspectiva sociovariacionista, analisar o *quantum* com que esse fator interfere no uso de uma ou de outra variante linguística, visto que:

O problema central que se coloca para a Teoria da Variação é a avaliação do *quantum* com que cada categoria postulada contribui para a realização de uma ou de outra variante das formas em competição. No uso real da língua, que constitui o dado do linguista, seja na forma falada ou na forma escrita, tais categorias se apresentam sempre conjugadas; na prática, a operação de uma regra variável é sempre o efeito da atuação simultânea de vários fatores (NARO, 2012, p.16-17).

Além de sua consistência metodológica, as pesquisas sociovariacionistas oferecem bases sólidas para a quebra da ilusão da deficiência verbal, ao passo que comprovam, por meio de dados e estatísticas, a validade e autenticidade de nossas variantes linguísticas. A esse respeito, reconhecemos o inestimável valor das palavras de Labov (1969, p. 180, aspas no original, tradução nossa)<sup>4</sup>: “O serviço mais útil que pode ser prestado pelos linguistas hoje em dia é limpar a ilusão da ‘deficiência verbal’ e oferecer uma noção mais adequada das relações entre dialetos padrão e não padrão”.

Assim, percebemos, dentre outras coisas, que a escola atua fortemente nas sociedades, em função das línguas, não somente quando busca oferecer aos nossos estudantes contato com variedades prestigiadas, mas também diante de processos de variação e mudança linguística. E, embora muito já tenha sido feito pelas pesquisas sociolinguísticas variacionistas com o intuito de melhorar o tratamento dos fenômenos de variação linguística no âmbito escolar, os papéis de nossas escolas frente a esses fenômenos ainda carecem de reflexões e empreendimentos no sentido de melhorá-los, afinal, nos parece consenso dentre os estudiosos da diversidade linguística que:

[...] a atuação da escola e da mídia é um fator que busca homogeneizar a língua em todo o território brasileiro, independentemente das divisões sócio-geográficas. Essa pretensa homogeneização se dá rumo à fala urbana, que, por sua vez, caminha em

<sup>4</sup> No original: “The most useful service which linguists can perform today is to clear away the illusion of ‘verbal depravation’ and provide a more adequate notion of the relations between standard and nonstandard dialects” (LABOV, 1969, p. 180).

direção à língua padrão, à língua dos nossos colonizadores europeus, já que, até hoje, é a língua portuguesa (e não o português brasileiro) que ocupa o lugar central (e/ou único) nas escolas brasileiras, bem como nos meios de comunicação em massa (RIBEIRO; LACERDA, p. 96, 2013).

Os apontamentos de Ribeiro e Lacerda (2013) vão ao encontro das palavras de Votre (2012) destacadas na introdução deste trabalho, ao refletirem sobre a atuação da escola no comportamento dos estudantes brasileiros. Em ambos, é possível perceber uma notória preocupação com a força padronizadora com a qual as instituições de ensino tendem a operar diante de variedades, principalmente das desprestigiadas, com as quais muitos jovens e adolescentes entram no ensino formal de língua materna.

Para nós, explícita também está a tentativa de chamar atenção para as violências que, não raro, são cometidas através de ações padronizadoras, refreadoras. Isso porque, conforme também já apontamos, há, em meio a esse tipo de atitude, uma série de violências cometidas em função das identidades sócio-históricas dos falantes do português do Brasil. Afinal, na tentativa de homogeneização linguística, realidades plurais, que encontram na língua uma de suas maiores e mais importantes formas de manifestação, são negadas e, conseqüentemente, excluídas.

Colocados tais pontos, apresentamos, na seção seguinte, alguns dos principais resultados alcançados por sociovariacionistas, ao analisarem a atuação da variável escolaridade sobre a variação na CV com a 3PP. Para tal seção, pressupomos que o leitor possua alguma familiaridade com os princípios metodológicos da pesquisa variacionista, o que naturalmente não nos impediu de tentar abordá-los de forma o mais simples e resumidamente possível, ainda que reconheçamos os perigos desse tipo de abordagem, pois, ao passo que procuramos sintetizar os resultados alcançados, corremos o risco de deixar escapar pontos que o leitor pode julgar significativos para sua compreensão.

### **A variável escolaridade e o fenômeno de CV junto à 3PP do plural no PB sob olhares sociovariacionistas**

Em consonância com as proposições discutidas acima, estudos como o de Anjos (1999), Sgarbi (2006), Monte (2007) e Monguilhott (2009) procuraram medir a influência da variável escolaridade sobre a CV com a 3PP, a fim de observar em que medidas esse fator influencia o uso variável do fenômeno em foco em suas respectivas comunidades de fala.

O estudo de Anjos (1999) trata do falar de João Pessoa – PB, sendo seus dados extraídos do Projeto Variação Linguística do Estado da Paraíba - VALPB (HORA, 1993). Os

informantes de sua pesquisa foram estratificados, segundo a escolarização, em: nível I (sem escolaridade); II (primeiro ciclo do Ensino Fundamental); III (Fundamental completo); IV (Ensino Médio) e V (Ensino Superior). No referido estudo, a escolarização foi o primeiro fator selecionado pelo pacote de programas computacionais denominado VARBRUL<sup>5</sup>.

Com base nos dados fornecidos pelo programa, foi apontado que falantes sem escolarização formal tendem a usar menos a variante padrão, com apenas 30% de frequência de uso e peso relativo<sup>6</sup> (PR) igual a 0.26. Para o segundo subgrupo, a percentagem, em função do uso da mesma variante, foi de 35% com PR de 0.34. Nos terceiro e quarto níveis, os percentuais para a aplicação das regras de concordância foram de 55% e 68% e pesos 0.50 e 0.63, respectivamente. Enquanto que, os índices de uso para a variante padrão atingidos por falantes do quinto grupo foram de 74% e PR de 0.69.

Tais resultados indicam uma tendência quanto ao emprego das marcas de concordância em função da variável escolaridade na comunidade em questão. Ou seja, quanto mais anos de escolaridade o falante possuir, maiores as chances de ele fazer uso das formas apontadas como padrão pela tradição escolar. Em sentido oposto, um menor contato com o ambiente escolar tende a desfavorecer a manutenção de formas linguísticas consagradas pela escola. E, embora o grupo dos informantes com o ensino fundamental completo tenha se mostrado neutro com PR de 0.50 diante do uso da CV padrão, os resultados de Anjos (1999) apontam uma clara gradação no aumento de tal variante em conformidade com o aumento dos anos de escolaridade dos falantes. Vale mencionar que essas eram as hipóteses iniciais levantadas pela autora.

Em Sgarbi (2006), os dados da pesquisa foram coletados com base em amostra de linguagem falada em 30 municípios do Estado do Mato Grosso do Sul e retirados do Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul – ALMS. A variável escolaridade foi controlada mediante estratificação dos falantes em três níveis diferentes: I (nula), II (Ensino Fundamental Incompleto) e III (Ensino Fundamental Completo).

---

<sup>5</sup> O VARBRUL é um pacote de programas computacionais, bastante usado pelos variacionistas, que descreve padrões de variação entre formas variantes e fornece cálculos, apontando a frequência de uso e o peso para cada uma delas (GUY; ZILLES, 2007). Foi introduzido por Rousseau e Sankoff em 1978 (Cf. PINTZUK, 1988). Atualmente, muitos estudiosos têm trabalhado também com o GoldVarb X, uma versão do VARBRUL para o ambiente do *Windows* (SANKOFF; TAGLIAMONT; SMITH, 2005). Em todos os trabalhos considerados aqui, os autores utilizaram um desses programas.

<sup>6</sup> É denominado de peso relativo a indicação do efeito que cada fator selecionado exerce sobre as variantes que compõem um dado fenômeno variável. Em termos simples, é interpretado como favorável, para uma variável binária, isto é, que comporta duas variantes linguísticas - caso do fenômeno tratado neste trabalho - se o valor for superior a 0.50, como inibidor se for inferior a 0.50 e, como neutro se for igual a 0.50. (SCHERRE; NARO, 2012; GUY; ZILLES, 2007).

A partir das rodadas no VARBRUL, verificou-se que os menores índices para o uso da concordância foram atingidos por falantes com escolaridade nula. De acordo com os dados dessa pesquisa, a frequência de uso das formas verbais em conformidade com as regras impostas pela tradição escolar, por falantes sem escolarização, foi de apenas 22% e PR igual a 0.24. Em contrapartida, registraram-se, no comportamento de falantes com fundamental incompleto, índices maiores para a frequência de concordância padrão, isto é, de 35%, embora o PR de 0.40 aponte o seu não favorecimento para a concordância padrão. Em sentido contrário, vemos que os falantes com fundamental completo atingiram um percentual de 69% e PR de 0.70 para a manutenção das marcas de concordância, o que os eleva à condição de grandes aliados do uso da forma padronizada.

Os resultados alcançados por Sgarbi (2006) vão ao encontro dos resultados obtidos por Anjos (1999) apontando novamente a tendência de que quanto maior for o grau de escolaridade do falante, maiores serão as chances de os falantes preservarem, em suas interações linguísticas, formas padronizadas e geralmente tidas como de prestígio, ao passo que, menores índices de preservação de tais marcas são registrados no comportamento de falantes com pouco ou nenhum grau de escolaridade. Tais resultados também confirmaram as hipóteses inicialmente lançadas por Sgarbi (2006).

Em Monte (2007), o fenômeno em foco foi observado em uma comunidade periférica de São Carlos – SP, a partir de dados coletados em 20 entrevistas sociolinguísticas, elaboradas pelo estudioso. Seus informantes eram homens e mulheres da comunidade que possuíam escolaridade nula ou cursavam o ensino fundamental pelo EJA e oriundos das regiões Norte e Sul/Sudeste. A variável escolaridade, em conformidade com o que era esperado pelo autor, apontou que os falantes não escolarizados tendem a realizar com menor frequência (19% e PR de 0.40) a concordância padrão do que os falantes escolarizados pelo EJA (31% e PR igual a 0.60). Para o estudioso, tais resultados indicam que “a escolarização, mesmo supletiva, influencia o fenômeno variável de concordância verbal” (MONTE, 2007, p. 98).

Monguilhott (2009), por sua vez, observou a variação na concordância verbal com a 3PP no falar de quatro comunidades de Florianópolis, a saber: Ribeirão da Ilha, Costa da Lagoa, Ingleses e Centro, sendo as duas primeiras de origem rural e as duas últimas de origem urbana. Aqui, os informantes da pesquisa foram estratificados, segundo a escolarização, em jovens/Ensino Fundamental, jovens/Ensino Superior, velhos/Ensino Fundamental e velhos/Ensino Superior. Chamamos atenção para o fato de que a autora opta por analisar a variável escolaridade a partir de uma relação direta com a faixa etária de seus informantes, assumindo assim, a interdependência entre elas.

A exemplo dos três primeiros estudos, Monguilhott (2009) registrou que falantes jovens/Ensino Fundamental, dentro da comunidade estudada, tendiam a realizar a CV com a 3PP em proporção notavelmente menor do que os falantes jovens/Ensino Superior. Para estes, a frequência de uso das marcas de concordância foi igual a 89% e PR de 0.74, já aqueles atingiram 72%, com PR 0.32, no que concerne à preservação das marcas padronizadas. Da mesma forma, falantes velhos/Ensino Fundamental realizaram menos a concordância com percentagem e PR iguais a 67% e 0.28, enquanto que falantes velhos/Ensino Superior realizaram mais a concordância com percentagem de 88% e PR igual a 0.54.

Assim, os dados apontam que independente de ser mantido contato regular com instituições de ensino, afinal, os falantes tidos como velhos já estavam há um tempo considerável afastados da escola, o maior grau de escolaridade, mostra-se, de fato, favorecedor do uso de formas padronizadas. Em sentido contrário, quanto menor for o contato do falante com a escola, menores as chances de ele usar as formas de prestígio.

Para que possamos visualizar melhor os resultados obtidos nos estudos considerados, observemos a tabela abaixo:

**Tabela 1: Frequência de uso da CV com a 3PP, segundo os estudos analisados em função da variável escolaridade.**

<b>Estudo</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
<b>Anjos (1999)</b>	<b>Nula</b>	<b>30%</b>	<b>0.26</b>
	<b>Fundamental I</b>	<b>35%</b>	<b>0.34</b>
	<b>Fundamental II</b>	<b>50%</b>	<b>0.50</b>
	<b>Ensino Médio</b>	<b>68%</b>	<b>0.63</b>
	<b>Ensino Superior</b>	<b>74%</b>	<b>0.69</b>
<b>Sgarbi (2006)</b>	<b>Nula</b>	<b>22%</b>	<b>0.24</b>
	<b>Fundamental Incompleto</b>	<b>35%</b>	<b>0.40</b>
	<b>Fundamental Completo</b>	<b>69%</b>	<b>0.70</b>
<b>Monte (2007)</b>	<b>Nula</b>	<b>19%</b>	<b>0.40</b>
	<b>EJA</b>	<b>31%</b>	<b>0.60</b>
<b>Monguilhott (2009)</b>	<b>Jovens/ Ensino Fundamental</b>	<b>72%</b>	<b>0.32</b>
	<b>Velhos/ Ensino Fundamental</b>	<b>67%</b>	<b>0.28</b>
	<b>Jovens/Ensino Superior</b>	<b>89%</b>	<b>0.74</b>
	<b>Velhos/Ensino Superior</b>	<b>88%</b>	<b>0.54</b>

Fonte: Elaboração nossa.

Ao compararmos os dados obtidos por Anjos (1999) e Sgarbi (2006), para falantes com escolaridade nula, percebemos que os resultados, em termos de peso relativo, foram bastante próximos. Já em Monte (2007), que também considerou falantes com escolaridade nula, o valor obtido para o peso relativo mostrou-se maior em relação aos resultados das duas pesquisas referidas anteriormente, o que não altera o fato de que, também em Monte (2007), a ausência de ensino padronizado desfavoreceu o uso da variante padrão.

Essa última constatação converge para os resultados obtidos com os níveis referentes ao ensino fundamental nos trabalhos de Anjos (1999), Sgarbi (2006) e Monguilhott (2009). Neles, notamos um aumento nos índices de uso da forma padronizada para a CV com a 3PP em relação aos dados obtidos a partir do comportamento de indivíduos sem escolarização. Contudo, não nos é possível afirmar que temos aí o favorecimento das formas padronizadas, afinal, nos resultados obtidos pelos três estudos citados, os pesos ficaram abaixo de 0.50.

Com isso, vemos que o uso das marcas impostas pela tradição normativa para a concordância entre verbo-sujeito na 3PP são mais bem preservadas no comportamento de falantes com maiores anos de escolarização. Pois, tanto em Anjos (1999) como em Monguilhott (2009), os pesos para falantes com Ensino Superior foram maiores do que 0.50. Importante salientar que no último estudo, o PR de 0.54, para falantes velhos/Ensino Superior, manteve-se próximo ao ponto neutro, indicando assim, os falantes jovens/Ensino Superior com PR igual a 0.74 como os grandes favorecedores da concordância padrão entre verbo-sujeito na 3PP dentro das comunidades estudadas por Monguilhott (2009).

Posto isto, não podemos deixar de mencionar que a variável em questão mantém relações bastante estreitas com outras variáveis, sejam elas de natureza linguística e/ou sociais. Juntas, e nunca isoladamente, tais variáveis exercem força sobre os usos da variante padrão ou não padrão no trato da CV com a 3PP. Isso fica claro, por exemplo, ao observarmos a forma como Monguilhott (2009) aborda a escolaridade em seu estudo. Ou seja, já assumindo a interdependência entre ela e a variável faixa etária, a autora recusa-se a tratá-las separadamente. Isso não significa dizer que os demais pesquisadores não reconheçam essa possível interdependência, mas sim, que apenas permitem que os fatores escolaridade e faixa etária sejam testados, ao menos de início, separadamente.

Assim, as relações entre as variáveis controladas nos estudos comentados brevemente podem ser mais bem observadas através dos chamados cruzamentos estabelecidos entre elas. Observar detidamente cada um deles seria tarefa inviável em um espaço como o deste texto. Por isso, e também para que o leitor mais interessado nas questões que abordamos aqui possa obter mais detalhes, recomendamos a leitura das referidas pesquisas na íntegra.

### **Algumas considerações**

Conforme procuramos mostrar ao longo de nossas discussões, o fenômeno de variação na CV com a 3PP, bastante presente no PB, faz parte do arcabouço do complexo sistema dinâmico de nossa língua. Suas manifestações há tempos vêm sendo observadas por estudiosos ligados a vertentes diferentes no âmbito das ciências da linguagem. Algumas das maiores contribuições para sua compreensão são dadas por estudos sociovariacionistas que comprovam a sistematicidade e validade das variantes que o compõe e asseguram que o uso de uma ou de outra está diretamente relacionado a fatores próprios ao sistema ou externos a ele.

Um dos mais significativos, como vimos, é a escolaridade. Para esse fator, os resultados alcançados nos estudos de Anjos (1999), Sgarbi (2006), Monte (2007) e Monguilhott (2009) apontam uma espécie de tendência, isto é, o uso da variante prestigiada aparece com maior frequência no comportamento linguístico de indivíduos com grau de escolaridade maior do que daqueles que possuem pouca escolaridade.

Tais constatações convergem para o fato evidente de que a privação de uma educação formal afasta o indivíduo das formas linguísticas prestigiadas e, conseqüentemente, rouba deles a possibilidade de exigirem as mesmas oportunidades que aqueles com níveis de escolaridade mais elevados (CYRANKA; PERNAMBUCO, 2008). Em uma sociedade, cuja distribuição de renda é notavelmente desigual, caso do nosso país, essa problemática torna-se ainda mais latente.

Diante disso, ressaltamos que às questões abordadas aqui vêm somar-se outras de extrema complexidade e, embora não nos seja possível, dentro do espaço de um trabalho como este, tratar detidamente boa parte delas, cremos que conseguimos abordar algumas delas, ainda que superficialmente. Assim, não pretendemos mostrar apenas a influência direta da escolaridade sobre o uso variável de um fenômeno que comporta em si questões bastante delicadas a partir de diferentes amostras de fala, mas através dele, reforça a urgência de rever nossos padrões de eleições de formas linguísticas e a necessidade latente de não privarmos nossos cidadãos do acesso à educação formal, sempre procurando levar em consideração fatores sócio-culturais dos estudantes brasileiros.

## Referências

ANJOS, S. E. dos. *Um estudo variacionista da concordância verbo-sujeito na fala dos pessoenses*. 1999, 140f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Universidade Federal da Paraíba. Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PA, 1999. Disponível em [http://issuu.com/valpb/docs/um\\_estudo\\_variacionista\\_da\\_concord](http://issuu.com/valpb/docs/um_estudo_variacionista_da_concord). Acesso em: 16 jan. 2015.

ARAÚJO, S. de F. 5º Encontro Açoriano da Lusofonia. O uso variável da concordância verbal no português do Brasil (PB) e no português de Angola (PA): A história externa em foco. Florianópolis. Atas/ Anais... 2010, p. 367-381. Disponível em <http://www2.uefs.br/nelp/angola/arquivos/339.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. *A concordância verbal no português falado em Feira de Santana-BA: Sociolinguística e socio-história do português brasileiro*. 2014, 342f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura). Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia - BA, 2014. Disponível em: <http://www.ppglinc.lettras.ufba.br/sites/ppglinc.lettras.ufba.br/files/TESE%20VERS%C3%83O%20FINAL%20Silvana%20Silva%20de%20Farias%20Araujo.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2015.

BAGNO, M. *Não é errado falar assim!* Em defesa do português brasileiro. São Paulo-SP, Parábola, Editorial. 2010.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. 15ª reimpr. Rio de Janeiro-RJ, Lucerna, 2001.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós Chegamos na escola, e agora?* Sociolinguística na sala de aula. São Paulo-SP, Parábola Editorial. 2005.

CAMACHO, R. G. Sociolinguística parte II. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à Linguística vol. I: domínios e fronteiras*, São Paulo-SP, Cortez Editora, 9 ed. 2012, p. 51-83.

\_\_\_\_\_. *Da linguística formal à linguística social*. São Paulo-SP, Parábola, 2013.

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; SOUZA, C. M. N. de; MAY, G. H. *Para conhecer Sociolinguística*. São Paulo-SP, Editora Contexto (Coleção para conhecer linguística), 2015.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 6ª ed. Rio de Janeiro-RJ, Editora Nova Fronteira, 2013.

CYRANKA, L. F. M.; PERNAMBUCO, D. L. C. A língua culta na escola: uma interpretação sociolinguística. *Instrumento*, Juiz de Fora-MG, v. 10, 2008, p. 1-9. Disponível em: [http://www.ufjf.br/fale/files/2010/06/A-l%C3%ADngua-culta-na-escola-uma\\_interpre%interpret%C3%A7%C3%A3o-sociolingu%C3%ADstica.pdf](http://www.ufjf.br/fale/files/2010/06/A-l%C3%ADngua-culta-na-escola-uma_interpre%interpret%C3%A7%C3%A3o-sociolingu%C3%ADstica.pdf). Acesso em: 23 Mar. 2015.

FARACO, C. A. Por uma pedagogia da variação linguística. In: CORREA, D. A. (Org.). *A relevância social da linguística: linguagem, teoria e ensino*. São Paulo-SP, Parábola Editorial, 2007, p.21-43.

GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo-SP, Parábola Editorial, 2007.



GUY, G. R. *Linguistic variation in brazilian portuguese: aspects of the phonology, syntax and language history*. 1981, 383f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade da Universidade de Pensilvânia, Pensilvânia, 1981. Disponível em: <http://repository.upenn.edu/dissertations/AAI8117786/>. Acesso em: 04 set. 2015.

HORA, D. da. *Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba*. João Pessoa: DLCV/UEPB, 1993. Disponível em: <http://valpb.com.br/quem-somos/>. Acesso em 24 abr. 2016.

LABOV, W. *The Logic of Nonstandart English*. Columbia University, 1969, p. 60-74. Disponível em: <http://eric.ed.gov/?id=EJ014801>. Acesso em: 13 nov. 2015.

\_\_\_\_\_. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo-SP, Parábola Editorial, [1972] 2008.

LEMLE, M.; NARO, A. J. *Competências Básicas do Português Mobral*. Rio de Janeiro-RJ: Fundação Ford, 1977.

LUCCHESI, D. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, M. (Org.). *Linguística da Norma*. São Paulo. Loyola, 3ª ed. 2012.

\_\_\_\_\_.; BAXTER, A.; SILVA, J. A. A. da. A concordância verbal. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Org.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador-BA, EDUFBA. 2009, p.37-52.

MONGUILHOTT, I. de O. e S. *Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PE e no PB*. 2009, 229f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/92838/268683.pdf?sequence=1>. Acesso em: 14 abr. 2015.

MONTE, A. *Concordância verbal e variação: uma fotografia sociolinguística da cidade de São Carlos*. 2007, 120f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara – SP, 2007. Disponível em: [http://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/178001?locale=es\\_ES](http://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/178001?locale=es_ES). Acesso em: 02 fev. 2015.

NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo-SP, Editora Contexto, 2012, p.15-31.

\_\_\_\_\_. The social and structural dimensions of a syntactic change. *Language: LSA*, v. 57, n. 1, 1981, p.63-98. Disponível em: [http://www.jstor.org/stable/414287?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](http://www.jstor.org/stable/414287?seq=1#page_scan_tab_contents). Acesso em: 20 nov. 2015.

\_\_\_\_\_.; SCHERRE, M. M. P. *Origens do português brasileiro*. São Paulo-SP, Parábola Editorial, 2007.

\_\_\_\_\_.; LEMLE, M. Syntactic diffusion. In: ST EEVER, S. B. et al. (Orgs.). *Papers from the parasession on diachronic syntax*. Chicago, Linguistic Society, 1976, p. 221-241.

PINTZUK, S. *Programas VARBRUL*. Rio de Janeiro-RJ, UFRJ, 1988.

RIBEIRO, P. R. O.; LACERDA, P. F. A. da C. Variação, Mudança e não mudança linguística: ressignificando o conservadorismo linguístico no português do Brasil. *Revista Lingüística*, v. 09, número 2, dezembro de 2013, p.91-105. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:1bWqtllL1kJ:www.revistalinguistica.letras.ufrj.br/index.php/revistalinguistica/article/download/77/205+&cd=2&hl=ptBR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 22 mar. 2016.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONT, S. A; SMITH, E. *Goldvarb X: A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em 17 Jan. 2016.

SCHERRE, M. M. P. Verdadeiro respeito pela fala do outro: realidade possível? *Revista Letra* (Rio de Janeiro), v. 1, 2013, p.51-62. Disponível em [www.ead.unb.br/...php/.../Linguagem%20e%20preconceito%204.pdf](http://www.ead.unb.br/...php/.../Linguagem%20e%20preconceito%204.pdf)? Acesso em: 27 Out. 2015.

\_\_\_\_\_.; NARO, A. J. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo-SP, Editora Contexto, 2012, p. 147-177.

SGARBI, N. M. F. de Q. *A variação na concordância verbal entre os falantes do Mato Grosso do Sul*. 2006, 196f. Tese (Doutorado em Letras, Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara-SP, 2006. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/handle/11449/103490>. Acesso em: 04 Abr. 2015.

SILVA, G. M.; PAIVA, M. C. A. de. Visão de conjunto das variáveis sociais. In: SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. P. (Orgs.). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro –RJ, UFRJ, 1996, p. 335-378.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo-SP, Ática, 1985.

VIEIRA, S. R. Concordância Verbal. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S.F. (Orgs.). *Ensino de Gramática: descrição e uso*. São Paulo-SP, Editora Contexto, 2007, p.85-140.

VOTRE, S. J. Escolaridade. In: MOLLICA, M. C. (Org.). *Introdução à sociolinguística variacionista*. Cadernos didáticos. 2. ed. Rio de Janeiro-RJ: UFRJ, 1992, p. 51-58.

\_\_\_\_\_. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo-SP. Editora Contexto, 2012, p.51-57.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de M. Bagno. São Paulo: Parábola, [1968], 2006.

## O GÊNERO DISCURSIVO DENTRO DA ESCOLA: DIALOGIA, AVALIAÇÃO E SUBJETIVIDADE

Guilherme Brambila<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo desenvolver uma discussão em torno da situação atual do processo de produção de textos dentro de gêneros discursivos argumentativos no ensino regular, a fim de traçar parâmetros que possam esclarecer alguns requerimentos explicitados nos PCNEM (Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio). Foi realizada uma roda de conversa com estudantes do Ensino Médio para que também dessem seu parecer sobre o assunto. A metodologia qualitativa inferencial é utilizada no intuito de refletir e refratar a realidade para que mais discussões se iniciem provenientes desta pesquisa. Baseado na perspectiva de Mikhail Bakhtin e seu Círculo, este trabalho guia-se sob a luz dos conceitos da alteridade, dialogia e dos gêneros do discurso para compreender as tensões discursivas que percorrem o grupo observado para contribuir nos melhoramentos do ensino na realidade escolar.

**Palavras-chave:** Bakhtin. Gêneros do discurso. Dialogia. Enem. Alteridade.

**Abstract:** This paper intends to develop a discussion about the current situation of the production process of texts in the argumentative discourse genres in the regular school in order to draw parameters that can clarify some requirements from High School National Curriculum Parameters (as known as PCNEM). A conversation circle was made with students from High School to have their opinions about the theme. The inferential qualitative methodology is used in order to reflect and refract the reality to have more discussions started from this research. Based on Mikhail Bakhtin and his Circle's perspective, the light of the concepts of otherness, dialogy, and discourse genres guides this paper in order to understand the discursive tensions that go through this observed group to contribute to the school reality improvement.

**Key words:** Bakhtin. Discourse genres. Dialogy. Enem. Otherness.

---

<sup>1</sup> É mestrando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Espírito Santo e licenciado em Letras - Língua Portuguesa pela mesma instituição. Realiza pesquisas na área de Linguística Aplicada e faz parte do Grupo de Estudos Bakhtinianos (GEBAKH – UFES). Tem interesse de pesquisa nas áreas de Linguística Aplicada, Análise do Discurso, Políticas Linguísticas e Estudos Bakhtinianos. Para contato: [guilhermebrambilamanso@hotmail.com](mailto:guilhermebrambilamanso@hotmail.com).

Este artigo foi elaborado a partir do meu Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Universidade Federal do Espírito Santo em 2015 e nunca antes publicado. Aproveito para tecer um agradecimento especial ao professor Dr. Luciano Novaes Vidon por sua orientação e contribuição para que este trabalho alcançasse novos horizontes.

## Introdução

A discussão em torno dos processos de ensino-aprendizagem na disciplina de produção de textos tem se tornado um palco cada vez maior e mais diverso entre estudiosos e a comunidade em geral desde a implementação da obrigatoriedade do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) a todos os estudantes de Ensino Médio no Brasil. Muitas questões são levantadas diariamente, não só relacionadas ao ponto de vista linguístico destes textos, mas também às questões política e discursiva que circundam as produções e ao processo seletivo para o ingresso nas universidades e institutos de maneira geral. Inegavelmente, do ensino à qualificação dos textos produzidos para o exame, há muitas controvérsias e pontos de vistas interessantes.

Por que tem sido tão problemático e truncado o ensino de gêneros discursivos? Mesmo com o uso cada vez maior destes na esfera escolar – por conta de sua inserção nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) desde 1998 – a dificuldade na aprendizagem dos gêneros discursivos argumentativos por parte do estudante ainda persiste, fazendo com que o trabalho do docente também caminhe de maneira dificultosa no ensino destes.

Em vista à grande demanda por aulas de redação e à crescente dificuldade por parte dos estudantes na produção de enunciados por meio dos gêneros discursivos institucionalizados pelos PCNs e PCNEM (Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, 2000), há o interesse em observar o contexto escolar no processo de produção de gêneros discursivos argumentativos, que têm recebido grande demanda por conta dos vestibulares e, principalmente, do ENEM. O intuito é observar, de maneira prática, a visão dos estudantes, que são os que têm grande envolvimento com o gênero e necessitam alcançar um diálogo idealizado com este para garantir uma boa nota e as consequências que esta acarreta nas suas vidas social e acadêmica.

Tem-se a perspectiva de que, por conta das exigências oriundas do vestibular, ENEM e do próprio currículo escolar interno, os gêneros discursivos sofrem adaptações em prol de seu ensino, que colocam os aspectos referentes ao discursivo em segundo plano e dá-se mais espaço ao ensino de estruturas formais, o que revela uma contradição entre o que os PCNEM e os conceitos bakhtinianos de gêneros do discurso – presentes nestes Parâmetros – idealizam.

Partiremos do que foi apresentado realizando, então, o esclarecimento de alguns conceitos originados do que foi postulado por Mikhail Bakhtin e seu Círculo para, em seguida, observar atentamente a perspectiva dada por estudantes de uma escola pública

capixaba em situação de finalização do Ensino Médio em relação ao ensino e produção do gênero discursivo argumentativo.

### **Alteridade e dialogia sob a perspectiva bakhtiniana**

Para uma compreensão mais clara destes conceitos desenvolvidos por Mikhail Bakhtin e seu Círculo e sua importância na discussão do referido trabalho, é importante que entendamos seus posicionamentos em torno da linguagem e seu funcionamento.

Bakhtin & Voloshínov (2006, p. 93) concebem a língua como um elemento que serve ao seu enunciador, isto é, o sujeito que assume o papel de locutor e emite seus discursos por meio de enunciados em diversos formatos.

Trata-se, para ele, de utilizar as formas normativas (admitamos, por enquanto, a legitimidade destas) num dado contexto concreto. Para ele, o centro de gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto.

Daí, então, compreendemos que a linguagem não funciona em um processo que enclausura o sujeito, mas que, ao contrário, fornece a este a possibilidade de agir responsivamente como um ator social que se une a outros em interações constantes que obedecem às suas próprias demandas concretas de enunciação.

Partindo do pressuposto bakhtiniano de que a linguagem existe em função da interação intersubjetiva, podemos facilmente compreender que a constituição discursiva de um sujeito se dá por meio do outro que o enriquece discursivamente e vice-versa. Em outras palavras, seria impossível conceber um sujeito, bakhtinianamente falando, constituído apenas de um discurso que fosse próprio, autônomo e isolado. Há sempre um pouco do discurso do Outro no Eu e do Eu no Outro.

A partir desta primeira reflexão podemos, assim, pensar no que concerne ao diálogo para Bakhtin e seu Círculo. O filósofo enxerga o fenômeno do diálogo como algo intrinsecamente ligado à vida humana e à linguagem. “A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo” (BAKHTIN, 1961, p. 293).

Contudo, é necessário destacar que a perspectiva sobre o diálogo defendida por Bakhtin difere-se da noção de diálogo que se tem pelo senso comum. Faraco (2009, p. 68, com grifos do autor) elucida este conceito na perspectiva bakhtiniana ao afirmar que

[...] é necessário lembrar ainda que a palavra *diálogo*, no uso corrente, tem também uma significação social marcadamente positiva, que remete a ‘solução de conflitos, a

‘entendimento’, a ‘geração de consenso’. Ora, essa significação também não ocorre como tal no pensamento do Círculo de Bakhtin. Seus membros não são, portanto, teóricos do consenso ou apologistas do entendimento. Ao contrário, tentam dar conta da dinâmica das relações dialógicas num contexto social dado e observam que essas relações não apontam apenas na direção de consonâncias, mas também das multissonâncias e dissonâncias. Delas pode resultar tanto a convergência, o acordo, a adesão, o mútuo complemento, a fusão, quanto a divergência, o desacordo, o embate, o questionamento, a recusa.

Esta observação é de grande valia para este estudo por nos revelar que a interação humana, que se dá no dialogismo bakhtiniano, está ligada a este embate de tensões discursivas que divergem e/ou complementam-se. É no contraste do discurso de um sujeito com o outro que se é possível notar que uma centralização monológica do discurso torna-se impossível e inviável. Está em nossa natureza linguística a necessidade de ir ao encontro de outro(s) para a realização do diálogo em suas variadas formas.

Não somente percebemos e realizamos o dialogismo nas relações intersubjetivas, mas também nos processos de (re) significação que fazemos constantemente nas esferas discursivas em que participamos. Esta afirmação pode ser facilmente compreendida quando observamos que normalmente fazemos usos de formas diferenciadas para um mesmo enunciado dependendo do lugar em que nos encontramos. Há grandes chances de nos expressarmos muito mais formalmente, especialmente quando o fazemos na forma escrita, em situações de trabalho ou acadêmicas – como neste próprio artigo científico –, enquanto, possivelmente, não teremos este mesmo tato nas esferas não formais em que também circulamos – como nas redes sociais, por exemplo.

Isso nos revela que, assim como não há como conceber a existência do Eu que constrói seu discurso de maneira monológica, não há também a possibilidade de pensar na comunicação humana ocorrendo sem que haja a esfera de comunicação como parte deste processo de diálogo.

É na sugestão do dialogismo como a interação contínua de sujeitos atuantes em uma esfera comunicativa que visualizamos a alteridade como uma possível extensão deste raciocínio. É interessante notar que o uso de códigos comuns – como é o caso de usarmos a língua portuguesa como a oficial do Brasil – não garante em nada que nos tornaremos iguais ou que expressaremos um discurso igual em algum aspecto. Em contrapartida, o fato de estarmos ligados por uma mesma língua ou situação social só nos servem como circunstâncias para que haja mais discursos diversos em tensão constituindo assim a alteridade discursiva, defendida pelo Círculo de Bakhtin. “Através da palavra, defino-me em relação ao outro, em última análise, em relação à coletividade. (...) A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor” (BAKHTIN, 1929, p. 113).

Alteridade e dialogismo estão unidos pelo ponto comum de sua constituição, no qual a alteridade nasce do diálogo e da percepção da inexistência de um monólogo ou de uma autoria incontestável. Ao reproduzirmos um discurso não somos o princípio total deste, mas provavelmente um canal participante que mantém este discurso fluido e em circulação pelas esferas que o expressamos com a nossa subjetividade. Assim, outros sujeitos que entram em contato com este discurso dão continuidade ao percurso, emitindo-o sempre que julgarem necessário e da forma que lhes convir.

Nossa fala, isto é, nossos enunciados [...] estão repletos de palavras dos outros. (Elas) introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos. [...] Em todo o enunciado, contanto que o examinemos com apuro, [...] descobriremos as palavras do outro ocultas ou semi-ocultas, e com graus diferentes de alteridade (BAKHTIN, 1979, p. 314, 318).

É importante ressaltar que este processo de expressão dos discursos de outros em nossos enunciados não ocorre de maneira alienada ou sem critério. Mesmo que haja a concepção de um sujeito que não atua sozinho, não podemos deixar de constatar que a subjetividade de cada indivíduo é de grande importância no processo de enunciação já que é, por meio dela, que imprimimos e expressamos nossas intenções discursivas únicas, mesmo que refletindo enunciados dos outros.

A partir das considerações trazidas até aqui, podemos já prever que os conceitos bakhtinianos de alteridade e dialogia serão de grande importância para o entendimento do processo de enunciação ocorrido na esfera escolar e seu diálogo com circunstâncias externas a ela realizado pela percepção interativa dos sujeitos estudantes.

### **Os gêneros do discurso: de Bakhtin para a sala de aula**

Após este esclarecimento em torno da alteridade e do dialogismo, que influem e influenciam o discurso, faz-se necessário que nos indaguemos: mas, afinal, em que consiste o discurso?

Para iniciar esta discussão, é necessário que entendamos que a “conceituação” do termo discurso sob a perspectiva bakhtiniana tem sido alvo de discussões realizadas por diversos pesquisadores e que atravessam o tempo. Isto se deve ao fato de que o termo tem mantido uma natureza fluida desde o início do seu uso por parte do Círculo. Contudo, esta flutuação do termo não impede que pensemos neste como um componente importante da constituição da comunicação humana. Há, ainda, o consenso de que discurso difere-se de

língua como sistema de formas, isto é, o discurso não é sistemático e participa de organizações subjetivas próprias de cada indivíduo no processo de enunciação. Para Bakhtin (1997, p. 181), “(...) temos em vista o discurso, ou seja, a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto da lingüística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso”.

Possivelmente, o consenso mais evidente que se pode ter a respeito do que consiste o discurso em conjunto ao que postula o Círculo de Bakhtin é a obtenção da língua de maneira viva e subjetiva na interação humana que é contínua e não é passível de catalogação ou divisão sistêmica que a contemple integralmente.

A complexidade do termo *discurso* nos leva, por consequência, a outros relacionados a este, como é o caso dos gêneros do discurso. Este conceito é um dos mais difundidos e conhecidos a respeito da produção do Círculo.

Podemos compreender os gêneros discursivos como formas relativamente estáveis que abarcam enunciados específicos que atendem às necessidades da comunicação verbal entre os sujeitos sócio e historicamente inseridos em esferas discursivas variadas. É importante salientar que o contexto sócio-histórico de interação, os sujeitos envolvidos no ato comunicativo – enunciador e destinatário (s) –, finalidades discursivas e até o suporte no qual este gênero será expresso – jornais, livro didático, meios de comunicação virtuais etc. – exercem importante participação nas escolhas discursivas realizadas por este sujeito que produz enunciados nos moldes de um gênero discursivo determinado.

Em outras palavras, podemos notar que, a partir da interação dentro de esferas comunicacionais variadas, os sujeitos garantem que seus discursos e ideologias sejam enriquecidos, a todo o instante, pelos discursos dos outros. A partir dessas constituições ideológicas, os indivíduos realizam suas manifestações discursivas de maneira constante e multimodal por meio da enunciação. Da enunciação saem enunciados que são expressos em estruturas relativamente flexíveis que se ressignificam sempre que for necessário à comunicação humana. Estas estruturas são reconhecidas pela perspectiva bakhtiniana como os gêneros do discurso.

Claramente, esta tentativa de explicação do processo de constituição dos gêneros discursivos é uma abstração de um processo muito mais espontâneo. Boa parte deste processo acontece de maneira sutil e internalizada, seja na interação social dos indivíduos ou em suas particularidades acontecendo de maneira responsiva e dialógica. Apesar das configurações básicas de cada gênero do discurso – como o caráter opinativo do artigo de opinião, por



exemplo – é perceptível que cada esfera discursiva e cada sujeito possuem necessidades discursivas distintas e únicas na produção destes enunciados dentro do gênero.

Ainda sobre os gêneros, Cavalcante Filho e Torga (2011, p. 4) destacam que

Ainda pensando no aspecto “relativamente acabado” dos gêneros, poder-se-ia resumir a discussão em torno de tal temática da seguinte maneira: os gêneros, segundo essa visão bakhtiniana, são resultados da fusão de três dimensões constitutivas, como bem sinaliza Bakhtin: i) o conteúdo temático ou aspecto temático - objetos, sentidos, conteúdos, gerados numa esfera discursiva com suas realidades socioculturais -, o qual tem a função de definir o assunto a ser intercambiado; ii) o estilo verbal ou aspecto expressivo – seleção lexical, frasal, gramatical, formas de dizer que têm sua compreensão determinada pelo gênero -; iii) a construção composicional ou aspecto formal do texto – procedimentos, relações, organização, disposição e acabamento da totalidade discursiva, participações que se referem à estruturação e acabamento do texto, que sinaliza, na cena enunciativa, as regras do jogo de sentido disponibilizadas pelos interlocutores.

O conceito bakhtiniano de gêneros discursivos tem ganhado cada vez mais espaço no cenário educacional brasileiro. Apesar do assunto já ser alvo de estudo de pesquisas científicas na área da Linguística, podemos destacar a inserção dos gêneros do discurso na última atualização dos Parâmetros Curriculares Nacionais (doravante PCNs) desde 1998 e dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM) em 2000 como o início de sua visibilidade ampla, para além da comunidade acadêmica.

O processo de atualização dos PCNs e PCNEM de Língua Portuguesa deu-se no intuito de se afastar da noção de texto como um sistema tipológico para ir em direção a uma perspectiva mais dialógica em torno do processo histórico social do qual os sujeitos estão imersos em suas situações reais de enunciações, tendo em vista garantir aos estudantes um ensino que atendesse mais às suas demandas comunicativas.

De acordo com os PCNEM (2000, p. 17):

Comunicação aqui entendida como um processo de construção de significados em que o sujeito interage socialmente, usando a língua como instrumento que o define como pessoa entre as pessoas. A língua compreendida como linguagem que constrói e ‘desconstrói’ significados sociais.

Percebe-se, por meio do documento, a tentativa de distinguir-se do modelo educacional de se trabalhar a produção textual no Brasil predominante na década de 1970 e 1980, que tinha como pilar fundamental a sistematização da língua sobre a qual o ensino do fazer textual se dava sob a forma unicamente estrutural. Já nesta nova versão dos PCNEM há uma predominância em relacionar a produção textual com a interação, o exercício da subjetividade, da desconstrução que tem, como horizonte principal, a comunicação.

Ainda sobre a compreensão de gêneros discursivos de acordo com os PCNEM (2000, p. 21):

Os gêneros discursivos cada vez mais flexíveis no mundo moderno nos dizem sobre a natureza social da língua. Por exemplo, o texto literário se desdobra em inúmeras formas; o texto jornalístico e a propaganda manifestam variedades, inclusive visuais; os textos orais coloquiais e formais se aproximam da escrita; as variantes linguísticas são marcadas pelo gênero, pela profissão, camada social, idade, região.

Apesar da aparente boa intenção dos Parâmetros, não é possível notar de maneira clara o intuito, por parte do documento, em desfazer a perspectiva conteudista em torno da produção de texto. Ao contrário, nota-se que este novo horizonte em torno da prática textual, defendido pelos PCNEM, possivelmente visa uma forma aparentemente subjetiva e crítica de realizar os mesmos objetivos instaurados antes desta atualização e obter pontuações com isso.

Nas próximas páginas, algumas refrações da real produção de textos serão colocadas em destaque para que se entenda até que ponto as novas noções dos parâmetros tem se refletido nas reais necessidades dos sujeitos envolvidos com a esfera escolar. Levando em consideração aquilo que foi postulado pelos PCNEM em leitura ao conceito bakhtiniano, espera-se que a prática do gênero discursivo, seja pela via do ensino ou pela prática, vá de encontro favorável à realidade destes estudantes como atores históricos e sociais de sua construção constante da subjetividade.

### **Entre produções e avaliações**

Como já comentado nas linhas anteriores, um grupo de quatro estudantes participaram de uma roda de conversa no dia 15 de setembro de 2015, em um contexto propositalmente informal, a fim de discutir seus posicionamentos como sujeitos que participam ativamente deste processo de didatização dos gêneros discursivos na perspectiva de aplicá-lo nos exames e vestibulares.

Como a conversa se deu de maneira livre e informal, tentarei, neste espaço, transcrever alguns dos trechos mais importantes para que reflitamos em torno do perfil subjetivo destes estudantes em relação às aulas de redação e seu contexto preparatório para o ENEM. Com isso, os estudantes serão aqui nomeados como E1, E2, E3 e E4.

A roda de conversa foi regida por cinco perguntas principais que foram seguidas de outras complementares conforme se dava a discussão. São elas:

- 1) Qual a sua opinião sobre a disciplina de produção de textos?

- 2) Como você descreveria o andamento das suas aulas de produção de textos? O que acontece nelas?
- 3) Se você pudesse avaliar a importância que as aulas de produção de texto têm para sua vida – seja ela fora da escola ou na futura vida universitária – qual seria? Por quê?
- 4) Qual a sua opinião sobre os atuais meios de se ingressar na universidade (ENEM e vestibulares em geral)?
- 5) Você sente que está sendo preparado para enfrentar situações de produção de texto que vão além do ENEM através das aulas de produção de texto que vem tendo?

Os estudantes tiveram contato com as questões e, a partir daí, deu-se início à partilha de opiniões. A respeito destes tópicos, E4 afirma que:

Vou dizer minha opinião no geral. Na nossa escola (...) começamos a ter aula de produção de texto somente no começo do ano. E inclusive se tratava de uma professora substituta. Ela só nos induziu a fazer redações de treinamento para o ENEM e dava dicas e regras de como fazer os textos. Desde então, um grupo se sentiu mais entusiasmado com a ideia de fazer redações todas as semanas. Com a saída da professora substituta não tivemos mais aulas em relação a textos, somente matérias comuns e que possivelmente cairiam no ENEM. Eu acredito que produção de texto é muito importante para nós agora, não só em relação ao ENEM, mas em questão de escolaridade mesmo. *Mostra o formalismo e ajuda a complementar o vocabulário ou melhorar a fala e a escrita.* Em relação à nota, eu daria sete (grifo nosso).

Gostaria de salientar o trecho destacado, em relação à preocupação com o formalismo que, de acordo com E4, deve ser aprendido nas aulas de redação. Este dado nos interessa porque nos revela que há sim um valor formalista válido a ser aprendido nas aulas de redação. O fato de este trabalho levantar questionamentos relacionados ao ensino exacerbado de gêneros como conteúdo programático não retira, em aspecto nenhum, a necessidade do aprendizado de estruturas formais na esfera escolar.

O próprio Bakhtin (2013) nos revela sua sensibilidade e preocupação com as formas gramaticais como participantes de escolhas subjetivas e dialógicas daquele que as faz em sua produção de enunciados:

Toda forma gramatical é ao mesmo tempo um meio de representação. Por isso, todas essas formas podem e devem ser analisadas do ponto de vista de suas possibilidades de representação e de expressão, isto é, esclarecidas e avaliadas de uma perspectiva estilística. No estudo de alguns aspectos da sintaxe, aliás, muito importantes, essa abordagem estilística é extremamente necessária. Isso ocorre, sobretudo, no estudo das formas sintáticas paralelas e comutativas, isto é, quando o falante ou o escritor tem a possibilidade de escolher entre duas ou mais formas sintáticas igualmente corretas do ponto de vista gramatical. Nesses casos, a escolha é determinada não pela gramática, mas por considerações puramente estilísticas, isto é, pela eficácia representacional e expressiva dessas formas (BAKHTIN, 2013, p. 25).

O aprendizado de formas sintáticas formais é um componente de grande importância para o ambiente escolar e o reforço do seu uso na produção de textos deve ser vista com peso igual. A problemática se encontra quando a preocupação com o formato toma o espaço todo e não deixa que o estímulo à enunciação tenha vez. Promover o ensino de gêneros discursivos ricos em detalhes estruturais, mas com um estímulo à enunciação pobre é treinar estudantes a repetir formatos textuais que não signifiquem às suas subjetividades e que não transmitem seu discurso. O exercício da criticidade no processo de aprendizagem de gêneros não precisa ser colocado em um patamar mais ou menos alto que o do ensino das estruturas formais. Entretanto, estes apenas precisam ser desenvolvidos de maneira concomitante e contínua, como é na vida para além dos portões da escola.

Retomando os relatos, E1 faz alguns apontamentos sobre sua perspectiva em torno da disciplina de produção de textos e sua aplicação na escola em que estuda:

A disciplina de produção de texto é de grande importância acadêmica no ensino médio, pois uma pessoa tem que no mínimo saber discorrer sobre um determinado assunto. As poucas aulas de produção de texto são dadas de forma muito precária, pois os professores têm muitos alunos, ou seja, muitos textos para corrigir *e no final eles apenas riscam os erros*. Não é feito um acompanhamento, é tudo muito superficial. (...) Bom, eu sinto que estou preparado para as avaliações, no caso da redação, mas se for contar pela escola, não! Pois foi como eu expliquei, na escola é tudo superficial. Eu me sinto preparado porque, ao longo da minha carreira estudantil eu sempre fiz questão de treinar os estudos no âmbito cobrado (...). É uma coisa que deve ser começado desde cedo, não nos últimos anos do ensino médio (grifo nosso).

As considerações de E1 encontram-se com assuntos que interessam aos estudos da Linguística Aplicada que se relacionam às políticas públicas existentes na esfera escolar. Infelizmente, a realidade das escolas públicas – especialmente as de Ensino Médio – é a de salas de aula lotadas de estudantes. Com isto, os professores tendem a desenvolver aulas que atendam ao grande grupo e não às subjetividades de cada um. Por consequência, o aspecto gramatical é o único que une estes estudantes e permite ao professor, quando lhe é possível, conferir suas produções e fazer esta correção de textos em massa.

Outro fator que se apresenta como contrário ao exercício da produção de textos como um movimento dialógico está no próprio objetivo final e real dessas aulas: a atribuição de uma nota que tem sido vista, acadêmica e socialmente, como um elemento de mudança radical de vida.

A qualificação numérica de um texto e que se baseia, inclusive, em quesitos relacionados à subjetividade e certa originalidade de conteúdo nos remete ao conceito de subjetivismo idealista, criticado por Bakhtin e seu Círculo.

De acordo com Silva e Leite (2013),

O subjetivismo idealista entende a língua como um fenômeno que tem sua origem no interior do indivíduo, logo a enunciação, de acordo com essa visão, partiria do interior para o exterior do sujeito. Ainda nessa linha de pensamento, a língua é estabelecida como uma criação ininterrupta cuja evolução se dá de modo autônomo e ilimitado.

O Círculo bakhtiniano posiciona-se favorável ao processo de enunciação como um ato interacional e dialógico, do qual o sujeito constitui-se de suas interações e das formações discursivas que vai adquirindo por meio do contato com o social, o histórico e o político. Em outras palavras, é possível que se encontre uma contradição na constituição dos parâmetros que dão os horizontes do ensino público atual e que afirmam claramente ter seu embasamento em premissas bakhtinianas.

Retornando aos diálogos, quando perguntada sobre a disciplina de produção de textos que tem feito, E2 é bem contundente em dizer:

Bom, para início de conversa, que disciplina? Nunca tive nenhuma aula dessa disciplina na rede pública, pelo contrário, sempre quis escrever e os professores enrolam e acabam desanimando os próprios alunos, e quando se pede uma redação me sinto muitas vezes insegura quanto à correção deles, pois os professores não dão conta de não sei quantas turmas. Acho que a produção de texto tem tudo a ver com a forma que você lê, escreve, ouve, conversa. Ela tem uma nota 10 de importância, tudo que sei sobre escrever, foi através da minha busca, muitas vezes extras dos professores de outras matérias, como o professor de história que nos cobra uma redação a cada trimestre e acaba me ensinando muitas coisas. Bom, creio que o ENEM por sua forma de avaliar os pontos de cada aluno pelo nível de dificuldade não é o mais correto e creio que a redação é importante, mas não deve ser o principal foco. Não me sinto preparada, a maioria das coisas que aprendi sobre textos e muitas matérias escolares e assuntos gerais e conhecimento público foram através de livros e internet. Na rede pública se deveria ter pelo menos uma aula de produção de textos.

Este desabafo de E2 encontra-se com um ponto já mencionado neste trabalho: o enclausuramento das aulas de redação à condição de disciplina propriamente dita. Pelo relato de E2, notamos que a produção de enunciados dá-se de variadas formas e com variadas finalidades, o que nos revela que o fardo carregado pelo professor de Língua Portuguesa em relação à disciplina é, também, injusto. Apesar da especificidade gramatical da área de línguas, cabe aos professores – independente de quaisquer que sejam as disciplinas – transformar a produção de textos em um feito interdisciplinar e menos intransigente para que, cada vez mais, esta distancie-se da condição de disciplina para tornar-se um ato discursivo de sujeitos sócio e historicamente dialógicos.

Por fim, E3 comenta sobre a importância do desenvolvimento de uma boa escrita e oratória por meio de “aulas invisíveis de produção textual”. Vejamos: “[...] acho que e a base

da minha oratória, dissertação e até mesmo simples conversas vem de uma boa escrita que faço num papel e que eu deveria aprender nessas aulas invisíveis de produção textual”.

Quando questionada sobre essas aulas invisíveis, E3 diz referir-se a momentos não tão óbvios de produção textual, isto é, menos metódicos e mais dialógicos dos quais os processos de enunciação e produção se dão de maneira viva e contínua, como seria na vida real.

### **Reflexões e considerações finais**

A percepção geral que podemos ter destas falas é que a aula de redação tem sido relacionada, de acordo com este grupo de estudantes, a algo que não tem conexão alguma com a realidade. Percebe-se que seus posicionamentos são claros em demonstrar sua não identificação com a disciplina, apesar de reconhecerem que esta tem grande importância em suas vidas.

Contudo, se retornarmos aos pressupostos dos PCNEM, não é este o tipo de fazer escolar que está desenhado em suas páginas. Apesar de estarmos lidando com parâmetros que são prismas sobre os quais os profissionais da educação tentam se debruçar na busca por melhorias de seu fazer pedagógico, é importante que sejamos críticos em pontuar que as considerações do documento nos embalam em um pensamento ingênuo quanto à verdadeira realidade escolar.

A partir do que foi apresentado até agora, este trabalho tem se esforçado para, no decorrer destas páginas, servir de instrumento de exortação para que enxerguemos de verdade que lugares os estudantes, professores e, até mesmo, os próprios gêneros discursivos têm ocupado na esfera escolar.

### **Referências**

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, SP: HUCITEC, 2002.
- \_\_\_\_\_. (1979) *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997b.
- \_\_\_\_\_. *Questões de estilística no ensino da língua* (trad. Sheila Grillo; Ekaterina Vólkova Américo). São Paulo: Editora 34, 2013.
- BRAIT, B. *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio. Brasília, 2000. (Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14\\_24.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf)). Último acesso em 11/10/15.

BRAMBILA, G. *Transcrição da roda de conversa com estudantes do Ensino Médio*. Vitória, 2015. (Disponível em [https://docs.google.com/document/d/1RuHT84htGYT0M6sxP03cnTX2V48wmhET4wjVKB\\_S8ViI/pub](https://docs.google.com/document/d/1RuHT84htGYT0M6sxP03cnTX2V48wmhET4wjVKB_S8ViI/pub)). Último acesso em 11/10/15.

CAVALCANTE FILHO, U. & TORGA, V. L. M. *Língua, Discurso, Texto, Dialogismo e Sujeito: compreendendo os gêneros discursivos na concepção dialógica, sócio-histórica e ideológica da língua(gem)*. I Congresso Nacional de Estudos Linguísticos. Vitória, 2011.

FARACO, C. A. *Linguagens e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

MOITA LOPES. Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, C. L.; ROCA, P. *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

SIGNORINI, I (org.). *Significados da inovação no ensino de língua portuguesa e na formação de professores*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

SILVA, D., LEITE, F. O subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato no Círculo de Bakhtin. *Miguilim* – Revista Eletrônica do Netlli, Crato, v. 2, n. 2, p. 38- 45, ago. 2013.

## IDEOLOGIA E IMAGINÁRIO EM FUNCIONAMENTO EM DISCURSO VEICULADO POR REVISTA MASCULINA

Adilson Carlos Batista<sup>1</sup>

Maria Cleci Venturini<sup>2</sup>

**Resumo:** O novo olhar sobre o sujeito-feminino indica conquista de espaço e ocupação de lugares antes reservados aos homens. Diante disso, interessa saber como vem sendo representado o sujeito-masculino na mídia impressa – revista *Men's Health*, da Editora Abril – perguntando pelo imaginário de sujeito-masculino e a que formação discursiva eles se filiam. Construimos um arquivo de capas dessas revistas durante um ano e meio (2012 a 2014), do que resultou um *corpus* constituído por dezoito capas e as Cartas do editor. Os fundamentos teóricos que sustentam as análises é o da Análise do Discurso, de linha francesa, fundada por Michel Pêcheux e desenvolvida no Brasil a partir de Orlandi e de pesquisadores que com ela trabalham na disciplina que considera o social e o histórico e enfatiza o sujeito e a ideologia para o discurso como prática.

**Palavras-chave:** Ideologia. Sujeito. Identidade.

**Abstract:** The new insight about the female-subject indicates the conquest of space and its occupation that was previously reserved for men. Considering this, the question arises how it has been represented the male-subject in print media - *Men's Health* published by Editora Abril - asking about the male-subject imaginary and what discursive formation they are affiliated. We organized covers file of these magazines for a year and a half (2012 till mid of 2013), that result in a corpus consisting of eighteen covers and letters editor. The theoretical foundation that supports the analysis is the Discourse Analysis of French Line, founded by Pêcheux and developed in Brazil by Orlandi and researchers who worked with her in the discipline that considers the social and historical and at the same time emphasizes the subject and ideology to discourse as practice.

**Key words:** Ideology. Subject. Identity.

---

<sup>1</sup> Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual do Centro-oeste – UNICENTRO/PR. Professor da Educação Básica, Técnico-pedagógico em Língua Portuguesa da Secretaria Estadual da Educação do Paraná. Contato: e-mail - adilsoncurt@hotmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), professora concursada e coordenadora do mestrado em letras - (UNICENTRO) Universidade Estadual do Centro-Oeste – PR. Contato: e-mail- mariacleciventurini@gmail.com



## Introdução

Há muito tempo se fala nas conquistas femininas e no destaque das mulheres em diversos espaços e profissões, o que permite realizar o seguinte questionamento: como vem sendo representado o sujeito-masculino, considerando as transformações e o novo olhar para o sujeito-mulher? O que retorna como memória em torno da representação masculina é quase consenso: ele é sempre forte, ativo, viril, invulnerável, provedor, não chora e não se preocupa com as aparências, pois tais sentimentos revelariam suas fraquezas perante a sociedade. Temos, assim, nessa perspectiva, um discurso construído a partir de um modelo de dominação heterossexual e que a mídia, como organizadora e produtora de memórias e, pautada em interesses socioeconômicos, tem contribuído para disseminação desses pré-construídos.

Os movimentos feministas e os movimentos gays das décadas de 70 e 80 apontam para a resistência a esse modelo, instaurando a redefinição do gênero masculino a partir da mídia e das transformações em torno da relação entre os sujeitos homem/mulher, configurando novo discurso e, também, a contradição e o antagonismo, tendo em vista a permanência de ideologias que sustentam valores cristalizados, apesar da resistência.

Em vista disso, o eixo condutor deste trabalho é a ideologia em funcionamento nos discursos veiculados na/pela mídia impressa e o objetivo é verificar que imaginário de sujeito-masculino se constitui e em que formações discursivas esses sujeitos se filiam a partir dos discursos que circulam na revista *Men's Health*, da editora Abril, recortando a Carta do editor e a capa.

O aporte teórico é a Análise de Discurso de linha francesa, mais especificamente, aquela fundada por Michel Pêcheux e que permite interpretar a relação entre homem-história-sociedade por meio do discurso – frisando que “1) só há prática através de e sob a ideologia; 2) só há ideologia pelo sujeito e para sujeitos” (PÊCHEUX, 2009, p. 135). Diante disso, sublinha-se que o enfoque está nos sujeitos e não em indivíduos, tendo em vista que este assume uma posição-sujeito no discurso, sendo interpelado em sujeito, como diz Pêcheux, do seu discurso pela ideologia. Por essa interpelação, ele é capturado por um mecanismo de naturalização, construindo certos efeitos de sentidos e não outros, pelo trabalho da ideologia na língua, o seu lugar material.

A AD nasce na década de 1960, na França, mas é ressignificada no Brasil por teóricos como Eni Orlandi, Freda Indursky entre outros, que praticam a teoria da interpretação, promovendo deslocamentos importantes na teoria que teve início com Pêcheux, caracterizando-a como sempre em transformação. Como destaca Indursky (2008, p. 09):

[...] esta teoria não é um corpo doutrinário cristalizado e estanque. Ao contrário. Trata-se de um quadro teórico que gera reflexão, que se interroga constantemente e para o qual a análise não implica a aplicação mecânica de conceitos, noções e modelos já formulados anteriormente. Esta é uma das características mais marcantes deste quadro teórico: questionar as diferentes teorias e questionar-se a si própria, sem acomodação.

Inicialmente, a AD priorizava o discurso político, mas conforme refere Indursky (2008) a disciplina foi se transformando, inclusive em relação ao sujeito, sem o qual não há discurso. Essas transformações permitem analisarmos os discursos que circulam na revista destinada ao público masculino, buscando a inscrição dos sujeitos em diferentes formações discursivas (doravante FDs) que determinam, de acordo com Pêcheux (2009), o que pode ou deve ser dito por esses sujeitos, e desencadeia questões em relação ao sujeito masculino, dentre elas: Que lugar esse sujeito ocupa na formação social e como esse lugar se legitima na/pela mídia impressa, na conjuntura histórica atual.

O artigo e as análises empreendidas sustentam-se na consolidação dos discursos constituídos socialmente em torno da reprodução e das transformações sócio-históricas ocorridas na construção da identidade de gêneros. Vale destacar pesquisas sobre essa temática, principalmente, no que concerne às transformações ocorridas em relação ao gênero feminino, destacadas por Bordieu (1995), no que tange à divisão do mundo em relação às diferenças entre feminino e masculino, mas sobre a construção da identidade masculina, há poucos estudos e mesmo esses poucos estudos fundam-se em discursos em torno do feminino. Isso faz com que se considere a necessidade de ampliar esses estudos, buscando os discursos sobre a identidade masculina, produzindo reflexões teóricas sobre esse campo de investigação, uma vez que uma “análise não é igual à outra porque mobiliza conceitos diferentes e isso tem resultados cruciais na descrição dos materiais” (ORLANDI, 2012b, p. 27).

O foco da pesquisa, em tela, são os efeitos de identificação instaurados entre o sujeito em relação à sua reprodução e à sua transformação identitária a partir da revista *Men's Health*, dedicada ao público masculino. Interessa, em função dessa especificidade, saber que imaginário de sujeito-masculino materializa-se na Carta do editor, considerando o funcionamento da língua na história e, também, que o sentido sempre pode ser outro, como destaca Orlandi (2012b).

O dispositivo metodológico incide sobre o discurso presente nas capas da revista e na Carta do editor, pelos textos-imagem que circulam na revista em torno do gênero feminino e masculino, focando na especificidade das capas e das cartas em torno da representação

imaginária do sujeito-masculino em relação às transformações da mulher. Na Carta do editor da revista, é apresentada a cada número a foto do sujeito-homem que será foco em cada edição. Nesse espaço, o editor da revista posiciona-se em relação aos conteúdos que serão tratados na edição, pressupondo o seu interlocutor/leitor.

Tanto na Carta do editor, como na capa da revista, os locutores são sujeitos-masculinos, que assumem uma posição-sujeito e selecionam como interlocutor o público masculino, como seus leitores. Assim, a partir dessa condição de produção, analisa-se o discurso e a ideologia que se fazem presentes na construção do público masculino dessa revista, buscando saber que imaginário de sujeito-masculino se materializa no discurso, destacando a memória e o saber discursivo que sustenta cada tomada de palavra no discurso na constituição da identidade do sujeito-masculino, que se estrutura na confluência de dois eixos, conforme Orlandi (2012b, p. 33), “o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos”.

Desse modo, destacamos as condições sócio-históricas da revista em tela. A revista *Men's Health* foi lançada em 1987, nos Estados Unidos pelo editor e fundador Mark Bricklin. O objetivo da revista era, inicialmente, discutir a saúde do homem. O tempo passou e a revista se transformou, alterou seus conceitos iniciais, ampliou as matérias e trouxe novas discussões sobre a vida do público masculino. Com isso, passou a ser uma revista de estilo de vida para os homens, enfocando não somente a saúde, mas também os aspectos da vida de um homem, tais como: saúde, *fitness*, moda, nutrição, relacionamentos, viagens, tecnologia, finanças etc. No Brasil, a revista de periodicidade mensal, passou a ser publicada em 2006, com a primeira edição em 2 de maio desse ano, com matérias e objetivos focados nas classes A e B. Portanto, é a partir dessas condições de produção que destacamos o *corpus* da pesquisa.

Por meio das condições de produção – mídia impressa/revista *Men's Health*, da Editora Abril, realizamos as análises em torno do imaginário e da discursivização do sujeito-masculino por/nesse lugar/veículo, perguntando pelas formações discursivas a que eles se filiam a partir do discurso na Carta do editor e a imagem de homem que é representada na capa dessa revista. Para fins de análise, recortamos o *corpus* em sequências discursivas coletadas/selecionadas de dezoito revistas (outubro de 2012 a abril de 2014). Para isso, mobilizamos entre os conceitos o de sujeito, de ideologia, de memória discursiva, de interdiscurso (como memória e como pré-construído) e de formação discursiva.

As condições de produção das revistas *Men's Health* retomadas no decorrer da pesquisa sinalizam que o sujeito masculino tem sua imagem modificada, assim, como o discurso presente na Carta do editor. Os textos-imagem veiculados, inicialmente, são de

homens vestidos e com seus corpos bem cobertos, demonstrando cautela em relação à imagem de sujeito-masculino que o veículo dá visibilidade. O percurso dessas revistas sinaliza que, no decorrer das edições, os sujeitos masculinos vão, aos poucos, sendo despídos de suas peças de roupas.

### **A Análise do Discurso e os dispositivos teóricos**

A AD é uma disciplina de entremeio e, de acordo com Orlandi (2004), realiza-se na confluência entre o materialismo histórico, a psicanálise e a Linguística. O seu objeto é o discurso e o sujeito interpelado pela ideologia e atravessado pelo inconsciente. Segundo Orlandi (2012b, p. 15), a Análise de Discurso

[...] concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção humana.

Pêcheux (2010) considera o discurso como em relação aos locutores dentro de algumas circunstâncias dadas, afirmando que não há relação linear entre enunciador e destinatário, pois ambos estão, de certa forma, tocados pelo simbólico. Portanto, a língua não é somente um código, mas um conjunto de palavras que carrega ideologias constituídas pelas formações discursivas presentes na formação social. A formação discursiva (FD) é

[...] aquilo que numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição de um programa etc.) (PÊCHEUX, 2009, p. 147).

Assim, tudo que o sujeito diz se inscreve em determinada FD. Ela configura o processo de constituição de efeitos de sentidos e a sua relação com a ideologia. O estudioso afirma que as formações discursivas são o espaço de enunciação de uma determinada formação ideológica (FI) e mantêm uma associação com a noção de formação imaginária. É o lugar de formação do sentido, pois vai determinar o que “pode” e o que “deve” ser dito, a partir de uma posição e de um acontecimento. As palavras podem assumir novos significados de acordo com os sentidos assumidos nas FD’s, como afirma Michel Pêcheux (2009, p. 146-147) “(...) as palavras, as expressões, preposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam”. Por conseguinte, como destaca Orlandi, (2012b, p.

43), “tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos [...]”.

As palavras, expressões e frases produzidas pelo sujeito enunciativo dentro de uma mesma formação discursiva se relacionam constituindo efeitos de sentido de acordo com a filiação do sujeito em FD e da identificação com a forma-sujeito. Vale destacar que a intenção falha, pois o dizer só é em parte acessível ao sujeito, o que se explica pelos esquecimentos da ordem do consciente e do inconsciente. As formações discursivas são heterogêneas e não apresentam fronteiras rígidas, uma vez que as FI constituem-se em um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são individuais nem universais.

As FI estão ligadas diretamente por posições de classes em conflitos. As relações de classes que determinam posições sociais (não apenas no sentido econômico, mas, aí sim, ideológico) são garantidas pelo materialismo histórico (ideologia), representado pelo que Althusser (1985, p. 89) denomina *aparelhos ideológicos do estado*. Embora esses elementos não sejam discursivos, eles vão interferir no interior da FD, pois são os já-ditos que se encontram na memória discursiva da forma-sujeito interna a uma FD dada. Nesse sentido, pode-se afirmar que as FD's são heterogêneas, pois estão entrepostas pelos já-ditos.

Uma FD deve ser entendida como dois ou mais discursos em um só, estabelecendo a contradição como seu princípio constitutivo. Pode-se dizer que uma FD é uma unidade dividida e heterogênea. [...] O domínio de saber de uma FD funciona como um princípio de exclusão do que nela não é formulável, em função da FI de que provém (INDURSKY, 2013, p. 45, grifo da autora).

Como destaca Indursky (2013), os efeitos de sentidos dos enunciados terão novos sentidos em momentos diferentes, uma vez que uma FD não é atemporal. O sentido obtido através do discurso vai depender da posição-sujeito dentro da FD, ou seja, a posição ideológica sustentada por esse sujeito. Como escreveu Pêcheux (2019, p. 147-148),

[...] o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, ‘não existe em si mesmo (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante) mas, ao contrário é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões, proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). [...] As palavras, expressões, proposições, etc. mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência às formações ideológicas [...] nas quais essas posições se inscrevem.

Nesse sentido, pode-se considerar que os discursos não são únicos e fechados, mas os efeitos de sentidos projetados na materialidade significante vão depender das condições de produção (CP). Podemos dizer que as CP compreendem as circunstâncias da enunciação, ou seja, o aqui e o agora do dizer, o contexto imediato no sentido estrito. Ela também pode

compreender o contexto sócio-histórico, ideológico, de forma mais ampla, ou seja, o sentido lato.

As CP representam a posição sujeito projetada no discurso, pois todos podem ocupar um lugar social, como cargo de presidente de alguma empresa, reitor de uma universidade, editor de uma revista, juiz de direito, professor; enfim, essa demarcação do sujeito pode afetar seu discurso ideologicamente. Segundo Orlandi (2012b, p. 40), as condições de produção

[...] implicam o que é material (a língua sujeita a equívoco e a historicidade), o que é institucional (a formação social, em sua ordem) e o mecanismo imaginário. Esse mecanismo produz imagens dos sujeitos, assim como do objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórica.

Desse modo, a interpretação tem relação com o imaginário, pois nesse processo interlocutivo do discurso são construídas as imagens que os sujeitos do discurso fazem de si e do outro. Dessa forma, faz-se importante mostrar as distinções entre sujeito e sujeito-autor, o primeiro está para o discurso assim como o segundo está para o texto, o qual, conforme Orlandi (2012e, p. 115), “não pode ser entendido como um recipiente de palavras organizadas, textualizadas, que guardam o sentido. O texto é concebido como algo heterogêneo que é atravessado por diferentes formações discursivas”, portanto, o texto se configura através de posições sujeitos sendo o espaço do interdiscurso e da memória.

O autor produz o texto, que tem uma superfície linguística fechada nela mesma. Dessa forma, ele vai assegurar a permanência de uma representação imaginária que é o projeto de um sujeito-autor e nesse objeto, o texto, sua completude. Ambos, tocados pelo simbólico, estão sujeitos ao equívoco, à contradição, à incompletude. O texto, portanto, irá se abrir enquanto objeto simbólico para as mais diferentes possibilidades de constituição de imaginários, pois o sentido encontra-se em aberto, mesmo não podendo ser qualquer um, logo, ele é a unidade que permite acesso ao discurso.

O sujeito-leitor constitui-se nessa relação com a linguagem e realiza gestos de interpretação pelos quais instaura efeitos de sentidos no texto, pelos discursos que retornam pelos furos constitutivos dele. Dessa forma, sujeito-autor e sujeito-leitor, participam do processo interlocutivo, dando visibilidade à reversibilidade. Assim, o texto, de acordo com Orlandi (2004) abre-se para a incompletude, encaminhando para discursos, enquanto prática simbólica, na qual a língua significa na história. É importante destacar que, no processo de interpretação, compreender como o sujeito-leitor desconstrói a estabilidade do texto e dos sentidos esperados pelo sujeito-autor, de acordo com os saberes de seu lugar social, é muito

importante, pois nesse processo que intervém a ideologia e o inconsciente como constitutivo do dizer.

Nesse sentido, pode-se afirmar que sentido e sujeitos são construídos ao mesmo tempo no discurso, pois para essa disciplina da interpretação, conforme Orlandi (2004), a noção de sujeito foi herdada da psicanálise lacaniana e se apresenta como um sujeito clivado, dividido, mas estruturado a partir da linguagem e associado aos conceitos de imaginário, simbólico e real. Assim, são ressignificados ao serem analisados pela AD. Essas considerações implicam saber que não se pode pensar no sujeito do discurso como fonte absoluta de seu dizer, uma vez que é interpelado em sujeito pela ideologia.

Para Althusser (1985, p. 89), viver na ideologia “significa numa representação do mundo determinada (religiosa, moral, etc) cuja deformação imaginária depende de sua relação imaginária com suas condições reais de existência, ou seja, em última instância das relações de produção e de classe”. Isso significa que o sujeito não sendo dono de seu discurso vai se constituir pelos discursos que ressoam no eixo da formulação que advém de outros tempos e sujeitos, instaurando efeitos pelas relações sócio-ideológicas. A identificação, contraidentificação ou desidentificação do sujeito se deve a sua inscrição na formação discursiva que o domina e essa inscrição tem a ver com o interdiscurso, como memória, que abarca todos os saberes mobilizados pelo sujeito, considerando os modos como ele se identifica à forma-sujeito.

Interdiscurso e memória discursiva são categorias diferentes para a AD, mas Pêcheux (2009) não faz essa diferença e Orlandi (2012b) mobiliza essas duas noções como tendo o mesmo funcionamento. Pêcheux (1999) destaca que a memória discursiva liga-se à existência histórica do enunciado no interior das práticas discursivas, regulamentada, de certa forma, pelos aparelhos ideológicos, possibilitando a lembrança, a repetição, a refutação e também o esquecimento destes elementos na formulação dos enunciados pelos sujeitos, ou seja, os sentidos que são autorizados pela forma sujeito ou refutados por ele. Nesse sentido, são ecos ideológicos que fazem ressoar uma memória coletiva, social. Já o interdiscurso diz respeito a todos os sentidos produzidos por vozes anônimas, ocorrendo desta forma a saturação dos sentidos, conforme sinaliza Courtine (1999), no interdiscurso não há um sujeito, tendo em vista que ele constitui-se pelo que é esquecido.

Em relação ao interdiscurso, Pêcheux (2009) afirma que o sujeito é afetado por dois tipos de esquecimento: o Esquecimento nº 1 e o Esquecimento nº 2. Pelo primeiro esquecimento, o sujeito se coloca como agente e origem de tudo o que diz. Esse modelo é da natureza do inconsciente e do ideológico e o sujeito ‘apaga’ e rejeita de modo inconsciente

tudo que está inserido na sua formação discursiva e, ilusoriamente, coloca-se como ‘dono’ do seu discurso. Pelo esquecimento nº 2, da ordem da formulação, o sujeito ‘esquece’ as possibilidades de outros sentidos, ou seja, ele privilegia algumas formas e apaga outras, no momento de seleção dos dizeres. Ao longo de seu dizer vão se formando famílias parafrásticas de tudo que ele poderia dizer, mas não disse. Esse esquecimento não é da ordem do inconsciente, todavia se apresenta como caráter do pré-consciente, ou semiconsciente, pois são ‘escolhas’. Portanto, na AD, o sujeito não é tão consciente quanto parece ser, ele está subordinado à língua para ser sujeito do que diz e vai se constituindo pela ideologia e se significando e ressignificando pelo simbólico na história. Segundo Althusser (1985, p. 96),

[...] a ideologia ‘age’ ou ‘funciona’ de tal forma que ela ‘recruta’ sujeitos dentre os indivíduos (ela os recruta a todos), ou ‘transforma’ os indivíduos em sujeitos (ela os transforma a todos) através desta operação muito precisa que chamamos de interpelação, que pode ser entendida como o tipo mais banal de interpelação policial (ou não) cotidiana [...].

Em sua obra, Althusser formula duas teses que se tornam muito importantes para compreender o sujeito e a ideologia, vale retomar as teses de Althusser (1985, p. 42) destacando que “1º não existe prática senão através de e sob uma ideologia; 2º não existe ideologia senão através do sujeito e para o sujeito”.

Nesse sentido, os sujeitos, nas condições de dominados, são interpelados pela ideologia e vivem espontaneamente ou naturalmente na ideologia porque “o homem é por natureza um animal ideológico” (Ibidem, p. 94). E, ainda, Althusser (1985, p.98), acrescenta

Como a ideologia é eterna, vamos suprimir a forma da temporalidade na qual representamos o funcionamento da ideologia e dizer: a ideologia sempre-já interpelou os indivíduos como sujeitos, o que nos leva a dizer que os indivíduos são sempre já interpelados pela ideologia como sujeitos, o que necessariamente nos leva a uma última formulação: os indivíduos são sempre/ já sujeitos.

Pêcheux (2009, p. 138), no início de sua teoria do discurso, retoma Althusser, priorizando a reprodução a partir das teses propostas por aquele que releu Marx. Nesse sentido, afirma que:

A história é um imenso sistema natural-humano em movimento, cujo motor é a luta de classes. Portanto, a história, ainda uma vez, isto é, a história de luta de classes, isto é, reprodução/transformação das relações de classes – com os caracteres infraestrutura (econômicos) e superestruturas (jurídico-político e ideológico) que lhes correspondem. É no interior desse processo “natural-humano” da história que faz eco à expressão de Freud: ‘o inconsciente é eterno’.



Do que precede, entendemos que o sujeito da AD é concebido a partir do Materialismo Histórico, constituindo a ideologia e a psicanálise pelo inconsciente. Assim, ele é essencialmente ideológico e histórico, pois está inserido em determinado tempo e lugar. Com isso, ele vai se posicionar por meio de seu discurso, todavia é levado a isso sem ter consciência dessa ação, pois ocupa um lugar em determinada FD. Portanto, discurso, sujeito, ideologia, formação discursiva, formação ideológica, memória discursiva e interdiscurso são conceitos essenciais para compreender e aplicar a Análise de Discurso como disciplina da interpretação. Entendemos que essa é a Análise de Discurso praticada, ainda hoje, e que a divisão em três fases é/atende a uma divisão didática. De acordo com Malidier (2003, p. 15), “Michel Pêcheux não construiu no firme. Ele é bem o homem dos andaimes suspensos de que fala de Thomas Herbert [...]. Em uma obra multiforme, que tocou os domínios tão diversos como a história das ciências, a filosofia, a informática, etc.[...]”.

Dizemos isso para justificar a Análise de Discurso para analisar nosso objeto, destacando que Pêcheux filiou-se desde sempre a disciplinas de interpretação, iniciou a teoria com a pretensão de criar uma grade de leitura, enfrentou um período de “tateamentos” e de autocrítica, mas trabalhou sempre junto a historiadores, linguísticas e filósofos, dentre eles Courtine, que continuou a discutir noções da teoria, dentre elas a formação discursiva, o sujeito e a ideologia.

### **Imaginário do sujeito-masculino: recortes e análises**

O *corpus* selecionado para as análises é constituído por dezoito Cartas do editor e dezoito capas da revista *Men's Health*, da Editora Abril, selecionadas por um período de dezoito meses, nos anos de 2012 até meados de 2014. Faz parte do *corpus*, que chamamos de dispositivo analítico, conforme Orlandi (2012b), capas e Carta do editor. Diante da impossibilidade de mostrar todas as cartas no espaço de um artigo, recortamos sequências discursivas que servem de referência para as análises e que atendem aos objetivos propostos.

Diante disso, destacamos duas formações discursivas: uma em torno do sujeito-masculino tradicional e outra em relação ao que a revista destaca como sendo a do novo-homem. Essa última FD sinaliza um sujeito mais preocupado com a aparência, assemelhando-se ao sujeito-feminino. Com isso, a divisão estanque em torno dos gêneros, significando a mulher como o sexo frágil e o homem como o forte, distenso em relação à aparência fica relativizada, encaminhando para a transformação imaginária do homem e da mulher.

Nas análises, realizamos a descrição e a análise, atendendo ao que propõe Orlandi (2012b) como tarefa do analista de discurso. A Carta do editor destaca o enfoque da revista e, normalmente, tem relação com a capa da mesma. Desse modo, por meio das sequências discursivas, vamos analisando os textos-imagem de capas de revistas. Recortamos 13 sequências discursivas.

SD 1:

Sete anos atrás, falar de cremes para homens era coisa de metrosssexual. Não mais. Você venceu, leitor. Parabéns para nós.

[...] Um conteúdo que propõe uma vida mais legal, já e no futuro, a partir de pequenas mudanças nos hábitos e na maneira de pensar do homem.

A reverberação desse conteúdo em leitores ávidos por informação de qualidade, gente sem frescura, sem âncora no passado, que não precisa do aval de ninguém para desenhar o próprio destino.

Você como a gente, esta receptivo para o novo e quer uma vida mais relax. Queremos você mais atraente visualmente, mais senhor de sua autonomia, com mais ferramentas para o sucesso profissional, sexual e social.

(Abril, 2013)

A desconstrução do imaginário em torno do sujeito é histórica e também discursiva, pois o discurso que circula na Carta do editor filia-se à formação discursiva de um ‘novo homem ou homem moderno’. Essa é uma evidência que resulta do trabalho da ideologia, tendo em vista que a revista destina-se aos sujeitos-masculinos, ‘sem frescura ou âncora no passado’, conforme um dos efeitos de sentidos em funcionamento na sequência discursiva (SD) 1, recortada da Carta do editor de abril de 2013. Nela, o editor assume a posição-sujeito, de quem reafirma a filiação à FD que rejeita a oposição estanque entre homem-mulher. A formação discursiva antagonista está pressuposta, ressoando como um discurso retrógrado, que pertence ao passado.

Ele se coloca como coparticipante dessas transformações ocorridas na formação discursiva do sujeito-masculino, ao firmar que “Sete anos atrás, falar de cremes para homens era coisa de metrosssexual. Não mais. Você venceu, leitor. Parabéns para nós”. Ao falar sobre os objetivos e conteúdos da revista a proposição é FD de um novo homem, que rompe com a tradição e se pauta nas “mudanças nos hábitos e na maneira de pensar do homem”. O discurso constitui-se pelo que se repete, formando redes parafrásticas e pelo que rompe com a repetição e instaura o imaginário em torno de um novo homem, ou homem moderno, conforme as sequências destacadas anteriormente.

SD2:

A revista é um verdadeiro manual para se viver melhor.

É você leitor do presente, contemporâneo, conectado que define o destino da revista que tomou para si. Um espírito vanguardista [...] buscamos as mais inusitadas ferramentas para você conquistar sucesso social, profissional e sexual (...).

(Maio, 2013)

Na SD2, o imaginário em torno de um ‘novo homem’ é reforçado pelos adjetivos (contemporâneo, conectado e vanguardista) e pelo advérbio de tempo (presente) – [...] “É você leitor do presente, contemporâneo, conectado que define o destino da revista que tomou para si. Um espírito vanguardista” [...]. O texto-imagem da capa da revista em que a Carta do editor, cuja sequência foi recortada, dá visibilidade ao sujeito-masculino que se ‘mostra’ bonito, que posa de camiseta cavada e com uma postura mais sexual, instaurando a contradição em relação ao homem do passado. As palavras destacadas fazem trabalhar memórias em relação ao que rompe com o mesmo e instaura o diferente, encaminhando para a transformação que destaca o presente e o moderno, apagando o passado e o tradicional.

Nessa sequência, a revista funciona como uma FD, que determina o que esses sujeitos devem/podem fazer e esse efeito se constitui pelo enunciado “A revista é um verdadeiro manual para se viver melhor”, convocando memórias e discursos em torno do manual, que determina comportamentos e dizeres.

SD 3:

Entendi desde cedo na MEN´SHEALTH que deveríamos agir diferente, enfiar o pé na porta do conservadorismo do macho latino. Para evitar rejeição do leitor mais conservador, deixei o cara da capa com camiseta.

(Junho, 2013)

Na SD 3, constitui-se o efeito de sentido de oposição em relação à formação discursiva do sujeito-masculino tradicional. Essa evidência se efetiva especialmente pelo uso do verbo agir e pelo adjunto adverbial de modo ‘agir diferente’, que sinaliza para o rompimento com o passado e pelo substantivo *conservadorismo*, que é banido de forma radical e agressiva, o que ressoa por “enfiar o pé na porta”. Ressoa, nessa sequência, a rejeição ao “macho latino” e tudo que ele representa em termos de sujeito sócio-histórico, em que o imaginário de homem ligava-se à dominação, à masculinidade relacionada ao trabalho, a posições fortes e, especialmente, ao imaginário contraposto ao sujeito-feminino. O texto-imagem da capa da revista correspondente a essa sequência destaca um sujeito com um corpo bem definido, que dá visibilidade ao cuidado com o corpo, tanto em relação a exercícios quanto a cremes. O

sujeito-editor, no entanto, preocupa-se com os leitores conservadores e destaca as mudanças, mas prefere não exagerar, mantendo o sujeito de camiseta, evitando a nudez.

SD 4:

Somos exigentes e perfeccionistas. Queremos tudo ao mesmo tempo. Corpo sarado, músculos em dia, sucesso profissional e como as mulheres, alimentação saudável, roupas descoladas.

(Dezembro, 2013)

Na SD 4, o imaginário em torno do “novo homem” é constituído pelos adjetivos *exigentes*, *perfeccionistas* e é reforçado pelo verbo *querer*, juntamente com o pronome indefinido *tudo*. Essas palavras se relacionam aos desejos desse novo homem: corpo sarado, músculos, sucesso profissional, mulheres, alimentação saudável, roupas descoladas. Ressoa o discurso explícito em relação à mulher preocupada com o corpo, com a saúde e com a beleza. Ocorre o rompimento com os pré-construídos em relação ao homem do passado pela negação de memórias que estruturavam esse sujeito no passado. Gradualmente, os textos-imagem que ‘mostram’ esse sujeito-masculino vão mudando, as roupas ficam mais descontraídas e coloridas e a postura também. O sujeito se impõe pela beleza, antes considerada um atributo feminino.

SD 5:

Cuidar da aparência assim como construir um corpo legal, fazer sexo de forma plena, manter a saúde em alta, cultivar hábitos espertos de nutrição e turbinar o estilo e carreira – é fundamental para o bem estar masculino.

Os cinquentões atuais curtem esportes radicais, viagens legais, mandam bem na academia e na carreira, e. tem mais oportunidades de sexo que seu avô tinha quando completou 50.

(Outubro, 2012)

Na SD 5, o foco está na idade e ressoam memórias e discursos em torno da velhice aos cinquenta anos. No passado, os homens com cinquenta anos eram considerados velhos e se comportavam como tais. A formação discursiva em que se inscreve o novo homem diz que nessa idade ele pode/deve ‘curtir’ esportes radicais, viajar, ‘mandar’ bem na academia e também na carreira e ter mais oportunidade de ‘fazer sexo’ e esse sexo pode ser feito de forma plena. Ressoa pela palavra plena o sexo de pouca qualidade ou pela metade. Isso tudo em comparação ao seu avô.

Trazer para o fio do discurso o avô e não o pai constitui o efeito de sentido de radicalismo, de rompimento total com as práticas do passado. Além disso, ressoa o sujeito-

feminino que cuida da aparência e, também da saúde e que no climatério (em torno dos cinquenta anos) faz reposição hormonal, frequenta a academia, viaja e faz sexo, em tese, de forma plena. Mesmo não estando dito, ressoa o contrário em relação ao sujeito-masculino. As mudanças em torno desse ‘novo homem’ não se restringem mais somente à aparência, mas também ao modo de ser e de viver.

SD 6:

Durante anos a masculinidade foi identificada com uma vida espartana e prazeres e broncos.

(Outubro, 2012)

Na SD 6, aparece no fio do discurso a relação com o passado, com a vida espartana e com os prazeres broncos. Constitui-se o efeito de rompimento e de mudança, feita pela revista, que se dedica a construir um sujeito diferente, apagando o passado e se posicionando de forma mais moderna em relação à vida e ao modo de viver.

SD 7:

Se a masculinidade (não chauvismo) sempre girou na órbita do macho clássico – leia-se coragem, pragmatismo, força... a sensualidade masculina vem ganhando novos contornos. Novembro 2012  
A gente sabe que você curte conforto. Que é versátil, decidido, determinado, ágil como um aventureiro, focado como um marceneiro. Curte garotas inteligentes e bem informadas.

(Novembro, 2012)

Na SD 7, as palavras *masculinidade* e *macho clássico* se contrapõem ao antigo e instauram discursos em torno de um “novo homem” que para ser homem precisa de coragem, pragmatismo e força. E tudo isso vem pelo que é moderno, pelos cuidados com a beleza, que passam pela saúde, pela academia, pelo que é moderno e novo. Com isso, instaura-se um novo homem, que se aproxima do que é próprio da mulher, afastando-se do passado, do que é rude, bruto.

Ressoa, ainda, nessa sequência, o discurso em torno do conforto, da versatilidade que constituem rede com agilidade e aventura de quem tem um foco, sendo comparado ao marceneiro. Porque é moderno, ágil e detalhista, ele prefere “garotas” e não “mulheres” comuns. No entanto, em “garotas” não se refere necessariamente a mulheres mais jovens, mas estabelece relação com uma vida também ágil, moderna. Isso pelas redes que se constituem pelas palavras *inteligente* e *bem informada*.

As capas das revistas e os textos-imagem que ressoam como discurso sinalizam que, embora esse discurso se pautar na repetição do que está presente na maioria das revistas,

ocorre o rompimento. Isso se mostra por discursos que ressoam a partir da memória discursiva, constituindo efeitos de concretização ou de evidência que sustentam o imaginário de sujeito-homem forte, viril, dono de seu próprio destino ou que “não precisa do aval de ninguém para desenhar o próprio destino”, transformando o que se tem como memória em torno desse sujeito.

Nas capas que correspondem às sequências discursivas funciona a contradição, marcando a referência aos sujeitos masculinos do século XIX – o homem do passado – e o homem do século XX – também já passado, mas projetando o sujeito-masculino do século XXI, o homem que vive já o início desse século e que se constitui como moderno. Constituem-se efeitos de que esse homem é forte, viril, o verdadeiro “deus grego”. Esse discurso acompanha e por isso repete, o discurso sobre o sujeito-masculino que historicamente construiu o imaginário da figura masculina pela ideia de virilidade, de força e de controle. Desde as sociedades mais antigas, há em pinturas, efígies, textos e discursos à imagem desse sujeito representado na ordem do simbólico como o mais forte e controlador dentro da sociedade.

Esse imaginário foi sendo reforçado, especialmente, entre os séculos XIX e XX, e, a partir da revolução tecnológica e social, o sujeito-masculino passou a ser representado como figura dominante na formação social, assumindo posições-sujeito de chefe de família, de provedor de todas as necessidades, de líder que decide todas as mudanças importantes da política etc. Esse sujeito foi e ainda é significado como aquele que domina países, controla exércitos, comanda guerras, lidera revoluções políticas, filosóficas ou científicas.

Nesse contexto, surgiram as primeiras publicações destinadas ao público masculino, as quais eram, sobretudo, de cunho erótico. Vê-se, dessa forma, que a mídia já buscava atender a um público de acordo com o imaginário em torno do masculino que fosse socialmente aceitável, tendo em vista os padrões morais e éticos da época. A partir desse modelo, a mídia discursiviza e significa o sujeito-masculino, representando-o imaginariamente pelo poder das normatizações sexuais desse momento histórico.

Nesse sentido, as análises encaminham para a contradição em funcionamento desse imaginário de sujeito-homem representado na atualidade, pois, ao mesmo tempo em que se diz moderno, o sujeito-homem é ressignificado por FDs antagônicas, que rejeitam esse novo homem e, conseqüentemente, a FD desse novo homem.

SD 8:

Para encontrar a garota ideal, use os mesmos princípios de contratação que o RH de uma empresa.

(Agosto, 2013)

SD9:

Subir na vida está mais difícil. As mulheres vêm disputando os melhores postos de trabalho e tomando posições de chefia que tradicionalmente eram masculinas. Isso é ótimo para o mundo, mas ruim para seu salário. Elas têm vantagens competitivas naturais: têm mais poder de comunicação e se adaptam mais facilmente do que nós.

(Outubro, 2012)

SD 10:

A temporada oficial de diversão está começando, o que significa mais sexo e menos compromisso. Cinco passos para mandar bem com as amigas e continuar só amigo.

(Dezembro, 2012)

As sequências discursivas 8, 9 e 10 mostram o funcionamento da contradição, isto é, a relação entre o que é moderno e funciona bem em torno do sujeito-masculino e, também, o que não funciona tão bem. Esses efeitos se constituem porque esse novo homem aproxima-se da mulher, o que não é novo, mas ressoa em torno dela imaginários de agilidade, de força e de competência. No eixo da formulação do discurso aparece novamente o sujeito dominador que busca a garota ideal, e que vai usar critérios para isso, e esses critérios são determinados pelo RH, isto é, pelo Departamento de Recursos Humanos, espaço discursivo pelo qual ressoa a necessidade de eficiência, competência e “uma certa mais valia”. Ressoa, nessa sequência, pelo funcionamento da memória e pela ideologia a FD antagônica do sujeito-masculino machista e retrógrado, que coloca a relação humana como negócio, demonstrando, ainda, uma ideologia presente em séculos anteriores.

O mesmo ocorre, na SD 9, em que homem e mulher aparecem em lados opostos, porque ela está disputando “os melhores postos de trabalho” e está assumindo “chefias” e lugares que eram, tradicionalmente, ocupados pelos homens. O editor, enquanto sujeito, se coloca e assume um “nós” e se identifica com o masculino. Essa evidência se constitui pelo enunciado “é ótimo para o mundo, mas é ruim para o seu salário” e pela apresentação de qualidades femininas, dentre elas a natural competitividade, o poder de comunicação e de adaptação.

Na SD 10, a contradição entre homem e mulher instaura-se pelos contrários – diversão e compromisso, em que divertir-se é ter mais sexo e menos compromisso. A Carta do editor passa a funcionar como um manual que mostra os passos para “mandar bem” com as amigas e continuar “só amigo”. Com essa sequência apagam-se a igualdade de direitos e a mulher moderna, ressoando o homem predador, contrário ao que foi analisado nas sequências anteriores.

SD 11:

Sou macho, meus pneus não me deixam mentir.

(Março, 2013)

SD 12:

O que se trata aqui é de você ter o leme do seu barco nas mãos. É você driblar as profecias catastróficas e os apelos salvadores do céu ou da megalomania dos negócios, e tomar decisões sensatas, equilibradas, conectada à sua vontade. Enfim, é você ser líder de você mesmo, embarcar nos sonhos e oportunidades que vão fazê-lo realmente feliz. [...] A men'shealth é uma ferramenta para ajudar você a se capacitar, ganhar confiança e encarar o mundo real – aquele onde lidar com economia, a ressaca, o esforço e a recompensa só depende de você.

(Janeiro, 2013)

Na SD 11, ressoa o mesmo discurso machista e referem-se aos pneus que constituem efeitos de sujeito-masculino inseguro, que necessita recuperar seu posto porque está gasto. Esse efeito se constitui na SD 12 pela relação *leme* e *barco* que significa dirigir a vida, buscando afastar o que é negativo. A revista, por meio da Carta do editor, continua a funcionar como direcionadora, aconselhando o sujeito-masculino a ser líder, especialmente dele mesmo, a sonhar e a aproveitar as oportunidades. O que vai direcionar tudo isso é a própria revista. Ela é quem vai dizer como deve ser ‘o novo homem’. O homem moderno passa a competir com a mulher, buscando a beleza ideal, a vida sexual ideal e o trabalho ideal, sinalizando para uma crise de identidade.

SD 13:

Não é difícil definir o homem MH, só que é difícil para burro ser um.

(Dezembro de 2013)

A SD 13 resume que não é fácil ser um sujeito-masculino moderno, ágil, versátil e que tenha 50 anos e ainda consiga fazer sexo com qualidade. Um homem diferente do avô, que pratique esportes e seja bonito. E a revista define com facilidade esse homem, mas destaca que é difícil ‘pra burro’ ser um homem assim, ideal.



As treze sequências discursivas recortadas da Carta do editor mostram a contradição entre o homem definido pela revista e o homem que vive no mundo, junto com as mulheres e com todos os problemas que isso acarreta. Os textos-imagem das capas das revistas (que são 18), entretanto, não mostram essa contradição e esse antagonismo. Nelas, os sujeitos-masculinos simulam pertencer à formação discursiva do ‘novo homem’, pois todos os modelos que representam esse ‘novo homem’ são bonitos, fortes, bem vestidos e muito sarados.

### **Considerações finais**

De acordo com as análises realizadas no *corpus*, faz-se importante destacar que o recorte preconizado, inicialmente, foi do gênero Carta do editor. As capas das revistas masculinas analisadas, entretanto, tornaram-se objeto de análise depois, pois a cada nova edição que íamos recebendo, observávamos que estava ocorrendo uma transformação no corpo do sujeito-masculino e essas evidências se constituem pelos textos-imagem das capas. Por isso, mesmo sem poder mostrar essas capas, destacamos que elas andam juntas com as sete primeiras sequências discursivas e mostram um homem bonito, elegante e de sucesso, além de forte e viril. Esses textos-imagem não ressoam a contradição e o antagonismo evidenciados nas sequências 9, 10, 11, 12 e 13, que sinalizam para a disputa e para a insegurança e que, ao contrário do que propõe a revista, valorizam a mulher e desvalorizam o homem, apesar desse último ser o público alvo.

Como efeito de conclusão, podemos afirmar que o imaginário construído em torno do sujeito-masculino é da emergência da contradição, em que se manifesta uma dupla forma-sujeito: um sujeito filiado a uma formação discursiva do moderno (o novo homem), que ele se preocupa com a beleza, com a aparência, estando aberto às transformações que encaminham para esse ‘novo homem’ em relação à posição sujeito-mulher. Esse ‘novo homem’ assemelha-se à mulher. No entanto, esse mesmo sujeito e a mesma revista sinalizam para uma formação discursiva machista, pela qual ressoam discursos e memórias do sujeito-masculino do século XIX e início de XX que estão ressoando constantemente, pela memória e por discursos que sustentam essas memórias.

Nesse sentido, o imaginário de sujeito-homem representado na revista *Men's Health* é contraditório e sinaliza que a revista dá visibilidade ao contraditório e ao antagônico, que

instaura no sujeito-masculino uma crise identitária, resultante de formações discursivas heterogêneas.

## Referências

ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos de Estado*: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado. Tradução Walter José Evangelista; Maria Laura Viveiros de Castro. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BORDIEU, P. *A dominação masculina*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

COURTINE, J. J. Chapeu de Clementis; observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. Trad. de Freda Indursky. In; INDURSKY, FREDa e FERREIRA, M. C. L. Os múltiplos territórios da Análise de Discurso. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 1999.

INDURSKY, F. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. 2 ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013.

\_\_\_\_\_. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: *Práticas Discursivas e Identitárias*: – Sujeito e Língua. MITTMANN, Solange. GRIGOLETTO, E. CAZARIN, E. A. (Orgs.). Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

MALDIDIER, D. *A inquietação do discurso*: (re)ler Michel Pêcheux hoje. Trad. Eni Orlandi. Campinas, SP: Pontes Editores, 2003.

ORLANDI, E. P. *Interpretação*: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Campinas, SP: Pontes, 2004.

\_\_\_\_\_. *Análise de Discurso* – Michel Pêcheux. 3. Ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012a.

\_\_\_\_\_. *Análise de discurso*: princípios e procedimentos. 10. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012b.

\_\_\_\_\_. *Discurso em Análise* – Sujeito, Sentido, Ideologia. 2. Ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012c.

PÊCHEUX, M. Remontémons de Foucault a Spinoza. In: TOLEDO, Mario Monforte (org). *El discurso político*. México, Nueva Imagen, 1980.

\_\_\_\_\_. *Por Uma Análise Automática do Discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Organizado por Gadet e Hak, tradução de Bethânia Mariani et. Al; 3a. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2010.

\_\_\_\_\_. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. Trad. Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Semântica e Discurso* – uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi e outros. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

\_\_\_\_\_. *A língua inatingível: o discurso na história da linguística*. Tradução de Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas, SP: Pontes, 2004.

\_\_\_\_\_. *O Discurso* – Estrutura ou Acontecimento. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012a.

\_\_\_\_\_. *Análise de Discurso*. Campinas, SP: Pontes, 2012b.

## ANÁLISE DO DISCURSO PUBLICITÁRIO: CELEBRIDADES EM PROPAGANDAS DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR

Jairo da Silva e Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo se propõe a analisar o processo discursivo de transformação da educação em produto de consumo, enunciado na mídia, mais especificamente, em anúncios publicitários de faculdades e/ou universidades privadas que atuam na modalidade educação à distância, sob a perspectiva teórico-metodológica da Análise do discurso de linha francesa, refletindo sobre algumas questões, tais como: até que ponto a educação é significada como objeto de consumo? De que maneira a imagem de celebridades nessas propagandas significam a mercantilização do ensino superior privado? Assim, este trabalho justifica-se pelo fato de favorecer a compreensão das estratégias discursivas de instituições particulares, adotadas na composição do discurso midiático, possibilitado por suas determinações histórico-sociais e ideológicas.

**Palavras-chave:** Mercantilização da Educação. Análise do Discurso. Celebridades. Ensino a distância.

**Abstract:** This article aims to analyze the discursive process of transforming education in product consumption, as set out in the media – specifically – in advertisements colleges and/or private universities that operate in the mode distance education under the theoretical perspective methodological the French Discourse Analysis, reflecting on some issues, such as the extent to which education is meant as an object of consumption? How celebrity picture in these advertisements imply the commodification of private higher education? This work is justified by the fact promote understanding of the discursive strategies of private institutions, adopted in the composition of the media discourse, made possible by its historical-social and ideological determinations.

**Keywords:** Commodification of education. Speech Analysis. Celebrities. Distance learning.

### Considerações iniciais

Esse artigo é um recorte de nossa dissertação de mestrado, intitulada “A mercantilização da educação: análise do discurso midiático de faculdades e/ou universidades privadas que atuam na Amazônia brasileira”, que se encontra em fase de confecção, aberta a sugestões e diálogos possíveis. Dessa forma, enquanto nossa pesquisa se propõe a analisar o processo discursivo de transformação da educação em produto de consumo, enunciado em anúncios publicitários de Instituições de Ensino Superior (doravante IES) privadas na

---

<sup>1</sup> É professor efetivo no Instituto Federal do Pará (Campus Abaetetuba) e mestrando em Letras - Estudos Linguísticos, pela Universidade Federal do Pará.

Amazônia brasileira, este artigo se propõe a analisar a produção de sentido dos anúncios que utilizam celebridades [pessoas famosas, atores, atrizes, jornalistas, comediantes] em propagandas voltadas à modalidade educação à distância, sob a perspectiva teórico-metodológica da Análise do Discurso de linha francesa (doravante AD), fundamentada nos estudos dos filósofos Michel Pêcheux (1990, 1997) e Michel Foucault (1969)<sup>2</sup> sobre discurso, história e sociedade.

Para tanto, contextualizaremos a dinâmica da mercantilização da educação superior nas práticas neoliberais, traçaremos apontamentos que entendemos ser relevantes sobre a AD e as categorias analíticas que subsidiam nossas análises, analisaremos algumas peças publicitárias, tentando assim, a partir dos desdobramentos, responder nossos questionamentos acerca dos efeitos de sentido dessa prática discursiva.

### **Neoliberalismo e Análise do discurso: relevantes considerações**

Com o advento do capitalismo e da expansão da sociedade de consumo, a publicidade tem desempenhado um papel fundamental na contemporaneidade, não apenas com o intuito de persuadir ao público consumidor, mas de criar necessidades de consumo e de posicionar o público consumidor em determinados lugares na relação com os anunciantes dos textos publicitários.

A fim de analisar as condições de produção do discurso publicitário de instituições de ensino superior, faremos a contextualização histórica do período compreendido a partir da instauração de um governo neoliberal no país, alicerçado na lógica capitalista, iniciado no final dos anos 80, no governo de Fernando Collor de Mello, e solidificado nos anos 90, no governo de Fernando Henrique Cardoso, presente até os dias de hoje (NEVES & FERNANDES, 2002).

Conforme Neves e Fernandes (2002), o governo de FHC implementou e consolidou no país um projeto político privatista e neoliberal, o que certamente haveria de refletir no ensino brasileiro, ao difundir uma abordagem ideológica de capacitação e empregabilidade. Nesse contexto, com a privatização do ensino, houve um amplo aumento da concorrência, surgindo a necessidade da publicidade do ensino oferecido pelas instituições privadas.

---

<sup>2</sup> Mesmo reconhecendo que há diferenças entre os estudos destes teóricos, seus escritos dialogam e se aproximam em suas categorias teóricas, filosóficas e metodológicas, garantindo, assim, o sustentáculo teórico-metodológico à nossa análise. (Ver GREGOLIN, M. R. *Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso: diálogos e duelos*. São Carlos, Editora Claraluz, 2006).

Elegemos, como recorte, anúncios publicitários do período histórico que corresponde aos anos 2000 a 2014, veiculados na mídia visual (*outdoors, busdoors, banners*) e digital (*sites* das instituições de ensino), os quais conceberemos como *arquivo*, segundo a perspectiva de Michel Foucault em seu método arqueológico:

Meu objeto não é a linguagem, mas o arquivo, ou seja, existência acumulada dos discursos. *A arqueologia*, tal como eu a entendo, não é parente nem da geologia (como análise dos solos) nem da genealogia (como descrição dos começos e das sucessões): ela *é a análise do discurso em sua modalidade de arquivo* (FOUCAULT, 1967, p. 62).

Segundo a pesquisadora Maria do Rosário Gregolin (2006, p. 17), a proposta foucaultiana de arquivo é o conceito mais amplo da análise desse filósofo francês em sua obra *Arqueologia do Saber*:

A partir dele [arquivo], pensando em termos descendentes podemos unir todos os conceitos – enunciado, formações discursivas; conjunto de enunciados (discurso); práticas discursivas; a *priori* histórico; positividade; arquivo. De uma certa maneira, nesse livro de explicitação teórico-metodológica, Foucault opera por círculos concêntricos, tentando definir os conceitos operacionais do método que empregara nos trabalhos anteriores. Isso o leva a constantes retomadas, a idas-e-vindas.

Portanto, a noção de arquivo proposta por Foucault engloba categorias teóricas e, ao mesmo tempo, metodológicas para subsidiar a fundamentação teórica da Análise do discurso.

Optamos por trabalhar com a AD pelo fato de que esta abordagem não é a simples análise do conteúdo, mas a investigação de que modo ocorre a produção do discurso, como ele se dá no fazer histórico e social em que se insere e produz sentidos.

A análise do Discurso propõe, portanto, descrever as articulações entre materialidade dos enunciados, seu agrupamento em discursos, sua inserção e, formações discursivas, sua circulação através de práticas, seu controle por princípios relacionados ao poder, sua inscrição em um arquivo histórico (GREGOLIN, 2003b, p. 12).

De acordo com essa mesma autora, os nomes fundamentalmente para o alicerce da AD derivada de Pêcheux e que vão influenciar suas propostas são:

Althusser com sua releitura das teses marxistas; Foucault com a noção de formação discursiva, da qual derivam vários outros conceitos (interdiscurso; memória discursiva; práticas discursivas); Lacan e sua leitura das teses de Freud sobre o inconsciente, com a formulação de que ele é estruturado por uma linguagem; Bakhtin e o fundamento dialógico da linguagem, que leva a AD a tratar da heterogeneidade constitutiva do discurso (GREGOLIN, 2003b, p. 25).

Assim, ao dialogar com essas áreas do conhecimento científico, a AD apresenta a linguagem como não-transparente, pois a relação língua-discurso-ideologia garante sua materialidade.

Vale ressaltar que o foco de atenção da AD é o texto, constituído de materialidade significante na história, por isso é necessário pensar a questão da produção de sentidos, o que não está pronto, mas é construído a partir da relação entre o texto e sua exterioridade. Isso implica a constituição de um sujeito descentrado, dividido, discursivo, clivado, fundamentalmente histórico e ideológico, o que significa afirmar que o sujeito da AD não é dono do seu dizer.

Assim, a AD busca compreender a produção de sentidos, e este sentido não é um elemento imanente ao texto, isto é, o sentido é relacionado ao exterior. Para Pêcheux (1997, p. 77), “um discurso é sempre pronunciado a partir de *condições de produção* dadas.” O que significa afirmar que o discurso por si só não significa.

O conceito de *interdiscurso* é fundamental para a compreensão do funcionamento do discurso, da sua relação com o sujeito e com a ideologia. Pois é no interdiscurso que se estabelecem relações entre discursos, pois ainda que de forma inconsciente, ou esquecida, o sujeito utiliza já-ditos, os quais recebem novos significados e vão possibilitar o dizer.

Ao discutir a relação entre o discurso e o “já-dito”, Pêcheux, de acordo com Gregolin (2001), postula que os processos discursivos se constituem a partir de algo dito anteriormente, em outro lugar, proveniente de outros enunciadores.

Assim, o dizer não significa apenas pelo que se tem a dizer, mas pelas enunciações que o fizeram significar, pela memória em que está impregnado, mesmo que ausentes ou esquecidas. O que se diz, em dado momento histórico já foi dito. Isto é, não somos os donos de nossos dizeres. Eles significam pela história e para a língua e podem ser apreendidos por outras vozes. É a partir da memória discursiva que surge a possibilidade de toda formação discursiva fazer circular as “redes de formulações” outrora enunciadas.

O conceito de *formação discursiva* (doravante FD) foi formulado por Foucault, em *Arqueologia do Saber* (1969). O autor desenvolveu essa concepção como um dispositivo metodológico para a análise arqueológica dos discursos, que o definia como:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão e, no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações) diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* [...] (FOUCAULT, [1969] 1986, p. 43).

Para a AD, a formação discursiva não deve ser entendida como a “visão de mundo” de um determinado grupo social, mas como um domínio inconsistente, aberto e instável, dado a partir da dispersão, na heterogeneidade dos lugares de fala, ou seja, das posições que os sujeitos assumem nos discursos.

Logo, para a AD, a FD é o que determina, em dada enunciação, o *que pode e deve ser dito* e também o *que não pode e não deve ser dito* pelo sujeito que enuncia. Isto é, a FD propicia a produção de sentido do discurso, sendo tarefa do analista, ao investigar o funcionamento do discurso, relacioná-lo a outras formações discursivas, procurando entender porque em determinado discurso obteve-se um sentido e não outro.

Desta forma, a partir das fundamentações teóricas expostas, buscaremos refletir sobre as seguintes questões: até que ponto a educação é significada como objeto de consumo? De que maneira a imagem de celebridades nessas propagandas significam a mercantilização do ensino superior privado?

### **Analisando o discurso publicitário: celebridades em propagandas de educação a distância.**

Antes das análises das peças publicitárias, é conveniente pontuar o lugar da educação a distância (doravante EaD) na legislação educacional. Essa modalidade de ensino é legalizada a partir do artigo nº 80 da Lei nº 9.394/96, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). De acordo com Lima (2007, p. 183), esse modelo de ensino é usado como estratégia de “democratização do acesso ao ensino superior”, ao ser apresentada como possibilidade de superação do limite entre tempo e espaço, em nome da integração que busca “alcançar a ‘empregabilidade’, em uma sociedade em que a formação é posta como fator estratégico do desenvolvimento, da produtividade e da competitividade”.

A educação, uma vez reduzida apenas à condição de qualificação para o mercado de trabalho, para Mészáros (2006, p. 271-272) não é mais

[...] feita para os homens, mas para o sistema, pois aderida ao que Schiller considerava como 'a racionalidade daninha' [...] limitada à qualificação técnica de profissionais manuais e não manuais, à especialização que produz 'conselheiros', 'peritos', 'especialistas' para a máquina burocrática do capitalismo moderno.

Entre os estudiosos que questionam a organização e funcionamento dessa modalidade de ensino, podemos citar a seguinte reflexão da filósofa brasileira Marilena Chauí:



A quem interessa que a educação seja apenas mais um item da cultura de massa e da indústria cultural? Quem lucra, do ponto de vista econômico, com a fabricação desses recursos? Quem lucra, social e politicamente, com seu uso? A quem interessa que a democratização da cultura seja sinônimo de massificação, de tal modo que o "direito igual de todos à educação" se converta automaticamente na suposição de que para ser um "direito igual" a educação deva reduzir-se à vulgarização dos conhecimentos através dos "meia"? [...] O recurso audiovisual tende a transformar a igualdade educacional em nivelamento cultural pelo baixo nível dos conhecimentos transmitidos (CHAUÍ, 1980, p. 32-33).

Conforme as condições de produção dessa modalidade de ensino, a EaD está se solidificando no cenário nacional. Geralmente, é exaltada pelos meios de comunicação em consonância com as práticas neoliberais que materializam os interesses do capital. A edição nº 641 da revista *Época* (2010, p. 80-84), trouxe o seguinte enunciado na capa “*Como tirar seu diploma pela internet*”. De acordo com a reportagem: “[...] a febre [do EaD] começou com cursos técnicos e de especialização, fenômeno mundial turbinado pela valorização do ensino. Muita gente está em busca de conhecimento, porque sentiu que ele garante mais oportunidades.” (GUIMARÃES, 2010, p. 84).

Na revista *Agitação*, podemos encontrar o seguinte texto em exaltação à Ead:

A EaD começou a avançar a passos largos no Brasil e já responde por expressivo número de cursos oferecidos. [...] as avaliações de provas e concursos demonstram que já se conta entre os melhores classificados a presença de candidatos que só fizeram cursos a distância. É a inevitabilidade da era do conhecimento. [...] Por semestre, acrescentam-se ao patrimônio científico da humanidade mais de 30 milhões de novos saberes, que as antigas lições escolares não têm como classificar, ordenar, sistematizar e distribuir aos alunos dos cursos tradicionais. Só a eletrônica, com seus veículos informativos [...] passará a dar conta desse recado, não mais via professor em classe, e sim via alunos pesquisadores em rede, o que deve inspirar as escolas a formarem, daqui para frente, não repetidores de lições transmitidas por docentes, e sim navegadores da internet em busca do saber necessário ao interesse de cada um (SOUZA, 2009, p. 66).

Portanto, a fim de conquistar mais alunos-clientes, várias IES adotam a estratégia comercial de propagandas com a presença de pessoas famosas, dentre essas instituições, podemos citar a Universidade Paulista (UNIP), sediada em São Paulo, mas que oferece o ensino a distância, se fazendo “presente” em todo território nacional.

**Promoção Novos Alunos 2013.1**  
**Garanta seu futuro**

ESTÃO ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA O VESTIBULAR 2013.1  
 Acesse: [www.aquiyoucepode.com.br](http://www.aquiyoucepode.com.br)  
 Informações: 0800.7250045  
**INSCRIÇÕES GRATUITAS**

Fazendo sua matrícula em qualquer uma das unidades\* do grupo **Aqui Você Pode**, você ganha um brinde\*\*, garante o seu futuro e ainda concorre a 150 tablets!\*\*\*

**Brindes\*\***

**Tablets\*\*\***

**UNIP**  
 UNIVERSIDADE PAULISTA

**Aqui Você Pode**

\* Para consultar as unidades participantes da promoção, acesse o site [www.aquiyoucepode.com.br](http://www.aquiyoucepode.com.br).  
 \*\* Os brindes informados nesta promoção são válidos apenas para alunos ingressantes de 2013.1 com pagamento da taxa de matrícula realizada no período de 15/10/2013 a 27/03/2013.  
 \*\*\* Para maiores informações sobre o sorteio dos tablets, consulte o regulamento no site: [www.aquiyoucepode.com.br](http://www.aquiyoucepode.com.br).

Figura 01 – Campanha Vestibular 2013 da Universidade Paulista – UNIP.

Nessa peça publicitária, além da presença de brindes a serem oferecidos aos futuros clientes/alunos (*pendrivers*, camisetas e *tablets*), preferimos destacar a imagem do ator de telenovela, Ricardo Tozzi, como garoto-propaganda desse anúncio publicitário, acompanhado do enunciado *Aqui você pode*.

No período em que Tozzi atuou como garoto-propaganda dessa peça, era um dos personagens principais da telenovela global *Cheia de charme*, onde interpretava um cantor de tecnobrega, idolatrado por fãs brasileiras, em sua maioria considerada de baixa renda, principalmente empregadas domésticas. Podemos afirmar que um movimento da interdiscursividade, determinado pelas condições de produção deste momento histórico-social, materializa uma rede de memórias sobre os direitos e deveres dessas profissionais. A mídia brasileira abordou com frequência o papel das empregadas domésticas e seus direitos, inclusive meses depois, foram criadas leis trabalhistas a fim de garantir esses direitos. Desta forma, entendemos que a imagem de Tozzi, junto ao enunciado *Aqui você pode*, produz o sentido de que, qualquer pessoa, independente da classe social, pode ter acesso ao ensino superior.

Conforme Alsmadi (2006), para que os consumidores obtenham percepções positivas acerca do que é anunciado, os publicitários utilizam celebridades como estratégia de comunicação. Para esse mesmo autor, celebridade é uma personalidade conhecida publicamente por uma gama de pessoas, que exercem profissões como: modelos, atores, estrelas de televisão e atletas. O uso de tais celebridades é uma prática recorrente entre várias

IES, sendo que algumas dessas “celebridades” nem possuem um diploma superior, mas anunciam tais instituições de ensino como a ideal.

Em 04 de dezembro de 2007, o maior jornal do país, *Folha de São Paulo*, trouxe uma reportagem intitulada “Sem diploma, famosos viram estrela em propaganda de faculdades” e com o subtítulo “Para estabelecimentos privados, mais do que a formação, o importante é mostrar ‘ascensão desses profissionais’ de sucesso”. Diz a reportagem:

Assim como Ana Hickmann, artistas como o apresentador de TV Márcio Garcia, o ator Gustavo Leão e a cantora Wanessa Camargo, todos sem formação universitária, protagonizam anúncios de instituições privadas.

Garcia, por exemplo, abandonou o curso de administração de empresas para seguir a carreira de modelo. Hoje ele faz a campanha do vestibular da UniABC, que defende a escolha do não-diplomado para o posto. "O jovem é muito inteligente e sabe que nem todos terão as mesmas condições para conquistar o sucesso na carreira como o Márcio. E é exatamente por isso que o jovem precisa estudar", diz Nilce Regiane Sousa, coordenadora de marketing da instituição. "O sistema educacional do Brasil é pouco desenvolvido e o cliente dessas faculdades não sabe ao certo o que acontece no curso. Assim como em anúncios de pasta de dente, em que a marca contrata um dentista para dar credibilidade, deveria ser evidente a faculdade trazer alguém que fez sucesso porque estudou lá", diz o professor Nelio Bizzo, da Faculdade de Educação da USP. A publicitária Bia Aydar, da MPM Propaganda (que não tem contas de faculdade), se diz favorável à escolha. "Certamente as faculdades se basearam em pesquisa. Se fizeram essa opção, é porque está dando resultado. Existem pessoas maravilhosas que cresceram na vida sem diploma."

#### *Crítérios*

Ana Hickmann diz ser "muito seletiva" nas propostas que recebe para fazer propaganda. "Só anuncio para empresas em que acredito, que sei que vão entregar um produto verdadeiro para o público", diz ela. No caso da faculdade, como aferiu a qualidade do "produto"? "Bom... Eu tenho uma equipe que me ajuda a descobrir [se o produto é bom]." A nota obtida pela instituição no Enade (antigo "provão") é importante? "É, tudo isso eu vejo...", diz ela, arrastada pelo braço por uma assessora durante uma festa de lançamento da campanha. Nesse evento, um telão exibia um vídeo com comentários dos alunos sobre os novos anúncios. "A Ana Hickmann é linda", diz um deles. "Só a Ana Hickmann seria suficiente para a campanha ser perfeita. Diz outro.

#### *Aspiração*

A cantora Wanessa Camargo, que aparece nos anúncios do processo seletivo da Uniban, diz que ainda não prestou vestibular porque trabalha muito, mas que aceitou fazer o anúncio porque ainda quer chegar lá. "Acredito que o conhecimento é um dos maiores bens pessoais. Por valorizar tanto os estudos e uma boa faculdade, fiz o comercial da Uniban", diz, por e-mail. A campanha atual da instituição tem, além de Wanessa, outros cinco cantores. Quantos já pisaram em uma faculdade em algum momento da vida? "Não sei", diz Eduardo Fonseca Neto, presidente do conselho de comunicação da instituição de ensino. "O foco da nossa campanha é civismo e o respeito que está desaparecendo entre estudante e professor. Não tive a menor preocupação em saber quem tem diploma", diz.

Essa reportagem nos convida à reflexão quanto ao uso de celebridades em publicidade: muitas são usadas como simples estratégia de marketing, mesmo sem possuírem formação acadêmica em nível superior, divulgam tais produtos e, em nosso entendimento, essa não é preocupação de alguns proprietários de IES privadas. A seguir, analisamos algumas peças publicitárias em que foi utilizada a imagem de famosos:

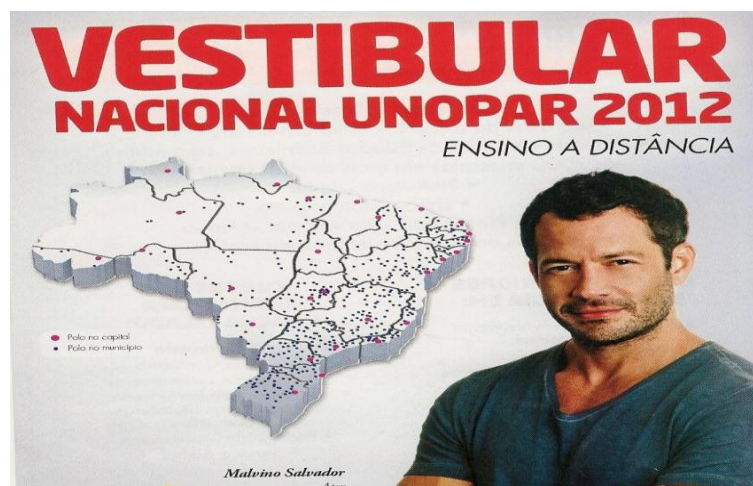


Figura 02 – ator Malvino Salvador na campanha vestibular 2012 da UNOPAR.

A campanha do vestibular da Universidade Norte do Paraná – UNOPAR, no ano de 2012, foi realizada pelo ator Malvino Salvador<sup>3</sup>. As condições de produção dessa peça publicitária nos orientam que, nesse período, Salvador era um dos protagonistas da telenovela global *Fina Estampa*, e foi eleito o homem mais sexy desse mesmo ano<sup>4</sup>. Nascido em Manaus-AM, Malvino cursou até o 4º ano de Ciências Contábeis, porém não concluiu o curso. Mesmo assim, durante todo o ano de 2012, posou como garoto-propaganda da UNOPAR, e, dessa forma, essa IES aproveita da dita beleza física do ator para conquistar o público alvo.

Já nos anos 2013 e 2014, a mesma instituição contratou, como estratégia de comunicação, o também ator global Reinaldo Gianecchini (formado em Direito pela PUC) para atuar como garoto propaganda do vestibular:

<sup>3</sup> Fonte <<http://globoTV.globo.com/rede-globo/programa-do-jo/v/malvino-salvador-trocou-a-faculdade-de-ciencias-contabeis-pela-carreira-de-ator/3545335/>> Aces. 10 março de 2016.

<sup>4</sup> Fonte <<http://www.doistercos.com.br/malvino-salvador-e-eleito-o-homem-mais-sexy-de-2012/>> Aces. 10 março de 2016.

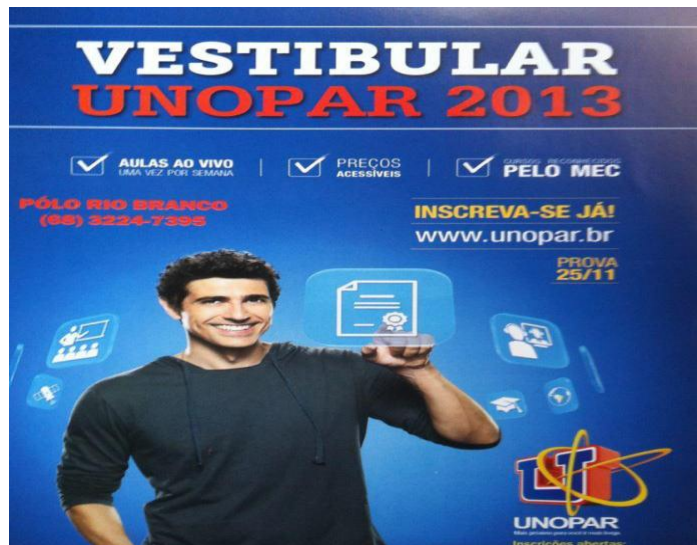


Figura 03 – ator Reinaldo Gianecchini na campanha 2013 da UNOPAR.

A utilização da imagem de Gianecchini produz um efeito de sentido de superação – dois anos antes (2011-2012), o ator fora diagnosticado e curado de um câncer<sup>5</sup> – e isso produz uma representação significativa a quem está buscando um curso superior. Outro ator global, que “estrelou” campanha de vestibular, foi Marcelo Serrado, em 2012, pelo Centro Universitário de Maringá – Unicesumar:



Figura 04 – ator Marcelo Serrado na campanha vestibular 2012 da UniCesumar.

Em 2012, Serrado foi um dos protagonistas da telenovela global *Fina Estampa*, na qual interpretava o homossexual *Crô*, que, de acordo a mídia de entretenimento nacional, fez tanto sucesso que teve o direito de virar um filme. Devido a direitos autorais, pertencentes à Rede Globo de Televisão, nesse anúncio publicitário, Marcelo não está fazendo uso do personagem *Crô*, mas, dentro das condições de produção nesse determinado momento histórico, segundo uma rede de memória discursiva e imagética, era praticamente impossível

<sup>5</sup> Fonte: Site da revista Veja <<http://veja.abril.com.br/noticia/entretenimento/estou-pronto-para-a-luta-diz-gianecchini-sobre-tumor>> Acessado 10 de março de 2016.

ver um anúncio publicitário com esse ator e não associá-lo ao personagem; portanto, podemos entender que o efeito de sentido proposto pela UniCesumar é de que, nessa IES, também há espaço para clientes-alunos que possuem quaisquer identidades sexuais.

Em 2013, foi a vez do também ator global que não possui diploma em nível superior, Lázaro Ramos<sup>6</sup> “estrelar” a campanha do vestibular 2013 dessa mesma IES:



Figura 05 – ator Lázaro Ramos na campanha vestibular 2013 da UniCesumar.

A presença de um ator negro na publicidade desperta uma rede de memória discursiva acerca do lugar dos afrodescendentes no campo publicitário, sobre o qual há diversos estudos que apontam um apagamento desse grupo étnico na publicidade brasileira:

Na história das nossas mídias audiovisuais, o desejo de branqueamento da nação, ideário que já estava consolidado desde o século XIX, acabou por se tornar um peso imagético, uma meta racial que nunca provocou rebeldias. Ao contrário, tornou-se convenção e naturalizou-se como estética audiovisual de todas as mídias, incluindo-se aí especialmente a TV, o cinema e a publicidade (ARAÚJO, 2006, p. 73).

Por outro lado, há estudiosos que consideram o contrário, Couceiro de Lima (2006, p. 58), por exemplo, afirma que “a propaganda abriu-se para o afrodescendente”, já Ilana Strozenberg acredita que:

Em toda a história da propaganda no Brasil até meados da década de 1980, negros e mestiços só apareciam nos anúncios desempenhando papéis subalternos (...). Hoje, já não é isso que se vê. Modelos negros e mestiços são utilizados para nos vender, a todos, os mais diferentes produtos e serviços: de moda e acessórios esportivos a cartões de crédito e eletrodomésticos; sendo que a diferença de cor aparece, agora, como uma característica positiva (STROZENBERG, 2005, p. 200-201).

<sup>6</sup> Em uma entrevista a um site, quando perguntado acerca de sua formação, o mesmo respondeu: “Fiz curso livre de teatro na Bahia, durante três anos, numa instituição chamada Anísio Teixeira. Sou técnico em patologia, com formação de segundo grau, profissão exercida. Analisava exames de sangue, de fezes e de urina. Também tenho superior incompleto em bioquímica. Fui jubilado porque fiz três meses e depois não apareci mais.” Fonte: <<http://lazinhoramos.blogspot.com.br/2006/06/entrevista-com-lzaro-ramos.html>> Acesso 10 março 2016.

Assim, o lugar de fala dessa peça publicitária é a própria IES que, ao utilizar a imagem do ator Lázaro Ramos, produz o sentido de representação de uma considerável parcela do povo brasileiro, que pode significar a integração do negro na mídia nacional, uma vez que essa IES, através do ensino a distância, está presente em todo o país, e ao escolher esse ator, temos um sujeito que assume a posição de quem não admite preconceito racial, dando a entender que nesse centro universitário todos têm chances de estudar, de melhorar de vida, independentemente da cor da pele.

Já em 2014, a “estrela global” a vender a educação da UniCesumar é a paraense Dira Paes:



Figura 06 – atriz Dira Paes na campanha vestibular 2014 da UniCesumar.

Nesse ano, a UniCesumar contrata a atriz Dira Paes que, por ter traços físicos peculiares a indígenas. Entendemos que há um movimento de interdiscursividade que produz o sentido de inclusão de todas as etnias brasileiras em sua publicidade, inclusive no anúncio acima em que, além da presença da paraense, temos o rosto de mais duas outras mulheres, uma negra e a outra branca. Desta forma, essa IES busca significar a educação superior como um lugar de todos os brasileiros, conceito esse definido pelo ensino a distância. Enfim, busca um sentido de inclusão, de marcar identidade, e esse encontro só seria possível nessa IES.

No entanto, não são somente atores e atrizes que vendem suas imagens para a publicidade do ensino superior privado, até mesmo repórteres (ou comediantes?) atuam como garotos (as)-propaganda, como é o caso de Mônica Iozzi:



Figura 07 – Mônica Iozzi na campanha vestibular 2011 da UNISEB.

Ao analisarmos o arquivo “*E você? Quer fazer faculdade ou não? Com a educação a distância ficou mais fácil*”, identificamos como efeito de sentido a materialização de uma rede de memória que se tem acerca da educação a distância: facilidade.

Portanto, para emprendermos o sentido dessa peça publicitária, é necessário associá-la com outro *já dito*; assim, temos a imagem da atriz/repórter Mônica Iozzi, apresentando um *tablet* como enunciado “Você Q sabe”. Naquele contexto, Mônica era uma dos oito integrantes do programa da Rede Bandeirantes de Televisão, *Custe o Que Custar* (também conhecido como *CQC*)<sup>7</sup>:

Mônica aparece trajando o mesmo vestuário que utiliza no programa *CQC*. A repórter “empresta” a sua imagem para dar sentido a essa publicidade, porém, é necessário que entendamos as condições de produção desse *arquivo*, buscando em outros *já ditos*, a memória que vem significar o porquê dessas formações discursivas em detrimento de outras formações. Naquele período, Mônica Iozzi estava em evidência na mídia. Iozzi é atriz por formação, graduada em Artes Cênicas na Universidade de Campinas, em 2009 foi selecionada através de um concorrido concurso para ocupar a 8ª vaga do programa *CQC*, onde participou daquele ano até 2013.<sup>8</sup>

<sup>7</sup> Laura Colli Gon, em sua dissertação de mestrado (GON, 2012, p. 13) afirma que: “Para tornar o jornalismo mais atraente ao público, o enfoque humorístico tem sido a estratégia mais utilizada pelos programas televisivos. Um desses programas, a partir de 2008, foi o *Custe o Que Custar* (mais conhecido como *CQC*), da Rede Bandeirantes de televisão. O programa faz um resumo semanal e debochado das notícias mais importantes que circularam durante a semana, é apresentado às segundas-feiras, às 22:30h, e aborda principalmente, reportagens que sejam referentes ao momento histórico e político atual do Brasil, utilizando, nessas reportagens sempre ironia e sarcasmo.”

<sup>8</sup> Informação disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2009/09/630514-atriz-eleita-a-oitava-integrante-do-cqc-se-inscreveu-de-ultima-hora.shtml>> Aces. 10 de março de 2016.



Desta forma, ao utilizar a atriz/repórter Mônica Iozzi como garota-propaganda, o Centro Universitário UniSEB, ao oferecer educação superior na modalidade a distância, ao mesmo tempo em que busca significar a educação como algo fácil de se conquistar, produz o sentido de que só consegue vencer na vida profissional e conquistar seu espaço no mercado de trabalho quem tem uma boa preparação, ou seja, quem passa por uma boa instituição de ensino superior, que é o caso de Iozzi, mas não é dito que essa profissional graduou-se em uma universidade pública.

E quando a celebridade “vende” de tudo? É o caso, por exemplo, do apresentador da Rede Globo de televisão Luciano Huck. Durante um dia, com a tv aberta conectada, facilmente encontramos Huck “vendendo” de tudo, inclusive, educação superior:

**Estácio**

**GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA.**  
 APROVEITE A PARCERIA DA SUA EMPRESA  
 COM A ESTÁCIO E ESTUDE QUANDO E ONDE  
 QUISER, SEM ABRIR MÃO DA QUALIDADE.

- Uma das melhores instituições de ensino superior do país\*.
- Aulas teletransmitidas ao vivo ou online.
- Acesso direto aos professores.
- 54 pólos em todas as regiões do país.
- Mesmo diploma da Graduação Presencial.
- Central de ensino 24h - Atendimento especializado com professores de cada disciplina.
- Cursos autorizados pelo MEC.

Graduação em 4 anos:  
 Administração, Ciências  
 Contábeis e Pedagogia.

Graduação em 2 anos:  
 Gestão de Recursos  
 Humanos, Marketing.

Mensalidade com  
 20% de desconto:  
**R\$ 187,00\*\***

LIVROS DIDÁTICOS GRATUITOS.\*\*

CONHEÇA TAMBÉM OS CURSOS  
 PRESENCIAIS DA ESTÁCIO.

CONTE COM A ESTÁCIO E ESCREVA A SUA HISTÓRIA.

\* O Grupo Estácio é o 4º lugar no Enade, entre os maiores grupos privados do país - média ponderada dos cursos (fonte: Inep)  
 \*\* Mensalidade com 20% de desconto. Ofertas válidas para matriculados em 2009.2 nos cursos de graduação a distância, por todo o curso.

Mais informações e inscrições,  
 acesse [www.estacio.br](http://www.estacio.br) ou ligue **0800 282 3231**

Figura 08 – Luciano Huck como garoto propaganda do Grupo Estácio no ano 2012.

Nesse mesmo período, Luciano Huck também “emprestou” sua imagem para a comercialização de outras mercadorias: vitaminas, tênis, construtora, roupa, telefonia móvel, eletrodomésticos, refrigerante, detergente pra lavar louça, cartão de crédito e, inclusive, ensino superior:



Figura 09 – Luciano Huck vende de tudo?

Assim, reiteramos nossa reflexão: a demasiada exposição de uma celebridade na comercialização de diversos produtos transmite credibilidade ao público alvo? Ao utilizar a imagem dessa solicitada celebridade, essa IES significa a educação como mais uma mercadoria a ser consumida pela cesta básica do capital.

### Considerações finais

O uso de celebridades em anúncios publicitários é uma estratégia bastante comum nas práticas discursivas midiáticas, pois espera-se que um rosto conhecido possa colaborar na venda daquela mercadoria, ou até mesmo, conferir *status* ao produto anunciado.

Mas, em se tratando de educação, sobretudo ensino superior, o uso de celebridades (mesmo sem a formação acadêmica neste nível de ensino), sob a ótica da análise do discurso, nos leva a indagar: será mesmo que tais celebridades são as mais adequadas para anunciarem um produto do qual (provavelmente) nunca fizeram uso? Poderíamos afirmar que tais anúncios se enquadrariam como propaganda enganosa? Qual é a credibilidade, que essas estrelas têm para anunciarem esta ou aquela instituição de ensino, falando de suas qualidades e garantindo que tal IES é a melhor?

Desta forma, considerando a proposta dessa pesquisa e os anúncios publicitários até aqui analisados, pontuamos que, por meio do uso da imagem de celebridades (que geralmente “vendem” de tudo) em suas propagandas, várias instituições de ensino superior, que atuam na modalidade de educação a distância, materializam práticas discursivas que significam a

educação superior, geralmente tratada como mais um item a ser explorado numa sociedade pautada nos princípios neoliberais, a serviço do capitalismo.

## Referências

ALSMADI, S. The Power of Celebrity Endorsement in Brand Choise Behavior: An Empirical Study of Consumer Attitudes. *Journal of Accounting – Business & Management*, v. 13, pp 69-84, 2006.

ARAÚJO, J. Z. A força de um desejo: a persistência da branquitude como padrão estético audiovisual. *Revista USP*, São Paulo, nº 69, p.72-79, mar-mai 2006.

BERGAMASCO, D. Sem diploma, famosos viram estrela em propaganda de faculdades. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 04 nov. 2007. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0411200715.htm>> Acesso em 10 mar. 2016.

BRASIL. *Decreto 5622*, de 19 de dezembro de 2005, Presidente da República. Regulamenta o art. 80 da Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

CHAUÍ, M. S. Ideologia e educação. *Educação e Sociedade*, Campinas, n. 5, p. 24-40, 1980.

COUCEIRO DE LIMA, S. M. Até canibal vira vegetariano. *Revista USP*, São Paulo, nº 69, p.44-59, mar-mai 2006.

FOUCAULT, M. *Sobre as maneiras de escrever a história*. Les Lettres Françaises, nº 1, 15-21 de junho de 1967, p. 6-9. Trad. bras. em *Ditos & Escritos 2*, p. 62-81.

\_\_\_\_\_. *L'Archéologie du Savoir*. Paris: Gallimard, 1969. Trad. bras. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

GON, L. C. *Discurso, política e infotainment: uma análise discursiva do CQC*. 2012. 113 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos – SP. 2012.

GREGOLIN, M. R. V. Análise do Discurso: lugar de enfrentamentos teóricos. In: FERNANDES, C. A.; SANTOS, J. B. C. (Org.). *Teorias Lingüísticas: novas problemáticas*. 1 ed. Uberlândia: EDUFU, 2003a, v. 01, p. 35-50.

\_\_\_\_\_. A mídia e a espetacularização da cultura. In: GREGOLIN, M. R. (Org.). *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos, SP: Claraluz, 2003b, p. 9-19.

\_\_\_\_\_. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos*. São Carlos, SP: Claraluz, 2006.

GREGOLIN, M. R V.; BARONAS, R. (orgs.). *Análise do Discurso: as materialidades do sentido*. São Carlos, SP: Claraluz, 2001. (Coleção Olhares Oblíquos).

GUIMARÃES, C. Como tirar seu diploma pela internet. *Época*, São Paulo, n. 641, 2010, p. 80-84.

LIMA, K. R. S. *Contra-reforma na educação Superior: de FHC a Lula*. São Paulo: Xamã, 2007.

MÉSZÁROS, I. *A teoria da alienação em Marx*. São Paulo: Boitempo, 2006.

NEVES, L. M. W.; FERNANDES, R. R. Política neoliberal e educação superior. In: NEVES, L. M. W. (Org.) *O empresariamento da educação*. São Paulo: Xamã, 2002.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 2.ed., Campinas, SP: Pontes, 1997.

\_\_\_\_\_.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F. e HAK, T. (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Ed. Da Unicamp, 1990, p. 163- 252.

SOUZA, P. N. P. A revolução da EaD. *Agitação*, São Paulo, ano XV, n. 89, 2009.

STROZENBERG, I. O apelo da cor: percepções dos consumidores sobre as imagens da diferença racial na propaganda brasileira. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, nº 4, p. 199-220, jul. 2005.

# INTENCIONALIDADE EM PROFERIMENTOS PERFORMATIVOS DE BRASILEIRAS COM CÂNCER DE MAMA NO CONTEXTO DIGITAL: UMA ABORDAGEM PRAGMÁTICA

Renata Martins Amaral<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo propõe uma análise de proferimentos performativos na internet de três brasileiras em tratamento oncológico da mama que utilizam o *site* do Instituto Oncoguia para buscarem apoio no tratamento da doença. As lentes utilizadas para a leitura dos dados têm como referencial teórico a Pragmática em interface com a Intencionalidade. Os objetivos do estudo são: (i) identificar as intenções das pacientes ao proferirem suas enunciações no contexto digital; e (ii) verificar como a dêixis permeia as elocuições de intencionalidade dos atores sociais. A metodologia de pesquisa é a ciber-etnografia. A investigação sinaliza que um espaço virtual como o Oncoguia pode se revelar um contexto digital frutífero ao compartilhamento de histórias de vida, desafios e conquistas de pacientes com câncer, seus familiares e demais interessados no tema.

**Palavras-chave:** Pragmática, Intencionalidade, Câncer de Mama, Contexto Digital

**Abstract:** This article proposes an analysis of performative utterances on the Internet by three Brazilian women under breast cancer treatment who use the Oncoguia Institute website to seek support in the treatment of their disease. The theoretical references used for reading the data are from both Pragmatics through Intentionality. The objectives of the study are to: (i) identify the intentions of the patients to utter their utterances in the digital environment; and (ii) verify how deixis function in the social actors' utterances of intentionality. The research methodology is cyber ethnography. This research indicates that a virtual space like Oncoguia may become a fruitful digital context for sharing life stories, challenges and achievements of cancer patients, their families and others who are interested in this theme.

**Keywords:** Pragmatics, Intentionality, Breast Cancer, Digital Context

## Introdução

“Do ponto de vista do desempenho e performatividade, a análise da narrativa não é apenas semântica, envolvendo a interpretação de significados, mas também deve ser pragmática: analisando a luta pelo significado e as condições e consequências de contar uma história de uma

---

<sup>1</sup> Doutoranda da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro/ Rio de Janeiro/ Brasil. A pesquisadora está vinculada ao Departamento de Letras, Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio, e recebe bolsa subsidiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para desenvolver sua pesquisa. Endereço eletrônico: martinsamaralrenata@gmail.com.

maneira particular”<sup>2</sup> (LANGELLIER, 2001, p. 151, tradução minha).

Ao pensarmos os seres humanos como atores sociais, que interagem uns com os outros nos mais diversos contextos, sejam eles digitais e/ou presenciais, de modo síncrono ou assíncrono, em espaços geográficos distintos ou não, nos desperta o interesse em compreender os propósitos desses indivíduos no que concerne a seus proferimentos performativos orais e/ou escritos (AUSTIN, [1962] 1990), que sinalizam realizações através das enunciações.

Nessa perspectiva, os estudos das linguagens e de como os sujeitos as utilizam para se posicionarem no mundo têm se tornado, cada vez mais, uma preocupação da Pragmática. As tentativas de definição e estabelecimento da Pragmática enquanto ciência autônoma (MEY, 2001; AUSTIN, [1962] 1990 e SEARLE, 1976) mobilizam desde visões clássicas (GRICE, 1982 e LEVINSON, [1983] 2007) até uma definição pós-colonial encontrada no Editorial do *Journal of Pragmatics* (2011).

Esse percurso histórico do desenvolvimento de definições acerca da Pragmática tem despertado o interesse dos autores supracitados, mais expressivamente, desde a segunda metade do século XX. De acordo com a avaliação de Mey (2001), a definição de Pragmática, como ponto de partida, desenvolvida no princípio dos anos 80, que consiste no significado em uso (*meaning in use*) e no significado no contexto (*meaning in context*), embora seja adequada, parece reducionista. Em consonância com a sua opinião, a visão da Pragmática pós-colonial encontrada no Editorial do *Journal of Pragmatics* (2011:1451) considera que o enquadre tradicional da Pragmática não é capaz de explicar o comportamento pragmático das comunidades híbridas do discurso. Na perspectiva contemporânea, a Pragmática amplia seus horizontes de investigação das manifestações do discurso para “linguagens misturadas e práticas comunicativas como ponto de partida, investigando diferentes formas, funções, e efeitos do discurso híbrido em contextos de discursos pós-coloniais.” (2011, p. 1451, tradução minha).

Imbuída pela convicção da Pragmática pós-colonial no que diz respeito à possibilidade de realizar análise pragmática em contextos híbridos, nos quais as manifestações do discurso me parecem compor um mosaico multimodal, e pelas ideias elencadas na epígrafe inicial desse capítulo – no que se refere à necessidade da análise Pragmática, aliada à semântica, dos proferimentos particulares dos atores sociais, que, no contexto em questão (LANGELLIER,

---

<sup>2</sup> O texto original é: “From the perspective of performance and performativity, the analysis of narrative is not only semantic, engaging the interpretation of meanings, but must also be pragmatic: analyzing the struggle over meanings and the conditions and consequences of telling a story in a particular way.”

2001) assim como no contexto desse estudo, se referem às histórias de vida de mulheres em tratamento oncológico com tumor localizado na mama –, proponho um olhar pelas lentes da Pragmática sobre esse assunto, que, em geral, é discutido, exclusivamente, no âmbito das ciências biológicas.

O tema dessa investigação é a análise pragmática da intencionalidade no discurso de pacientes brasileiras com câncer de mama publicamente proferidos em contexto digital no sítio do Instituto Oncoguia ([www.oncoguia.org.br](http://www.oncoguia.org.br)), instituição paulista de referência e apoio no tratamento oncológico.

Parece-me que esse tema tem particular relevância nos estudos contemporâneos sob a análise pragmática, não somente por todas as características dos contextos pós-coloniais já apresentadas até aqui, em que há manifestações do discurso híbrido, mas também devido ao caráter evolutivo das Tecnologias da Informação e da Comunicação (doravante TICs) (TURKLE, 1995) e da resignificação da interação social na pós-modernidade (KATRIEL, 1999).

As perguntas de pesquisa que nortearam o estudo são as seguintes: (1) como se manifestam as intenções de solidariedade por meio das práticas discursivas das pacientes com câncer de mama nesse contexto digital? e (2) de que modo a intencionalidade nas enunciações das pacientes dão relevo aos atores sociais em função da dêixis? Nesse sentido, os objetivos aqui postulados são: (i) identificar as intenções das pacientes ao proferirem suas enunciações no contexto digital; e (ii) verificar como a dêixis permeia as elocuições de intencionalidade dos atores sociais.

Os aspectos teóricos que orientam o estudo procuram articular os principais construtos teóricos da Pragmática sobre intencionalidade (HAUGH & JASZCZOLT, 2012; MAZZONE & CAMPISI, 2010 e DURANTI, 2013), utilizando como categorias de análise a dêixis (LEVINSON, 2007 ; MEY, 2001 e NUNBERG, 1995), partindo da análise linguística rumo à relação com os conceitos subjacentes à temática da intencionalidade.

A metodologia de pesquisa utilizada é a ciber-etnografia (HALLETT & BARBER, 2013), que representa uma metodologia de investigação para indagar sobre o que ocorre nas comunidades virtuais do ciberespaço dentro de uma abordagem qualitativa (DENZIN & LINCOLN, 2006). A coleta de dados ocorreu em ambiente digital, no próprio site do Instituto Oncoguia. Após a busca por um site de referência no tratamento de câncer no Brasil, tive acesso às abas do Instituto Oncoguia, mais especificamente, aos depoimentos de pacientes com câncer de mama.

O artigo está organizado do seguinte modo: primeiramente, resenho criticamente textos sobre intencionalidade selecionados como aporte teórico à compreensão das enunciações das participantes em ambiente *online*. Em seguida, apresento os fundamentos teóricos e metodológicos que embasam essa pesquisa, destacando alguns conceitos da Pragmática. Apresento também o contexto no qual a pesquisa foi realizada e o perfil das participantes, assim como a organização dos dados e suas categorias de análise. Na sequência, interpreto esses dados propondo uma discussão dos resultados. Na seção final, retomo o tema e os objetivos do trabalho, expondo considerações finais referentes a essa investigação.

### ***A Intencionalidade na visão de Alessandro Duranti***

A Intencionalidade está associada aos propósitos enunciativos dos atores sociais, ou à força ilocucionária (SEARLE, 1976) que eles dão aos seus enunciados, assim como ao esforço que eles fazem para se fazerem compreendidos pela sua audiência. Nesse sentido, a fim de investigar a temática da intencionalidade dentro da Pragmática, proponho resenhar três artigos relativos ao tema de modo a sistematizar e avaliar as ideias discutidas pelo antropólogo Alessandro Duranti em três momentos distintos. Os textos selecionados levaram em conta, principalmente, uma visão histórica do autor sobre o tema<sup>3</sup>. São eles: *Truth and Intentionality: An Ethnographic Critique* (1993), *Intentionality* (2000) e *The Social Ontology of Intentions* (2006).

#### ***Truth and Intentionality: An Ethnographic Critique (Duranti, 1993)***

Em 1993, o antropólogo Alessandro Duranti, autor de *Truth and Intentionality: An Ethnographic Critique*, afirmava que havia pouca discussão na literatura etnográfica acerca dos conceitos analíticos de verdade, interpretação e intencionalidade. Até mesmo os antropólogos evitavam discussões filosóficas sobre as relações entre as pessoas, seus pensamentos e suas ações. A maioria dos etnógrafos não se envolvia também na discussão da filosofia da mente ou filosofia da linguagem (SEARLE, 1976).

Nessa ocasião, o referido autor já assumia que as questões referentes à intencionalidade e verdade eram complexas e representavam um desafio para os etnógrafos,

---

<sup>3</sup> Vale ressaltar que em 1984 na obra *Intentions, Self, and Local Theories of Meaning: Words and Social Action in a Samoan Context*, Alessandro Duranti já discutia questões referentes ao significado intencional (*intentional meaning*) introduzido por Grice (1957), especialmente, focalizando o ponto de vista do falante.



uma vez que ele não julgava simples desenvolver hipóteses com base no foco intelectual e nem no comportamento social dos participantes envolvidos no estudo.

Duranti se propôs a repensar essas duas vertentes, verdade e intencionalidade, numa visão de participantes como atores sociais, e não mais como meros informantes. Essa nova perspectiva analítica propiciou investigações mais minuciosas que o levaram a parafrasear Siverstein (1976) ao afirmar que os atores humanos são "sujeitos intencionais" e Grice (1982) ao dizer que os atores normalmente operam assumindo que os outros dizem a verdade. Para o autor, os conceitos de verdade e intencionalidade estavam relacionados à aceitação do dualismo cartesiano entre mente e realidade.

Alessandro Duranti sistematiza, então, uma visão clássica desses dois conceitos por meio do resgate da Teoria da Intencionalidade de Searle (1983), com a diferença de que as palavras eram substituídas pelos estados da mente. Para Duranti, intencionalidade implicava um infinito conjunto de relações entre a mente e o objeto ou situação. A visão clássica de verdade e intencionalidade estabeleceu dois modelos de interpretação: (i) o modelo reconstrutivista e (ii) o modelo de verdade-funcional.

Com relação ao modelo reconstrutivista, sua teoria consiste em afirmar que "a mente fala através da linguagem e a linguagem é também o melhor modo de representação dos estados mentais.", pois "os atores sociais entendem o que outros atores sociais querem, suas crenças, sentimentos através de uma série de máximas conversacionais" (GRICE, 1982). Duranti faz alusão à compreensão desse modelo de interpretação no que concerne à visão de Wittgenstein (1922), uma vez que ele também descreve a linguagem como um meio representacional, pois Wittgenstein traz à tona a ideia de correspondência entre partes de uma proposição. Logo, as subpartes da representação e as subpartes da proposição são articuladas numa relação que representa a realidade.

Já de acordo com o modelo de verdade-funcional, a interpretação consiste em uma relação de correspondência entre a representação e o mundo. O antropólogo traz à baila o contraste entre a psicologia que observa o comportamento humano e a ação social como produtos das atitudes e crenças mentais (GREENWOOD, 1991) e uma noção de humanidade mais experimental, interacional e ambígua.

Embora Duranti destaque os dois modelos apresentados acima, ele critica ambos e estabelece, então, quatro dimensões que não são contempladas, a seu ver, nem pelo modelo reconstrutivista sequer pelo modelo de verdade-funcional no que diz respeito, segundo o próprio autor, à "interação em prática".

1. O meio (ou código) através do qual os atos simbólicos são desempenhados (incluindo representações);
2. A audiência ou coparticipantes na interação que produz atos simbólicos;
3. O contexto cultural (incluindo teorias locais) que dão significado aos atos simbólicos por alocá-los em atividades maiores ou relacionadas e concepções; e
4. As ações constituídas através da mediação simbólica.

Parece-me que, ao estabelecer as quatro dimensões supra-apresentadas, Duranti tenta apenas deixar sua contribuição teórica a partir de modelos já existentes e sua complementaridade torna as análises empíricas sobre intencionalidade mais minuciosas.

No que tange às intenções, o autor assume que é geralmente aceitável que os seres humanos sejam "Sujeitos de atos intencionais" e que esses atos são a base do conhecimento da compreensão humana e da ação humana no mundo, parafraseando Husserl (1970 [1913]) e Stalnaker (1984) ao ratificar a importância de estabelecer que as relações entre os atores humanos e o mundo, no que concerne à intencionalidade humana, é diferente da relação entre as coisas e os eventos no mundo natural.

Para Duranti, outra importante dimensão a ser considerada é o "discurso da intencionalidade". O autor se apropria da visão de Giddens (1979) ao afirmar que "essa identificação não é reconhecida no uso do inglês comum, onde 'significado ou intenção' para fazer alguma coisa é considerado diferente de fazer alguma coisa 'propositalmente'. Devemos investigar a relação entre a noção de intencionalidade e outras noções relacionadas".

### ***Intentionality (Duranti, 2000)***

Em 2000, numa visão mais voltada exclusivamente para a Intencionalidade em si, Alessandro Duranti publicou no *Journal of Linguistic Antropology*, o artigo intitulado "*Intentionality*", que demonstra seu interesse contínuo em investigar o tema, especialmente, sob a releitura de Edmund Husserl, mas acredito que o autor não apresentou contribuições significativas à sua discussão inicial de 1993 sobre intencionalidade.

Segundo Duranti (2000), o termo intencionalidade, investigado desde a tradição filosófica dos escolásticos e, posteriormente, minuciosamente desenvolvido por Edmund Husserl, tem sido relacionado à propriedade da consciência humana de ser direcionado a algo. Por isso, esse termo não deve ser confundido com o senso comum (fazer algo de propósito) ou (ter um plano).

Duranti faz uma releitura das ideias de Husserl, pois acredita que esse autor é o que melhor elucida a discussão sobre intencionalidade até então. Husserl faz uma distinção entre o Ato intencional e o Objeto sobre qual o ato ocorre. Nesse sentido, ele acredita que seja possível identificar o mesmo referente com descrições distintas, cada uma com seu significado. A fim de ilustrar essa distinção, Duranti exemplifica essa tese com duas declarativas afirmativas. Na primeira, ele descreve Bill Clinton como o presidente; e na segunda, como o marido da Hillary. Segundo Husserl, essa "distinção é necessária entre atos intencionais e seu Objeto" (p. 135), pois, enquanto o "Objeto pode permanecer o mesmo, os atos podem mudar" (p. 135). De acordo com a fenomenologia de Husserl, "o significado é constituído através de diferentes caminhos nos quais nos engajamos com o mundo (tanto reais quanto imaginários)" (p. 135). Sendo assim, para Husserl, tudo é significativo: sons, gestos ou marcas no papel, uma vez que eles podem ser interpretados por seres humanos que são capazes de experienciar atos intencionais que podem vir a ser sentimentos, crenças, desejos de se comunicar uns com os outros. O autor acrescenta que a intencionalidade tem papel importante nas obras de Austin (Atos de Fala), Grice (Teoria do Significado) e Searle (Teoria da Mente), e são os Níveis de Intencionalidade que diferem a inteligência humana da inteligência de outras espécies e das máquinas.

Duranti (2000) mostra-se mais preocupado em estabelecer aspectos cognitivos sobre a Intencionalidade como ponto de partida para o estabelecimento de níveis de sistema intencional. Nesse sentido, ele descreve pelo menos quatro ordens distintas desse sistema: o sistema intencional de zero ordem seria aquele que não tem crenças nem desejos. O de primeira ordem tem crenças e desejos, enquanto o de segunda ordem tem crenças e desejos sobre crenças e desejos. Já o sistema intencional de terceira ordem faz-se necessário ao que Grice (1957) chama de "significado não natural" (*meaning-nn*)<sup>4</sup> (p. 136), típico da comunicação humana.

Embora defensor das ideias articuladas por Husserl, Duranti reconhece e apresenta outra linha de pesquisa sobre intencionalidade que vai de encontro ao paradigma de Husserl. De acordo com Heidegger, um dos estudiosos contrários às ideias defendidas por Husserl, o significado não vem dos nossos atos intencionais, mas da temporalidade, que é a finitude que caracteriza a vida humana. Entretanto, essa crítica parece não abalar a tese de Husserl.

---

<sup>4</sup> A discussão acerca dos significados naturais (Exemplo: "Those spots mean (meant) measles." / "Aqueles pintinhas querem dizer sarampo." – tradução minha) e dos não naturais (Exemplo: "John means that he'll be late." / "John quer dizer que ele se atrasará." – tradução minha) pode ser encontrada em H.P. (1957) **Meaning**. The Philosophical Review, 64, 377-38 (Reprinted in J.F. Rosenberg & C. Travis (Eds.). in Readings in the philosophy of language. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1971).

Finalmente, Duranti sinaliza que antropólogos linguísticos têm percebido que a linguagem representa um recurso valioso à introspecção e compreensão de fenômenos tais como a construção intersubjetiva da intencionalidade.

Parece-me que, embora Duranti tente, principalmente através da visão de Husserl, esclarecer o paradigma interpretativo de Intencionalidade do discurso, ele não se faz claro, pois não apresenta nenhuma tentativa de análise de elocuições empíricas com base no tema intencionalidade, nem sequer retoma as quatro dimensões complementares aos modelos reconstrutivista e de verdade-funcional que sugeriu em sua obra de 1993.

### ***The Social Ontology of Intentions (Duranti, 2006)***

No texto “*The Social Ontology of Intentions*”, de Duranti (2006), o antropólogo inicia o artigo deixando claro que o assunto abordado é “como desenvolver uma teoria de interpretação de ação social (discurso incluído) que leve em consideração reivindicações específicas de cultura sobre as intenções e ao mesmo tempo permitindo uma dimensão pan-humana, universal da intencionalidade.” (p. 31). O autor, novamente, faz referência às ideias sobre intencionalidade defendidas por Husserl, sugerindo que a partir do termo em inglês denominado “*bracketing*”, se examine tanto o conteúdo dos atos intencionais, quanto as condições que permitem o seu estudo em diferentes contextos culturais.

Esse artigo foi construído a partir de uma provocação por e-mail através do qual Teun Van Dijk desafiou Duranti a se posicionar, como descreve o próprio Duranti: “Ele me pediu para qualificar minha rejeição aparente (em DURANTI, 1993), de, como ele dizia, uma abordagem ‘Intencionalista’ ao discurso” (p. 32). Foi a partir desse esforço colaborativo entre ambos pesquisadores que, finalmente, Duranti clarificou suas ideias acerca do tema intencionalidade e decidiu estabelecer duas necessidades básicas para desenvolver uma teoria de interpretação da ação social: a primeira, estabelecer uma definição de intencionalidade, e a segunda, estabelecer um método de pesquisa. Como método, uma solução utilizada foi adotar o método fenomenológico de “*bracketing*” (ponto de vista natural), originalmente introduzido por Husserl em sua discussão sobre as várias formas de “redução” (HUSSERL, 1917, 1987, 1931, 1989).

Duranti assume que existe um nível de intencionalidade que é difundido na ação humana, um nível que não pode ser negado e, ao mesmo tempo, é distinto das conceituações particulares oferecidos por uma linguagem ou discurso particular. O autor, entretanto, levanta

uma questão importante: a distinção entre *intencionalidade* e *intenções*. O primeiro é mais geral, enquanto o segundo está relacionado aos atos intencionais, e tem sido interpretado de diferentes maneiras nas ciências filosóficas e cognitivas. Por exemplo, enquanto Myles Marca (1984, p. 5) identificou "planejamento" como um dos recursos (cognitivos) do que ele chama de "ação intencional" (p. 33), John Searle, por outro, considera "‘intenção' como 'apenas uma forma de intencionalidade, juntamente com a crença, a esperança, o medo, o desejo, e um monte de outros'" (SEARLE, 1983, p. 3 apud DURANTI, 2006, p. 33). Portanto, Alessandro Duranti, dessa vez, deixa claro que, para ele, vale a definição do senso comum presente no dicionário *Webster* (1974, p. 733), da intenção que está muito perto de "uma determinação de fazer uma coisa específica ou agir de uma maneira".

Duranti reconhece que "o primeiro passo em direção ao uso de intencionalidade através de situações e métodos é o reconhecimento de um nível de intencionalidade básico e universal para construir a linguagem e os atos intencionais específicos de uma cultura." (2006, p. 36).

Com base nas formulações de Brentano e de Husserl, Duranti (2006, p. 36) explica que entende a intencionalidade como a 'tematicidade' (*aboutness*) da nossa atividade física e mental, isto é, a propriedade que os nossos pensamentos e ações têm de ser direcionados para alguma coisa que pode ser imaginada, vista, ouvida, tocada, cheirada, recordada, ou talvez um estado de espírito para ser refletida (nesse caso, um ato intencional de segunda ordem). Segundo o autor, "essa propriedade de ser direcionada não pressupõe que um pensamento bem-formado preceda a ação." (2006, p. 36). Por exemplo, através da nossa postura e gestos, nosso corpo projeta determinada intencionalidade.

Acredito que, através das palavras, dos dados escritos também é possível percebermos essa projeção de intencionalidade defendida por Duranti (2006, p. 36), ao afirmar que "as implicações das nossas palavras são muitas vezes feitas aparente pela reação do nosso público". Sendo assim, a análise linguística me parece legítima à compreensão de certo nível de intencionalidade dos atores sociais por meio de suas elocuições imbuídas de significados ditos e não ditos, como assegura a Pragmática.

## **Fundamentos teóricos e metodológicos**

Os fundamentos teóricos e metodológicos de uma pesquisa estão associados ao conjunto de textos relacionados ao tema da investigação que servem de suporte à compreensão de dados particulares e aos procedimentos adotados na delimitação/realização do estudo, respectivamente. O posicionamento teórico dessa pesquisa mobiliza a intencionalidade como tema de interlocução da Pragmática e a dêixis como categoria de análise. Já os procedimentos metodológicos estão associados à ciber-etnografia qualitativa.

### **Foco de estudo na Pragmática e principais conceitos**

Entre as definições que Levinson ([1983] 2007) apresenta para a Pragmática, estão: (1) “A pragmática é o estudo do uso linguístico.” (p. 6); (2) “A pragmática é o estudo dos princípios que explicarão por que certo conjunto de sentenças é anômalo ou não constitui enunciações possíveis.” (p. 7) e (3) “Pragmática é o estudo das relações entre língua e contexto que são gramaticalizadas ou codificadas na estrutura de uma língua.” (p. 11). No entanto, muitas definições poderiam ser incluídas na lista anterior, algumas do próprio Levinson (2007) e outras de autores renomados na área, como é o caso da definição do representante da postura europeia da Pragmática, Jacob Mey ([1993] 2001), que sugere a Pragmática como uma área de investigação linguística que dá conta dos múltiplos objetivos expressos por meio das palavras e expressões em uma determinada interação (*meaning in interaction*).

Realizadas as leituras<sup>5</sup> sobre Pragmática, percebi que, embora algumas definições apresentem traços bastante distintivos entre si, em geral, a grande maioria destaca o fato de que essa disciplina focaliza o significado que o falante quer comunicar, sendo que tem uma parte explícita e, pode haver, uma implícita: o que não se diz também se comunica, ou seja, a Pragmática dá conta de explicar o que está implícito nos enunciados. E o mais interessante é que, embora as pessoas intencionem comunicar além do que as suas palavras, de fato, dizem, os outros compreendem o que não foi, efetivamente, dito. Em conformidade com Grice (1982), a linguagem natural comunica mais do que aquilo que um enunciado significa, pois, quando se fala, comunicam-se também conteúdos implícitos, que são compreendidos de acordo com o contexto em que a enunciação ocorre.

---

<sup>5</sup> Essas leituras foram, em grande parte, sugeridas pela minha orientadora de doutorado, a Professora Doutora Maria das Graças Dias Pereira, na disciplina intitulada Pragmática, realizada no primeiro semestre de dois mil e catorze, como seleção bibliográfica do curso de Doutorado na PUC-Rio.

A estrutura linguística não diz nem semântica nem sintagmaticamente o que se quer dizer. Considera-se a intenção. É nesse sentido que a Pragmática, que leva em consideração o *aqui* e o *agora*, explica o que está nas “entrelinhas”. Essa área de investigação busca entender as ações provocadas pela utilização da linguagem e os tipos de efeitos que resultam desses proferimentos. Logo, podemos sistematizar que a pragmática não foca no estudo das sentenças, mas nos atos produzidos a partir das enunciações. Ratificando essas ideias, Austin ([1962] 1990) sugere que a linguagem tem a função de agir, de realizar atos por meio da fala. É exatamente com base na premissa de Austin que considero relevante analisar os enunciados, focalizando os proferimentos performativos (AUSTIN, 1990) das mulheres com câncer de mama em um site de domínio público, com base na temática da intencionalidade (DURANTI, 1993, 2000 e 2006) do ponto de vista do enunciador/falante.

No entanto, considero que não só o discurso verbal deva estar sob a análise da Pragmática. Se pensarmos o discurso dessas participantes enquanto ação e representação, ponto de vista apresentado por Chouliaraki & Fairclough (1999), além das palavras, outras formas de comunicação não-verbais também serão significativas. Segundo esses autores, as imagens visuais contribuem para a noção de prática social (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999, p. 37), conseqüentemente, no modo como as participantes do contexto em tela projetam seus proferimentos performativos. Nesse sentido, vale observar outras formas semióticas que complementam a comunicação verbal.

### **Metodologia de pesquisa**

Nessa seção, apresento o *design* da pesquisa, isto é, o conjunto de critérios metodológicos selecionados para desenvolvê-la. Os procedimentos utilizados para a coleta e o entendimento dos dados, seus métodos e técnicas são o alicerce desse trabalho acadêmico, uma vez que viabilizam os resultados dessa investigação.

As ferramentas de busca disponibilizadas na internet, especialmente, o Google, me levaram até a página do Instituto Oncoguia ([www.ongoguia.org.br](http://www.ongoguia.org.br)). Nesse site, tive a oportunidade de navegar até a aba “De Paciente para Paciente”, categoria “Aprendendo com Você”, ler e selecionar trechos dos depoimentos de três pacientes com câncer de mama (entre 35 e 40 anos) que considere relevantes para a realização dessa pesquisa.

### **A natureza da pesquisa**

Gergen & Gergen (2006) já apontavam uma mudança nos métodos de fazer pesquisa qualitativa em um futuro breve, dado que a revolução tecnológica com a inserção e popularização do computador e da comunicação via internet serviu como um divisor de águas tecnológico. Dessa forma, novas maneiras de imaginar as pesquisas e métodos passaram a ser pensadas partindo da inquietude a respeito da utilização de métodos tradicionais na realização de pesquisas contemporâneas.

Essa pesquisa está pautada na metodologia qualitativa (DENZIN & LINCOLN, 2006) e no trabalho etnográfico *online*, Netnografia ou ciber-etnografia (HALLETT; BARBER, 2013), que representa um método de investigação para indagar sobre o que ocorre nas comunidades virtuais do ciberespaço, que, aqui, se constituiu no site do Instituto Oncoguia.

O estudo etnográfico tradicional requer a presença dos participantes de um grupo no mesmo espaço físico, para que a qualidade de análise das interações seja legitimada ao considerar não só o discurso verbal, mas também o contexto situacional. No entanto, Cerulo (1997) preconiza a abrangência da etnografia ao pesquisar comunidades ou grupos *online*, levando em consideração o nível de intimidade e legitimidade das interações. O pesquisador supracitado afirma que o fato de os participantes de um evento compartilharem o mesmo espaço físico não é o suficiente para estabelecer que haverá uma interação íntima que tenha qualidade para ser analisada, contradizendo o contexto padrão.

Com o advento das TICs, passamos a experimentar inovações nas formas de agrupamento social, comportamentos, culturas e manifestações discursivas. Essas mudanças geram pesquisas que demandam novas metodologias ou adaptações das metodologias tradicionais para o ambiente digital, uma vez que se instaurou a possibilidade de investigar as práticas sociais que perpassam as limitações físicas e adentram o mundo virtual. Sendo assim, Frenso (2011) afirma que o surgimento da netnografia acontece à medida que está ocorrendo um hibridismo contínuo das práticas sociais das pessoas, comunidades e culturas nos contextos *on* e *offline*, e já não parece mais significativa e nem oportuna uma separação entre esses dois mundos.

## **Cenário do câncer no Brasil e sujeitos da pesquisa**



De acordo com dados provenientes do sítio do Instituto Nacional de Câncer (INCA), [www.inca.org.br](http://www.inca.org.br), o câncer de mama é o tipo de carcinoma mais frequente entre as mulheres do mundo inteiro. No Brasil, os índices de mortalidade em decorrência dessa doença são altíssimos. As mulheres, especialmente com idade superior a trinta e cinco anos, devem fazer regularmente seus exames de prevenção. Afinal, elas estão mais propensas a desenvolver o tumor.

Embora pesquisas recentes revelem os altos índices da doença, a saúde pública brasileira e os órgãos estaduais responsáveis por instituições de amparo e tratamento do paciente oncológico são, cada vez mais, criticados pelas usuárias dos serviços relacionados à sua doença. Elas, geralmente, apontam negligência e descaso dos hospitais e demais órgãos públicos, em âmbito nacional, com seu estado clínico<sup>6</sup>.

Para evitar distorções na análise de dados, nesse trabalho, o grupo de pacientes investigado tem seu perfil semelhante, ou seja, três pacientes brasileiras com câncer de mama, em idade adulta.

### **Tratamento dos dados**

Diante da perspectiva desse estudo ciber-etnográfico, no qual busco respostas através da análise de dados via textos verbais e imagéticos, há algumas considerações a serem feitas. Entre elas, estão a facilidade de acesso aos dados registrados, a dificuldade de participação do pesquisador e a complexidade de análise do *corpus*, que compreende trechos de entrevistas e depoimentos de pacientes com câncer de mama disponibilizados publicamente na página do Instituto Oncoguia. Desse modo, como apontam Thomsen, Straubhaar e Bolyard (1998), é necessário uma atenção minuciosa e desafiadora face ao discurso escrito, tendo em vista que, segundo esses autores, todo comportamento é verbal em forma de texto. Porém, em uma perspectiva mais abrangente das interações discursivas, ratifico a relevância desses dados, uma vez que Paiva e Rodrigues Júnior (2004) e Domínguez, Beaulieu, Estalella, Gómez, Schnettlerand e Read (2007) consideram como dados para análise em um estudo netnográfico, além do texto, pistas discursivas, sabendo que os primeiros destacam os elementos paralinguísticos enquanto os segundos, os elementos audiovisuais.

O estudo ciber-etnográfico também requer novas técnicas bastante específicas para a coleta e análise de dados, que se distinguem das utilizadas no estudo etnográfico

---

<sup>6</sup> Fonte: [noticias.r7.com](http://noticias.r7.com).

convencional. Nesse sentido, as ferramentas tecnológicas auxiliam potencialmente cada etapa da pesquisa, ou seja, o recurso de transportar dados multimodais da plataforma *online* para arquivos de acesso pessoal *offline*, para que a visualização dos referidos dados não dependa exclusivamente do acesso à internet, é essencial para a análise do *corpus* selecionado. Outra característica dessa perspectiva é que não há necessidade de transcrever dados. Entretanto, sobre esse tópico, vale ressaltar que, de acordo com Thomsen, Straubhaar e Bolyard (1998), o fato de lidar apenas com dados escritos, o que, aparentemente, demanda menos tempo do pesquisador, torna-se também um desafio, pois o nível de penetrabilidade no contexto observado requer um engajamento maior.

### **Organização dos dados e categorias de análise**

Visando uma organização da análise dos dados, selecionei três trechos, cada qual proferido por uma das três participantes da pesquisa. Os trechos foram analisados sob a temática da intencionalidade e a dêixis foi utilizada como categoria de análise.

#### **Dêixis**

De acordo com Levinson (2007, p. 65), a dêixis é “um modo pelo qual a relação entre língua e contexto se reflete nas estruturas das próprias línguas de maneira evidente”. Face a essa definição do fenômeno linguístico observado na análise pragmática das enunciações, é possível compreender que alguns traços gramaticais são mais típicos desse fenômeno, como é o caso dos demonstrativos, dos pronomes de 1ª e 2ª pessoa, do tempo verbal e de advérbios de tempo e lugar.

O uso dos dêiticos implica uma análise específica do contexto da enunciação ou do evento de fala (LEVINSON, 2007), uma vez que o valor de verdade do dêitico variará de acordo com o contexto; ou como sugere o próprio Levinson, o ponto de referência.

As categorias tradicionais da dêixis (LEVINSON, 2007; MEY, 2001 e NUNBERG, 1993) são as seguintes: (1) pessoa, (2) lugar e (3) tempo. De modo expediente, é possível dizer que a dêixis de pessoa está associada ao papel dos participantes envolvidos na enunciação, se está relacionada à 1ª pessoa, 2ª ou 3ª. Com relação à dêixis de lugar, há uma característica proximal/distal que diz respeito à localização espacial dos sujeitos envolvidos nas enunciações, como é o caso dos advérbios dêiticos *aqui* e *lá*. E, no que tange à dêixis de

tempo, os advérbios estão relacionados ao momento em que a enunciação foi proferida, por exemplo, o uso do *agora*, *ontem* e *daqui pra frente*.

É possível ampliar o uso dos dêiticos se levarmos em consideração as duas categorias introduzidas por Lyons e Fillmore (apud LEVINSON, 2007) que são: (4) dêixis de discurso (ou de texto) e (5) dêixis social. Enquanto a primeira é utilizada para fazer referência a uma parte do discurso/do texto, representada especialmente pelos demonstrativos *esse* e *aquela*; a dêixis social se refere “aos aspectos das sentenças que refletem, estabelecem ou são determinadas por certas realidades da situação social em que o ato de fala ocorre” (Fillmore apud LEVINSON, 2007, p. 110), por exemplo, no que diz respeito à relação social entre os sujeitos envolvidos nas enunciações mediante os pronomes e formas de tratamento presentes nos proferimentos.

### “Cacá, você está aqui de passagem pelo meu corpo, ok?”

Ao analisar a intencionalidade nas enunciações das três participantes, Débora, Luciana e Isabel, deparei-me com discursos que mobilizavam diversos atores sociais através dos relevos que, especialmente, os dêiticos (LEVINSON, 2007) de pessoa, davam às participantes e sua audiência. Selecionei o Excerto 1, que inclusive deu origem ao título dessa seção, para iniciar minha análise, que parte do nível linguístico em direção ao tema da intencionalidade.

#### Excerto 1: “FÉ EM MIM” (Débora)

Tive FÉ EM MIM, passei a chamar o câncer de "Cacá" e conversava sempre com ele: "olha, "Cacá", você está aqui de passagem pelo meu corpo, ok? Aprenderei com você, não entrarei em guerra. Simplesmente, prometo que farei o melhor por mim!

O uso da dêixis de pessoa, através do pronome pessoal *você*, sinalizou determinado nível de intimidade com sua doença, assim como a naturalização do câncer de mama. Débora profere sua enunciação ao câncer, apelidado de *Cacá* num tom de camaradagem, por meio do discurso direto. Seu nível de intimidade com a doença pode ser observado também através do dêitico de lugar *aqui*, estabelecendo um ponto de ancoragem bem proximal desse advérbio, uma vez que essa palavra faz referência ao interior de seu corpo.

Nesse trecho da enunciação, o dêitico de 1ª pessoa, *eu* (tive, passei, conversava, aprenderei, entrarei, prometo e farei), que se refere à paciente, aparentemente, tem menos relevo do que o pronome de 2ª pessoa *você*, referente ao câncer, uma vez que causa

estranheza que um proferimento performativo no modo imperativo (AUSTIN, 1990, p. 61) seja direcionado a um ser inanimado, nesse contexto, o câncer.

As formas verbais no futuro do presente *aprenderei*, *(não) entrarei* e *farei* indicam uma projeção otimista para o futuro. No entanto, não se sabe quando exatamente as ações ocorrerão se não considerarmos o contexto da enunciação como referencial. Ainda nessa perspectiva de análise, um verbo que merece destaque é o *prometer*, que aparece na 1ª pessoa do singular no presente do indicativo da voz passiva, *prometo*, forma essa que está associada a um “ingrediente especial de todo proferimento performativo”, segundo Austin (1990, p. 59).

Ao penetrar em outro nível de análise do excerto acima mais subjacente ao conceito de intencionalidade, identifiquei que os grifos em **FÉ EM MIM** trazem à tona a discussão acerca da valorização do “eu”, pois associada ao modelo reconstrutivista da visão clássica de intencionalidade (DURANTI, 1993), “os atores sociais entendem o que outros atores sociais querem, suas crenças, sentimentos (...)” e passam, inclusive, a condescender com seus proferimentos.

## **Excerto 2: “Eu vivo uma Luciana personagem” (Luciana)**

Não se desespere, tem cura, o tratamento é difícil mas não é impossível. Alto astral e NUNCA supervalorizar a doença. Tente esquecê-la, viva por um tempo como se fosse uma outra vida. Eu vivo uma Luciana personagem, toda arrumada, maquiada, coisa que não fazia antes e tento parecer sempre de bom humor e sorrindo, para atrair coisas semelhantes. Não seja vítima. Seja fortaleza.

No Excerto 2, o fato de Luciana construir sua enunciação com base em declarações negativas me chamou bastante atenção. Embora Austin (1990) previsse os proferimentos performativos em frases no modo imperativo, por consistirem na realização de uma ação, o referido autor não se atém às declarações negativas especificamente. O uso do advérbio de negação *não* aparece quatro vezes enquanto *NUNCA* aparece uma vez apenas nesse trecho, porém em destaque.

A dêixis relaciona as pessoas, os atores sociais, ao contexto da enunciação. Dessa maneira, as formas verbais que indicam o pronome de 2ª pessoa *tu/você* (*desespere*, *tente*, *viva*, *(não) seja* e *seja*) direcionam a enunciação ao leitor, que aos olhos de Luciana, compartilha a mesma doença. Embora a participante tenha sua audiência em mente, Luciana só explicita o pronome pessoal quando se refere a 1ª pessoa *Eu* (*vivo*), marcando por meio desse dêitico de pessoa a sua postura face à doença e ratificando a ação de *viver* “da melhor maneira possível”.

Aparentemente, sua intenção ao proferir “*Eu vivo uma Luciana personagem (...)*” se assemelha ao que Husserl apud Duranti (2000) distingue entre o Ato intencional e o Objeto sobre qual o ato ocorre. Para Husserl, é possível identificar o mesmo referente com descrições distintas, cada uma com seu significado. Nessa perspectiva, Luciana poderia ter descrito o modo como vive de outra forma, por exemplo, *Eu vivo uma farsa*, mas sua intenção foi, possivelmente, atenuar seus “disfarces” para sua audiência. Então, ela optou por utilizar o termo *Luciana personagem*, como Husserl sugere, com atos intencionais para descrever determinado Objeto.

### Excerto 3: “Lute por você mesmo com fé em Deus” (Isabel)

Espero que quem estiver lendo sobre mim, seja inspirado a crer e vencer os desafios que essa doença traz, pois afinal, desde que nascemos temos que lutar pra sobreviver, pois não é brincadeira não, tantas doenças por aí... Lute por você mesmo com fé em Deus e a certeza que Ele vela por nós e faz sempre o melhor pra quem confia nele. Não se desespere, faça tudo direitinho e tudo dará certo.

Ao realizar a análise pragmática do Excerto (3), considerei inicialmente os verbos *esperar*, *crer* e *inspirar*. Todos eles mobilizam expectativas do Ator Social, ou seja, a temática da intencionalidade no que concerne ao que a participante quer em relação ao outro. Nesse trecho, aparecem os dois tipos clássicos da dêixis:

- **de pessoa**, implícitas nas formas verbais *espero* (**eu** - Isabel), *temos*, *nascemos* (**nós** – os pacientes, ela inclusive), *vela* (**ele** - Deus), e *lute*, (*não se*) *desespere* e *faça* (**você** – a audiência). Esses dêiticos aparecem, aparentemente, na tentativa de abarcar todos os atores sociais possíveis em prol de uma mesma temática: combater o câncer. Além dessas aparições dêiticas clássicas, há também um pronome relativo **quem**, que se configura, nesse contexto, como o que Levinson, (2007:73) identifica como dêixis atributiva, uma vez que ao proferir as frases “... *em quem estiver lendo sobre mim.*” e “... *pra quem confia nele.*”, Isabel não tem, exclusivamente, um leitor em mente.

- **de lugar**, com o uso dêixis de lugar na locução *por aí*. A referência que se faz a essa localização é equivalente a “mundo a fora”. Sendo assim, não há como precisar um ponto específico da localização das doenças no sintagma “*tantas doenças por aí...*”.

Na que tange à intencionalidade, percebi também que ao trazer à tona o caráter religioso para o tratamento, Isabel ratifica a importância da audiência “seguir sua cartilha”, pois segundo ela, “*(Deus) faz sempre o melhor pra quem confia nele.*”. Tendo como audiência-alvo as brasileiras na condição de pacientes oncológicas, me parece que Isabel

reflete bem o que Duranti (2006) identifica como um nível básico de intencionalidade, que é “universal para construir a linguagem e os atos intencionais específicos de uma cultura”. Afinal, faz parte da cultura dos brasileiros, de uma maneira geral, acreditar que a fé em Deus traz soluções para as inquietudes da alma.

### **Considerações Finais**

Esse trabalho propôs uma investigação pragmática das enunciações de pacientes brasileiras com câncer de mama proferidos no site do Instituto Oncoguia. Diante dessa proposta, discorri sobre a temática da intencionalidade nos discursos de três atores sociais. O tema da intencionalidade há décadas tem representado um desafio aos etnógrafos, como aponta Duranti (1993). Levei a discussão da intencionalidade para o contexto digital, tendo em vista a valorização e a popularização dos meios tecnológicos na contemporaneidade. Esse cenário de investigação torna-se ainda mais relevante se admitimos que vêm ocorrendo, notoriamente, extrapolações humanas de manifestações de solidariedade dos meios *on* para o *off line*

Alguns desdobramentos dessas manifestações em registro escrito serviram de dados para, nesse estudo, identificar que a intenção das pacientes, ao proferirem seus discursos em um site de domínio público, foi aproximar e legitimar as relações entre os atores sociais, as fronteiras espaciais e temporais. Além disso, verifiquei que por meio do estudo das dêixis, especialmente as de pessoa, a Linguística deu relevo aos atores sociais envolvidos nos contextos, a quem as enunciações são direcionadas.

Percebi, ao longo da análise proposta, que os dêiticos são uma categoria importante para a análise Pragmática em discursos no contexto digital, principalmente porque uma das estratégias discursivas de intencionalidade dos sujeitos é mobilizar, por meio da dêixis, vários atores sociais a fim de estabelecer entre eles, redes de solidariedade.

Essa investigação destaca, sobretudo, a importância de existirem espaços em ambiente digital propícios à discussão do câncer do ponto de vista, principalmente, das mulheres que convivem com a doença ou já passaram por ela, e que voluntariamente compartilham suas histórias de vida, inquietudes e vitórias com uma audiência que não se restringe a outras pacientes. Esse tipo de iniciativa é importante porque diferentemente do que, normalmente, se espera, há muitos relatos inusitados sobre o câncer, que é um assunto que a cada dia,

felizmente, tem se tornado menos tabu tanto em contextos presenciais quanto em espaços virtuais.

## Referências

AUSTIN, J. L., *Quando dizer é fazer: palavras em ação*. Trad. Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990 [*How to do things with words*. London: Oxford Univ. Press, 1962].

CERULO, K. A. *Reframing Social Concepts for a Brave New (Virtual) World*. *Sociological Inquiry* 67 (1), p. 48-58, 1997.

CHOULIARAKI, L. & FAIRCLOUGH, N. *Discourse in Late Modernity: Rethinking Critical Discourse Analysis*, p. 1-73, 1999.

DENZIN, N. K. & LINCOLN, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: Teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DOMÍNGUEZ, BEAULIEU, ESTALELLA, GÓMEZ, SCHNETTLERAND & READ, Virtual Ethnography. In: *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum Qualitative Social Research*, v. 8, n.3, 2007.

DURANTI, A., Truth and Intentionality: An Ethnographic Critique. *Cultural Anthropology*, 8: 214–245. doi: 10.1525/can.1993.8.2.02a00050, 1993.

\_\_\_\_\_. Intentionality. In: *Language Matters in Anthropology: A Lexicon. A special issue of the Journal of Linguistic Anthropology*. 9. Editions 1-2, p. 134-136, 2000.

\_\_\_\_\_. The Social Ontology of Intentions. *Discourse Studies* 8. (1), p. 31-40, 2006.

FRENDO, M. D., *Netnografía – investigación, análisis e intervención social online*. Editorial UOC, 1ª edición, 2011.

GERGEN, M. M. & GERGEN, K. J. Tensões e transformações. In: DENZIN, N. K. & LINCOLN Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*; 2ª edição; tradução Sandra Regina Netz. Porto Alegre : Artmed, 2006.

GRICE, H. P., Lógica e Conversação. In: Dascal, M. *Pragmática: problemas críticos, perspectivas da Linguística*. Campinas: Edição Particular, 1982.

HALLETT; BARBER. Forthcoming, 2014. “Ethnographic Research in a Cyber Era.” *Journal of Contemporary Ethnography*. Published online first, Aug, 2013.

HAUGH, M & JASZCZOLT, K. M., [Speaker intentions and intentionality](#). In: [Cambridge Handbook of Pragmatics](#). Keith Allan & Kasia Jaszczolt (eds.), Cambridge University Press. p. 87-112, 2012.

LANGELLIER, K. M., You're marked: breast cancer, tattoo and the narrative performance of identity. In: *Narrative and Identity: Studies in Autobiography, Self and Culture*, 2001.

LEVINSON, S. C. *Pragmática*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. [Pragmatics. Cambridge, Cambridge University Press, 1983]

MAZZONE, M. & CAMPISI, E., Are there communicative intentions? In: [\*Advances in Cognitive Science: Learning, Evolution, and Social Action. IWCogSc-10 Proceedings of the ILCLI International Workshop on Cognitive Science\*](#) L. A. Perez Miranda & A. I. Madariaga (eds.), 2010.

MEY, J. L., *Pragmatics: An introduction.*, 2<sup>nd</sup> Edition. Mass., USA e Oxford, Reino Unido: Blackwell Publishers, p. 1-35, 2001.

NUNBERG, G., Indexicality and deixis. *Linguistics and Psychology*, 16, p. 1-43, 1995.

SEARLE, J. R., A classification of illocutionary acts. *Language and Society*, v. 5, p. 1-23, 1976.

THOMSEN, S. R., STRAUBHAAR, J. D. & BOLYARD, D. M., Ethnomethodology and the study of online communities: exploring the cyber streets, **Information Research**, 4 (1), 1998. [Disponível em: <http://informationr.net/ir/4-1/paper50.html>] Acesso em 27 de fevereiro de 2013, 15:36.

TURKLE, S. *A vida no ecrã*. A identidade na era da Internet. Lisboa: Relógio d' Água, p. 20-52, 1995.

#### **Outras Fontes:**

[www.ongoguia.org.br](http://www.ongoguia.org.br) (Acessado em 23 de agosto de 2015).

Journal of Pragmatics, Editorial, 2011. (Acessado em 10 de novembro de 2015).

<http://noticias.r7.com/fala-brasil/videos/saude-publica-pacientes-enfrentam-descaso-para-tratar-cancer-em-mg-17102015> (Acessado em 20 de novembro de 2015).



## TEORIA DA POLIDEZ E DISCURSO CINEMATOGRAFICO: A PROPÓSITO DA (IM)POLIDEZ E DA CONSTRUÇÃO DE FACE EM ANTES E DEPOIS

Mariana de Castro Atallah<sup>1</sup>

Mayara de Oliveira Nogueira<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo realiza um estudo pragmático sobre as representações e estratégias de polidez, examinando o filme *Before and After* (título em português: *Antes e Depois*), tendo como demarcação uma cena que vai dos 08 minutos e 55 segundos aos 12 minutos e 23 segundos. Busca-se verificar o uso da impolidez linguística entre os participantes de uma interação face a face ficcional, da relação e interação vivenciadas em nosso cotidiano. Para tanto, discutiremos e faremos algumas considerações breves sobre gênero multimodal para, posteriormente, comentar a disciplina pragmática e mais especificamente a teoria da polidez, na qual nos desbruçaremos como linha teórica para a análise.

**Palavras-chave:** Polidez. Interação. Gênero multimodal.

**Abstract:** This paper conducts a pragmatic study on the representation and strategies of politeness, by examining the film *Before and After*. The analysis is restricted to the movie excerpt between 08 minutes and 55 seconds to 12 minutes and 23 seconds. These scenes are analyzed to verify the linguistic impoliteness in the fictional face-to-face interaction. Hence, some brief considerations about the multimodal genre are made. Therefore, the authors comment on pragmatics, specifically the politeness theory, the chosen theory for the analysis.

**Key-words:** Politeness. Interaction. Multimodal genre.

### Introdução

A comunicação, primordial para a sobrevivência humana, é a todo o momento transformada sócio e historicamente. Os meios que utilizamos para nos comunicar advém dessa coconstrução e, principalmente, da intenção dos sujeitos do que se quer dizer (manifestar, discursar, falar, comentar, questionar etc.). O cinema é um dos meios de

---

<sup>1</sup> Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Atualmente é professora de Língua Portuguesa no Centro Educacional Charles Darwin (Cariacica/ES) e no Centro Educacional Máxime (Guarapari/ES). E-mail: nanatallah@hotmail.com.

<sup>2</sup> Bacharel em Direito, atua como advogada trabalhista no escritório JN Advocacia (Vila Velha/ES) e como professora na Faculdade Fabra (Serra/ES). Atualmente cursa Doutorado em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Rio de Janeiro/RJ, Brasil. Bolsista CNPq. E-mail: nogueiradv@hotmail.com.

comunicação que concentra vários significados, dependendo, é claro, do objetivo de quem o lança e do período histórico da sua produção.

Este artigo realiza um estudo pragmático sobre as representações e estratégias de polidez, examinando o filme *Before and After* (título em português: *Antes e Depois*), tendo como demarcação uma cena que vai dos 08 minutos e 55 segundos aos 12 minutos e 23 segundos.

A história do filme tem como ponto básico, o assassinato de uma adolescente, achada praticamente morta por alguns moradores da pequena cidade da Nova Inglaterra. Essa adolescente é a namorada do Jacob Ryan (interpretado por Edward Furlong), o qual se torna o principal suspeito do crime.

É exibido, no início do filme, o cotidiano da família de Jacob, indicando ser uma família estruturada, de acordo com os padrões estabelecidos na sociedade, tendo, todos eles, uma vida que podemos considerar como socialmente normal. Ben Ryan (interpretado por Liam Neeson) é um marceneiro que trabalha no quintal de sua casa e é sempre presente na criação dos filhos: o adolescente Jacob e a criança Judith. Carolyn Ryan (interpretada por Meryl Streep) é a mãe do casal e esposa de Ben, uma pediatra muito conhecida na cidade (ela presencia a morte da adolescente dentro do hospital, sem saber que seu filho estava envolvido na história).

A cena que abarca nossa análise e o ponto central para a mudança de comportamento dos personagens se inicia quando, ao receber a visita de Fran (o xerife da cidade), Ben e Carolyn são informados que seu filho é o principal suspeito do crime da adolescente. Com a notícia, o casal se desespera e, tentando proteger o filho, Ben Ryan, destrói todas as evidências que supostamente poderiam prejudicar Jacob. A partir daí, os moradores da pequena cidade se voltam contra a família e esta, por sua vez, enfrenta vários desafios para entender o processo de julgamento das pessoas de fora de seu convívio e dos julgamentos entre eles próprios. A trajetória do filme é, portanto, desenvolvida sempre numa ótica familiar.

Para tanto, discutiremos e faremos algumas considerações breves sobre o gênero multimodal para, posteriormente, abordar o campo teórico da pragmática, mais especificamente a teoria da polidez, na qual nos desbruçaremos como linha teórica para a nossa análise<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> A transcrição da cena é baseada nas convenções de transcrição adaptadas dos estudos da Análise da Conversa (SACKS, SCHEGLOFF e JEFFERSON, 1974) com incorporações de Loder e Jung (2009) para melhor entendimento na interpretação dos dados.

## 1. Discurso cinematográfico: um gênero multimodal

Fazer uma análise de discurso é compreender a importância que os diversos textos exercem dentro de uma sociedade; é entender o discurso como um processo comunicativo que está intrinsecamente ligado ao homem e sua ação social. Nos estudos linguísticos, há uma extensão de pesquisas que exploram este campo, seja na modalidade verbal, seja na não verbal, ou até mesmo a mistura desses códigos inseridos no mesmo texto.

Portanto, desde que se entendeu a linguagem como fundamental para a comunicação humana, as pesquisas foram se aprimorando, primeiramente dando importância apenas à escrita, no momento em que se considerava a fala um recurso inapropriado para ser estudado; mais tarde, no final dos anos 50 e, principalmente, nos anos 60, a fala se tornou fundamental como objeto de estudo, analisando seu papel na perspectiva social.

Um dos maiores intelectuais interessados no discurso foi Bakhtin, para o qual cada tipo de discurso é construído – em formas de enunciados – por determinações de ordem social e histórica daquele que o produz. Esses enunciados “refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu *conteúdo* temático e pelo *estilo* da linguagem [...], mas acima de tudo, por sua construção *composicional*” (BAKHTIN, 2010, p. 261). Foi desta forma, então, que o teórico edificou a teoria dos gêneros, afirmando que “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados” (BAKHTIN, 2010, p. 262). Os tipos de gênero para Bakhtin estão inseridos no aspecto dialógico, em que cada enunciado está intimamente relacionado com outros enunciados ditos anteriormente e/ou posteriormente, refletindo, portanto, a importância de congregar os aspectos sociais e históricos na tentativa de entender os discursos.

Considera-se, contudo, que cada tipo de texto é examinado de maneira diferente e o que determina as suas peculiaridades é a própria linguagem e, seguindo o aparato bakhtiniano, identificamos os *tipos* através do seu conteúdo, do seu estilo e da sua composição. Podemos ter como exemplo de gênero discursivo desde uma conversa cotidiana a uma bula de remédio.

Já nos anos 70 e 80, foi introduzida nos estudos sobre os gêneros uma abordagem funcional da linguagem: levando em consideração as funções comunicativas e a produção de significados de todos os constituintes presentes em um determinado gênero. Surgiu, então, o termo *multimodalidade* com os estudos do Michael Halliday, dentro do campo denominado de *Linguística Sistêmico-Funcional*, em “cuja base repousa a noção de que a forma está

subordinada à função e a de que a organização interna da linguagem se dá em termos de funções que ela deve desempenhar na vida social” (FERREIRA, 2010, p. 70).

Influenciados por Halliday, os autores Kress e Van Leeuwen (1996) propuseram uma Gramática de Design Visual, a qual surpreendeu vários pesquisadores linguísticos. Isto porque esses autores afirmaram que o aspecto visual de um texto é tão importante quanto os aspectos linguísticos. Para esses autores, a imagem ou a palavra não devem ser analisadas separadamente, e sim, conjunta e integralmente.

Assim, os textos são entendidos como fenômenos multimodais que são constituídos de mais de um modo de produção de sentido, utilizando-se de cores, movimentos, gestos, som, código verbal etc. Sendo assim, a *multimodalidade* “se manifesta como um contraponto à abordagem monomodal (aquele composta unicamente por uma linguagem)” (MARINS, 2010, p. 136).

Ressaltamos que qualquer texto escrito é multimodal, em razão de possuir uma série de caracteres sobremodo significantes, já que ele é “composto por mais de um modo de representações”, ou seja, “além do código escrito, outras formas de representação como a diagramação da página, a cor e a qualidade do papel, [...] interferem na mensagem a ser comunicada” (DESCARDESI, 2002, p. 20).

Além disso, com as novas tecnologias e um mundo cercado de transformações imediatas, estão surgindo paralelamente aos textos multimodais novos olhares em processo de mudança. Isso significa que “assim como a identidade cultural está passando por mudanças na modernidade tardia em virtude da globalização, como discutido por Hall, a *identidade leitora* também está sofrendo os impactos desse processo” (MARINS, 2010, p. 137). Entender o discurso neste panorama se torna cada vez mais complexo, entretanto, mais intrigante, haja vista as considerações importantíssimas para a comunicação e, conseqüentemente, para a vida humana.

O gênero discursivo que nos atentaremos neste artigo é um filme, intitulado *Antes e Depois*. Ao tratar de filme, podemos implicar a presença de várias modalidades postas para a função comunicativa, que vão além, muitas vezes, do aparato verbal (algumas vezes, o filme utiliza-se apenas da imagem e do som). Ou seja, considera-se o filme como um gênero multimodal, que transmite significados através das imagens, dos sons, dos movimentos, dos códigos verbais e não verbais.

## 2. Da pragmática

Do mesmo modo que foi se construindo um olhar crítico sobre novos tipos de gênero dentro das ciências da linguagem, surgiam novos campos teóricos que buscavam investigar a significação da linguagem nas diversas manifestações comunicativas. Os estudos linguísticos, em diferentes abordagens e concepções, revelam olhares cada vez mais atentos às funções da comunicação dentro das interações sociais.

Em meados da década de 30, Charles Morris usou pela primeira vez o termo *pragmática*, objetivando investigar a linguagem em uso através de seus falantes. Tinha-se como principal objetivo entender os signos presentes na comunicação, ramificando três tipos de análises: a sintaxe, a semântica e a pragmática. Entretanto, não se tinha, ainda, uma clareza no aspecto teórico que fundamentava a pragmática como uma disciplina. Em 1954, o autor Bar-Hillel tentou determinar alguns aparatos teóricos que até hoje têm uma intensa contribuição para os estudos pragmáticos: a inclusão da investigação do *contexto* nos enunciados.

Ainda assim, foi a partir de década de 60 que a pragmática foi sendo posta como uma disciplina que analisa de forma contígua a decodificação da língua e a implicação no *contexto* em que se é enunciada determinada mensagem, isto é, o importante não é só o uso da linguagem, mas também, a sua estrutura.

A *pragmática*, portanto, considera a intenção dos falantes, levando em conta o aqui e o agora no momento da comunicação. A investigação centra-se, portanto, de maneira interpretativa. No ato comunicativo – das palavras aos gestos dos indivíduos – este campo teórico explora noções de polidez, de cooperação, de relevância, refletindo, por exemplo, o que um falante quer dizer quando diz uma determinada palavra ou quando faz um determinado gesto.

Contudo, podemos considerar que a *pragmática* é uma disciplina que está “em se fazendo”, na medida em que se estudam os atos linguísticos e os contextos em que são criados. Isto é, nas palavras de Marcondes (2005, p. 27) dá conta “de mais do que é explicitamente dito na interação e torna possível a análise dos atos realizados por meio da linguagem”. O ato, por sua vez, é um acontecimento, um evento que incide em consequência de outros fatores, tanto linguísticos, como sociais, psicológicos etc.

Assim, analisam-se dentro dessa perspectiva: a) as *intenções do falante*, que devem ser buscadas dentro do conhecimento de mundo partilhado; b) o *conhecimento de mundo*, buscando esquemas de conhecimentos semelhantes para entender o que o falante quer dizer;

c) as *crenças*, já que dentro das definições do falante teremos diferenciações e significados feitos na hora, como por exemplo, o *papai Noel* que existe como ser em um dado grupo e em uma determinada cultura; d) o *tempo da enunciação*, no sentido de momento histórico; e) *valor de verdade*, tratando-se da verossimilhança.

## 2.1 A teoria da polidez: Lakoff (1973); Goffman (1975); Brown e Levinson (1987)

No presente subtópico, arrazoaremos a propósito da denominada *teoria da polidez*, isto é, inscreveremos o presente artigo no campo teórico da pragmática, notadamente em uma de suas teorias, a qual foi delineada por autores como Lakoff (1973), Brown e Levinson (1987).

Em *Language and Woman's place*, Lakoff (1973) observou que há dessemelhanças no modo como homens e mulheres interagem sociodiscursivamente. A esta constatação a autora atribui duas possíveis causas: a primeira delas está relacionada ao fato de as mulheres, por uma série de questões de caráter social (e, por isso mesmo, *constructo* social), serem mais polidas do que os homens; a segunda diz respeito à existência de diferenças entre os comportamentos grosseiro e polido. Um comportamento polido seria aquele que tenciona trilhar as três regras sistematizadas pela autora: 1) manter uma certa distância e não se impor sobre o outro (regra da formalidade); 2) proporcionar opções (regra de respeito); 3) ser simpático e fazer o outro se sentir bem (regra da camaradagem).

Brown e Levinson (1987), por seu turno, influenciados pelas noções de *face* e *território*, do sociólogo Erving Goffman (1967), instituíram – de modo sistematizado – a *teoria da polidez*. Em *A Representação do Eu na vida Cotidiana*, Goffman (1985) analisa as várias representações que o indivíduo apresenta a si mesmo e às outras pessoas; bem como os meios pelos quais o homem regula as impressões que os outros formam a seu respeito; e as coisas que se pode ou não fazer diante delas (as impressões).

O autor, valendo-se da metáfora teatral – para ele grande parte do comportamento diário é semelhante ao de atores no palco –, expõe o modo como o ser humano, em sua vida cotidiana, cria papéis sociais, e afirma que tanto os indivíduos quanto os grupos estão constantemente *representando* (no sentido de *encenar*) uns para os outros.

Dentro dessa perspectiva, Goffman concebe *A Elaboração da face*: uma análise dos elementos rituais da interação social (1980), no qual o autor desenvolve a noção de *face*. De modo simplório, tem-se que um indivíduo apresenta diferentes faces em virtude de suas

muitas representações sociais. Nesse diapasão, para o sociólogo *face* é um “valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si mesma através daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada durante um contato específico” (GOFFMAN, 1980, p. 76-77). *Face*, portanto, é “uma imagem do *self* delineada em termos de atributos sociais aprovados” (Ibid., p. 76-77), é, pois, uma *atribuição* e *construção* social.

Tendo em vista que situações ameaçadoras da *face* podem ocorrer, Goffman formula o que ele chama de *elaboração da face*, processo constituído por “ações através das quais uma pessoa é capaz de tornar qualquer coisa que esteja fazendo consistente com a *face*” (Ibid., p. 76-77). Desse modo, “esta elaboração serve para contrabalançar ‘incidentes’ – isto é, eventos cujas implicações simbólicas efetivas ameaçam a *face*” (Ibid., p. 82).

Penelope Brown e Stephen Levinson (1987) apropriam-se das formulações ora levantadas e elaboram, na perspectiva pragmática, a *teoria da polidez*. Tais autores entendem o processo de interação verbal enquanto ato – processual por sua própria natureza – mutuamente ameaçador da *face*, de modo que ao se comunicarem os indivíduos se colocam (conscientemente) numa posição de desequilíbrio e vulnerabilidade.

Para contrabalançar e estabilizar um possível incidente ameaçador da *face*, Brown e Levinson (1987) delineiam algumas possíveis estratégias para realizar atos ameaçadores da *face* negativa e da *face* positiva do ouvinte; atos ameaçadores da *face* negativa e da *face* positiva do falante; e postulam quais sejam os atos ameaçadores de *face* (FTA’s).

Nos quadros abaixo, Cunha (2009) condensa quais sejam os FTA’s:

Quadro 1: Atos de Ameaça à Face Negativa e Positiva do ouvinte (CUNHA, 2009, p. 87-88).

AAF NEGATIVA DO OUVINTE	
<b>1. Atos que demarcam uma ação futura do ouvinte. Tais atos, quando proferidos, pressionam o ouvinte, de alguma maneira, a acatá-los ou não.</b>	
a) Ordem e pedido	O falante indica que deseja que o interlocutor faça (ou deixe de fazer) alguma ação.
b) Sugestão, conselho	O falante indica que acha que o interlocutor deve fazer determinada ação.
c) Lembranças	O falante indica que o interlocutor deve lembrar de fazer algo.
d) Ameaças, advertências, desafios	O falante indica que fará algo contra o interlocutor a menos que ele faça determinada ação.
<b>2. Atos que demarcam uma ação positiva futura do falante em favor do ouvinte, pondo alguma pressão para este aceitar ou rejeitar, possibilitando um débito.</b>	
a) Oferta	O falante indica que quer que o interlocutor se comprometa a alguma ação, seja ou não sua vontade, gerando um débito.

b) Promessa	O falante se compromete a uma ação futura em benefício do interlocutor.
<b>3. Atos que demarcam o desejo do falante em relação ao ouvinte ou a seus bens, fazendo o ouvinte pensar em atitudes que protejam o objeto de desejo do falante.</b>	
a) Elogios, expressões de raiva ou admiração	O falante indica que gosta ou gostaria de alguma coisa do interlocutor.
b) Expressões negativas de fortes emoções contra o ouvinte	O falante indica possíveis motivações para ofender o interlocutor ou seus bens.
<b>AAF POSITIVA DO OUVINTE</b>	
<b>1. Atos que mostram que o falante tem alguma avaliação negativa de algum aspecto da face positiva do ouvinte.</b>	
a) Expressão de desaprovação, crítica, desprezo, ridicularização, reclamações, acusações ou insultos.	O falante indica que não gosta de ou não quer uma ação, vontade, característica, bens ou valores do interlocutor.
b) Contradição, discordância ou desafio.	O falante indica que pensa que o interlocutor está errado ou enganado sobre algo que o próprio falante tenha desaprovado.
<b>2. O falante é indiferente à face positiva do ouvinte</b>	
a) Expressões de emoções violentas (fora de controle)	O falante apresenta razões para o interlocutor ter medo ou ficar desconcertado com ele.
b) Faltar com o respeito, mencionar temas polêmicos, inclusive os que não são apropriados para o contexto.	O falante demonstra não dar importância aos valores do interlocutor e não temer os medos deste.
c) Citar más referências sobre o ouvinte e boas sobre o falante.	O falante indica que deseja causar sofrimento ao interlocutor e que não dá importância aos sentimentos deste.
d) Mencionar tópicos que representam perigo emocional ou que causem divisões (ex.: assuntos sobre política, religião etc.).	O falante cria uma atmosfera perigosa à interação.
e) Ação explicitamente não-cooperativa (ex.: interrupção ou desatenção à fala do ouvinte).	O falante demonstra não dar importância aos interesses da face positiva e negativa do interlocutor.
f) Uso de títulos e outros marcadores de status de identificação nos primeiros encontros.	O falante pode, intencionalmente ou não, posicionar-se verbalmente de maneira ofensiva ao direcionar-se a um interlocutor.

Quadro 2: Atos de Ameaça a Face Negativa e Positiva do falante (CUNHA, 2009, p. 88-89).

<b>AAF NEGATIVA DO FALANTE</b>	
<b>1. Atos que ofendem a face negativa do falante</b>	
a) Expressar agradecimento	O falante aceita um débito.
b) Aceitação de agradecimento ou desculpas por parte de um interlocutor	O falante sente-se coagido a aceitar um débito ou transgressão do ouvinte.
c) Desculpas	O falante indica que teve razões para fazer ou deixar de fazer uma ação a qual o interlocutor tenha criticado
d) Aceitação de oferta	O falante é coagido a aceitar um débito e minimizar a face negativa do interlocutor.



e) Resposta ao <i>faux pas</i> (passo em falso) do ouvinte.	Se o falante perceber um <i>faux pas</i> , pode causar constrangimento para o interlocutor. Se fingir que não percebeu, pode gerar uma frustração para si próprio.
f) Promessas e ofertas indesejáveis	O falante se compromete a uma ação futura, embora não queira.
<b>AAF POSITIVA DO FALANTE</b>	
<b>2. Atos que agridem diretamente a face positiva do falante.</b>	
a) Desculpas	O falante indica que lamenta ter cometido um AAF, desse modo, fere sua própria face em determinado grau.
b) Aceitação de elogio	O falante sente-se coagido a denegrir o objeto de elogio do interlocutor, conseqüentemente fere sua própria face ou se sente coagido a elogiar o interlocutor como resposta.
c) Quebra do controle físico do corpo, tropeçar, cair etc.	Não sistematizado por Brown e Levinson (1987)
d) Auto-humilhação, constranger-se, agir estupidamente, contradizer-se.	Não sistematizado por Brown e Levinson (1987)
e) Confissão, reconhecimento de culpa ou responsabilidade.	Não sistematizado por Brown e Levinson (1987)
f) Fraqueza emocional, perda de controle no ato de rir ou chorar.	Não sistematizado por Brown e Levinson (1987)

No que tange às estratégias de polidez, poderão elas se realizar de três modos: *on record* (estratégia direta); *off record* (estratégia indireta); ou *bald on record* (estratégia direta, sem atenuação). No quadro a seguir apresentamos quais são as estratégias de polidez *on record*, pela qual tenciona-se diminuir a distância social entre os interactantes (face positiva) e evita-se a invasão do território do ouvinte (face negativa); e *off record*, através do qual o falante se esquia da responsabilidade daquilo sobre o que fala. Tendo em vista que a estratégia *bald on record* não foi esmiuçada por Brown e Levinson (1987), autores base do tópico levantado, tal estratégia não se encontra esboçada no quadro a seguir.

Quadro 3: Estratégias de polidez propostas por Brown e Levinson (1987).

<b>ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ</b>	
<b>Polidez positiva</b>	1. Perceba o outro. Mostre-se interessado pelos desejos e necessidades do outro.
<b>(On record)</b>	2. Exagere o interesse, a aprovação e a simpatia pelo outro.
	3. Intensifique o interesse pelo outro.
	4. Use marcas de identidade de grupo.
	5. Procure acordo.
	6. Evite desacordo.
	7. Pressuponha, declare pontos em comum.
	8. Faça piadas.

	9. Explícite e pressuponha os conhecimentos sobre os desejos do outro.
	10. Ofereça, prometa.
	11. Seja otimista.
	12. Inclua o ouvinte na atividade.
	13. Dê ou peça razões, explicações.
	14. Simule ou explícite reciprocidade.
	15. Dê presentes.
<b>Polidez negativa</b> <i>(On record)</i>	1. Seja convencionalmente indireto.
	2. Questione, seja evasivo.
	3. Seja pessimista.
	4. Minimize a imposição.
	5. Mostre respeito.
	6. Peça desculpas.
	7. Impessoalize o falante e o ouvinte. Evite os pronomes "eu" e "você".
	8. Declare o FTA como uma regra geral.
	9. Nominaliza.
	10. Vá diretamente como se estivesse assumindo o débito, ou como se não estivesse endividando o ouvinte.
<b>Polidez indireta</b> <i>(Off record)</i>	1. Dê pistas.
	2. Dê chaves de associação.
	3. Pressuponha.
	4. Diminua a importância.
	5. Exagere, aumente a importância.
	6. Use tautologias.
	7. Use contradições.
	8. Seja irônico.
	9. Use metáforas.
	10. Faça perguntas retóricas.
	11. Seja ambíguo.
	12. Seja vago.
	13. Hipergeneralize.
	14. Desloque o ouvinte.
	15. Seja incompleto, use elipse.

É possível notar, assim, que as estratégias de polidez dizem respeito, na verdade, a uma atividade tanto consciente quanto inconsciente, na medida em que algumas escolhas “escapam” ao nível da consciência. De todo modo, dois são os possíveis caminhos que o falante poderá trilhar ao interagir com o *outro*: realizar ou não um ato ameaçador de face. Se o fizer, duas são as possíveis alternativas: 1) realizar um FTA *on record* ou 2) realizar um FTA *off record*, conforme ilustra a imagem abaixo. Ao optar por realizar um FTA *on record*, o falante ainda deverá optar por, ao realizá-lo, reparar ou não sua ação. Não havendo reparação, infere-se que a estratégia usada é *bald on record*; havendo reparação, esta poderá se dar através da polidez negativa ou positiva.

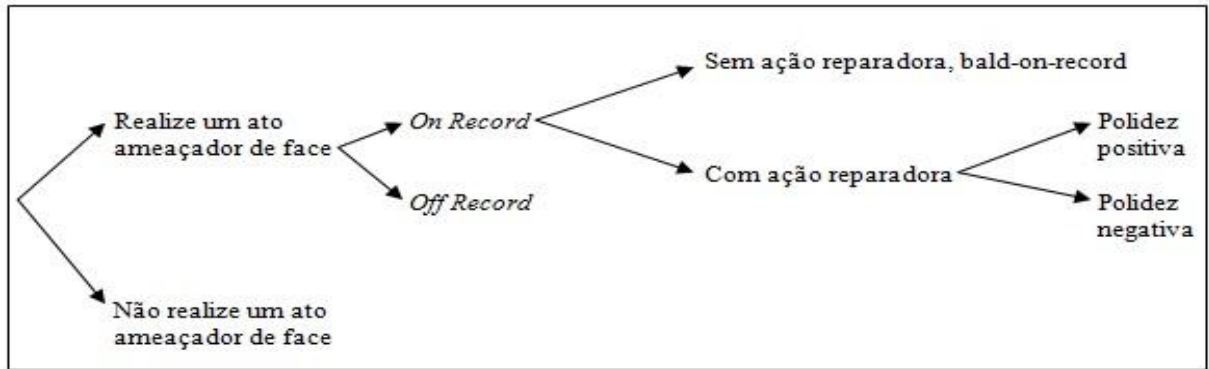


Figura 1: Possíveis estratégias para realizar um FTA de acordo com Brown e Levinson (1987, p. 69) – original em inglês.

Caso o falante escolha se valer da estratégia da indiretividade, devemos ter em mente que ele estará quebrando as máximas conversacionais griceanas (GRICE, 1982): máximas da relação (seja relevante), da quantidade (seja breve), da qualidade (seja verossímil) e do modo (evite obscuridade; evite ambiguidade; evite desordem). Ao violar as máximas, implicaturas conversacionais serão produzidas, cabendo ao ouvinte, por processo inferencial, interpretá-las. Na figura abaixo, Brown e Levinson (1987) ilustram, em forma de organograma, o que ora pontuamos.

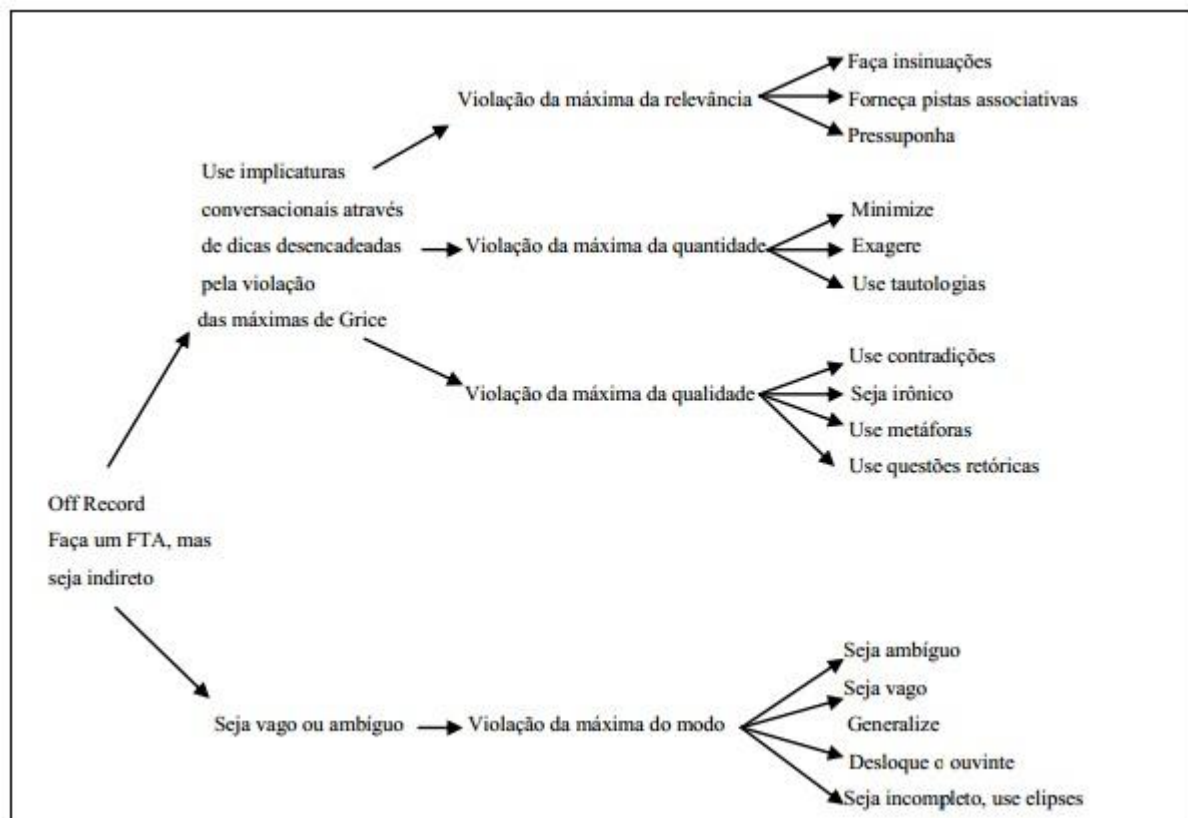


Figura 2: Gráfico de estratégias: *Off record* (BROWN; LEVINSON: 1987, p. 214) – original em inglês.

### 3. Análise

Ao receber um xerife ou qualquer outra figura que represente o poder repressivo do Estado (como policial, detetive e delegado, por exemplo) na porta de sua casa, qualquer indivíduo espera uma notícia ou um comunicado, implicando, neste enquadre, um momento mais institucional. Entretanto, em cidades pequenas, via de regra, as pessoas se conhecem e estreitam seus laços de amizade (e até mesmo se tornam íntimas) de modo mais fácil do que em cidades com grande número de habitantes.

Desta forma, sujeitos com este tipo de identidade social, os quais, pela própria natureza da profissão, entram em contato com um número elevado de indivíduos (assim como médicos, por exemplo), também se tornam amigos daqueles que compõem esta pequena comunidade. No filme, podemos perceber essa aproximação no momento imediato em que a personagem Carolyn abre a porta e já chama o xerife pelo seu primeiro nome: Fran (linha 01).

Entretanto, a resposta de Fran não coincide com o mesmo tratamento empregado por Carolyn, uma vez que, como podemos observar na segunda linha, a utilização do pronome de tratamento *doutora*, marca certo afastamento por parte do xerife Fran e uma recategorização: a relação que o xerife quer estabelecer não é entre vizinhos e amigos, mas entre o agente da lei e a médica. Entre duas identidades sociais, desprovidas de relações de afeto. Considerando que um xerife é revestido de autoridade e legitimidade conferidas por lei, e que, por isso mesmo, possui um *status* institucional hierarquicamente superior ao de sua parceira nesta interação, tem-se que Fran, ao ser indiferente à face positiva de Carolyn (por meio do uso de título), posiciona-se ofensivamente ao se dirigir à sua parceira. Importa registrar que o tom empregado na fala também corresponde a um elemento tanto avaliativo, quanto significante.

Esta ameaça à face positiva da ouvinte é percebida por Carolyn, a qual percebe a tentativa de distanciamento elaborada por Fran, e diz: “você não me chama assim desde que nos mudamos”. Nota-se que ao utilizar, contrariamente o pronome *você*, a personagem tenta diminuir este distanciamento imposto pelo xerife (empregando, inclusive, de modo estratégico, o riso) e, para preservar sua face positiva, vale-se da estratégia *on record* de polidez positiva na medida em que – via implicatura – usa marcas de identidade de grupo (ao mudar, torna-se vizinha do policial) e declara pontos em comum (viverem um ao lado do outro e isso pressupor proximidade/intimidade).

	01	Carolyn	Fran...
→	02	Fran	>Doutora Ryan<
→	03	Carolyn	Você não me chama assim desde que nos mudamoshhh

No quadro que segue o episódio acima, esta marca institucional da figura do agente da lei não é mais apontada por Fran, mas, num primeiro momento, por Ben ao chamá-lo de “xerife”. No entanto, muito embora o personagem marque o papel institucional exercido por Fran, ao identificá-lo como “xerife”, há – novamente – uma recategorização identitária: muito embora Fran seja xerife, ele não está travestido de seu uniforme, o que possivelmente faz Ben redefini-lo no papel de “vizinho” e “amigo”.

Assim, a observação de Ben, ao ver o policial em sua casa, à noite (horário em que normalmente expedientes hordiendos já foram finalizados), sem avisar, sem uniforme e pela suposta intimidade entre eles, Ben convida-o para tomar uma cerveja, aproximando, assim, seu ouvinte. Podemos considerar, assim, que o convite de Ben reflete uma construção da imagem de anfitrião, retratada pela pergunta: *quer alguma coisa?*

O personagem, desse modo, utiliza do estratagema *on record* para – compromissando-se – diminuir a distância (aparentemente permitida) com seu parceiro e reforçar sua face positiva; entretanto, é importante frisar que ao mesmo tempo o personagem comete um ato ameaçador da face negativa do ouvinte, na medida em que ao oferecer uma bebida a Fran, Ben indica que espera que seu interlocutor *aja* de alguma forma. Ao agir de modo verbal e não verbal, o xerife marca seu território institucional e, portanto, sua face negativa: o papel que ele quer desempenhar é o da figura da lei, do espaço a ele atribuído.

	05	Fran	Ben.
→	06	Bem	Oi xerife, você não está de uniforme. O que aconteceu?
	07	Fran	hhDesculpe aparecer assim, bem na hora do jantar...
→	08	Bem	Quer alguma coisa? Uma cerveja?
→	09	Fran	NÃO ((negação com a cabeça)). Não, obrigado (suspiro) (.) O Jacob está?

Na tentativa de informar a Ben e a Carolyn a suspeita de que Jacob era o principal suspeito do crime, Fran utiliza-se também da estratégia positiva. Isso porque, no momento em que ele enuncia “não quero dizer isso”, mostrando-se interessado pelas necessidades de Ben e Carolyn, e ainda, enfatizando essa preocupação dizendo posteriormente “não quero mesmo”, atesta a forma de preservação da face positiva, empregando, contudo, a estratégia *on record*. Além disso, podemos perceber que no mesmo ato, o xerife produz a seguinte

enunciação: “até onde sabemos, ele foi o último que esteve com ela”. Essa primeira postulação *até onde sabemos* implica, de forma indireta, uma tentativa de Fran de não se comprometer com a informação dada, utilizando-se de uma expressão com significado vago.

Portanto, vemos que na linha 23, no ato enunciativo de Fran, há uma preservação de face positiva, logo uma estratégia *on record*. Entretanto, sua fala é finalizada com uma estratégia indireta, *transmitindo a responsabilidade a Ben e Carolyn de interpretar seu comportamento*, estratégia *off record*.

A personagem Ben, no entanto, interpreta esse comportamento como um “insulto” e usa a forma *bald on record* para dizer *quem manda em seu território*, sem se preocupar muito em *como* dizer: “ele está na nossa cozinha dizendo que o nosso filho..”, respondendo a pergunta de sua esposa (“está dizendo que o Jacob namorava a Martha Taverna?”), mas se referindo diretamente ao Fran. A confirmação disso prevalece no fim de seu ato comunicativo, quando resmunga “Por favor, Fran”. Podemos dizer, inclusive, que Ben construiu uma forma irônica, produzindo um ato de ameaça à face negativa de Fran, usando, assim, uma polidez indireta, empregando a estratégia *off record*.

→	23	Fran	hhBem...(olha para cima e depois para baixo))Não quero dizer isso. Não quero mesmo. O Jacob foi visto com a garota. A buscou no trabalho. Ela trabalha no Jacey’s vendendo sorvetes. Ele a buscou de carro e saíram juntos, como sempre. Até onde sabemos, ele foi o último que esteve com ela.
	24	Carolyn	Está dizendo que o Jacob namorava a Martha Taverna?
	25	Ben	Nãohhh...o que ele está dizendohhh(.)Ele está na nossa cozinha dizendo que o nosso filho...Por favor, [Fran!
	26	Fran	[↑Ei, ei...Não se apresse. °Só quero falar com ele°.

Um dos pontos altos da cena em análise talvez seja o emprego do modo *bald on record* realizado por Ben, cujo ouvinte, neste caso, é o xerife Fran: o marceneiro é objetivo e direto ao realizar um ato ameaçador da face negativa de seu ouvinte e não utilizar ações reparadoras nas linhas 34 e 35, indicando ao interlocutor que fará algo em seu desfavor a menos que ele faça determinada ação. Em “você não tem um mandado” implica-se que por não estar munido do documento hábil a conferir o poder de busca e apreensão, a autoridade policial não pode agir e, se agir, medidas judiciais serão cabíveis.

Para delimitar seu território o personagem diminui o *status* de seu interlocutor ao usar o vocábulo *você* (estabelecendo, assim, uma relação entre *status* paritários) e demarca seu espaço e objetos como em “o carro é meu!” (linha 36). Os atos discursivos praticados por Ben, neste enquadre, são robustamente impolidos, o que se pode notar com o uso do vocábulo

“bisbilhotar”, numa tentativa de não legitimar o trabalho de um policial: buscar provas de um crime. Talvez, tal impolidez deva-se ao fato de a personagem incorporar o papel de pai.

	34	Bem	Espere! Não pode fazer isso.
	35	Fran	Fazer o [quê?
→	36	Bem	[Não pode bisbilhotar o carro! O carro é meu! Você não tem mandado.

O último quadro que abordaremos da cena em análise no presente artigo envolve Fran, Ben, Carolyn e Judith. Nela, o xerife busca convencer Carolyn – numa estratégica espécie de conselho – de que agir do modo como ele quer é a melhor opção, objetivando, assim, uma ação futura de sua ouvinte, que poderá ou não acatar sua orientação – atacando, desse modo, a face negativa de sua parceira.

Para impedir uma possível subordinação de sua esposa para com o desiderato do policial, Ben, então, ataca a face positiva de seu ouvinte (Fran), mostrando que faz uma avaliação negativa da face positiva de seu interlocutor. Numa espécie de jogo aliciatório, o xerife busca preservar sua face positiva e intenta uma aproximação com Ben, percebendo o *outro*, mostrando-se interessado por suas necessidades e ressaltando pontos que ambos têm em comum: são pais e por isso mesmo entende e pressupõe os conhecimentos sobre o desejo de seu ouvinte (estratégia de manutenção de face *on record*).

Em resposta a esta tentativa de manutenção da face positiva, Ben mantém sua avaliação negativa da face positiva de seu interlocutor: desaprova sua tentativa de encontrar as respostas através de Judith (uma criança), critica sua conduta e não concorda com a ação executada por seu interlocutor. Marca-se, assim, seu território, sem preocupações com o modo como tal mensagem se dá. Talvez mais importante que o modo, neste caso, é aquilo que se diz.

	38	Fran	Carolyn ((estende as mãos para pegar a chave do carro)), pelo bem dele, o carro pode ter respostas.
	39	Ben	((pega a chave das mãos de Carolyn))NÃO!
	40	Fran	((cabeça baixa))Vocês são os pais deles. Querem proteje-los. Eu também tenho filhos. BEN, você sabe alguma coisa que não está me contando? (7.0) E você Judith? [Sabe
	41	Ben	[EI! EI! ((empurra o xerife)) PASSOU DOS LIMITES! <u>Deixe-a fora disso.</u>

### Considerações Finais

No presente trabalho pôde-se verificar que o uso da impolidez linguística entre os participantes de uma interação face a face ficcional em muito se aproxima da relação e interação vivenciadas em nosso cotidiano. Ao atuarmos, buscamos representar (consciente ou inconscientemente) papéis sociais que desempenhamos de maneira a preservar e manter tanto nossa face positiva quanto negativa.

Os papéis da paternidade e maternidade talvez sejam uma “licença” concedida pelo corpo social para que a impolidez seja executada com juízos de valor um pouco mais atenuados. Ao ameaçar a face, estratégias de manutenção serão desempenhadas; no caso em tela, observou-se que as estratégias de aproximação, de identificação de grupo e de se buscar os anseios do *outro* em relação a algum aspecto – ao se tratar do papel de pai ou mãe – são as mais usadas. Nesse sentido, para se atingir o equilíbrio dentro de um cenário discursivo em desequilíbrio, a utilização das estratégias de polidez são capitais para que haja uma conjuntura interacional harmoniosa.

## Referências

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 5 edição. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BROWN, P. & LEVINSON, S.. *Politeness: Some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CUNHA, E. C. *Estratégias de polidez na interação em aulas chat*. (Tese de doutorado). Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Letras, 2009. Disponível em: <http://www.pgletras.com.br/2009/teses/tese-eva-cunha.pdf>. Acesso em 29/09/2012, às 11:05.

DESCARDECI, M. A. A. S. Ler o mundo: um olhar através da semiótica social. *ETD – Educação Temática Digital*, v.3, n.2, p.19-26, Campinas: Unicamp, jun.2002.

FERREIRA, M. A. *Para gêneros discursivos: Linguística Sistêmico-Funcional*. Revista Linguagens e Diálogos, v 01, n 01, p. 68-91, 2010.

GOFFMAN, E. *A Representação do Eu na vida cotidiana*. Petrópolis, Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_. A Elaboração da face: uma análise dos elementos rituais da interação social. In: FIGUEIRA, S. (org.) *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

\_\_\_\_\_. *Interaction ritual. Essays on face-to-face behavior*. New York: Anchor Books, 1967.



GRICE, P. Lógica e conversação. In: DASCAL (Org.). *Fundamentos metodológicos da lingüística IV. Pragmática*. 1982.

KRESS, G.; LEEUWEN, T. V. *Reading Imagens: the grammar of visual design*. London: Routledge, 1996.

LAKOFF, R. *Language and woman's place*. Language in society, 1973.

LODER, L.L. e JUNG, N.M. (orgs.). *Análises em fala-em-interação institucional. A perspectiva da análise da conversa etnometodológica*. Campinas, Mercado de Letras, 2009.

MARCONDES, D. *A Pragmática na filosofia contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Editor, 2005.

MARCUSCHI, L.A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A.P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M.A. (Orgs.) *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. PP.19-36.

MARINS, L. C. *A circulação multimodal e intermidial do texto literário: um novo olhar sobre as relações de gênero na adaptação cinematográfica de Pygmalion, My Fair Lady*. Revista Travessias. Edição 10, p. 134-145, 2010.

SACKS, H., SCHEGLOFF, E. A. e JEFFERSON, G. *A simplest systematic for the organization of turn-taking for conversation*. Language, Baltimore vol. 50, nº 4, 1974, pp. 696-735.

## Anexos

a. **Transcrição legendada em português do intervalo entre 08:55'' até 12:23'' do filme Antes e Depois, cujos participantes da cena são as personagens: Carolyn, Fran, Judith e Ben.**

	01	Carolyn	Fran...
	02	Fran	>Doutora Ryan<
	03	Carolyn	Você não me chama assim desde que nos mudamos
	04	Judith	Oi, mãe
	05	Fran	Ben.
	06	Bem	Oi xerife, você não está de uniforme. O que aconteceu?
	07	Fran	hhDesculpe aparecer assim, bem na hora do jantar...
	08	Bem	Quer alguma coisa? Uma cerveja?
	09	Fran	NÃO ((negação com a cabeça)). Não, obrigado (suspiro) (.) O Jacob está?
	10	Bem	Está no quarto dele. Deve estar ouvindo música, sabe como é.
	11	Carolyn	Não viu ele chegar?
	12	Bem	Eu estava no estúdio
	13	Carolyn	Aconteceu alguma coisa? Quer falar com ele?
	14	Judith	Quer que eu chame? Eu vou.
	15	Bem	Pode ir...

	16	Carolyn	◦Tem algo errado?◦
	17	Fran	hhtudo bem...Aconteceu uma coisa hoje= Algo muito ruim. Uma garota morreu.
	18	Carolyn	Eu sei. Eu a vi.
	19	Bem	Como é?
	20	Carolyn	Na emergência. Não tinha como salvar. Foi horrível. Era isso que eu ia contar quando cheguei.
	21	Bem	Caramba!
	22	Carolyn	O que Jacob tem com isso?
	23	Fran	hhBem...((olha para cima e depois para baixo))Não quero dizer isso. Não quero mesmo. O Jacob foi visto com a garota. A buscou no trabalho. Ela trabalha no Jacey's vendendo sorvetes. Ele a buscou de carro e saíram juntos, como sempre. Até onde sabemos, ele foi o último que esteve com ela.
	24	Carolyn	Está dizendo que o Jacob namorava a Martha Taverna?
	25	Bem	Nãohhh...o que ele está dizendohhh(.)Ele está na nossa cozinha dizendo que o nosso filho...Por favor, [Fran!
	26	Fran	[↑Ei, ei...Não se apresse. ◦Só quero falar com ele◦.
	27	Carolyn	JACOB?
	28	Judith	Ele não está lá.
	29	Carolyn	Que loucura::o carro está na garagem::acabei de [ver.
	30	Fran	[Você tem uma cópia do carro?
	31	Carolyn	Acho que tenho
	32	Judith	Pai?
	33	Bem	◦Aconteceu algo, Judith, mas foi um engano= Eu explico depois◦.
	34	Bem	Espere! Não pode fazer isso.
	35	Fran	Fazer o [quê?
	36	Bem	[Não pode bisbilhotar o carro! O carro é meu! Você não tem mandado.
	37	Carolyn	Espere! Deve haver uma explicação simples. O Jacob e a garota devem ter se separado antes disso acontecer. Ela pode ter saído do carro. Muitas coisas podem...Fran, como podemos saber se está bem? Um louco pode ter feito alguma coisa com os dois! O Jacob pode estar ferido ou ter sido sequestrado! Meus Deus!
	38	Fran	Carolyn ((estende as mãos para pegar a chave do carro)), pelo bem dele, o carro pode ter respostas.
	39	Bem	((pega a chave das mãos de Carolyn))NÃO!
	40	Fran	((cabeça baixa))Vocês são os pais deles. Querem proteje-los. Eu também tenho filhos. BEN, você sabe alguma coisa que não está me contando? (7.0) E você Judith? [Sabe
	41	Bem	[EI! EI! ((empurra o xerife)) PASSOU DOS LIMITES! <u>Deixe-a fora disso.</u>
	42	Carolyn	◦Por favor, Ben◦.
	43	Bem	>Vou dizer o que sei<.
	44	Carolyn	◦Ele só quer◦..
	45	Bem	>Eu conheço meu filho!<
	46	Carolyn	◦Ele só quer ajudar◦.

	47	Fran	Não quero que seja assim. Mas se for preciso consigo um mandado ((aponta o dedo na cara do Ben)).
	48	Bem	Pois é::faça isso..
	49	Fran	Tudo bem...

b. **Transcrição legendada em inglês do intervalo entre 08:55'' até 12:23'' do filme Antes e Depois, cujos participantes da cena são as personagens: Carolyn, Fran, Judith e Ben.**

	01	Carolyn	<u>Fred!</u>
	02	Fran	> Dra. Ryan.<
	03	Carolyn	You haven't called me doctor since we first moved up here.
	04	Judith	Hi, Mom
	05	Fran	Ben.
	06	Bem	Chief, why the uniform today? What's up?
	07	Fran	Uh, sorry to barge in on you like this right here at suppertime.
	08	Bem	Get you something, Fran? A beer if you're not on duty?
	09	Fran	No, that's okay, thanks. Umm... Is Jacob around?
	10	Bem	He's up in his room, I guess, with those damn headphones on.
	11	Carolyn	You didn't see him come in?
	12	Bem	I was in the studio.
	13	Carolyn	You need him for something?
	14	Judith	Do you want us to get him? I'll go.
	15	Bem	Yeah, go on, hon.
	16	Carolyn	Is there something wrong?
	17	Fran	Okay, Something happened out on Poor Farm Road today, something bad. A girl got herself killed.
	18	Carolyn	I know, I saw her.
	19	Bem	What?
	20	Carolyn	We had her in ER, beyond saving. I mean, it was... awful. That's what I was gonna tell you when I came in.
	21	Bem	God, I'm sorry.
	22	Carolyn	What does that have to do with Jacob?
	23	Fran	I don't want to have to tell you this, I really don't. Jacob was seen with the girl. He picked her up from work. She works down at Jacey's after school, making ice cream cones. He came by in his car and they went off together like they been doin'. As far as we know right now, he was the last person with her.
	24	Carolyn	Are you saying Jacob was dating that girl, Martha Taverner?
	25	Bem	No, what he's saying is... He's standing here in our kitchen, saying that he thinks our son was... For crying out loud, Fran.
	26	Fran	Ben, hey, hey. Let's not jump the gun. I just need to talk to him.
	27	Carolyn	JACOB?
	28	Judith	He's not up there. I looked all over.
	29	Carolyn	That's crazy. His car's in the garage. I just saw it.
	30	Fran	Do you have a spare set of keys for the car?
	31	Carolyn	Yeah, I think.
	32	Judith	Daddy!

	33	Bem	Something's happened but there's been a misunderstanding. We'll explain later, okay?
	34	Bem	Wait a minute, you can't do this.
	35	Fran	Do what?
	36	Bem	You can't go snooping around in someone else's car. Legally, that's my car. You do not have a search warrant.
	37	Carolyn	Wait, I'm sure there's some very simple explanation for all of this. Jacob and the Taverner girl must have separated somehow before this even happened. Maybe he just dropped her off somewhere. Maybe she got out of the car, walked away. There's a thousand different... Fran, how do we know he's all right? Maybe some madman did something to both of them. Maybe Jacob's hurt or he's kidnapped. Oh, my God.
		Fran	Carolyn, for his own sake, that car might give us some answers.
	38	Bem	No.
	39	Fran	You're his parents, you want to protect him. I got kids, too. Ben, is there something that you know that you're not telling me? - How 'bout it, Judith? Do you know...
	40	Bem	Hey! Off limits! Leave her out of this, okay?
	41	Carolyn	Please, Bem..
	42	Bem	I'll tell you what I know.
	43	Carolyn	He's Just...
	44	Bem	I know my son.
	45	Carolyn	helping us find him, darling
	46	Fran	I don't want it to be like this. But if I have to, I will go find Judge Grady and I will get a search warrant.
	47	Bem	<u>Yeah, well, you do that!</u>
	48	Fran	It's okay.

**c. Convenções de Transcrição (adaptadas de estudos da Análise da Conversa (Saks, Schegloff e Jefferson, 1974), com incorporações de Loder e Jung, 2009)**

<b>Tempo</b>	
...	Pausa não medida
(2.3)	Pausa medida
(.)	Pausa de menos de 2 décimos de segundo
<b>Aspectos da produção da fala</b>	
.	Entonação descendente
?	Entonação ascendente
,	Entonação intermediária, de continuidade
-	Parada súbita
<b>Sublinhado</b>	Ênfase em som
<b>MAIÚSCULA</b>	Fala em voz alta ou muita ênfase
°palavra°	Fala em voz baixa
>palavra<	Fala mais rápida
<palavra>	Fala mais lenta
: ou ::	Alongamentos
[ ]	Fala sobreposta
↑	Som mais agudo do que os do entorno

↓	Som mais grave do que os do entorno
<b>Hh</b>	Aspiração ou riso
<b>.hh</b>	Inspiração audível
<i>Formatação, comentários, dúvidas</i>	
=	Eloções contíguas, enunciadas sem pausa entre elas
( )	Fala não compreendida
(palavra)	Fala duvidosa
(( ))	Comentário do analista, descrição de atividade não vocal
<i>Outros</i>	
“palavra”	Fala relatada

## **AS EMOÇÕES COMO ESTRATÉGIA ARGUMENTATIVA EM UM BEST-SELLER DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS (IURD).**

Bárbara Amaral da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** À luz da análise do discurso de linha francesa, pretendemos verificar a utilização das emoções como estratégia argumentativa para conseguir adesão do público alvo em um *best-seller* da Igreja Universal do Reino de Deus. Para isso, analisaremos o *pathos* na Introdução do livro *Mulher V: moderna à moda antiga*, de Cristiane Cardoso, filha do bispo Edir Macedo. Embora o trabalho esteja focado nas emoções, constataremos a inter-relação entre as três provas retóricas a partir da análise da relação do *pathos* com o *ethos* e com o *logos*, o que será feito, principalmente, a partir de contribuições de Christian Plantin. Levando-se em consideração Ruth Amossy, ainda verificaremos a importância das condições de produção de um discurso quando analisarmos o *pathos* na *doxa*. Por fim, refletiremos sobre alguns efeitos que podem ser gerados a partir da utilização das emoções como estratégia.

**Palavras-chave:** Análise do discurso. Retórica. Pathos. Discurso Religioso.

**Abstract:** In light of discourse of analysis of the french line, we intend to verify the use of emotions as a strategy to achieve membership of the target audience in a *best-seller* of the Universal Church of the Kingdom of God. For this, we are going to approach the *pathos* in the Introduction of the book *V Women: modern old fashioned*, written by Cristiane Cardoso, daughter of Bishop Macedo. Although the work is focused on emotions, we note the interrelationship between the three rhetorical evidence from the analysis of the *pathos* in relation to the *ethos* and to the *logos*, what will be done mainly from contributions from Christian Plantin. Taking into consideration Ruth Amossy, we will also verify the importance of the conditions of production of a speech when analyzing the *pathos* in *doxa*. Finally, we will think about some effects that can be generated from the use of emotions as a strategy.

**Keywords:** Discourse analysis. Rhetoric. *Pathos*. Religious Discourse.

### **Introdução**

À luz da análise do discurso de linha francesa, pretendemos no presente trabalho verificar como as emoções são utilizadas enquanto estratégia argumentativa para conseguir

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Licenciatura plena Português (2013). Mestre em Estudos Linguísticos pela UFMG (2015), tendo como área de pesquisa a Análise do Discurso de linha francesa. Doutoranda em Estudos Linguísticos pela UFMG, tendo como área de pesquisa a Análise do Discurso de linha francesa. Durante sua trajetória acadêmica, atuou principalmente na área da Análise do Discurso, abordando temas como gêneros discursivos, transgressão de gêneros do discurso, argumentação, estereótipos e discurso religioso. Como experiência de docência, trabalhou como monitora de Português e Redação em pré-vestibulares, como professora de Inglês em cursos de idiomas e lecionou na graduação da UFMG.

adesão do público alvo em um *best-seller* da Igreja Universal do Reino de Deus (doravante IURD). Para isso, analisaremos o *pathos*<sup>2</sup>, uma das provas argumentativas, na *Introdução* do livro *Mulher V: moderna à moda antiga*, escrito por Cristiane Cardoso, filha do bispo Edir Macedo, fundador da IURD.

Para tanto, o trabalho que se segue será dividido em seis partes, na primeira, ensaiaremos uma reflexão sobre a relação estabelecida entre mulheres e religião ao longo da história. Dessa forma, ao final de nossa análise, poderemos pensar se a obra de Cardoso (2011) poderia ser considerada moderna, como se pretende. Para tanto, recuperaremos estudos de outras áreas, como sociologia e antropologia. A segunda parte contará com a apresentação do livro; na terceira parte, o foco será verificar qual é o posicionamento da autora a respeito das emoções, o que será feito a partir de trechos retirados de capítulos do livro em comparação com alguns autores da Retórica Antiga. A partir daí, discorreremos sobre a análise do *pathos* na *Introdução* e sobre sua contribuição para garantir a adesão do público àquilo que está sendo dito. Dessa forma, a quarta parte diz respeito à análise do *pathos* na *doxa*, levando-se em consideração, principalmente, as ideias de Ruth Amossy sobre este conceito, que será devidamente esclarecido no decorrer do trabalho. Na quinta parte, estudaremos o *pathos* no *logos*, na qual daremos enfoque a termos passíveis de gerar emoções, para tanto serão utilizadas as teorias de Christian Plantin. Na última parte, daremos foco ao *pathos* no *ethos*, ideia desenvolvida por Plantin e retomada por Melliandro Galinari em um de seus artigos.

O trabalho que se segue possui relevância para os estudos do discurso, uma vez que a religião evangélica foi a que mais cresceu nos últimos anos, segundo dados do IBGE que mostraram que “no ano 2000 eles [os evangélicos] representavam 15,4% da população. Em 2010, chegaram a 22,2%, um aumento de cerca de 16 milhões de pessoas (de 26,2 milhões para 42,3 milhões). Em 1991, este percentual era de 9,0% e em 1980, 6,6%”<sup>3</sup>. A mesma pesquisa ainda mostrou que em um ranking sobre “grupos de religião, por número de adeptos”, a IURD ocupava o 9º lugar. Cabe aos pesquisadores de diversas áreas tentarem buscar sentidos para essa grande expansão. O trabalho aqui proposto contribuirá, então, para desvendar alguns pontos importantes sobre o discurso em foco, principalmente quanto às emoções como estratégia argumentativa e, também, quanto ao ideal de mulher propagado no discurso em foco.

<sup>2</sup>Devido às dimensões deste artigo, tomaremos “emoções”, “paixões” e “afetos” como palavras sinônimas a “*pathos*” e não problematizaremos os termos.

<sup>3</sup><http://censo2010.ibge.gov.br/>

## Um ensaio sobre o lugar das mulheres nas religiões

Antes de nos voltarmos à obra propriamente dita, vejamos um pouco<sup>4</sup> da relação entre mulheres e religiões ao longo da história para podermos pensar em qual lugar a mulher foi/é colocada pelas religiões. Nossa reflexão será baseada em autores da sociologia e da antropologia, tais como Pierre Bourdieu e Merlin Stone.

Poucos têm conhecimento da existência de uma religião anterior ao judaísmo, entretanto, segundo Stone (1976), em sua obra *When God was a Woman*, no alvorecer da religião “Deus” era uma mulher, era a Deusa-Terra, Deusa-Mãe, Tellus-Matter. Ainda segundo a autora, nos primórdios da sociedade, mais especificamente no Neolítico e no Paleolítico, a procriação não era plenamente compreendida. Nessa época, acreditava-se que os bebês nasciam apenas das mulheres, o papel do homem na reprodução não era reconhecido. Devido a isso, não foi difícil aos povos da época acreditar na existência de uma Deusa mulher, a única capaz de dar a vida, assim como a terra que germina. A pesquisadora constatou que essa Deusa apareceu exaustivamente em várias histórias de todas as partes do mundo e ainda em estátuas conhecidas como *Venus figures* (figuras de Vênus) e Vênus esteatopíguas. Elas eram representações dos aspectos mais femininos das mulheres, apresentavam seios grandes e ventres avantajados, como valorização da capacidade reprodutiva da mulher.

Outro ponto relevante apresentado na pesquisa de Stone (1976) é que quando a Deusa era uma mulher, as mulheres eram valorizadas, elas detinham a posse das terras e eram líderes e conselheiras dos clãs, que eram nomeados pelo sobrenome da matriarca. Assim, os mitos se mostraram mais importantes que apenas contos infantis, nas palavras da autora: “nossa ética, moral, conduta, valores, senso de dever e até mesmo senso de humor são frequentemente desenvolvidos a partir de simples parábolas infantis e fábulas” (STONE, 1976, p. 4. Tradução nossa)<sup>5</sup>. Autores de diversas áreas já teorizaram sobre o poder do mito, a exemplo de Campbell (2008, p. 17) que afirma: “os mitos da sociedade constituem modelos para essa sociedade em determinada época”. Bourdieu (2012, p. 11), ao falar dos universos simbólicos, como o mito e a religião, demonstra acreditar na existência de um poder político proveniente

<sup>4</sup> Devido às dimensões deste artigo, não pretendemos fazer uma retomada exaustiva da relação entre mulheres e religiões. O que propomos é apresentar eventos específicos e pontuais que possam nos dar um indício de como era essa relação.

<sup>5</sup> “our ethics, morals, conduct, values, sense of duty and even sense of humor are often developed from simple childhood parables and fables”.



desses universos, “[...] que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre a outra (violência simbólica) [...]”. Nosso ponto aqui é determinante para compreender a depreciação feminina que decorreu da posterior valorização de um Deus homem, o Deus-Pai das religiões judaico-cristãs.

Conforme Stone (1976), quando os Hebreus invadiram as terras ocupadas por aqueles que valorizavam a Deusa, por volta de 2400 a.C., eles impuseram o culto a um Deus homem. A partir daí, novos mitos, como o de Pandora, o de Medeia etc., surgiram para legitimar a então recente relação de gênero que se estabelecia. E não seria difícil pensarmos logo no mito de Adão e Eva, colocado na origem do mundo para validar a inferiorização da mulher e sua submissão ao homem, o que é reforçado por inúmeras passagens bíblicas, como: “Vós, mulheres, estai sujeitas a vossos próprios maridos, como convém no Senhor.” (BÍBLIA DE PROMESSAS, Aos Colossenses, 3:18). Poderíamos ainda pensar em vários outros mitos, todos eles trazem a moral de que as mulheres são descontroladas por natureza e por isso devem ficar sob o domínio de um homem. Desde então, as eternas filhas de Eva sofrem as consequências da misoginia das religiões judaico-cristãs.

Dando um salto na história, com o fim do politeísmo e a plena instauração do judaísmo, a situação da mulher se inverteu. Segundo De Vaux (2003, p. 42), ao estudar as leis de Israel por volta de 1300/1250 a.C., em sua obra *Instituições de Israel no Antigo Testamento*, conta-nos categoricamente:

[...] a família israelita é claramente *patriarcal* desde nossos documentos mais antigos. O termo próprio para designá-la é ‘casa paterna’, *bêt ’ab*, as genealogias sempre são dadas seguindo a linha paterna e as mulheres só são mencionadas excepcionalmente. (grifos do autor).

Algumas curiosidades da Bíblia já evidenciam o lugar (marginal) conferido às mulheres. Primeiramente, lembremos que, embora o Antigo Testamento apresente livros produzidos por mulheres, como Rute, Ester e Judith, o Novo Testamento não apresenta a escrita de nenhuma mulher. Vale ressaltar que outros livros de mulheres bíblicas já foram encontrados, a exemplo do livro de Maria Madalena, entretanto, por interesses de gênero, não entraram na compilação. Além disso, um estudo<sup>6</sup> feito pela reverenda Lindsay Hardin Freeman constatou que das 1,1 milhões de palavras presentes na Bíblia, somente 14.056 foram ditas por mulheres, o que representa o silenciamento da mulher e a sua inferioridade. As mulheres foram sendo cada vez mais apagadas e diminuídas, e tudo isso foi justificado

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/news/article-2940774/Study-finds-93-women-Bible-speak-just-1-1-cent-time.html>>. Acesso em 12 abr. 2016.

pela vontade do Deus-Pai. A sexualidade aflorada da Deusa, que antes era valorizada, com o Deus de Israel passou a ser condenada, as mulheres só eram reconhecidas como Marias, isto é, mães e esposas.

Na Idade Média, mais especificamente no século XIII, até mesmo a medicina estava contaminada por uma visão religiosa pejorativa acerca das mulheres. Os dizeres que aparecem em Levítico (15: 19-22) são um exemplo disso:

Mas a mulher, quando tiver fluxo, e o seu fluxo de sangue estiver na sua carne, estará sete dias na sua separação, e qualquer que a tocar será imundo até à tarde. E tudo aquilo sobre o que ela se deitar durante a sua separação, será imundo; e tudo, sobre o que se assentar, será imundo. E qualquer que tocar a sua cama, lavará os seus vestidos, e se banhará com água, e será imundo até à tarde. E qualquer que tocar alguma coisa, sobre o que ela se tiver assentado lavará os seus vestidos, e se banhará com água, e será imundo até à tarde. (LEVÍTICO, 15: 19-22)<sup>7</sup>.

Tomasset (1990, p. 92) explica que o sangue menstrual nesta época era o culpado quando cereais azedavam, quando as plantas morriam ou paravam de dar frutos. Ainda segundo o autor, “do mesmo modo, qualquer criança pode contrair a rubéola ou a varíola, doença provocada pelo esforço que o novo organismo faz para se purgar do sangue menstrual que pode estar contido ainda nos seus membros ‘porosos’”. Nessa mesma época e devido à crença da Igreja de que as mulheres eram sujas, transmissoras de doenças e emocionalmente descontroladas, o monitoramento delas foi aumentado ainda mais quando alguns pregadores, como Alão de Lille e Gil de Roma, escreveram manuais de comportamentos para as mulheres que foram plenamente difundidos. Casagrande (1990, p. 129) explica melhor o tipo de instrução dada às mulheres nessas obras: “não rir mas sorrir, sem mostrar os dentes, não arregalar os olhos mas mantê-los baixos e semicerrados, chorar sem fazer ruído, não agitar as mãos, não mover demasiado a cabeça, etc”. Esse rígido controle fez com que as mulheres fossem cada vez mais isoladas e ficassem reclusas em suas próprias casas.

Ao fim da Idade Média e início da Idade Moderna, entre os séculos XVI e XVIII, ocorreu um fenômeno multicausal<sup>8</sup> chamado de Caça às bruxas. Neste período, as Igrejas, tanto católicas quanto protestantes, condenavam como bruxa/bruxo todos que seguiam outra religião, uma vez que segundo o pensamento da época essas pessoas faziam pactos com o demônio e se encontravam em reuniões secretas chamadas de sabás para adorar o ser diabólico. Acreditava-se, pois, que “hereges e bruxas eram os participantes ativos das orgias,

<sup>7</sup> A palavra “separação” é usada, pois naquela época a mulher era separada do povo durante o ciclo menstrual. Entretanto, em algumas Bíblias a palavra “menstruação” é que aparece.

<sup>8</sup> Para compreender a multicausalidade da Caça, assim como outras informações sobre o fenômeno, sugerimos a leitura de: LEVACK, Brian P. *A caça às bruxas na Europa moderna*. Tradução de Ivo Korytowski. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

em que incestos, canibalismos, infanticídios, sodomia, todas as perversões sexuais eram praticadas com deleite” (BARROS, 2004, p. 344). As mulheres eram consideradas bruxas, feiticeiras, perversas e pervertidas naquela sociedade, foram torturadas e queimadas nas fogueiras por crimes que não cometeram. Nesse sentido, seguindo Michelet (1989, p. 64) em seu hino às mulheres, cremos que “ainda hoje, não se pode escrever essas blasfêmias sem que o coração se irrite, sem que o papel e a pena tremam de indignação”.

Os métodos de tortura eram extremamente violentos. Além da estrapada, da roda (que esticava a pessoa), do parafuso esmagador de polegares, havia cadeiras de pontas afiadas e aquecidas por baixo, sapatos com pregos, faixas com agulhas, ferros em brasa, pinças em brasa, fome e privação de sono. Acreditava-se que a bruxa possuía uma parte de seu corpo totalmente insensível, o que era sinal de domínio sobre ela. Assim, os inquisidores espetavam a pessoa com agulhadas até julgarem haver ter encontrado essa região (BASSANEZI *et al.*, 1986, p. 86).

A crença sobre as bruxas foi transmitida por meio de livros publicados por inquisidores, como o *Martelo das Feiticeiras*, uma das obras mais conhecidas sobre o tema. Alguns homens também foram acusados de bruxaria, em grande parte eram homossexuais. Entretanto, segundo Sallmann (1991, p. 518), “Nos séculos XVI e XVII, a mulher tinha quatro vezes mais possibilidades do que o homem de ser acusada do crime de feitiçaria e de ser executada por essa razão”. Os motivos para isso são simples, segundo Sallmann (1991): as eternas Evas eram consideradas mais fracas moralmente que os homens, o que as deixavam mais vulneráveis a fazerem um pacto com o demônio. Além disso, as mulheres são mais fracas fisicamente, o que tornava o pacto viável para conseguir proteção, mas também para conseguir dinheiro, já que em uma sociedade extremamente misógina as mulheres, que já trabalhavam, recebiam salários muito baixos.

Elas foram, portanto, em sua maioria, usadas como bode-expiatório para justificar uma série de eventos que devastavam o mundo, especialmente a Europa, como os problemas climáticos e de colheitas, as doenças, como a Peste Negra, a disseminação da pobreza etc.. No início do século XVIII, a Caça terminou. Já no século XIX, segundo Fraisse e Perrot (1991)<sup>9</sup>, o feminismo surgiu e veio acompanhado de mudanças significativas para as mulheres, por exemplo, trabalho assalariado, autonomia civil, direito à instrução e envolvimento na vida política. Apesar disso, “[...] o modelo feminino católico é exclusivamente o da esposa e da mãe. À esposa a Igreja pede submissão e espírito de abnegação. Se o mundo é para todos um vale de lágrimas, é-o em especial para as mulheres” (GIORGIO, 1991, p. 206). A cena

<sup>9</sup> FRAISSE, Geneviève e PERROT, Michelle. Introdução: Ordens e Liberdades. In: DUBY, Georges e PERROT, Michelle (org). *História das mulheres no ocidente*. Tradução de Cláudia Gonçalves e Egito Gonçalves. V.4: O século XIX. Porto: Edições Afrontamento, 1991, p. 9-15.

protestante também não se difere disso. E é necessário ressaltar que, mesmo com as conquistas alcançadas, o trabalho de casa continua sendo de responsabilidade exclusivamente feminina. Nesse sentido, conforme Maugue (1991, p. 584-585), “... parece que as próprias feministas têm a maior dificuldade em se libertar, e é desse modo que acabam paradoxalmente a lutar pelo direito de fazerem dois trabalhos, de realizarem uma tarefa dupla....”.

Nessa breve retomada histórica que relacionou religião e mulheres ao longo do tempo, vimos como a inferioridade e a inferiorização feminina foi construída e legitimada a partir da imposição de um Deus homem. Esta retomada nos servirá para pensarmos se a obra *A mulher V: moderna à moda antiga*, de Cardoso, possuiria algum traço de modernidade, como se pretende.

### ***A mulher V: estrutura e características***

O *corpus* deste trabalho diz respeito ao livro *A Mulher V: moderna à moda antiga*, escrito por Cristiane Cardoso, filha do bispo Edir Macedo, fundador da IURD. O livro, que teve sua 1ª edição lançada em 2011, com a qual trabalharemos aqui, atingiu recordes de venda no lançamento de sua 2ª edição em 2013 e, segundo o próprio *site* da Universal, ficou “em primeiro lugar no ranking dos livros mais vendidos no Brasil – na semana de 4 a 10 de março –, segundo lista publicada pelo site PublishNews...”.<sup>10</sup> O livro é estruturado em 22 capítulos, além da *Introdução*, e é baseado no livro da Bíblia de Provérbios 31, que fala tudo sobre a mulher virtuosa, a mulher V. Cada capítulo é dedicado a um versículo dos Provérbios 31 e eles são exemplificados por meio de trechos retirados da própria Bíblia e também de vivências da autora.

A obra pode ser considerada um guia de como se tornar uma mulher V, ou mulher virtuosa. De acordo com Cardoso (2011), as mulheres de hoje são muito diferentes daquela que foi criada por Deus, elas perderam a essência feminina, só são valorizadas pela aparência e não pelo seu interior, tornaram-se fúteis e fofoqueiras, além de terem perdido seu valor perante o homem. Devido a esses “problemas” da modernidade, na visão da autora, foi necessário criar um guia, por meio do qual as mulheres recuperariam o valor que perderam durante os anos.

O trabalho aqui desenvolvido se reterá na análise da *Introdução* do livro, e contará com trechos de capítulos em momentos oportunos, decisão que foi tomada devido às

---

<sup>10</sup><http://www.universal.org>

dimensões deste artigo. Como foi dito, analisaremos a importância do *pathos* para a argumentação construída no livro e também para a adesão do público. Mas antes desta análise, refletiremos na próxima seção sobre a visão da autora a respeito das emoções, relacionando esta visão com visões de autores da Retórica Antiga para verificarmos se o discurso sobre as emoções é o mesmo nas obras antigas e em nosso *corpus*.

### Uma visão ultrapassada sobre as emoções

Nesta parte de nosso trabalho, pretendemos verificar qual o posicionamento de Cardoso (2011) a respeito das emoções. Para tanto, resgataremos brevemente o pensamento de Platão, Aristóteles e Quintiliano, o que será relacionando a trechos retirados da obra religiosa que aqui nos serve de *corpus*.

Segundo nos conta Reboul (1998)<sup>11</sup>, Platão era um filósofo grego da Antiguidade que na sua obra *Górgias* deixa bem evidente sua posição quanto às emoções. Platão considerava que o que importava nos discursos dos oradores era ser verdadeiro, o que deveria ser alcançado por meio de raciocínios lógicos. Sendo assim, o filósofo condenava fortemente os sofistas e a retórica, que eram acusados de desviar o sentido verdadeiro das coisas, verdade esta que, segundo o filósofo, deveria ser encontrada na filosofia. É possível afirmar, então, que Platão privilegiava o *logos*.

Ainda conforme Reboul (1998), Platão foi professor de Aristóteles, este que abandonou grande parte das ideias de seu mestre e estruturou a Retórica de tal forma que ela passou a não ser mais subordinada à filosofia. Entretanto, uma ideia semelhante de Platão foi mantida por seu discípulo, a de que a realidade só pode ser apreendida pelo *logos*. Sendo assim, Aristóteles afirmava que, apesar desta prova ser a mais importante, é preciso estudar as paixões para que elas sejam mais bem controladas, uma vez que elas afetariam nossa capacidade de discernimento e provocariam “mudanças em nossos juízos”. (ARISTÓTELES, 196-?, p. 97).

Como vimos, o período grego foi marcado, principalmente, pelas obras de Platão e Aristóteles, as quais abordam as emoções de forma negativa. A mesma visão negativa das emoções está na Retórica latina de Quintiliano, que na parte VI da sua obra *Institutio Oratoria* aborda os “afetos” da seguinte maneira:

---

<sup>11</sup> Cf. REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. Tradução de Ivone Catilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Quando um juiz começa a ficar com raiva, incentivar, odiar e ter piedade, ele já assume a amostra como causa própria e, assim como os amantes não podem ser juízes da beleza que amam, já que o amor serve para encobrir os olhos, os afetos obscurecem as vistas do juiz para que ele não saiba a verdade, deixando-o impotente (QUINTILIANO, 1910, p. 321, VI. Tradução nossa).<sup>12</sup>

Como foi possível perceber, Platão, Aristóteles e Quintiliano enxergam as emoções como perturbações da alma incapazes de permitir o acesso racional à verdade, pensamento que vem mudando há algum tempo e encontra concordância, por exemplo, nos trabalhos mais recentes de Michel Meyer (2007)<sup>13</sup>, Patrick Charaudeau (2007; 2015)<sup>14</sup>, Ruth Amossy (2010) e outros, que, ao contrário dos retóricos aqui abordados, enxergam as emoções como sendo compostas de elementos racionais.

A ideia de retomar um pouco da Retórica Antiga foi para percebermos como o discurso de Cardoso (2011) é carregado desta mesma visão pejorativa sobre as emoções, o que pode ser percebido, por exemplo, quando a autora afirma que o pecado original aconteceu porque Eva se deixou levar pelas emoções, gerando consequências pelas quais todos pagam até hoje, como comprovam os seguintes trechos: “Eva não parou e analisou a conversa sem sentido da serpente; ela simplesmente deixou que suas emoções a guiassem [...]” (CARDOSO, 2011. p. 216). Segundo a Bíblia, a serpente seduziu Eva para que comesse do fruto da árvore central do jardim, o fruto do conhecimento, este que havia sido proibido por Deus. A autora ainda apresenta a ideia estereotipada de que “as mulheres são guiadas pelas suas emoções” (CARDOSO, 2011. p. 217) e foi isso que teria acontecido com Eva. Cardoso (2011) conta que Eva convenceu Adão a comer do mesmo fruto e aí se deu “aquele terrível erro” (CARDOSO, 2011. p. 218), ou seja, o pecado original. Depois, a autora continua: “Não há meio termo: ou você é uma esposa sábia e excelente ou é uma tola e como podridão nos ossos do seu marido.” (CARDOSO, 2011. p. 219). Neste momento, vemos a oposição entre “sábia” e “tola”, e parece-nos claro que a tolice está ligada às emoções, e a sabedoria seria o contrário.

A partir desses trechos, ainda que insuficientemente, foi possível verificar certa semelhança entre o discurso da autora e o dos retóricos antigos a respeito das emoções. É necessário ressaltar que, embora se mostre contra as paixões, a autora faz intenso uso destas

<sup>12</sup> *Cuando un juez comienza á enojarse, favorecer, aborrecer y compadecerse, tiene ya por causa suya la muestra, y así como los amantes no pueden ser jueces de la hermosura que aman, porque el amor sirve de velo á los ojos, así al juez le anublan los afectos para que no conozca la verdad, dejándose arrebatar de su corriente sin poder otra cosa.* (QUINTILIANO, 1910. p. 321, VI).

<sup>13</sup> Cf. MEYER, Michel. *A retórica*. São Paulo: Ática, 2007.

<sup>14</sup> Cf. CHARAUDEAU, P. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: Mendes E. & Machado I.L. (org.), *As emoções no discurso*. Campinas: Mercado Letras, 2007., V.1. ; CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2015.

em seu livro, o que será demonstrado a seguir. A próxima parte do trabalho diz respeito à análise das emoções na *Introdução* do livro *Mulher V: moderna à moda antiga*, ou seja, pretendemos verificar quais são as estratégias patêmicas utilizadas e quais os efeitos que elas podem gerar nas leitoras, isto é, quais são as contribuições das emoções para a argumentação discursiva.

### Uma análise das emoções

Nesta parte do trabalho, analisaremos as emoções no livro que aqui é nosso objeto de pesquisa, levando-se em conta, principalmente, as ideias de Ruth Amossy (2010; 2011) e Christian Plantin (2008; 2010). Embora alguns pesquisadores ainda acreditem que as emoções dificultem o acesso do enunciatário à verdade de um discurso, uma vez que elas seriam contrárias à razão, nosso pensamento corrobora o de Amossy (2011) ao afirmar que:

[...] é preciso ver também que outros polos são, igualmente, estudados – em particular, o pathos ou a construção da emoção no discurso que permite atrair a adesão, *tocando tanto o coração quanto a razão do auditório*. (AMOSSY, 2011. p. 138. Grifo nosso).

É necessário esclarecer que, embora tenhamos optado pela separação das provas retóricas neste trabalho, veremos que, todos os elementos trabalham juntos para tentar obter o efeito patêmico. Sendo assim, a separação foi feita para mostrar que em determinado momento daremos foco a um destes elementos ao invés dos outros, o que acreditamos tornar a explicação mais didática e mais clara.

### O pathos na doxa

Em seu livro *L'argumentation dans le discours*, Ruth Amossy (2010) apresenta o termo *doxa*, o qual é definido da seguinte forma: “A doxa é então o espaço do plausível tal como apreende o senso comum.” (AMOSSY, 2010. p. 86. Tradução nossa)<sup>15</sup>. Neste momento da nossa pesquisa, este conceito de Amossy será utilizado para analisarmos, na *Introdução* de nosso *corpus*, como o senso comum é usado para gerar emoção nos leitores e, dessa forma, conseguir a adesão dos citados quanto ao que é dito, uma vez que “É sempre em um espaço de

<sup>15</sup> “La doxa est donc l'espace du plausible tel que l'apprehende le sens commun” (AMOSSY, 2010.p. 86).

opiniões e de crenças coletivas que ele (o orador) tenta resolver uma disputa ou consolidar um ponto de vista.” (AMOSSY, 2010. p. 85 Tradução nossa) <sup>16</sup>.

O exemplo de “*pathos* na *doxa*” que aqui será ressaltado se encontra no seguinte trecho: “Parece que as mulheres perderam todo o seu pudor e respeito próprio. Nos dias de hoje, elas chamam os homens para sair, elas os deixam ver mais do que o necessário, fazer mais do que precisam.” (CARDOSO, 2011. p. 12). Nesse trecho, vemos que alguns comportamentos das mulheres são condenados pela autora, que, pelo fato de ser religiosa e, talvez, então, possuir um pensamento mais conservador, julga de forma negativa esses comportamentos. Para as leitoras também religiosas, ou seja, que compartilham as mesmas *doxas* que a autora, esses comportamentos apresentados provavelmente também são considerados absurdos, podendo gerar emoções, tais como a indignação, uma vez que as mulheres que agem daquela forma não estariam respeitando o que a religião prega. Entretanto, algumas mulheres religiosas e que compartilham essa *doxa* podem se reconhecer nestes comportamentos e então se sentirem culpadas ou até envergonhadas por, neste caso, estarem em uma situação pecaminosa.

Neste caso citado, Cardoso (2011) visa reproduzir e consolidar os estereótipos da mulher, que, para ser valorizada, deve se comportar de forma discreta, não deve usar determinados tipos de roupas etc.. Além disso, a autora reproduz a imagem da mulher que deve ser submissa e passiva em relação ao homem, uma vez que a iniciativa de um encontro deveria ser dele e não dela. Vemos, então, que as emoções estão ligadas a saberes e, portanto, à razão, e que elas são capazes de conseguir não só a adesão das mulheres, mas também de propagar certos modos de pensar conservadores.

### **O *pathos* no *logos***

O próximo passo neste trabalho será analisar “o *pathos* no *logos*”, ou seja, verificar como as emoções podem ser suscitadas a partir dos diversos recursos linguístico-discursivos presentes na *Introdução* do livro aqui analisado. Veremos, mais uma vez, a relação direta entre *logos* e *pathos*, excluindo de vez o pensamento dos retóricos antigos que colocavam essas provas em lados opostos. Para exemplificar a possível ocorrência de emoções geradas a partir do *logos*, recorreremos a ideias de Plantin (2008; 2010) sobre o assunto.

---

<sup>16</sup> “... *c'est toujours dans un espace d'opinions et de croyances collectives qu'il tente de résoudre un différend ou de consolider un point de vue*”.(AMOSSY, 2010. p. 85).



Segue o trecho que selecionamos para análise: “Os homens passaram a nos ver como *objetos*. [...] E muitos deles nem precisam mais *conquistar* as mulheres; eles podem *conseguir* uma nova *num estalar de dedos*.” (CARDOSO, 2011. p. 11-12. Grifos nossos). Em primeira instância, a palavra “objetos” traz à mente a ideia de algo que serve para ser usado, mas no caso em análise o termo está relacionado às mulheres e, por isso, adquire um sentido pejorativo, uma vez que elas teriam perdido o seu valor de esposa, mãe, companheira, para serem, simplesmente, de acordo com o ponto de vista de Cardoso (2011), objetos sexuais. Além disso, pelo contexto em que vivemos, poderíamos apreender também um sentido capitalista de algo que pode ser facilmente substituído e descartado, assim como acontece, por exemplo, com celulares, calçados, roupas etc.. Essa ideia poderia gerar algumas emoções nas leitoras, tais como o medo, a vergonha e a insegurança.

Neste excerto, ainda podemos observar aquilo que Plantin (2010, p. 63) chamou de “designação indireta [das emoções], reconstrução sobre a base de indícios linguísticos”. Sendo assim, é possível perceber uma oposição entre os termos destacados “conquistar” e “conseguir”, em que o primeiro verbo passa a ideia de um objetivo que só foi atingido mediante esforço, determinação, enquanto o segundo verbo, “conseguir”, transmite o sentido de um objetivo que simplesmente foi atingido e que poderia ser atingido por qualquer um sem muito empenho. Plantin (2010. p. 63) ainda fala em “verbos que selecionam uma emoção” e retoma Balibar-Mrabti ao dizer que “alguns enunciados fazem com que apareça um substantivo abstrato de sentimento, muito restringido pela escolha lexical do verbo”. Estes verbos aqui destacados poderiam produzir uma ideia de desvalorização nas mulheres e reforçar os sentimentos de insegurança e medo que possivelmente já haviam sido suscitados pelo termo “objetos” anteriormente assinalado.

Esta desvalorização ainda é fortalecida pelo uso do artigo indefinido “uma”, por meio do qual ocorre uma indeterminação do substantivo “mulher”, indicando que poderia ser qualquer mulher, ao contrário de uma mulher escolhida “a dedo” e especial. Por fim, neste trecho, a hipérbole destacada, “num estalar de dedos”, contribui ainda mais para o sentimento de desvalorização, uma vez que esta figura gera o efeito de algo que se pode conseguir facilmente, sem esforço. Seguindo Amossy (2010), acreditamos, pois, que as figuras têm caráter fortemente patêmico e, por isso, são fortemente persuasivas. Raciocínio semelhante é desenvolvido por Perelman e Tyteca (2005, p. 192), em sua *Nova Retórica*, ao afirmarem que as *figuras* são *argumentativas* quando acarretam “uma mudança de perspectiva”, ao contrário daquilo que os autores chamaram de *figura de estilo*, que “será percebida como ornamento”. Nesse sentido, é possível crer que a hipérbole utilizada por Cardoso (2011) no trecho

destacado não foi ingênua ou sem interesse, a figura, portanto, tem a potencialidade de causar muito mais impacto no leitor do que a linguagem não figurada.

### **O *pathos* no *ethos***

Para discutir “o *pathos* no *ethos*”, nos apoiaremos em Plantin e também em Galinari. Plantin, ao discutir sobre o *ethos* aristotélico, afirma que “ele age por empatia, por identificação e transferência” (PLANTIN, 2008. p. 112). Dessa forma, o “*ethos* emocionado” (GALINARI, 2007. p. 235) do orador poderia “conduzir o auditório a uma aproximação com o autor, o qual supostamente sentiria as coisas do mesmo modo que o seu” (GALINARI, 2007. p. 235). Sendo assim, se o orador conseguisse a empatia de seu auditório, a emoção que aquele sentisse, ou fingisse sentir, poderia ser transferida para seu público, de modo que ele a sentisse também.

Essas ideias se relacionam fortemente com aquelas desenvolvidas no campo da interação social, comunicação e psicologia das emoções, as quais definem a empatia emocional como sendo:

A tendência de capturar (sentir/ expressar) as emoções de outra pessoa (suas avaliações cognitivas, seus sentimentos afetivos, suas expressões, padrões de respostas fisiológicas, tendência à ação e a comportamentos instrumentais). (CACIOPPO; HATFIELD; RAPSON. (1994) *apud* THANIEL, 2010 – 2011, p. 23. Tradução nossa).<sup>17</sup>

Levando essa definição em consideração, acreditamos que a empatia possa ser gerada pela *doxa*, uma vez que se um indivíduo consegue se sentir da mesma forma que outro é porque ele reconhece aquilo que o outro diz, ele tem uma memória do que o outro diz ou pelo menos consegue criar aquilo que é dito. Esta lembrança pode decorrer do fato de o indivíduo já ter anteriormente passado por aquilo que o outro lhe conta ou porque a partir de sua noção de mundo consegue construir para si aquela realidade que lhe é narrada.

Nos trechos que vamos analisar, a empatia está ligada à *doxa* que une orador e auditório. Vejamos então o seguinte trecho: “Podemos até ter conquistado muita coisa nas últimas décadas, mas também perdemos muito; e nos sentimos como um objeto que perdeu o valor, e se tornou barato, comum e sem importância”. (CARDOSO, 2011, p. 9). Apesar de Cardoso (2011) ter falado na 1ª pessoa do plural e ter utilizado o pronome “nos”, ela está

---

<sup>17</sup> “*la tendance à capter (ressentir/ exprimer) les émotions d'une autre personne (ses évaluations cognitives, son ressenti affectif, ses expressions, patrons de réponses physiologiques, tendance à l'action et comportement instrumentaux).*”(CACIOPPO;HATFIELD.; RAPSON. (1994) *apud* THANIEL, 2010 – 2011, p. 23).

descrevendo uma emoção dela, que neste caso é de desvalorização. O público-alvo do livro em análise é evangélico e provavelmente compartilha a mesma *doxa* que a autora, ou seja, acredita que as mulheres, de fato, perderam seu valor na modernidade. Portanto, quando a autora afirma que se sente desvalorizada, este “*ethos* emocionado” pode, por empatia, e identificação (mesma *doxa*) ser transferido ao auditório.

Nestes casos de “*pathos* no *ethos*”, podemos pensar que quando o público reconhece o dizer do orador, ou seja, partilha as mesmas emoções, este pode ser mais bem visto e a ele pode ser dada maior credibilidade<sup>18</sup>, uma vez que o auditório sente o que ele sente, então o que ele diz é dado como verdade pelo auditório, pois foi sentido também, foi testado, foi provado e comprovado.

### Considerações finais

A partir da análise realizada, percebemos que as emoções estão diretamente ligadas ao racional, ou seja, à *doxa* e ao *logos* e que, portanto, não é adequado tentar separá-los, o que é corroborado por Amossy (2010, p. 165) quando afirma que: “As emoções não têm somente efeitos cognitivos (elas influenciam sobre o julgamento do auditório), elas têm também origens cognitivas - elas são enraizadas em conjuntos de crença e de julgamento.” Sendo assim, é possível dizer que a argumentação de Cardoso (2011) foi construída a partir da relação entre o *ethos*, a *doxa* e o *logos*, nos quais o *pathos* desempenhou papel de destaque.

Além disso, necessitamos refletir sobre o lugar da mulher nessa obra que se afirma “moderna”. Vimos que o livro de Cardoso (2011) parece propagar um discurso semelhante ao dos retóricos antigos quanto às emoções, ainda que a autora faça uso destas em todo momento para tentar alcançar certos efeitos argumentativos, tais como a propagação de estereótipos, a fim de levar as leitoras a aceitarem e seguirem o modo de vida proposto. O modelo “ideal” apresentado na *Introdução* do livro ainda é aquele da mulher mãe, esposa, dona de casa, passiva e passional, que deve, portanto, ficar sob a custódia de um homem. Como vimos em nosso percurso que relacionou mulheres e religiões, a naturalização do lugar inferior da mulher ocorreu com grande participação da Igreja e parece estar acontecendo até os dias de hoje. Nesse sentido, podemos dizer que o trecho da obra analisada não apresenta traços de modernidade.

---

<sup>18</sup> “A credibilidade é uma noção que define o caráter de veracidade dos propósitos de uma pessoa (“o que ele diz é verdadeiro”) ou de uma situação (“essa situação não é confiável”)”. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 143).

Podemos ainda pensar que pela *Credibilidade* da autora ela não seria questionada por seu público alvo ideal, e também por se basear na Bíblia, já que esse público provavelmente não questionaria a autoridade maior, a autoridade de Deus. Aqui vale retomar o conceito de *habitus*, de Bourdieu (2012, p. 61), “um conhecimento adquirido”, “uma disposição incorporada, quase postural”, algo que mantém a inércia dos indivíduos em dada situação. A naturalização desses papéis sociais já estaria plenamente incorporada, o que faria com que as vítimas da dominação masculina não percebessem a *violência simbólica* que sofrem: “[A *violência simbólica* faz] com que as vítimas da dominação simbólica possam cumprir *com felicidade* (no duplo sentido do termo) as tarefas subordinadas ou subalternas que lhes são atribuídas por suas virtudes de submissão, de gentileza, de docilidade, de devotamento e de abnegação”. (BOURDIEU, 2011, p. 73. Grifo do autor).

## Referências

AMOSSY, R. *L' argumentation dans le discours*. 3. ed. Paris: Armand Colin, 2010.

\_\_\_\_\_. Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Tradução de Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. *EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, n.1, p. 129-144, 2011.

ARISTÓTELES. *Arte Retórica. Arte Poética*. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. Ediouro, 196-?

BARROS, M. N. A. *As Deusas, as Bruxas e a Igreja: séculos de perseguição*. 2 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2004.

BÍBLIA DE PROMESSAS – corrigida e revisada. Tradução de João Ferreira de Almeida. 17.ed. São Paulo: King's Cross Publicações, 2012.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

\_\_\_\_\_. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. 16.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CAMPBELL, J. *Mito e transformação*. Organização e prefácio de David Kudler. Tradução de Frederico N. Ramos. São Paulo: Ágora, 2008.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. Traduzido por Fabiana Komesu. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

CARDOSO, C. *A Mulher V: moderna, à moda antiga*. 1.ed. Rio de Janeiro: Unipro, 2011.

CASAGRANDE, C. A mulher sob custódia. In: DUBY, Georges e PERROT, Michelle (org). *História das mulheres no ocidente*. Tradução de Ana Losa Ramalho, Egipto Gonçalves, Francisco Geraldes Barba, José S. Ribeiro, Katharina Rzeoka e Teresa Joaquim. V.2: A Idade Média. Porto: Edições afrontamento, 1990. p. 99-141.

DE VAUX, R. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Editora Teológica, 2003.

GALINARI, M. M. As emoções no processo argumentativo. In: MACHADO, I. L.; MENEZES, W.; MENDES, E. (Orgs.). *As emoções no discurso*. Vol.I. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 221-239.

GIORGIO, M. O modelo católico. In: DUBY, G., PERROT, M. (org). *História das mulheres no ocidente*. Tradução de Cláudia Gonçalves e Egipto Gonçalves. V.4: O século XIX. Porto: Edições afrontamento, 1991. P. 199-237.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. 2012. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?view=noticia&id=1&idnoticia=2170&t=censo-2010-numero-catolicos-cai-aumenta-evangelicos-espíritas-sem-religiao>> Acesso em: 08 out. 2014.

Livro "A Mulher V" é o mais vendido no Brasil. Disponível em: <<http://www.universal.org/noticias/2013/03/15/livro-quota-mulher-vquot-eacute-o-mais-vendido-no-brasil-20368.html>> Acesso em 12 out. 2014.

MAUGUE, A. A nova Eva e o velho Adão: identidades sexuais em crise . In: DUBY, G., PERROT, M. (org). *História das mulheres no ocidente*. Tradução de Cláudia Gonçalves e Egipto Gonçalves. V.4: O século XIX. Porto: Edições afrontamento, 1991. P. 581-601.

MICHELET, J. *A Feiticeira*. Tradução de Ronald Werneck. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. Martins Fontes: São Paulo, 2005.

PLANTIN, C. *A Argumentação: História, teorias, perspectivas*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. As razões das emoções. Tradução de Emília Mendes. In: MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lúcia (Org.). *As emoções no discurso*. Vol.II. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 57-80.

QUINTILIANO, M. F. *Instituciones Oratorias*. Tradução de Ignacio Rodríguez e Pedro Sandier. Madrid. 1910.

SALLMANN, J. M. Feiticeira. In: DUBY, G., PERROT, M. (org). *História das mulheres no ocidente*. Tradução de Alda Maria Durães, Egito Gonçalves, João Barrote, José S. Ribeiro, Maria Carvalho Torres, Maria Clarinda Moreira. V.3: Do Renascimento à Idade Moderna. Porto: Edições Afrontamento, 1991. P. 517-533.

STONE, M. *When god was a woman*. New York and London: Harvest/ HBJ Book and Harcourt Brace, 1976.

THANEL, M. *L'empatie dans la société actuelle: repenser la place du corps au sein de la relation interindividuelle*. Paris, 2010-2011. 86f. Faculté de Médecin Pierre et Marie Curie. Disponível em: <<http://mailysthanel.files.wordpress.com/2014/01/mc3a9moire.pdf>.> Acesso em 12 out. 2014.

THOMASSET, C. Da natureza feminina. In: DUBY, G., PERROT, M. (org). *História das mulheres no ocidente*. Tradução de Ana Lusa Ramalho, Egito Gonçalves, Francisco Geraldês Barba, José S. Ribeiro, Katharina Rzeoka e Teresa Joaquim. V.2: A Idade Média. Porto: Edições Afrontamento, 1990. p. 65-97.

## A PROEMINÊNCIA DO TÓPICO E SEUS FENÔMENOS DE CONSTRUÇÃO EM SENTENÇAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Iara Mikal Holland Olizaroski<sup>1</sup>

Jorge Bidarra<sup>2</sup>

**Resumo:** Diante das distintas formas de organização sintática dos constituintes proferidos no Português Brasileiro, esta pesquisa tem por objetivo analisar as que se revelam por meio dos fenômenos de construção tópica “Anacoluto, pronome-cópia, Topicalização e falso Sujeito-Verbo-Objeto” e se essa organização causa impactos quanto à compreensão dos enunciados. Para tanto, foram coletadas sentenças tópicas de obras da Literatura Brasileira e do *Corpus* do Português/2006 as quais foram consideradas de modo a evidenciar as características relevantes quanto ao fenômeno nelas encontrado e, com base nessas análises, apresenta-se uma proposta de representação das possíveis composições sintáticas em enunciados tópicos a qual pode vir a auxiliar futuras investigações quanto ao tema em questão. A pesquisa revelou que as relações semântico-pragmáticas estabelecidas entre o tópico e o comentário são suficientes para resolver supostos equívocos, não sendo, portanto, tais enunciados, difíceis de serem entendidos em seu contexto.

**Palavras-chave:** Tópico. Construções de Tópico. Português Brasileiro. Funcionalismo.

**Abstract:** Considering the different ways of syntactic organization of the constituents uttered in Brazilian Portuguese, this research aims to analyze the ones that unveil themselves through the phenomenon of Anacoluthon topic construction, pronoun-copy, Topicalization and false Subject-Verb-Object and if this organization causes impacts to the comprehension of statements. Therefore, topic sentences of the Brazilian Literature works and from the Portuguese Corpus/2006 were selected, which were considered in order to evidence the relevant characteristics of the phenomenon found on them and, based on that, we propose some representation of possible syntactic compositions in topic sentences, which might help future studies about this theme. The research has shown that the semantic-pragmatic relations established between the topic and the comment are enough to solve alleged misconceptions, not being, therefore, these statements, hard to be understood in their context.

**Keywords:** Topic. Topic Constructions. Brazilian Portuguese. Functionalism.

---

<sup>1</sup> Aluna da Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, Área de Concentração em Linguagem e Sociedade, Nível de Mestrado, da Unioeste de Cascavel-PR. E-mail: [iaramikal@hotmail.com](mailto:iaramikal@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Linguística pela Unicamp. Professor da Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, Área de Concentração em Linguagem e Sociedade, da Unioeste de Cascavel-PR. E-mail: [jorge.bidarra@unioeste.br](mailto:jorge.bidarra@unioeste.br).

## Introdução

Há algum tempo os linguistas vêm investigando o modo como as línguas naturais tendem a organizar os constituintes sintáticos na formação de suas sentenças os quais podem se apresentar de formas distintas de acordo com a posição assumida pelo sujeito (S), verbo (V) e objeto (O). Li e Thompson (1976), por exemplo, debruçaram-se sobre os padrões sintáticos assumidos principalmente pela Língua Chinesa e observaram que, por se tratar de uma língua voltada ao discurso, nela prevalece o tipo tópico-proeminente. Esses autores categorizaram as línguas em quatro tipos básicos: (1) línguas sujeito-proeminente; (2) línguas tópico-proeminente; (3) línguas que são tanto sujeito-proeminente quanto tópico-proeminente e (4) línguas que não são nem sujeito-proeminente nem tópico-proeminente. Os autores ressaltam, no entanto, que não há nenhuma língua que seja puramente de um só tipo.

Diante disso, objetiva-se, nesse artigo, analisar, a partir de pressupostos teóricos defendidos pelo funcionalismo, as formas de organização dos constituintes sintáticos proferidos no Português Brasileiro que se revelam em sentenças do tipo tópico-proeminente e se essa organização, por ser distinta da forma canônica (SVO), causa impactos quanto à compreensão dos enunciados. Apresenta-se, primeiramente, para uma breve contextualização, as características gerais do sujeito e do tópico, com ênfase às peculiaridades gramaticais assumidas pelo tópico as quais foram arroladas, principalmente, por Li e Thompson (1976). Na sequência, faz-se uma reflexão sobre os fenômenos de construção de tópico do Português Brasileiro com base em Pontes (1987), Botelho (2010), entre outros. E, por fim, pretende-se analisar se os padrões sintáticos que se revelam por meio dos fenômenos de construção tópica “Anacoluto, pronome-cópia, Topicalização e falso SVO” causam impactos quanto à compreensão dos enunciados proferidos no Português Brasileiro.

Para compor o *corpus* da pesquisa foram coletadas sentenças tópicas de obras da Literatura Brasileira, bem como do *Corpus* do Português/2006<sup>3</sup>. Tais análises resultaram em uma proposta das possíveis composições sintáticas em enunciados tópicos, sem a pretensão, no entanto, de esgotar o assunto em questão, mas de auxiliar futuras pesquisas na área.

---

<sup>3</sup> Produzido por Mark Davies e Michael Ferreira, o *Corpus* do Português é constituído por 45 milhões de palavras e está disponível para consulta gratuita no site: <http://www.corpusdoportugues.org>.



## Características gerais do sujeito e do tópico

As características gerais do sujeito e do tópico são estudadas nas línguas naturais a partir da forma como se comportam com base nos critérios estabelecidos para marcar sua proeminência. Estudos recentes os quais se citam, a título de exemplo, Pontes (1987), Orsini e Vasco (2007), Botelho (2010), apontam que os sintagmas podem apresentar as seguintes ordens básicas: SVO, SOV ou OSV. Greenberg (1963), no entanto, afirma que a ordem OSV, assim como OVS e VOS são mais raras, por ser incomum o objeto preceder o sujeito. Em suas palavras:

*Logically, there are six possible orders: SVO, SOV, VSO, VOS, OSV, and OVS. Of these six, however, only three normally occur as dominant orders. The three which do not occur at all, or at least are excessively rare, are VOS, OSV, and OVS. These all have in common that the object precedes the subject (GREENBERG, 1963, p. 76)<sup>4</sup>.*

Para o autor, não existe uma “ordem natural” de palavras nas sentenças já que a grande maioria das línguas tem diversas ordens variantes, mas apenas uma dominante. Li e Thompson (1976) também enfatizam que não há língua alguma que seja genuinamente de um só tipo, mas que há forte tendência a um com mesclas de outro. Assim, considerando as relações existentes entre sujeito e predicado e entre tópico e comentário, eles propõem quatro grupos distintos:

- Grupo (1): Línguas com proeminência de sujeito – a qual pauta-se na construção sentencial sujeito-predicado;
- Grupo (2): Línguas com proeminência de tópico – na qual a construção sentencial descreve-se como tópico-comentário;
- Grupo (3): Línguas com proeminência tanto de tópico quanto de sujeito – a qual pode apresentar como estrutura sentencial tanto o sujeito-predicado quanto o tópico-comentário, ambas relevantes;
- Grupo (4): Línguas sem proeminência de sujeito ou de tópico – na qual se torna difícil a distinção entre eles por se fundirem em construções sentenciais.

---

<sup>4</sup> Logicamente, há seis ordens possíveis: SVO, SOV, VSO, VOS, OSV e OVS. Dessas seis, entretanto, apenas três normalmente ocorrem como ordem dominante. As três que nunca ocorrem, ou pelo menos são raras, são VOS, OSV, e OVS. Elas todas têm em comum que o objeto precede o sujeito (GREENBERG, 1963, p. 76, tradução nossa).

A diferença entre as línguas sujeito-proeminente e tópico-proeminente (Sp e Tp, respectivamente) torna-se visível diante da organização estrutural das sentenças. Deste modo, compreender o que vem a ser uma língua Tp e diferenciá-la de Sp implica distinguir sujeito de tópico. Portanto, elabora-se, com base em Li e Thompson (1976), um comparativo a fim de evidenciar e contrastar algumas características comportamentais assumidas por ambos.

Quadro 01 – Características do sujeito e do tópico

<b>Características do sujeito em línguas Sp</b>	<b>Características do tópico em línguas Tp</b>
Relação gramatical sujeito-predicado;	Relação gramatical tópico-comentário;
O sujeito nem sempre é definido;	O tópico sempre é definido;
Não há correferência ao sujeito em línguas Tp, pois é o tópico e não o sujeito que controla o correferencial do constituinte eliminado;	O tópico tem precedência sobre o sujeito no controle de correferência;
Não há ocorrência de “duplo-sujeito” em sentenças Sp;	A ocorrência de “duplo-sujeito” é constante em sentenças Tp;
O verbo sempre determina o sujeito por meio da relação seletional;	O tópico não precisa apresentar relações seletionais com o verbo;
O sujeito desempenha apenas papel sintático, podendo apresentar-se, até mesmo, por meio de um fictício ou vazio;	O tópico é sempre o “centro das atenções” e anuncia o discurso, desempenhando importante papel semântico;
O verbo concorda com o sujeito da oração;	Não há concordância obrigatória entre o tópico e o verbo da sentença-comentário;
O sujeito pode ocupar qualquer posição na sentença (início, meio, fim ou, ainda, estar subentendido no contexto);	O tópico deve apresentar-se sempre na posição sentença-inicial;
O sujeito desempenha alguns processos preocupados com a estrutura interna das sentenças, tais como passivização e reflexivização (verbos na voz passiva e flexiva, respectivamente).	O tópico, por ser independente da sentença-comentário, sobretudo do verbo, não desempenha tais processos (passivização e reflexivização).

Fonte: Formulado a partir de Li e Thompson (1976)

Pode-se notar, por meio do quadro comparativo, que há distintas características comportamentais assumidas pelo sujeito e pelo tópico, sendo que a mais evidente é a relação seletional entre o sujeito e o verbo da sentença, i.e., o sujeito é determinado pelo verbo e o tópico tem precedência sobre o sujeito no controle da correferência. Toma-se, como exemplo, “**Esse pedaço de terra (tópico)**, arroz cresce muito grande, por isso ela (**a terra**) é muito valiosa” (LI; THOMPSON, 1976, p. 471, grifo do autor, tradução nossa), no qual o constituinte excluído, retomado pelo pronome **ela**, refere-se ao tópico **Esse pedaço de terra** que precede o sujeito **arroz**.

Quanto ao “duplo-sujeito”, ao se comparar os exemplos “As folhas dessa árvore (sujeito) são muito grandes, então eu não gosto delas” e “**Aquela árvore (tópico)**, as folhas são grandes” (LI; THOMPSON, 1976, p. 482, grifo do autor, tradução nossa), percebe-se que na primeira sentença o controlador da interpretação do componente excluído no segundo período trata-se do sujeito **As folhas dessa árvore**, enquanto na segunda, o controlador é o tópico **Aquela árvore**, sendo assim perceptível a ocorrência de “duplo-sujeito” em sentenças Tp e a não possibilidade deste em sentenças Sp. Além disso, segundo esses autores, dado um verbo, o sujeito é previsível, sujeito esse que pode ser fictício ou vazio e ocupar qualquer posição na sentença ou estar subentendido, já o tópico ocupa somente a posição sentença-inicial, na qual estará sempre em evidência, não sendo licenciado, portanto, apresentar-se de forma fictícia ou vazia.

### **Características específicas do tópico**

O tópico tem, segundo Li e Thompson (1976), implicações gramaticais próprias que determinam sua legitimação estrutural e confirmam sua credibilidade no desempenho do discurso, a saber:

- Definição – o tópico é sempre definido, pois pode ser identificado referencialmente na sentença e sempre incidirá sobre o comentário;
- Relações seletivas – o tópico não tem, obrigatoriamente, nenhuma relação seletional com o verbo da sentença-comentário, pois não se relaciona sintaticamente com ele;
- O verbo não determina o tópico – o tópico é independente do verbo, assim, o discurso pode desempenhar a escolha do tópico dentro, porém, de seus limites;

- Papel funcional – o tópico é o “centro das atenções”, ele anuncia o discurso e define o quadro espacial, temporal ou individual dentro da qual a predicação principal se mantém, desempenhando um importante papel semântico;
- Concordância verbal – por ser o tópico sintaticamente independente da sentença-comentário, não se estabelece obrigatoriamente a concordância verbal;
- Posição sentencial – o tópico, por estratégias discursivas, apresenta-se sempre na posição sentença-inicial, uma vez que, por ser ele quem anuncia o comentário, deve estar em evidência;
- Processos gramaticais – o tópico, por ser independente do comentário, não se preocupa com a estrutura interna das sentenças, não podendo, portanto, envolver-se em processos como passivização, reflexivização, imperativização, sintagma nominal *equi*<sup>5</sup>.

O elemento tópico deve ser considerado como parte básica do repertório na primeira parte da sentença e não na segunda, sendo essa a mais notável característica encontrada em línguas Tp:

*Perhaps the most striking difference between a Tp language and a non-Tp language is the extent to which the topic-comment sentence can be considered to be part of the repertoire of basic sentence types in the former but not in the latter (LI; THOMPSON, 1976, p. 472)<sup>6</sup>.*

O tópico pode ser definido basicamente sob dois vieses distintos: do ponto de vista da linguística funcional e do ponto de vista da linguística formal. Zhang (2009) aponta que o estudo sobre tópico pode ser beneficiado com a combinação das duas perspectivas linguísticas, pois ambas concordam que:

- *Topic is NP in the beginning of sentence;*
- *It may pause or topic mark after topic;*
- *Topic must be either definite noun or generic noun; and*
- *It is possible for topic to not have selection relationship with verb in the sentence while it must have some relevant relation with argument (ZHANG 2009, p. 162)<sup>7</sup>.*

<sup>5</sup> Processo que causa o apagamento dos sujeitos das orações completivas quando esses são correferenciados a algum argumento (LI; THOMPSON, 1976).

<sup>6</sup> Talvez a diferença mais surpreendente entre uma língua Tp e uma que não seja Tp é a extensão em que a sentença tópico-comentário é considerada parte do repertório de tipos de sentenças básicas na primeira, mas não na última cláusula (LI; THOMPSON, 1976, p. 472, tradução nossa).

➤ <sup>7</sup> O tópico é um sintagma nominal no início da sentença;  
 ➤ Pode pausar ou marcar tópico após tópico;  
 ➤ Pode ser um substantivo definido ou genérico e;  
 ➤ É possível ao tópico não ter relação de seleção com o verbo na sentença, mas deve ter algumas relações relevantes com o argumento (ZHANG, 2009, p. 162, tradução nossa).

Para Zhang (2009), a linguística funcional é mais rica, já que considera o tópico como componente original da sentença por ser ele criado na base, enquanto a linguística formal é mais restrita e assume o tópico como resultado de movimento, uma vez que versa a articulação de adjunção<sup>8</sup>. O autor define, então, o tópico por relações pragmáticas e o sujeito por relações semânticas:

*To some extent, topic is categorized into one definitions of pragmatic while for subject is semantic. It can not be denied that some differences exist between topic and subject. However, more attention should be given that topic plays a vital role from the perspective of semantic in topic-prominence and topic/subject prominence (ZHANG, 2009, p. 163)<sup>9</sup>.*

As características gerais de sentenças Tp foram também investigadas por Yang e Li (2012) os quais observaram a aquisição do inglês por alunos chineses. Segundo os autores, a estrutura Tp em chinês é comum e natural, enquanto no inglês é raro encontrar estruturas que violem a ordem básica dos constituintes, mas ressaltam que embora assim sendo, mediante as várias situações de uso da língua, há de surgir em alguns momentos sentença(s) variada(s).

Diante disso – considerando os comportamentos de sujeito e de tópico – constata-se que há tipos linguísticos distintos que caracterizam as línguas naturais, dentre os quais, o Português Brasileiro, segundo a Gramática Tradicional (doravante PB e GT, respectivamente), classifica-se como sendo língua genuinamente SVO. Há, no entanto, sentenças tanto formais – as quais podem ser encontradas principalmente em obras literárias – quanto informais – as quais se manifestam na língua em uso – que acabam por “desarrumar” a ordem canônica ao se organizarem por meio de outros padrões sintáticos.

## Os fenômenos de construção de tópico

Quando se começa a observar a língua coloquial espontânea no uso diário, fica-se surpreso com a quantidade de vezes em que ocorrem construções com tópico. Não só elas são abundantes em frequência como em variedade de tipos. Algumas já têm sido notadas por outros estudiosos, mas creio que a maioria delas ainda não foi objeto de nenhum estudo detalhado até o momento (PONTES, 1987, p. 12).

<sup>8</sup> Movimento de um componente da estrutura para uma posição vizinha (ZHANG, 2009).

<sup>9</sup> Até certo ponto, o tópico é categorizado em uma definição pragmática, enquanto o sujeito, semântica. Não pode ser negado que algumas diferenças existem entre tópico e sujeito. No entanto, mais atenção deve ser dada ao fato de que o tópico desempenha papel vital na perspectiva da semântica de Tp que Sp (ZHANG, 2009, p. 163, tradução nossa).

A ideia que se tem do PB partindo de estudos norteados pela GT é que se trata de uma língua predominantemente sintática, i.e., canonicamente SVO, também conhecida como sujeito-predicado ou Sp. Não obstante, em ocasiões formais faz-se a exigência da estrutura estabelecida pela norma padrão por ser ela “mais arrumadinha” e “soar bem aos ouvidos”, porém, informalmente e, sobretudo, na linguagem literária, observa-se relevante quantidade de construções do tipo tópico-comentário.

O estudo embrionário que desperta para o fato de que no PB há uma quantidade considerável de sentenças tópicas, data de 1987, quando Pontes apresenta o resultado de suas pesquisas sobre a ordem dos constituintes a partir da observação da fala coloquial de professores e alunos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) bem como de sentenças coletadas de revistas, jornais e livros. Trata-se, segundo Pontes (1987), de um trabalho original que apresenta a hipótese de que o PB pertence ao grupo de línguas mistas, hipótese esta até então não inquirida, talvez pelo fato de a GT ter estipulado um padrão, aludindo que tudo que foge disso é considerado errôneo ou esdrúxulo em detrimento à norma tradicionalmente estabelecida.

Desde Pontes (1987) têm surgido no Brasil diversos pesquisadores interessados em estudar as sentenças Tp e, conseqüentemente, seus fenômenos de construção de tópico (cT), os quais se manifestam por meio de peculiaridades intrínsecas, resultando em formas distintas em decorrência de seu aspecto estrutural, a saber:

- Anacoluto (Anac.)<sup>10</sup> – apresenta-se o tópico, completamente externo à sentença e sem nenhuma relação com o verbo e, em seguida, o comentário por meio de uma sentença completa;
- Pronome-Cópia (pc)<sup>11</sup> – o tópico reaparece na sentença-comentário por meio de um pronome a ele correspondente;
- Topicalização (Top.)<sup>12</sup> – o tópico, apresentado no início da sentença, poderia preencher um suposto espaço deixado na sentença-comentário;
- Falso Sujeito-Verbo-Objeto (fSVO)<sup>13</sup> – o tópico confunde-se com sujeito da sentença, porém, não pode ser classificado como o sujeito do verbo por não desempenhar essa função.

<sup>10</sup> Também denominado como “duplo-sujeito” desde Li e Thompson (1976), os quais postulam que este é o mais evidente e constante caso de construção tópica e o verdadeiro “tópico chinês”.

<sup>11</sup> Também denominado como Deslocamento à Esquerda (ROSS, 1967), Deslocamento para a Esquerda com ou sem pc (PONTES, 1987 e BOTELHO, 2010) e, tradicionalmente, como Pleonasma.

<sup>12</sup> Tradicionalmente denominado como Inversão.

Tais fenômenos de cT não são consensuais entre pesquisadores da área tanto no que diz respeito à terminologia – como se constata por meio das notas de rodapé – quanto às características atribuídas principalmente ao pc e à Top.. Isso porque, desde que Ross (1967) denominou tais fenômenos numa perspectiva transformacionista, distinguindo-os entre si, eles passaram a ser estudados com afinco, surgindo assim divergências entre os estudiosos. Li e Thompson (1976), por exemplo, apontam apenas as implicações gramaticais próprias do elemento tópico sem classificá-lo. Pontes (1987) adota a terminologia sugerida por Ross (1967), i.e., Deslocamento para a Esquerda (“D.E”) e Top. e alerta para a dificuldade de distingui-los, principalmente se for considerado que o pc pode estar elidido na sentença-comentário, já que no PB o uso do pronome é, geralmente, opcional.

Outra questão é que se o tópico é criado na posição de base e não resultado de movimento, a possibilidade de se ter um pc onde ele não foi originalmente colocado, ou seja, elidido na sentença-comentário, abre precedente para a análise de cada fenômeno por meio da transformação<sup>14</sup>, admitindo-se assim a possibilidade de ser ele articulação de adjunção, contradizendo, por consequência, o que defende a linguística funcional.

No PB as construções sentenciais podem, em algumas circunstâncias, alternar a ordem de seus constituintes. Essa constatação encontra-se em Botelho (2010) o qual explica que:

- Em se tratando de uma estrutura com verbo transitivo direto, a ordem SVO não é só recomendável, mas obrigatória;
- Com verbos intransitivos, não há problema semântico e, por isso, é muito comum o deslocamento do sujeito, constituindo outra ordem;
- O verbo **parecer** que se apresenta obrigatoriamente com um sujeito oracional, i.e., em forma de oração subordinada substantiva, admite um tipo complexo de deslocamento do sujeito da oração subordinada para a posição de tópico;
- O verbo **existir** e a estrutura de voz passiva pronominal também exigem um sujeito posposto;
- Expressões com os verbos **urge**, **convém**, ou do tipo **sabe-se**, **fala-se**, **é necessário** e **vale lembrar** também se efetivam no PB com a posposição do sujeito.

<sup>13</sup> Também denominado como Aparente SVO (PONTES, 1987), Tópico-Sujeito (ORSINI; VASCO, 2007) e SP, topicalizado, sem cabeça (SILVA; ALVES, 2013).

<sup>14</sup> A análise de cT pela teoria transformacional foi, a princípio, uma possibilidade considerada por Pontes (1987), mas posteriormente rejeitada.

Casos de “D.E.” com ou sem a presença de um pc também são considerados, por Botelho (2010), como hipótese plausível. Para o autor, a sentença “**O assaltante**, ele tem que pegar e correr” (BOTELHO, 2010, p. 57, grifo nosso) seria um exemplo de “D.E.” com pc e “**As salas de aula**, \_\_\_\_\_ eram muito grandes e vazias” (BOTELHO, 2010, p. 49, grifo nosso), seria um exemplo de “D.E.” sem pc, pois houve a omissão do sujeito **elas**, o qual deixou um vazio na sentença-comentário. Pontes (1987, p. 71) alerta, porém, que considerar “a opcionalidade do pronome faz com que as duas construções (se é que são duas) se confundam em nossa língua”. Por conseguinte, optar pela expressão “pronome-cópia” não é apenas questão de terminologia, mas de assumir que tal fenômeno distingue-se da Top., propalando-os como dois fenômenos distintos e inconfundíveis.

Embora haja divergências quanto a análise do pc e da Top., o fSVO tem sido considerado o fenômeno mais complexo de cT, uma vez que não se pode falar, nesses casos, de tópico marcado, já que o tópico é reanalisado como sujeito por ocupar a posição sentença-inicial, instaurando-se inclusive a concordância verbal (ORSINI; VASCO, 2007).

O tópico marcado pertence à categoria linguística que se manifesta no uso da língua estruturalmente, portanto, pertence à sintaxe; desempenha determinadas funções comunicativas, logo, é da ordem da pragmática; e apresenta determinados traços que o torna distinto de outras categorias da língua, por isso, pertence à semântica (SILVA; ALVES, 2013, p. 111).

Silva e Alves (2013), considerando a sintaxe, a pragmática e a semântica como indispensáveis para o estudo e compreensão do tópico, corroboram com os demais autores quanto a classificar como tópico da sentença qualquer constituinte à esquerda da predicação que estabeleça com ela uma relação de concernência. Entretanto, os autores consideram que termos como Anac. ou “duplo-sujeito”, “D.E.”/pc, Top., dentre outros, são inapropriados para a descrição linguística, devendo ser considerados, em estruturas tópicas, apenas comportamentos sintáticos com características peculiares, realçadas pelos traços “Raros, Frequentes e Altamente Frequentes”, sendo:

- Raros (R): aqueles que admitem processos sintáticos, aparecem com pronome ou item lexical homônimo na sentença-comentário, em forma de verbo (forma nominal) e concordam com o verbo;
- Frequentes (F): os que aparecem em cadeia, em forma de adjunto encabeçado ou não por preposição e sem sintatização com termos da sentença-comentário;
- Altamente Frequentes (AF): os com pc na sentença-comentário, em forma de sintagma nominal no início da sentença e externo a ela.



Outra questão pertinente quanto à característica do tópico diz respeito a sua determinação. Enquanto a maioria dos pesquisadores arrola ser ele sempre definido, Pontes (1987, p. 76, grifo nosso) apresenta a sentença “**Um potro em evolução** a gente nunca sabe onde vai chegar”, como tópica, persuadindo, desta forma, que nem sempre o tópico é definido, visto que pode também ser encabeçado por um artigo indefinido.

Por último, mas não menos importante, ponderando-se a complexidade de análise do pc e da Top., vale novamente ressaltar que se houver a possibilidade de se considerar cabível a colocação de um pronome correferente ao tópico onde ele não foi originalmente empregado, ter-se-á de admitir, também, a probabilidade de serem ambos um só fenômeno uma vez que tornar-se-á difícil distingui-los entre si. Dessa forma, somente a análise minuciosa dos fenômenos de cT com o apontamento de aspectos sintático-semântico-pragmáticos evidenciará suas características e os distinguirá entre si.

### **(Re)leitura dos fenômenos de cT em sentenças tópico-comentário do PB**

Diante das questões teóricas elencadas, considera-se como tópica a sentença que apresenta, em sua posição inicial, um constituinte enfatizado com fins discursivos o qual antecipa o assunto a se tratar. Esse constituinte, por sua vez, apresenta-se sintaticamente externo à sentença-comentário, mantendo com ela apenas uma relação semântico-pragmática.

Para a discussão de como o tópico se manifesta por meio dos fenômenos “Anac., pc, Top. e fSVO”, analisa-se sentenças<sup>15</sup> coletadas tanto de obras literárias brasileiras como do *Corpus do Português/2006*, a fim de salientar que tais construções sintáticas ocorrem tanto na linguagem escrita quanto falada. Reflete-se também, nessa seção, se tais padrões causam impactos quanto à compreensão dos enunciados.

Como mencionado anteriormente, certas sentenças apresentam-se de forma distinta à canônica e são, na maioria das vezes, evitadas. Não obstante, na Literatura Brasileira muito se opta por esse tipo de construção, especialmente quando se busca efeitos estilísticos. Mesmo assim, tais enunciados não se apresentam deturpados ao ponto de não serem entendidos. O Anac., por exemplo, pode a princípio, causar certa estranheza, como se verifica em:

(1) **Eu<sub>t</sub>** porque sou mole, você fica abusando (SABINO, 1984, p. 11).

<sup>15</sup> Os fenômenos de cT serão, doravante, para fins de análise das sentenças que compõe o *corpus* dessa pesquisa, representados por meio das marcações: <sub>t</sub> (para tópico); <sub>pc</sub> (para pronome-cópia), \_\_\_\_ (representando o vazio deixado pela Top. na sentença-comentário), com grifos em negrito, alterando, portanto, as sentenças no original.

O suposto impacto causado por essa sentença evidencia-se pelo fato de, dado o pronome **Eu**, o que se espera é que haja uma predicação coesa, porém, na inexistência dessa predicação ele fica “solto”, i.e., sintaticamente externo a sentença, não estabelecendo, portanto, relação de concordância com o verbo. O mesmo acontece em:

(1.a) **O piano**<sub>t</sub>, seis meses já haviam passado (*Corpus do Português/2006*).

(1.b) **Essa palavra**<sub>t</sub> mas eu noto na família todinha todo mundo fala em duana (*Corpus do Português/2006*).

(1.c) **O relógio**<sub>t</sub>, do outro lado, era o paredão do edifício contíguo (*Corpus do Português/2006*).

Nesses enunciados, após os tópicos **O piano**, **Essa palavra** e **O relógio**, seguem-se comentários os quais só podem ser compreendidos pragmaticamente, verificando-se, nesses casos, um sujeito oracional e um sintático. Toma-se como exemplo a sentença (1.b) na qual se espera que o constituinte **Essa palavra** seja o sujeito, já que ocupa a posição inicial, porém, seguido a ele, apresenta-se um novo sujeito – o sintático – representado pelo pronome **eu** e sua devida predicação. Silva e Alves (2013) denominam esse fenômeno de cadeia marcada<sup>16</sup> por se tratar de uma sequência que designa uma série de elementos reunidos pela operação de concatenação<sup>17</sup> na estrutura de superfície.

Embora seja uma cT possível de ser compreendida apenas em seu contexto semântico-pragmático, o Anac. não dificulta a comunicação já que a interação discursiva pode esclarecer toda e qualquer incompreensão e evitar equívocos de interpretação. Caso oposto a esse se constata diante da ocorrência de pc, com o qual não se faz necessário o contexto comunicativo para a assimilação do enunciado, como no exemplo:

(2) **Essa cidade**<sub>t</sub>, lembro-**a**<sub>pc</sub> de sempre (NAVA, 2014, p. 34).

Esse tipo de fenômeno se efetiva diante da repetição de um elemento posto em evidência na posição sentença-inicial e repetido por meio de um pc correferente a ele. Essa repetição, recorrente em obras literárias, tem se tornado comum na linguagem cotidiana, em enunciados do tipo:

(2.a) **A polícia**<sub>t</sub>, **ela**<sub>pc</sub> vem dessa escola da ditadura, da repressão (*Corpus do Português/2006*).

<sup>16</sup> Diz-se de uma unidade linguística que ela é marcada quando possui uma particularidade fonológica, morfológica, sintática ou semântica que a opõe às outras unidades de mesma natureza da mesma língua. Essa unidade marcada é, então, o caso marcado de uma oposição binária em que o termo oposto, privado desta particularidade, é chamado não marcado (DUBOIS, 2006, p. 401).

<sup>17</sup> Entende-se por concatenação o encadeamento de elementos constituintes de um sintagma, este encadeamento é representado pelo sinal de concatenação (+) (DUBOIS, 2006, p. 135).

(2.b) **Quanto à ópera de Mozart<sub>t</sub>, ela<sub>pc</sub>** foi cancelada porque o festival francês não conseguiu levantar o dinheiro da produção (*Corpus do Português/2006*).

(2.c) **Jesus<sub>t</sub>, Ele<sub>pc</sub>** ensina o caminho (*Corpus do Português/2006*).

O fato de o tópico reaparecer, nos exemplos acima, por meio de uma cópia representada pelos pronomes **ela** e **Ele** não torna o comentário incompreensível, talvez redundante, mas isso não causa conflito algum. Situação inversa a essa redundância ocorre em:

(3) **A Europa<sub>t</sub>** dizem que \_\_\_\_\_ é tão bonita, e a Itália principalmente (ASSIS, 1997, p. 180).

Nesse caso, houve no comentário a ausência de um constituinte o qual foi deslocado para a posição de tópico, instaurando-se, assim, a Top.. O mesmo se observa em:

(3.a) **As regionais<sub>t</sub>**, eu comecei \_\_\_\_\_ na administração passada (*Corpus do Português/2006*).

(3.b) **O metrô do Rio de Janeiro<sub>t</sub>**, você vê há quanto tempo \_\_\_\_\_ ? (*Corpus do Português/2006*).

(3.c) **Na escola<sub>t</sub>**, nós temos os testes \_\_\_\_\_ (*Corpus do Português/2006*).

Nessas sentenças o tópico controla a correferência na eliminação do constituinte da sentença-comentário deixando um vazio em seu interior, já que não é retomado. Para Orsini e Vasco (2007) a Top. exerce uma determinada função sintática na sentença-comentário, pois resulta do movimento de oblíquos nucleares (objetos indiretos e complementos nominais) e oblíquos não-nucleares (adjuntos adverbiais) para a posição sentença-inicial, geralmente com a supressão da preposição.

Esse fenômeno é pertinente no PB talvez pelo fato de os adjuntos adverbiais serem licenciados a ocupar qualquer posição sentencial e ao se optar pela inicial objetiva-se, na maioria dos casos, evidenciar algo que se considera relevante. Por ser comum, tanto na linguagem escrita quanto oral, constata-se que não há excentricidade alguma em seu uso, muito menos dificuldade de compreensão.

Os casos mais complexos quanto à análise sintática no PB aparecem em sentenças do tipo:

(4) **As saias<sub>t</sub>**, nada podiam fazer por ele, senão recolocá-lo em seu ninho [...] (ANDRADE, 1984, p. 25).

Trata-se do fSVO, considerado de complexa sintaxe porque o tópico confunde-se com o sujeito da oração não só pelo fato de estar na posição inicial, mas também por concordar com o verbo, fazendo com que as funções sejam esclarecidas apenas no nível sintático-

semântico-pragmático. Nessa sentença, por exemplo, apenas o contexto pode explicar que **As saias**, sintagma que ocupa a posição de sujeito, trata-se de mulheres que circulavam pela copa em direção às quais se dirigiu os passinhos do pintinho – protagonista da crônica de Andrade (1986). Mas isso não as torna sujeito da sentença, uma vez que não são elas – as saias – que executam a ação verbal. Outros exemplos:

(4.a) **Uniforme de escola<sub>t</sub>** era saia azul marinho blusa branca sapato preto (*Corpus do Português/2006*).

(4.b) **O relógio da sala<sub>t</sub>** bateu doze horas (*Corpus do Português/2006*).

(4.c) **O Estado<sub>t</sub>** faz o que pode fazer (*Corpus do Português/2006*).

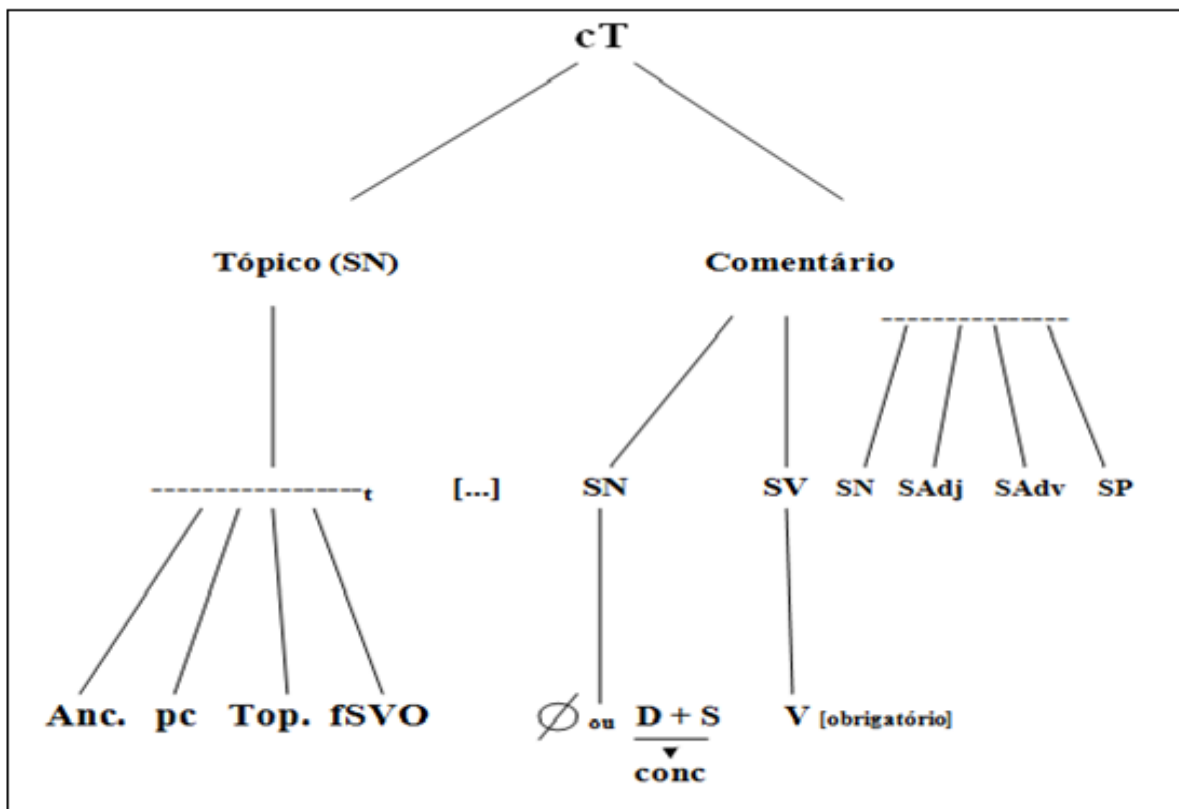
Nesses enunciados, assim como no anterior, o tópico, ao exercer a função de sujeito, não pode ser considerado o agente/experimentador da ação verbal, pois não corresponde a um sujeito lógico. Nesses casos a passivização do suposto sujeito é bloqueada, ou seja, não se pode dizer, por exemplo, “Às doze horas foi batido o relógio da sala” sem mudar completamente o sentido do enunciado.

Outra característica importante do fSVO refere-se, conforme Lakoff (1977) apud Pontes (1987), ao procedimento típico de *gestalt*, no qual o todo é enunciado primeiro e depois segue um comentário sobre alguma parte dele, isso acontece, em especial, no exemplo (4.c), pois não é **O Estado** quem faz algo, mas sim todos os que integram seu governo.

Embora esse tipo de cT seja sintaticamente complexa, não há dano algum à comunicação, já que a língua em uso não necessita ater-se a esse tipo de reflexão, ou seja, entender o enunciado implica em interpretar o que foi dito e, para tanto, não são necessárias análises sintático-semântico-pragmáticas.

Por meio dos exemplos aqui apresentados, observa-se que o tópico é estabelecido na sentença sem restrições sintáticas e o comentário será constituído por uma sentença completa na qual obrigatoriamente deve conter um verbo. Assim, com base nas análises realizadas, apresenta-se uma proposta de representação das possíveis estruturas sintáticas que compõem as sentenças tópicas.

Quadro 2 – Composições tópicas



Fonte: Autores da pesquisa (2016)

Essa representação justifica-se por ser o tópico constituído sempre por um sintagma nominal (SN) sem restrições sintáticas o qual resulta nos fenômenos “Anc., pc, Top. e fSVO”. Após o tópico, sucedido ou não de pausa ([...]), tem-se o comentário, do qual faz parte um sintagma nominal (SN) representado por um sujeito vazio ( $\emptyset$ ) ou com a presença da concatenação (conc), i.e, determinante (D)<sup>18</sup> + sujeito (S), seguido de um sintagma verbal (SV) no qual consta, obrigatoriamente, um verbo (V) que pode ser seguido por um sintagma nominal (SN); sintagma adjetival (SAdj); sintagma adverbial (SAdv) ou sintagma preposicional (SP). Vale ressaltar que os fenômenos de cT não devem ser considerados derivados de sentenças SVO, já que são criados na base e, mesmo sendo imprecisas as questões referentes às funções sintáticas, as propriedades semântico-pragmáticas são suficientes para resolver a ambivalência supostamente instaurada.

<sup>18</sup> Palavras que **ordinariamente precedem o substantivo** na construção dos significados [...] podendo incluir as seguintes espécies de palavras de nossas gramáticas: artigos definidos e indefinidos; pronomes possessivos e demonstrativos; pronomes indefinidos, alguns adjetivos que sofrem processo de gramaticalização e numerais cardinais e ordinais (AZEREDO, 2013, p. 134 e 244, grifo nosso).

A proposta ora proporcionada desvela-se como uma sugestão para futuras análises dos fenômenos de cT, uma vez que apresenta as possibilidades sintáticas das estruturas tópico-comentário.

### **Algumas considerações**

A pesquisa revelou que, apesar de nomes distintos atribuídos aos fenômenos de cT, há certo consenso entre pesquisadores sobre o que vem a ser cada um deles e seus possíveis comportamentos nas sentenças e que não há restrições sintáticas quanto ao constituinte tópico, visto que qualquer SN pode ser selecionado pelo enunciado como o mais relevante, sendo posto em evidência na posição sentença-inicial. Embora Pontes (1987) e Botelho (2010) mencionem a possibilidade de haver “D.E.” com pc elidido na sentença-comentário, entende-se que esse tipo de fenômeno se configura sempre quando – e somente quando – o pronome se faz presente no comentário, como correferente ao tópico (daí a opção pela terminologia aqui utilizada), sendo denominado de Top. os casos nos quais isso não ocorre.

Os enunciados que compuseram o *corpus* dessa pesquisa foram coletados de textos literários bem como do *Corpus* do Português/2006, o que evidencia que as construções organizadas sob padrões sintáticos distintos da forma canônica estão presentes tanto na linguagem escrita quanto oral e que em ambas não houve impactos quanto à compreensão.

Em suma, mesmo sendo o Anac. um tipo de cT possível de ser analisado apenas em seu contexto semântico-pragmático, seu uso é possível e não causa estranheza, pois os falantes envolvidos no discurso possuem *background* necessário para se fazerem entendidos. O pc, por sua vez, pode até causar certa excentricidade pelo fato de se repetir o tópico por meio de um pronome correspondente a ele na sentença-comentário, mas essa excentricidade jamais causará a incompreensão do enunciado, pelo contrário, tornará o tópico ainda mais proeminente. Quanto ao fato de os adjuntos adverbiais serem licenciados para ocupar qualquer posição na sentença, respeitando, é claro, seus limites, torna a Top. um fenômeno corriqueiro, sendo ela, portanto, reputada sem danos à comunicação. Assim também acontece com o fSVO, uma vez que é complexa apenas a análise sintática e esta não se faz necessária para que o contexto comunicativo seja entendido.

Por conseguinte, a ocorrência dos fenômenos de cT em enunciados do PB, sejam eles escritos ou orais, não os tornam excêntricos ou de difícil compreensão, mas sim singulares,

por serem estruturalmente bem elaborados a ponto de suprir tanto as peculiaridades literárias quanto a naturalidade da língua em uso.

## Referências

ANDRADE, C. D. O pintinho. In: ANDRADE, C. D. et al. *Para gostar de ler*. Crônicas. São Paulo: Ática, 1984. v.1.

ASSIS, M. *Dom Casmurro*. São Paulo: Publifolha, 1997.

AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2013.

BOTELHO, J. M. A ordem dos termos em português e a topicalização. *Revista Philologus – Revista do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos (CiFEFiL)*, Rio de Janeiro, ano 16, n. 47, maio/ago. 2010. ISSN 1413-6457.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. L. *Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s*, 2006. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>>. Consultado em: 15 de mar. 2016.

DUBOIS, J. et al. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 2006.

GREENBERG, Joseph H. Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. In: GREENBERG, J. H. *Universals of Language*. Stanford University. London: MIT Press, p. 73-113, 1963.

LI, C. N.; THOMPSON, S. A. Subject and Topic: A New Typology of Language. In: Charles N. Li (Org.). **Subject and Topic**, New York: Academic Press, p. 458-489, 1976. Disponível em:

<[https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB8QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwenku.baidu.com%2Fview%2Fc8359648e45c3b3567ec8b59.html&ei=qVDZVN6mCYrBgwTetIO4DA&usq=AFQjCNHYnOa\\_SEHX-UHaQXvbMU0qrpn0mw&bvm=bv.85464276.d.eXY&cad=rjt](https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB8QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwenku.baidu.com%2Fview%2Fc8359648e45c3b3567ec8b59.html&ei=qVDZVN6mCYrBgwTetIO4DA&usq=AFQjCNHYnOa_SEHX-UHaQXvbMU0qrpn0mw&bvm=bv.85464276.d.eXY&cad=rjt)>. Consultado em: 10 de fev. 2015.

NAVA, P. *Galo das trevas: (As doze velas imperfeitas)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ORSINI, M. Tavares; VASCO, Sérgio Leitão. Português do Brasil: língua de tópico e de sujeito. In: *Diadorim – Revista de estudos linguísticos e literários – Revista do Programa de Pós Graduação em Letras Vernáculas (UFRJ)*, Rio de Janeiro, v. 2, 2007. ISSN: 1980-2552.

PONTES, E. S. L. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

ROSS, J. R. *Constraints on variables in syntax*. 1967. 501 f. Tese (Doutorado em Filosofia). Massachusetts Institute of Technology - MIT, Massachusetts, 1967.

SABINO, F. Hora de dormir. In: ANDRADE, C. D. et al. *Para gostar de ler*. Crônicas. São Paulo: Ática, 1984. v. 1.

SILVA, J. B.; ALVES, R. R. G. Propriedades sintáticas das construções de tópico marcado. *Interdisciplinar: Revista de Estudos de Língua e Literatura*. Edição Especial ABRALIN/SE, Itabaiana: Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede (PPLP), ano VIII, v. 17, jan./jun. 2013. ISSN 1980-8879.

YANG, L.; LI S. Topic Prominence in Typological Interlanguage Development of Chinese Students' English. *Journal of Cambridge Studies*. n. 4. New York: Academic Press, p. 126-142, 2012. Disponível em: <<http://journal.acs-cam.org.uk/data/archive/2012/201204-article9.pdf>>. Consultado em: 15 de jun. 2015. v. 7.

ZHANG, D. T.: A Literature Review. *Asian Social Science*. v. 5, n. 9. New York: Academic Press, p. 160-166, 2009. Disponível em: <<http://www.ccsenet.org/journal/index.php/ass/article/viewFile/3774/3381>>. Consultado em: 25 de abr. 2015.



## OS TEXTOS DE HUMOR SOB A ÉGIDE DOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Lorena Santana Gonçalves<sup>1</sup>

**Resumo:** Partindo de uma reflexão sobre a diversidade teórica dos Estudos Linguísticos, procura-se abordar um fenômeno puramente linguístico-social: o humor. Para isso, acredita-se na necessidade de um estudo interdisciplinar, que envolva tanto questões linguísticas, como questões socioculturais e psicológicas, uma vez que o humor surge de contextos interativos que englobam discurso, cognições e linguagem. Nesse sentido, trazem-se à baila os Estudos do Discurso Crítico, cujas pesquisas procuram entender a dominação social pelo discurso. Propõe-se, com isso, o entendimento do humor a partir de uma perspectiva crítica, mais especificamente, a perspectiva teórica de Van Dijk (2012), cuja proposta analítica está baseada no triângulo de estruturas sociais, estruturas discursivas e contexto sociocognitivo.

**Palavras-chave:** Humor. Estudos do discurso crítico. Sociocognição.

**Abstract:** From a reflection about theoretical diversity of Linguistic Studies, this work aims to discourse about a purely linguistic-social phenomenon: Humor. For this, it's posed the importance of interdisciplinary study, involving linguistic issues such as sociocultural and psychological issues, as the humor arises from interactive contexts involving speech, language and cognition. In this sense the Critical Discourse Studies appears whose research seeks to understand the social domination by the speech. It's proposed, therefore, understanding the humor from a critical perspective, more specifically the theoretical perspective of Van Dijk (2012), whose analytical proposal is based on the triangle social structures, discursive structures and sociocognitive context.

**Keywords:** Humor. Studies of critical discourse. Sociocognition.

*“Ludus est necessarius ad conversationem humanae  
vitae”<sup>2</sup>*

(São Tomás de Aquino)

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Letras Português pela Universidade Federal do Espírito Santo (2009) e mestrado em Linguística pela mesma universidade (2012). Atualmente é doutoranda em Língua e Cultura na Universidade Federal da Bahia. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Pragmática e Linguística Textual, atuando principalmente nos seguintes temas: humor, quadrinhos, construção do sentido, imagem social, referenciação e comunidades virtuais.

<sup>2</sup> “O humor é necessário para a vida humana” (Disponível em: [http://jean\\_lauand.tripod.com/page28.html](http://jean_lauand.tripod.com/page28.html))

## Preâmbulo Linguístico

Em 1995, Barbara Weedwood, em sua publicação *História concisa da linguística*<sup>3</sup>, propõe a definição da linguística a partir de três dicotomias; são elas: sincronia *versus* diacronia; microlinguística *versus* macrolinguística; Linguística teórica *versus* Linguística aplicada. Em tempos em que o mote está no termo *continuum*, ou mesmo rede – como é proposto pela Linguística Cognitiva –, definir a Linguística a partir de dicotomias tornar-se problemático, uma vez que todas essas dicotomias possuem falhas.

Uma dessas falhas já é apontada pela própria Weedwood (2002) ao apresentar sua primeira dicotomia, em que afirma que alguns estudiosos consideram impossível separar sincronia de diacronia. Essa primeira dicotomia foi emprestada dos postulados de Ferdinand de Saussure, que datam o início do século XX, para quem “é sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência, diacrônico tudo que diz respeito às evoluções. Do mesmo modo, sincronia e diacronia designarão respectivamente um estado de língua e uma fase de evolução” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 96).

Contrariando tal colocação, Viaro (2010), um pesquisador da linha da Etimologia e da Linguística Histórica, afirma que recuperar o significado original dos conceitos, alterado pelos modelos, é um passo recomendável numa pesquisa. Afinal, se for feito um recorte sincrônico de qualquer época, de qualquer língua, tem-se a convivência sincrônica de dados formados em sincronias pretéritas. Nas palavras do autor:

Servindo-nos dos afixos do português em nossa exemplificação, sabemos que no português do século XXI estão disponíveis aos falantes alguns itens como guerreiro (já testemunhado no século XIII), lisonjeiro (séc. XV) e hospedeiro (séc. XVIII), todos convivendo na sincronia atual. Dado que de cada sincronia destacada num estudo diacrônico se depreende um sistema com características parcialmente distintas (agrupadas arbitrariamente sob o rótulo de língua portuguesa), os itens, pertencentes a esses sistemas, refletem antigas produtividades<sup>4</sup>. Parte do resultado delas convive no sistema atual, fazendo-nos voltar à situação heterogênea do léxico (VIARO, 2010, p. 175).

Qualquer língua muda com o passar do tempo, podendo haver mudanças fonéticas, fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas, e, até mesmo, pragmáticas. Nesse sentido, para compreender um determinado comportamento linguístico numa dada sincronia é necessário entender como ele era no passado, para, assim, tentar compreender a sua evolução ao longo do tempo:

<sup>3</sup> Utiliza-se, neste texto, a tradução feita por Marcos Bagno, de 2002.

<sup>4</sup> Viaro (2010) define produtividade como a capacidade de se gerarem novos elementos em uma língua.

Se a língua que interessa aos sincronistas é a língua que usamos, em detrimento das formas obsoletas, nem as de conhecimento demasiadamente particular, nem as palavras que só existem em dicionário deveriam pertencer ao sistema. O sistema seria uma espécie de média baseada na frequência de uso dos falantes (VIARO, 2009, p. 4).

Na esteira desse pensamento, trazemos à baila a segunda dicotomia proposta por Weedwood (2002):

Pela visão da microlinguística, as línguas devem ser analisadas em si mesmas e sem referência a sua função social, à maneira como são adquiridas pelas crianças, aos mecanismos psicológicos que subjazem à produção e recepção da fala, à função literária ou estética ou comunicativa da língua, e assim por diante. Em contraste, a macrolinguística abrange todos esses aspectos da linguagem (WEEDWOOD, 2002, p. 12).

O dúvida nessa colocação da autora não está em localizar os estudos linguísticos a partir de polos antagônicos, *com função social* e *sem função social*, mas na forma como os define, ao explicar que a microlinguística se restringe aos “estudos que se preocupam com a ‘língua em si’: fonética e fonologia, sintaxe, morfologia semântica e lexicologia” (WEEDWOOD, 2002, p. 12); ao passo que a macrolinguística consiste em campos como a psicolinguística, sociolinguística, linguística antropológica, dialetologia etc.

Na verdade, a opção de procurar ou não a *função social* depende dos pressupostos epistemológicos do pesquisador ao selecionar a teoria utilizada para análise, se é uma teoria formal ou uma teoria funcional. Até mesmo uma teoria pragmática, que é apresentada por Weedwood (2002) como *com função social*, pode ser formal! Essa divisão ainda está muito embasada num modelo tradicional, que marca o início do estruturalismo, em que para ser ciência, a linguística deveria se dissociar de tudo que não fosse parte do sistema, da estrutura, do núcleo duro. Assim, o que seria mais “afastado” do centro ainda não seria um estudo muito científico. Entretanto, “(...) cada vez mais se confirma que este estudo é tão científico quanto o estudo do núcleo duro, e inclusive está havendo um intercâmbio muito grande nos dois sentidos: do centro para as margens e das margens para o centro”. (KOCH, 2005, p. 126). Se não houvesse esse intercâmbio – ou *continuum* –, dificilmente seria possível um estudo embasado na teoria funcionalista, como o das funções demarcadoras e expressiva dos fonemas, cuja motivação é puramente contextual:

O acento tônico das palavras, por exemplo, tem uma função demarcadora importante no português, como em “fábrica” (substantivo) e “fabrica” (verbo). A função expressiva de um traço fonológico indica o estado de espírito do falante, seus sentimentos ou sua atitude, como, por exemplo, a pronúncia enfática de uma palavra, com o alongamento da vogal (/liiiiiido/). (CUNHA, 2008, 158).

Também não haveria o estudo da gramaticalização de elementos lexicais, como a trajetória de substantivos e verbos para conjunções ou de nomes e de verbos para morfemas, como na verificação sincrônica da sentença “Penso, *logo* existo”, em que o elemento *logo* é uma *conjunção conclusiva*, mas, diacronicamente, no português arcaico tinha valor de *substantivo*.

Como se pode notar, essa mudança categorial de um item lexical está ligada ao histórico dos fatos linguísticos, tornando clara a forma como o uso da língua e a sua função variaram no tempo. Ratifica-se, então, a limitação imposta ao estudo da linguagem pela dicotomia sincronia *versus* diacronia, tal como proposta por Saussure (2006 [1916]).

Para completar, Linguística Teórica *versus* Linguística Aplicada é a terceira dicotomia proposta por Weedwood (2002). Para a autora,

O objetivo da linguística teórica é a construção de uma teoria geral da estrutura da língua ou de um arcabouço teórico geral para a descrição das línguas. O objetivo da linguística aplicada é, como diz o próprio nome, a aplicação das descobertas e técnicas do estudo científico da língua para fins práticos, especialmente a elaboração de métodos aperfeiçoados de ensino de língua (WEEDWOOD, 2002, p. 12-13).

Weedwood (2002) ainda ressalta que não se deve confundir a macrolinguística com linguística aplicada (doravante LA), pois “a aplicação de métodos e conceitos linguísticos ao ensino da língua pode muito bem envolver outras disciplinas de um modelo que a microlinguística desconhece. Mas existe, em princípio, um aspecto teórico em cada parte da macrolinguística, tanto quanto da microlinguística” (WEEDWOOD, 2002, p. 13).

Se não se pode confundir a LA com a macrolinguística, pois a LA pode ter aspectos teóricos tanto da micro, quanto da macrolinguística, a Linguística Teórica (doravante LT) seria o quê? Com a definição da autora, as teorias linguísticas possíveis são as formalistas, como o Estruturalismo e o Gerativismo. Nelas, são formuladas teorias gerais para a descrição de uma estrutura geral da língua – ou seja, o objeto teórico é a competência linguística, no Gerativismo, e a língua, no Estruturalismo, por exemplo. Entretanto, Weedwood (2002), apesar de discuti-las no decorrer de sua obra, não as menciona em sua definição. De qualquer maneira, pode-se chegar a essa conclusão, pois ao confrontar LT com LA, a autora está voltando-se para a gênese da LA, quando surge como a aplicação das descobertas da LT a questões de ordem prática, como aprendizagem segunda língua, aquisição e processamento da língua materna etc. É nesse sentido que se pode interpretar Rajagopalan (2006), ao afirmar que “a LA ter surgido historicamente à sombra da linguística teórica ainda pesa na hora de redefinir as prioridades (por mais que se negue que isso ocorra)” (RAJAGOPALAN, 2006, p. 149).

A história da LA começa na segunda guerra mundial, quando se utilizava no ensino/aprendizagem de línguas o resultado dos avanços da LT. Nesse contexto, a LA foi se consolidando como teoria de ensino de línguas a ponto de estabelecer tradições importantes na investigação do processo de ensino e aprendizagem de línguas naturais e estrangeiras. Entretanto, no decorrer do tempo, começou-se o questionamento sobre a natureza da LA, e alguns pesquisadores perceberam que se o embasamento teórico fosse somente em teorias linguísticas, não haveria resultados suficientes para dar conta do objeto em análise. Por isso, necessário se fez buscar em outras áreas respostas aos problemas encontrados e, conseqüentemente, os estudos da LA foram se modificando, a ponto de desenvolver características próprias. Por isso, a LA, hodiernamente, não se limita mais à aplicação de descobertas da LT ao ensino de línguas; pelo contrário, influenciada pelas teorias críticas, seu foco é recorrer a outros campos do saber, como a antropologia e a psicologia, a fim de procurar a solução de problemas, centrados no social, que envolvam linguagem.

É claro que, conforme Moita Lopes (2011) assegura, nenhuma área do conhecimento dá conta da teorização necessária para compreender os complexos processos envolvidos nas ações de ensinar/aprender línguas em sala de aula; mas, conforme Almeida Filho (2005) aponta, “a visão de LA após a metade dos anos 80 é muito mais abrangente do que o esforço sistemático de aplicação de teoria linguística principalmente à prática de ensino de línguas” (ALMEIDA FILHO, 2005, p. 14). Hoje, em pleno século XXI, os estudiosos de LA buscam concebê-la como ciência distinta da Linguística Geral, mesmo que partindo do mesmo fenômeno: o Linguístico. Nas palavras de Moita Lopes (2011):

O campo da LA começa enfocando a área de ensino/aprendizagem de línguas, na qual ainda hoje tem grande repercussão. Essa área se inicia, então, como resultado dos avanços da Linguística como ciência no século XX, constituindo-se como o estudo científico do ensino de línguas estrangeiras, notadamente com Charles Fries e Robert Lado nos Estados Unidos, e seu foco de interesse também passa, já nos anos 60 do mesmo século, a abarcar questões relativas à tradução (TUCKER, s/d). Não é de estranhar, portanto, que a Linguística, um dos grandes campos das Ciências Humanas, do início do século XX, no auge do Estruturalismo, cujos princípios e técnicas de análise influenciaram outros campos de investigação como a Antropologia, a Semiótica, a Literatura etc. (DE GEORGE e DE GEORGE, 1972, pp. 18-20) fosse também interessar àqueles que se debruçavam sobre a questão do ensino de línguas e da tradução. (MOITA LOPES, 2011, p. 12).

Segundo esses autores, um motivo de a LA ser considerada distinta da LT está no seu caráter interdisciplinar, pois a LA está “centrada na resolução de problemas de uso da linguagem, que tem um foco na linguagem de natureza processual, que colabora com o avanço do conhecimento teórico, e que utiliza métodos de investigação de natureza positivista e interpretativista” (MOITA LOPES, 1996, p. 23). Nesse contexto, Moita Lopes (2006)

encampa uma postura ideológica abraçada por muitos pesquisadores, ao definir a LA como Indisciplinar:

É uma LA que deseja, sobretudo, falar ao mundo em que vivemos, no qual muitas das questões que nos interessavam mudaram de natureza ou se complexificaram ou deixaram de existir. Como Ciência Social, conforme muitos formulam a LA agora, em um mundo em que a linguagem passou a ser um elemento crucial, tendo em vista a hiperssemiotização que experimentamos, é essencial pensar outras formas de conhecimento e outras questões de pesquisa que sejam responsivas às práticas sociais em que vivemos (MOITA LOPES, 2011, p. 19).

Na esteira desse pensamento, as definições que surgem do objeto da LA também são múltiplas. Como ilustração, trazemos a de Menezes et al. (2009), para quem “o objeto de investigação da (LA) é a linguagem como prática social, seja no contexto de aprendizagem de língua materna ou outra língua, seja em qualquer outro contexto onde surjam questões relevantes sobre o uso da linguagem” (MENEZES et al., 2009, p. 25).

Apesar desse histórico comumente apresentado sobre a LA, não se deve esquecer de que a Linguística Geral também tem uma vertente interdisciplinar. Historicamente, ao assumir postulados teórico-metodológicos que envolvem o contexto, colocando-se como funcional, a Linguística também tornou-se interdisciplinar, pois deixa de observar o seu objeto por si só e passa a levar em conta aspectos sociais, psicológicos e culturais. Utilizando a exemplificação de Borges Neto (2004), “noções linguísticas como língua, dialeto etc. são claramente noções sociológicas, enquanto *fonema*, *sílaba* etc. são noções francamente psicológicas” (BORGES NETO, 2004, p. 19).

Para melhor entendimento dessa convergência entre campos que se dizem distintos, pode-se trazer à baila a elucidação de Borges Neto (2004) de que qualquer espécie do saber faz *reduções parciais* da diversidade, isto é, “recortam o campo da diversidade observacional de maneiras que lhes parecem apropriadas para o tipo de entidades e de explicações que lhes são preferenciais” (BORGES NETO, 2004, p. 34). Sendo assim, toda teoria faz um recorte da realidade e esse recorte nem sempre é bem definido. Por isso, há disciplinas científicas que disputam o mesmo recorte da realidade, como é o caso da LA e da Linguística de perspectiva funcional. Ambas requerem seu espaço para trabalhar com múltiplos contextos interacionais, desde contextos de ensino e aprendizagem a contextos institucionais, como mídias, delegacias, empresas etc. Entretanto, a LA tem defendido uma autonomia em relação à Linguística Geral, e, por isso, vem tentando se consolidar como uma nova ciência humana.

Independentemente desse conflito ideológico entre os pesquisadores das duas linhas, o importante a se extrair desse contexto de diversidade teórica é a compreensão de que não

existe uma Linguística, mas sim várias Linguísticas distintas, e, por isso, muitos estudiosos preferem o termo Estudos Linguísticos, a fim de englobar a todas.

Na esteira dessa diversidade conceitual dos Estudos Linguísticos, o pesquisador, para se enquadrar dentre um desses campos de estudo, deve observar quais são os seus paradigmas epistemológicos face ao seu objeto analítico. Ele também pode preferir ficar no limiar, pois, dependendo do assunto, a diferença torna-se melindrosa, afinal, “vivemos tempos de hibridismo teórico e metodológico nas ciências sociais e humanas, o que tem tornado as fronteiras disciplinares tênues e sutis” (MOITA LOPES, 2006, p. 99).

Para melhor compreensão sobre a diversidade teórica dos Estudos Linguísticos, traz-se à baila uma reflexão sobre o foco de interesse analítico em questão: a construção do humor a partir da categoria *gênero* em tiras de quadrinhos. Esse estudo é feito sob a ótica dos Estudos Críticos Discursivos, na perspectiva de Van Dijk (2012), que se encontra no limiar entre Linguística Funcional e Linguística Aplicada. Além disso, o próprio *corpus* constrói o seu sentido linguístico a partir de algo puramente social: o humor.

### **O humor e suas faces**

Antes de qualquer coisa, para entender um gênero de cunho humorístico, como é o caso das HQs (Histórias em Quadrinhos), é fundamental compreender o que vem a ser o humor. Buscando amparo nos estudos etimológicos, a palavra *humor* possui sua origem na medicina grega de Hipócrates (séc. V a.C.), para definir os quatro líquidos ou *humores* que regulam a saúde física e mental do corpo humano: sangue, bílis negra, bílis amarela e fleuma. Esses humores, por sua vez, estão relacionados a quatro órgãos secretórios (coração, baço, fígado e cérebro) e, também, a elementos cósmicos (ar, terra, fogo e água). O predomínio de um desses *humores* seria o que determinaria o temperamento de cada indivíduo: sanguíneo, melancólico, colérico ou fleumático. É claro que essa acepção foi-se diluindo com o tempo, ao passo que, hodiernamente, o primeiro significado dado para o humor nos dicionários é de “Estado de espírito, bom ou mal; disposição; temperamento: *Ela às vezes está de bom/ mau humor*” (AULETE, acesso em junho, 2014).

Como já foi afirmado por filósofos, como Bergson (1987), o único ser capaz de perceber ou expressar o humor é o homem. Para ele, homem é o único animal que ri e que faz rir. Acrescenta, ainda, que o riso é insensível, pois o homem só ri de algo com que não esteja

emocionalmente envolvido; em contrapartida, não há riso quando há sentimento de solidão: o riso precisa de eco, é um fenômeno que acontece em grupo.

Salienta-se, dos postulados do autor, que o riso possui caráter cultural, explicado pelo fato de algumas piadas serem engraçadas em algumas culturas enquanto em outras não, pois é relativa aos costumes e ideias de sociedades particulares. Cita-se, como exemplo para essa afirmação do autor, as típicas piadas sobre os portugueses, tão comuns e tão engraçadas no Brasil, mas sem sentido/humor em Portugal.

É importante ressaltar que esse riso ao qual Bergson (1987) faz referência é o riso cômico, que inevitavelmente está atrelado ao humor. Afinal, uma pessoa pode considerar algo engraçado e inibir o riso por uma questão de adequação à moral do contexto social em que está, também pode sorrir para obter uma aparência melhor ou esconder algo, mas nenhuma pessoa ri espontaneamente de algo que não considere engraçado. De qualquer forma, o riso inegavelmente está ligado ao engraçado.

Na busca por explicar essas questões, vários estudos, no âmbito da Psicologia, da Sociologia e, atualmente, da Linguística, se ocupam de analisar os mecanismos geradores de comicidade.

No entanto, se houver limitação do estudo para apenas questões linguísticas, o motivo que faz o engraçado ser engraçado deixa de ser percebido (POSSENTI, 2000). Por isso, acredita-se na necessidade de um estudo interdisciplinar, que envolva tanto questões linguísticas, como questões socioculturais e psicológicas, uma vez que o humor surge de contextos interativos que envolvam discurso, cognições e linguagem.

## **O estudo dos quadrinhos na contemporaneidade**

É consenso que, dentre os diversos textos de humor existentes, as histórias em quadrinhos (doravante HQs) possuem grande aceitação em todas as esferas da sociedade. Uma explicação plausível para tal afirmação está na composição sincréticas desses textos em que são mescladas estratégias verbais e não verbais para construir uma narrativa de cunho humorístico. A esse respeito, Hudnilson Urbano, no prefácio da obra *Faces do Humor*, de Ramos (2011), afirma:

[...] as tiras são a expressão máxima de um texto 'híbrido', não enquanto mescla de 'oral e escrito', como temos advogado em pesquisas particulares, mas enquanto mescla de 'verbal e visual'. O verbal das tiras é escrito com letras e outros sinais gráficos. O visual é icônico, iconográfico e plástico, com figuras desenhos, cores e formas (RAMOS, 2011, p. 8).



Acredita-se, então, que as HQs são importantes formadoras de opiniões, pois são textos que exercem forte influência nos leitores, devido a, além da sua característica multimodal, a informalidade presente na composição argumentativa da narrativa. Conforme Ramos (2011), remetendo à dissertação de Silveira (2003), explica, os quadrinhos são “além de um texto híbrido (mesclando verbal e visual), um tipo textual híbrido. Haveria predominância da sequência narrativa, mas haveria também outras sequências, em especial a conversacional-dialogal e a argumentativa” (RAMOS, 2011, p. 86).

Dentre as diferentes construções textuais em quadrinhos existentes, como caricatura, tiras em quadrinhos, cartuns e charges, dá-se, aqui, enfoque às tiras em quadrinhos. Nelas, uma história se passa no espaço de uma só tira, podendo apresentar sequências quotidianas, como nos jornais, ou em edições, como nas revistas. É mais comum encontrar tiras fechadas, ou seja, cada publicação uma história diferente, entretanto, de tira para tira, os personagens se mantêm, e um assunto pode ser desenvolvido por vários dias (LINS; GONÇALVES, 2012).

Os personagens dos quadrinhos geralmente apresentam um perfil comportamental, ratificado em cada veiculação da tira, o que faz com que o leitor já crie expectativas ao entrar em contato com aquele texto. A isso, pode-se relacionar a explicação de Goffman (1992) sobre o convívio em sociedade. Para ele, o indivíduo, quando em contato social, põe em ação um padrão de atos verbais e não verbais os quais deverá seguir para delinear o seu perfil comportamental, o seu papel social. Toda pessoa vive em um mundo de encontros sociais, que a põe em contato, seja este face a face, ou mediado, com outros participantes. Em cada um desses contatos, ela tende a pôr em ação o que é, às vezes, chamado uma linha – isto é, um padrão de atos verbais e não verbais, através dos quais expressa sua visão da situação e, através disso, sua avaliação dos participantes, especialmente de si mesmo (GOFFMAN, 1992 [1959]).

Tomando como pressuposto a perspectiva sociocognitivo-interacional, que defende o conhecimento como produto de relações intersubjetivas entre sujeitos sociais que constroem os seus saberes a partir de interações (MARCUSCHI, 2007), afirma-se que a forma como o indivíduo coloca seus conhecimentos para se posicionar mediante determinado assunto em determinada interação, é o reflexo de alguma de suas identidades. Na esteira desse pensamento, defende-se que nos quadrinhos o conhecimento também se concretiza enquanto produto de relações intersubjetivas entre os personagens, que constroem os seus saberes a partir de interações veiculadas em cada publicação.

Entende-se que a identidade dos personagens é construída em cada contexto interacional, portanto é susceptível a mudanças, podendo ser ambígua e até instável: “as

“pessoas têm identidades fragmentadas, múltiplas e contraditórias” (MOITA LOPES, 2003, p. 20). Nega-se, então, a unicidade do sujeito em favor de um sujeito fragmentado, com múltiplas identidades. Sobre isso, Hall (2006) afirma que

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos (HALL, 2006 [1996], p. 13).

Seguindo o postulado de que “o trinômio gênero, linguagem e identidade está intimamente atrelado a questões sociais, históricas e discursivas, e não pode, conseqüentemente, ser pensado ou teorizado de maneira isolada” (ALMEIDA, 2012, p. 90), acredita-se, conforme aponta Moita Lopes (2003), que as pessoas vivem em meio a mudanças sociais, culturais, econômicas, políticas e tecnológicas que são experienciadas em diversos graus por diversas comunidades distintas e que, portanto, acarretam novos costumes, novos estilos de vida e novas formas de organização social. Nesse contexto,

Entre as mudanças que vivenciamos, é notável o novo papel das mulheres na sociedade contemporânea que afetou profundamente a organização da família como também o espaço reservado aos homens na vida pública e privada com profundos reflexos em sua própria construção identitária (MOITA LOPES, 2003, p. 15).

O gênero é dinâmico, portanto é constituído contextualmente, numa relação entre cognitivo, social e histórico. Logo, necessário se faz uma distinção clara entre gênero e sexualidade, em que as identidades não sejam categorizadas a partir de uma essência sexista. A fala, nesse contexto, é considerada uma forma de constituição do gênero. Entretanto, não se deve acreditar que exista uma relação entre gênero e fala categórica, que possa distinguir os gêneros pela forma de falar ou agir, como já fora defendido dentro da sociolinguística interacional por autores como Robin Lakoff (1973) e Deborah Tanen (1990). Quanto a isso, Deborah Cameron, esclarece que

as mulheres e os homens não vivem em planetas diferentes, mas são membros de culturas nas quais uma grande quantidade de discursos sobre gênero está sempre circulando. Além de aprender e então mecanicamente reproduzir formas de falar “adequadas” a seu próprio sexo, homens e mulheres aprendem um conjunto ainda mais amplo de significados generificados, os quais são atribuídos, de formas também bastante complexas, a formas diferenciadas de se falar, produzindo seu comportamento a luz desses mesmos significados (CAMERON, 2010 [1998], p. 145).

Categorizar o gênero a partir de uma estrutura pré-determinada é algo simplista, e até redutor, uma vez que vivemos em um momento em que as identidades estão em crise, pois não há mais referências estáveis, e sim um sujeito fluído, em constante mudança.

Nesse panorama, a forma de entender o sentido humorístico numa tira de quadrinho que envolva relação homem e mulher, por exemplo, também não deve ser embasada em questões sexistas. O humor deve ser entendido a partir de outros vieses, por isso ratifica-se a necessidade de uma leitura da construção do humor em quadrinhos a partir de uma perspectiva crítica. Assim, sugere-se a perspectiva teórica de Van Dijk (2012), cuja proposta analítica está baseada no triângulo estruturas sociais, estruturas discursivas e contexto sociocognitivo.

### **Os estudos críticos de discurso como modelo teórico**

A teoria crítica, iniciada ainda nos anos de 1930, teve o seu florescimento a partir das ideias pensadores como Max Horkheimer, Theódor Adorno e Herbert Marcuse, que confrontam o pensamento ortodoxo do marxismo sobre o capitalismo para trazerem formas emancipatórias da pesquisa social, propondo novas formas de analisar a visão que os indivíduos têm de si mesmos e do mundo. Na proposta da linha de pensamento desses filósofos,

Uma teoria social crítica preocupa-se, particularmente, com as questões relacionadas ao poder e à justiça e com os modos pelos quais a economia, os assuntos que envolvem a raça, a classe e o gênero, as ideologias, os discursos, a educação, a religião e outras instituições sociais e dinâmicas culturais interagem para construir um sistema social” (KINCLELOE; MCLAREN, 2006, p. 283).

Entretanto, não é fácil traçar um perfil da pesquisa crítica, mesmo porque essa não é intenção de seus estudiosos. Na teoria crítica tenta-se evitar a especificidade em excesso, a produção de esquemas metodológicos e epistemológicos, para, assim, haver espaço para a discordância entre seus pesquisadores e a teoria estar sempre em evolução. Assim, o olhar do pesquisador frente a seu objeto analítico dita o andamento da pesquisa, “a busca pela compreensão é um aspecto fundamental da existência humana, pois o encontro com o não-familiar sempre exige a tentativa de fazer sentido, de compreender” (KINCLELOE; MCLAREN, 2006, p. 287).

Legatários da teoria crítica são os estudos crítico de discurso, que, como na tradição da ciência social crítica, visam “[...] oferecer suporte científico para a crítica situada em

problemas sociais relacionados ao poder como controle” (RAMALHO, 2011, p. 12). Esses estudos coadunam-se, nos estudos linguísticos, tanto com a linguística funcional, como com a LA, pois entendem a linguagem “como uma prática interconectada a várias outras da vida social” (MELO, 2012, p. 54).

A linguagem, então, é vista a partir da sua interação com o contexto, a partir de fatores externos à estrutura. Questiona-se o estudo imanente da língua, como proposto pelos formalistas, haja vista que os

formalistas identificam o social como uma dimensão dissociada da linguagem, sem considerar a intervenção dos elementos históricos, ideológicos e culturais na determinação dos textos, isto é, na organização interna do sistema linguístico. Nesse paradigma, o usuário da linguagem é incapaz de intervir na sua própria língua, ocupando o lugar de reprodutor e decodificador de mensagens [...] (MELO, 2012, p. 54).

Assim, ao levar em consideração questões históricas, socioculturais, cognitivas e ideológicas, na pesquisa linguística, os estudos linguísticos críticos possuem uma característica interdisciplinar marcante. Relacionado a isso, ao falar sobre o objeto teórico da dialetologia, Cardoso (2002) explica:

Estudando a língua, instrumento responsável pelas relações sociais que se documentam entre membros de uma coletividade ou entre povos, a Dialectologia não pôde deixar passar de lado a consideração de fatores extralingüísticos, inerentes aos falantes, nem relegar o reconhecimento de suas implicações nos atos de fala. Dessa forma, idade, gênero, escolaridade e características gerais de cunho sociocultural dos usuários das línguas consideradas tornam-se elementos de investigação, convivendo com a busca de identificação de áreas geograficamente definidas do ponto de vista dialetal (CARDOSO, 2002, p. 1).

Com a forte presença de questões contextuais no estudo da linguagem, questões como enunciação e discurso tomam um espaço importante nos estudos críticos de discurso. O estudo da linguagem por si só não é o foco, mas sim as relações de poder, institucionalização das identidades sociais, processos de inconsciência ideológica, enfim, diversas manifestações humanas que podem ser criados, mantidos e reproduzido por meio da linguagem (MELO, 2012). Conforme van Dijk (2012) pontuou:

[...] interessa-nos investigar, por exemplo, de que modo uma entonação específica, um pronome, uma manchete jornalística, um tópico, um item lexical, uma metáfora, uma cor ou um ângulo de câmera, entre uma gama de outras propriedades semióticas do discurso, se relacionam a algo tão abstrato e geral como as relações de poder na sociedade (VAN DIJK, 2012, p. 09).

Justifica-se, então, a abordagem crítica, pelo pensamento de que, mesmo a sociedade sendo multiétnica, constituída historicamente a partir de uma imensa diversidade de culturas,

é preciso reconhecer os fatores constitutivos das identidades linguísticas, para se entender que elas não se caracterizam por uma estabilidade e uma rigidez naturais; pelo contrário, “as identidades culturais – aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso pertencimento a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e nacionais – sofrem contínuos deslocamentos ou descontinuidades” (SOUZA E FLEURI, 2003, p. 55).

Com esse estudo, então, pode-se proporcionar meios para que as pessoas, de forma geral, reflitam sobre as suas identidades linguísticas – que são múltiplas – e as influências linguísticas que sofrem; contribuindo, assim, com sua formação como um ser humano reflexivo, formador de opinião e, assumindo uma postura mais ideológica, livre de estereótipos. Nesse sentido, afirma-se que

O trabalho intercultural, então, pretende contribuir para superar tanto a atitude de medo quanto a de indiferente tolerância ante o “outro”, construindo uma disponibilidade para a leitura positiva da pluralidade social e cultural. Trata-se, na realidade, de um novo ponto de vista baseado no respeito à diferença, que se concretiza no reconhecimento da paridade de direitos (FLEURI, 2003, p.17).

Nesse sentido, o universo feminino das HQs torna-se uma fecunda área de trabalho, onde a construção do humor acontece principalmente por estereótipos culturais. Por isso, é importante um trabalho crítico para entender a construção do sentido enfocando quais os estereótipos<sup>5</sup> utilizados para criar o humor nesse gênero. Levar em consideração o papel da mulher na sociedade contemporânea, principalmente os estereótipos criados ao seu respeito, é o primeiro passo, uma vez que “A mulher, ao longo dos tempos, tem sua identidade construída sempre em função do elemento masculino [...]” (GIL, 2012, p. 189).

### **Considerações Finais: definindo o elo**

Para se entender o sentido construído em qualquer gênero textual é preciso a ativação de conhecimentos sociocognitivos do leitor, de modo a buscar a significação. Nesse sentido, Koch e Elias (2006) afirmam que “Para termos uma ideia de como ocorre o processamento textual, basta pensar que, na leitura de um texto, fazemos pequenos cortes que funcionam como entradas a partir das quais elaboramos hipóteses de interpretação” (KOCH; ELIAS, 2006, p. 39).

No caso das HQs, para que se possa compreender o humor, a leitura verbal por si pode não gerar o humor, pois pode vir desvinculada de uma leitura contextualizada. Isso porque a

---

<sup>5</sup> O estereótipo aqui é entendido como “social, imaginário e construído, e se caracteriza por ser uma redução” (POSSENTI, 2010).

eficácia do texto de humor depende também do conhecimento de mundo, isto é, dos acontecimentos da política, da economia, dos esportes, das celebridades, da ciência etc. Nesse sentido, percebe-se que pressuposições sexistas ainda continuam embutidas no cognitivo social, e sistematicamente reproduzida nos discursos culturais, visivelmente percebidas em textos de humor.

Nesses textos – que acontecem no modo de conversação *non-bona-fide* (RASKIN, 1985), em que o risível é causado por uma mudança de *scripts*, de um esperado para um inesperado, real/ não real, plausível/ não plausível (RASKIN, 1985) – criam-se determinadas expectativas no leitor, ditadas por estereótipos, que são frustradas, gerando o risível. É necessário, portanto, averiguar quais os tipos de estereótipos envolvidos na construção do humor para assim entender os discursos que ainda são cristalizados na sociedade. Por isso, defende-se um estudo consciente com base no interpretativismo. Isso porque os estudiosos do discurso crítico não são neutros, mas se comprometem com um engajamento em favor dos grupos dominados na sociedade. Nas palavras de van Dijk (2012):

Enquanto muitas pesquisas sociais “neutras” podem ter uma posição social, política ou ideológica implícita (ou, de fato, negar que tomam essa posição, o que obviamente é também uma tomada de posição), estudiosos dos ECD<sup>6</sup> reconhecem e refletem sobre seus próprios compromissos com a pesquisa e sobre sua posição na sociedade (VAN DIJK, 2012, p. 16).

Com isso, pode-se afirmar que a pesquisa qualitativa ora proposta procura não só descrever a realidade social, mas conscientizar criticamente o leitor. Conclui-se, desse modo, que um dos objetivos dessa modalidade de pesquisa é conscientizar, levando ao nível do explícito, o implícito.

## Referências

- AULETE, F. J. C. *Dicionário da Língua Portuguesa*. vs online: Lexikon. Disponível em: <http://aulete.uol.com.br>. Acesso em Marco de 2014.
- ALMEIDA FILHO, J. C. P. Maneiras de compreender Linguística Aplicada. In: *Revista Letras*, vol. 02. Santa Maria: Editora da UFSM, 1991.
- BERGSON, H. *O riso*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- BORGES NETO, J. *Ensaio de filosofia da linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

---

<sup>6</sup> Estudos Críticos de Discurso.

CARDOSO, S. A. M. A geolinguística no terceiro milênio: Monodimensional ou Pluridimensional? In: *Revista do GELNE*, v. 4, n. 1/2, 2002.

CUNHA, A. F. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

FLEURI, R. M. Intercultura e educação. In: *Revista Brasileira de Educação*, n.23, pp. 16-35. 2003.

FIORIN, J. L. In: XAVIER, A. C.; CORTEZ, Suzana (Orgs.). *Conversas com lingüistas: virtudes e controvérsias da Linguística*. São Paulo: Parábola, 2003.

GIL, B. D. A mulher no léxico da canção do consumo: um discurso polarizado. In: MELO, Iran Ferreira de. (Org.). *Introdução as estudos críticos de discurso: teoria e prática*. Campinas: Pontes, 2012, p.189-2202.

GOFFMAN, E. *A representação do Eu na vida cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santo Raposo. Petrópolis: Vozes, 1992 [1959].

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomás Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006 [1996].

KINCLELOE, J. L.; MCLAREN, P. Repensando a teoria crítica e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. (orgs.). *Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: ARTMED, 2006, p. 281- 312.

KOCH, I. In: XAVIER, A. C.; CORTEZ, S. (Orgs.). *Conversas com lingüistas: virtudes e controvérsias da Linguística*. São Paulo: Parábola, 2003.

\_\_\_\_\_; ELIAS, V. M. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo. Contexto. 2006.

LINS, M. P. P.; GONÇALVES, L. S. *O humor como discurso de prevenção: o cartum sob a ótica da pragmática*. Vitória: PPGEL, 2012.

MARCUSCHI, L. A. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MENEZES, V.; SILVA, M. M.; GOMES, I.F. Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos. In: PEREIRA, R.C.; ROCA, P. *Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009

MOITA LOPES, L. P. Da Aplicação da Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, Regina Celi; ROCA, Pilar. (Org.). *Linguística Aplicada: um caminho de diferentes acessos*. São Paulo Contexto, 2011, p.11-24.

\_\_\_\_\_. *Oficina de Linguística Aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem*. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

POSSENTI, Sírio. *Humores da língua*. Campinas: Mercado de Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto, 2010.

RAJAGOPALAN, K. Repensar o papel da Linguística Aplicada. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006, p.149-166.

RAMALHO, V.; RESENDE, V. M. *Análise de discurso (para a) Crítica: o texto como material de pesquisa*. Campinas: Pontes, 2011.

RAMOS, P. *As Faces do Humor: uma aproximação entre piadas e tiras*. São Paulo: Zarabatana Books, 2011.

RASKIN, V. *Semantic Mechanisms of humor*. Reidel: Dordrecht, 1985.

SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. Tradução de Antônio Cheline et al. 2º. ed. São Paulo: Cultrix, 2006 [1918].

SILVEIRA, V. R. H. *A palavra-imagem nos gestos de leitura: os quadrinhos em discussão*. São Paulo, 2003. 299f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontífice Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

SOUZA, M. I. P.; FLEURI, R. M. Entre limites e limiares de culturas: educação na perspectiva intercultural. In: FLEURI, Reinaldo Matias (org.). *Educação intercultural: mediações necessárias*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 53-84.

VAN DIJK, T. A. *Discurso e Poder*. In: HOFFNAGEL, Judith; FALCONE, Karine (Org). São Paulo: Contexto, 2012.

VIARO, M. E. *História das palavras: etimologia*. Museu de Língua Portuguesa – Estação da Luz. 2009 Disponível em: [http://www.museulinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto\\_12.pdf](http://www.museulinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_12.pdf), acesso em fevereiro/2014.

\_\_\_\_\_. Sobre a inclusão do elemento diacrônico na teoria morfológica: uma abordagem epistemológica. In: *Revista Estudos de Linguística Galega*. Vol 2. 2010, p. 173-190. Disponível em: [http://ilg.usc.es/elg/volume/2/pescuda/Pescuda\\_Viaro\\_ELG02\\_2010.pdf](http://ilg.usc.es/elg/volume/2/pescuda/Pescuda_Viaro_ELG02_2010.pdf), acesso em fevereiro/2014.

WEEDWOOD, B. *História Concisa da Linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2002.



## **POLÍTICA EDITORIAL**

A *Revista PERcursos Linguísticos* publica trabalhos inéditos (artigos, resenhas e entrevistas) sobre fenômenos linguísticos de pesquisadores doutores (brasileiros e estrangeiros), pós-graduandos e alunos de Iniciação Científica (neste caso, com certificação do professor orientador).

Os trabalhos são apreciados por dois membros do Conselho Editorial. Havendo divergência entre eles na indicação para publicação, o trabalho é submetido à avaliação de um terceiro parecerista, na qual a Comissão se baseará para decisão final sobre a publicação.

A Equipe Editorial cientificará os autores sobre o conteúdo total ou parcial dos pareceres emitidos sobre o trabalho, garantindo o anonimato dos pareceristas, uma vez que os pareceres são de uso interno da Equipe. Os autores serão notificados da aceitação ou recusa dos seus artigos.

Os trabalhos podem ser escritos em português, inglês, espanhol ou francês. Os dados e conceitos contidos nos trabalhos, bem como a exatidão das referências, serão de inteira responsabilidade do(s) autor(es).

Os originais apresentados não devem ter sido submetidos a outro periódico simultaneamente. Os direitos autorais referentes aos trabalhos aprovados serão concedidos, sem ônus, automaticamente à revista *PERcursos Linguísticos*, a qual poderá então publicá-los com base nos incisos VI e I do artigo 5º da Lei 9610/98. O trabalho publicado poderá ser acessado pela rede mundial de computadores, sendo permitidas, gratuitamente, a consulta e a reprodução de exemplar do trabalho para uso próprio de quem o consulta. Essa autorização de publicação não tem limitação de tempo, ficando o site da revista responsável pela manutenção da identificação do autor do artigo. Casos de plágio ou quaisquer ilegalidades nos textos apresentados são de inteira responsabilidade de seus autores.

## **NORMAS PARA PUBLICAÇÃO**

O trabalho deve ser digitado em Word for Windows, versão 6.0 ou superior, em papel A4 (21 cm X 29,7 cm), com margens superior e esquerda de 3 cm e direita e inferior de 2 cm, sem numeração de páginas. A fonte deverá ser Times New Roman, tamanho 12, em espaçamento 1,5 entre linhas e parágrafos, com alinhamento justificado. Entre texto e exemplo, citações, tabelas, ilustrações, etc., utilizar espaço duplo.

Os trabalhos devem ter extensão mínima de 10 e máxima de 20 páginas, incluindo todos os dados, como tabelas, ilustrações e referências.

O trabalho deve obedecer à seguinte estrutura:

- Título: centralizado, em maiúsculas com negrito, na fonte 14, no alto da primeira página.

- Nome do(s) autor(es): por extenso, com letras maiúsculas somente para as iniciais, em fonte 12, duas linhas abaixo do título, alinhado à direita, com um asterisco que remeterá ao pé da página para identificação da instituição a que pertence(m) o(s) autor(es).
- Filiação institucional: em nota de rodapé, puxada do sobrenome do autor, na qual constem o departamento, a faculdade (ou o instituto, ou o centro), a sigla da universidade, a cidade, o estado, o país e o endereço eletrônico do(s) autor(es).
- Resumo: em português e inglês (abstract) para os textos escritos em português; na língua do artigo e em português para artigos escritos em língua estrangeira. Precedido desse subtítulo e de dois-pontos, em parágrafo único, de no máximo 200 palavras, justificado, sem adentramento, em espaçamento simples, duas linhas abaixo do nome do autor.
- Palavras-chave e keywords: no mínimo três e no máximo cinco; precedidas desse subtítulo e de dois-pontos, com iniciais maiúsculas, separadas por ponto, fonte normal, em alinhamento justificado, espaçamento simples, sem adentramento, com um espaço simples após o resumo.
- Texto do artigo: iniciado duas linhas abaixo das palavras-chave e keywords, em espaçamento 1,5 cm. Os parágrafos deverão ser justificados, com adentramento de 1,25 cm na primeira linha. Os subtítulos correspondentes às seções do trabalho deverão figurar à esquerda, em negrito, sem numeração e sem adentramento, com a inicial da primeira palavra em maiúscula. Os subtítulos obrigatoriamente utilizados (**Resumo, Palavras-chave, Abstract, Keywords, Referências**) também se submetem a essa formatação. Deverá haver espaço duplo de uma linha entre o último parágrafo da seção anterior e o subtítulo. Todo destaque realizado no corpo do texto será feito em itálico. Exemplos aos quais se faça remissão ao longo do texto deverão ser destacados dos parágrafos que os anunciam e/ou comentam e numerados, sequencialmente, com algarismos arábicos entre parênteses, com adentramento de parágrafo.
- Referências: precedidas desse subtítulo, alinhadas à esquerda, justificadas, sem adentramento, em ordem alfabética de sobrenomes e, no caso de um mesmo autor, na sequência cronológica de publicação dos trabalhos citados, duas linhas após o texto. Para referências em geral (de livro, de autor-entidade, de dicionário, de capítulo de livro organizado, de artigo de revista, de tese/dissertação, de artigo/notícia em jornal, de trabalhos em eventos, de anais de evento, de verbete, de página pessoal), seguir a NBR 6023 da ABNT. Os documentos eletrônicos seguem as mesmas especificações requeridas para cada gênero de texto, dispostos em conformidade com as normas NBR 6023 da ABNT; no entanto, essas referências devem ser acrescidas, quando for o caso, da indicação dos endereços completos das páginas virtuais consultadas e da data de acesso a arquivos on line.

Para citações, seguir NBR 10520 da ABNT. Ressalte-se que as referências no texto devem ser indexadas pelo sistema autor-data da ANBT: (SILVA, 2005, p. 36-37). Quando o sobrenome vier fora dos parênteses, deve-se utilizar apenas a primeira letra em maiúscula.

No caso de haver transcrição fonética e uso de fontes do IPA, é necessário usar somente um tipo de fonte: silDoulosIPA, tamanho 12. A fonte pode ser obtida gratuitamente por meio do site: < [http://scripts.sil.org/cms/scripts/page.php?site\\_id=nrsi&id=DoulosSIL\\_download](http://scripts.sil.org/cms/scripts/page.php?site_id=nrsi&id=DoulosSIL_download) >.

- Anexos, caso existam, devem ser colocados após as referências, precedidos da palavra Anexo, em negrito, sem adentramento e sem numeração.

Os trabalhos que não se enquadrarem nas normas aqui expostas serão recusados.

O trabalho (um e somente um por grupo ou por autor) deverá ser enviado para endereço eletrônico < [percursoslinguisticos@hotmail.com](mailto:percursoslinguisticos@hotmail.com) > em dois arquivos digitais, em formato Word for Windows (versão 6.0 ou superior), conforme as normas aqui divulgadas. No texto do primeiro arquivo, em uma folha que anteceda o artigo, devem constar os seguintes dados: nome e endereço completo do(s) autor(es), com telefone, fax e e-mail; formação acadêmica; instituição em que trabalha; especificação da área em que se insere o artigo. No texto do segundo arquivo, deverá ser omitida qualquer identificação de seu(s) autor(es), constando apenas o texto do artigo propriamente.

Serão devolvidos aos autores trabalhos que não obedecerem tanto às normas aqui estipuladas quanto às normas de formatação.

***PERcursos Linguísticos***

**Equipe editorial**

A/C Patrick Rezende (editor-gerente)

Ana Seno

Guilherme Brambila

Larissa Picoli

CCHN/ PPGEL – Programa de Pós-Graduação em Linguística

Universidade Federal do Espírito Santo

Av. Fernando Ferrari, nº 514

Campus Universitário – Goiabeiras

CEP 29075-910 Vitória – ES

Tel: 0 XX 4009-2801

E-mail: [percursoslinguisticos@hotmail.com](mailto:percursoslinguisticos@hotmail.com)